



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA

**POLÍBIO ALVES ENTRE CONTOS E ENCANTOS: o fascínio do vivido na
perspectiva da escrita de si**

JOÃO PESSOA
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA

**POLÍBIO ALVES ENTRE CONTOS E ENCANTOS: o fascínio do vivido na
perspectiva da escrita de si**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Orientadora: Professora Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA
2015

ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA

POLÍBIO ALVES ENTRE CONTOS E ENCANTOS: o fascínio do vivido na
perspectiva da escrita de si

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Aprovada em: ____/____/2015.

Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora - PPGCI/UFPB

Prof.^a Dr.^a Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos Santos
Examinador externo - PPGCI/UFBA

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Examinador interno - PPGCI/UFPB

Prof.^a Dr.^a Dulce Amélia de Brito Neves
Suplente Examinador interno- PPGCI/UFPB

Prof. Dr. Henry Pôncio Cruz de Oliveira
Examinador externo - PPGCI /UFC

A Políbio Alves, um homem íntegro, determinado, inteligente, poeta e escritor, que desnuda, através de seus escritos, os mais belos versos de sua poesia e de sua trajetória.

AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo só foi possível devido ao apoio e colaboração de várias pessoas, às quais quero prestar os meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

*Primeiramente, quero agradecer a **DEUS** que, na travessia da vida pelas veredas dos conhecimentos, diversas vezes, me proporcionou força, sabedoria, discernimento para seguir firme, com a certeza de que tudo daria certo.*

*Agradeço imensamente à minha família em especial ao meu amado filho **Matheus Córdula Mota**, por acreditar sempre na minha capacidade, e assim fortalecer a busca pelos meus objetivos.*

*À minha querida orientadora, **Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira**, que hoje é mais que isso, é uma amiga que entrou em minha vida trazendo raios de luz, iluminando e clareando o meu caminho para além do contexto acadêmico, para a vida. A você, Bernardina Freire (Berna), minha terna gratidão.*

*À **CAPES** pelo suporte financeiro concedido através da bolsa (CAPS-DS) durante o percurso do mestrado, possibilitando minha dedicação exclusiva para o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigada!*

*Meus sinceros agradecimentos aos professores que compõem a banca examinadora, pelo aceite, pela disponibilidade e pelas contribuições para o melhoramento deste trabalho. A vocês professor **Dr. Carlos Azevedo Xavier Netto**, professora **Dra. Zeny Duarte de Miranda M. dos Santos**, professor **Dr. Henry Pôncio Cruz de Oliveira** e professora **Dr.ª Dulce Amélia de Brito Neves**, obrigada!*

*Ao **corpo docente** que compõe o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – UFPB. Saiba que estou grata por todos os ensinamentos.*

*Aos queridos funcionários do PPGCI-UFPB, **Elton Bruno Pinheiro** e **Franklin Kobayashi**, por toda paciência e dedicação, tão presentes e solícitos em meu percurso acadêmico.*

*À minha querida **turma de mestrado**, 2013.1, uma turma ímpar, animada, feliz, estudiosa, companheira, pelos maravilhosos momentos vividos na sala de aula, pela cumplicidade, carinho e apoio acadêmico. Obrigada.*

*A minha família acadêmica: **Adriana Carla**, **Cyntia Chaves**, **Derek Warwick**, **Felipe Brasileiro**, **Brenda Andrade**, pelos ótimos momentos de compartilhamento, desde o cotidiano acadêmico ao apoio no viés pessoal. As tardes de estudo no **ambiente 54** foram prazerosas e fundamentais para esta jornada.*

*Às queridas amigas “Informetes” as quais me presentearam com amizade e carinho: **Jailma Simone G. Leite**, **Geovana Adaya C. Dantas**, **Narjara Barbara X. Silva** e **Raissa Carneiro de Brito**. Vivemos ótimos momentos de uma amizade que se consolida para além dos muros acadêmicos.*

A todos os entrevistado(a)s em nossa pesquisa, pela atenção, solicitude e pelas maravilhosas histórias contadas sobre o amado Políbio Alves.

*A você querido **Políbio Alves**, que abriu as portas de sua casa, permitindo que, como uma arqueóloga, eu pudesse escavar as mais profundas histórias e encontrar os objetos mais valiosos, que trazem a narrativa de sua vida, de seu trajeto... Obrigada!*

*Às minhas queridas amigas do cotidiano, representadas por **Maria Lucena e Michelle Santos**. A vocês agradeço pela força, pelo companheirismo e pela amizade.*

*A **Rosane Lacet**, pela amizade e companhia nos eventos e na vida, buscando informações sobre a vida e obra de Políbio Alves. Sua companhia foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigada.*

*Aos artistas e desenhistas, **Américo Gomes de Almeida Filho e Josival Fonseca**, pelo talento e presteza, no desenvolvimento das ilustrações utilizadas nesta dissertação. Obrigada.*

*À professora **Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais**, pela correção de língua portuguesa realizada neste trabalho. Obrigada!*

*Agradeço a **Pedro Júnior**, que não hesitou em ceder fotos do escritor Políbio Alves, para compor parte do cenário imagético desta pesquisa.*

*A **Luis Carlos Kehrle**, pelo trabalho e presteza, na formatação deste trabalho.*

*Agradeço a **todos** que, de maneira direta ou indireta, auxiliaram na construção desta pesquisa.*

Compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida.

Ninguém se forma no vazio. Formar-se, supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagem, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação.

(MOITA, 2007, p. 114-115)

RESUMO

Compreendendo os arquivos pessoais como territórios de narrativas memorialísticas, capazes de expressar a trajetória de vida de um indivíduo ou de uma organização, a presente pesquisa debruça-se sobre o acervo pessoal ainda inexplorado do escritor paraibano Políbio Alves. Tendo como escopo a construção da sua trajetória literocultural e social, sob a perspectiva da escrita de si, busca revelar os escritos de uma trajetória, estabelecendo-se uma rede de significados e de descobertas, o que nos permite atribuir-lhe um valor autobiográfico. Para tanto, adotou-se como pressuposto metodológico a pesquisa qualitativa do tipo documental associada à história oral de vida como método. O levantamento realizado nos conduz à afirmativa de um escritor com características próprias, singularidade na escrita, verdadeiro operário da letra. Políbio Alves escreve, para além de suas obras, permitindo a escrita de seus “eus” através do seu acervo pessoal, nas entrelinhas dos ditos e não ditos. A partir dessa perspectiva, buscamos compreender a tessitura da seleção e organização de seu acervo como projeto de si.

Palavras-chave: Memória. Arquivo Pessoal. Políbio Alves. Escrita de Si. Autobiografia.

ABSTRACT

Personal archives are understood as memory narrative territories able to express an organization's or individual's life journey, so the current piece of research is based on the personal archive, still unexplored, of the writer, from Paraíba, PolíbioAlves. As the scope is to construct this literate, cultural and social trajectory under the perspective of self-writing, it intends to reveal the writings of a trajectory by establishing a relation of meanings and discoveries which enables us to attribute to it an autobiographic value. Therefore, as methodological foundation the qualitative research of documental type will be adopted, being associated with the oral history of life as method. The survey carried out, so far, leads us to a declaration of a writer with his own characteristics, being unique in his writing, a real letter craftsman. PolíbioAlves writes beyond his works enabling the writing of his "selves" by means of his personal archive, between the lines of the "already-said" and the "not-said". From this perspective, it tries to understand the weaving of the selection and organization of the archive, as project of the self.

Keywords: Memory. Personal Archive. PolíbioAlves. Self-writing. Autobiography.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Esquema 1- Múltiplas identidades assumidas por Políbio Alves.....	79
Linha do Tempo de Políbio Alves - Obras -	206
Linha do Tempo de Políbio Alves - Prêmios e Homenagens -	207

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Certificado de escritor apaixonado.....	87
Figura 2 - Comenda Cultural Ariano Suassuna.....	88
Figura3 - Caderno manuscrito do livro <i>Varadouro</i>	88
Figura 4 - Ementa do curso de letras latino americana.....	89
Figura 5 - Título de cidadão da Guanabara.....	90
Figura6 - Matéria publicada no Jornal da Paraíba.....	91
Figura 7 - Primeiro livro publicado por Políbio Alves.....	93
Figura 8 - Folheto do Curso de extensão.....	94
Figura 9 - Revista Correio das Artes.....	94
Figura10 - Fitas VHS.....	95
Figura 11 - DVD's.....	95
Figura 12 - Políbio Alves desenhado pelas mãos do artista David.....	97
Figura 13 - Cartaz de divulgação do lançamento do livro <i>Os Objetos Indomáveis</i>	97
Figura 14 - Caricatura de PolíbioAlves.....	97
Figura 15 - Primeira Máquina de escrever de Políbio Alves.....	100
Figura 16 - Homenagem da Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos ao escritor Políbio Alves.....	112
Figura 17 - Encarte de divulgação do Primeiro encontro Literário de Autores Paraibanos.....	120
Figura 18 - Fotocópia da certidão do nascimento de Políbio Alves.....	131
Figura 19 - Diploma de conclusão ginásial.....	141
Figura 20 - Imagem de Políbio Alves em uma manifestação da Morte de Edson Luiz.....	152
Figura 21 - Capa do livro 1964: A Opressão dos Quartéis.....	154
Figura 22 - Fotocópia do livro 1964: A Opressão dos Quartéis.....	155
Figura 23 - Primeira edição da obra <i>O que resta dos Mortos</i>	158
Figura 24 - Segunda edição da obra <i>O que resta dos Mortos</i>	158

Figura 25 - Terceira edição da obra: <i>O que resta dos mortos</i>	159
Figura 26 - Quarta edição da obra: <i>O que resta dos Mortos</i>	159
Figura 27 - Primeira edição de <i>Varadouro</i>	161
Figura 28 - Segunda edição de <i>Varadouro</i>	161
Figura 29 - Terceira edição de <i>Varadouro</i>	161
Figura 30 - Quarta edição de <i>Varadouro</i>	161
Figura 31 - Levantamento de vocabulário.....	164
Figura 32 - Manuscrito da primeira edição da obra <i>Varadouro</i>	165
Figura 33 - Manuscrito da terceira edição da obra <i>Varadouro</i>	165
Figura 34 - Desenho feito pelo aluno Carlos Everton.....	172
Figura 35 - Matéria sobre Políbio Alves, publicada no Jornal O Norte (João Pessoa-PB).....	173
Figura 36 - Primeira edição do livro <i>Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha</i>	180
Figura 37 - Versão do livro <i>Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha</i> traduzida para a língua inglesa	180
Figura 38 - Obra, lançada em 2005, <i>Passagem Branca</i>	182
Figura 39 - Livro <i>Os Objetos Indomáveis</i>	183
Figura 40 - Recorte de Jornal, com matéria sobre livro <i>Os Objetos Indomáveis</i>	184
Figura 41 - Recorte de Jornal, com matéria sobre sarau de poesia no Museu Assis Chateaubriand (MAC), em Campina Grande (PB), e lançamento do livro: <i>Os Objetos Indomáveis</i>	185
Figura 42 - Banner de divulgação dos ganhadores do prêmio <i>Augusto dos Anjos</i> , entre os vencedores, a obra de Políbio Alves, <i>Os Ratos Amestrados fazem acrobacia ao amanhecer</i>	188
Figura 43 - Rascunho de obra inédita do escritor Políbio Alves.....	191
Figura 44 - Fotocópia de um recorte de Jornal, datada no ano de 1969, comprovando, o prêmio Henry Miller de ficção, recebido por Políbio Alves.....	192
Figura 45 - Nota publicada no Jornal Suplemento da Tribuna abordando a classificação do colega de redação, Políbio Alves, no prêmio Augusto Motta.....	192

Figura 46 - Nota publicada no Jornal do Brasil, anunciando a premiação de Políbio Alves, com o seu conto <i>Passagem Branca</i> , no Prêmio Augusto Mota.....	193
Figura 47 - Título de Personalidade Cultural Internacional concedido pela União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, 1999.....	193
Figura 48 - Prêmio Los Nuevos Escritores Latino-americanos do Editorial Nuevo Ser....	194
Figura 49 - Troféu Correio das Artes na categoria Melhor Escritor (2003).....	195
Figura 50 - Troféu Correio das Artes na categoria Melhor Livro de Ficção (2004).....	195
Figura 51 - Placa colocada na Praça Antenor Navarro em homenagem ao poeta Políbio Alves.....	196
Figura 52 - Medalha Poeta Augusto dos Anjos (2001)	197
Figura 53 - Comenda Cidade de João Pessoa (2002).....	197
Figura 54 - Placa concedida ao poeta no dia da inauguração da sala Poeta Políbio Alves dos Santos.....	198
Figura 55 - Medalha Ariano Suassuna (2008).....	198
Figura 56 - Diploma concedido ao escritor no Prêmio Heitor Falcão (2011).....	199
Figura 57 - Livro <i>Turva água, turva mágoa</i> , autoria de Cecília Lima.....	200
Figura 58 - Livro, publicado por Molina Ribeiro, em 2010: <i>O ofício de escrever e outras Vertente</i>	201
Figura 59 - Placa entregue ao escritor Políbio Alves, na homenagem realizada pelos colegas de trabalho, nome da Delegacia Sindical do Trabalho (PB)(2014).....	204
Figura 60 - Recorte de jornal com matéria sobre tradução da obra de Políbio Alves para língua francesa.....	218
Figura 61 - Obra do pintor paraibano Elpídio Dantas, pintado em 1998, expressa a face do escritor Políbio Alves.....	223
Figura 62 - Desenho feito por Políbio Alves, explanando alguns lugares por onde passou a maior parte de seu tempo, no período em que residiu no Rio de Janeiro.....	225
Figura 63 - Maior tela da pinacoteca do acervo de Políbio Alves, obra do artista Clóvis Junior.....	228
Figura 64 - Obra do artista plástico Clóvis Júnior, datada de 1997.....	229
Figura 65 - Obra do artista plástico Tito Lobo, datada do ano de 2001.....	229

Figura 66 - Obra assinada pelo artista plástico Alberto Lacet.....	230
Figura 67 - Imagens religiosas trazidas de Portugal por Políbio Alves.....	230
Figura 68 - Imagens religiosas, arte rústica. Peças em madeira esculpidas por artistas brasileiros.....	231
Figura 69 - Peça esculpida por um artista carioca, feita exclusivamente para Políbio Alves.....	232
Figura 70 - Hall de entrada do apartamento de Políbio Alves, em sua composição, algumas das esculturas de seu acervo.....	233
Figura 71 - Escultura que Políbio Alves ganhou de presente do artista plástico Miguel dos Santos.....	234
Figura 72 - Esculturas que compõem o cenário artístico da residência do escritor Políbio Alves.....	234
Figura 73 - Relógios antigos, decorando a sala de estar da residência de Políbio Alves....	235
Figura 74 - Quadro de artista cubano, com imagem de Cuba e Che Guevara.....	236
Figura 75 - Revistas e livros sobre Cuba, organizados no centro da sala da residência do escritor.....	236

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Panorama dos Gêneros e Espécies Documentais do Arquivo pessoal de Políbio Alves.....	84
Quadro 2 - Panorama das Obras de Arte que compõem o Arquivo Pessoal de Políbio Alves.....	226

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia1 - Registro da Abertura do ano cultural em 2011.....	98
Fotografia 2 - Imagem da sala de estar da residência de Políbio Alves.....	106
Fotografia 3 - Imagem da frente da sala de estar da residência de Políbio Alves.....	107
Fotografia 4 - Corredor da residência de Políbio Alves.....	108
Fotografia 5 - Acervo documental de Políbio Alves.....	109
Fotografia 6 - Parede do escritório de Políbio Alves.....	110
Fotografia 7 - Imagem de Nossa Senhora da Penha.....	110
Fotografia 8 - Imagem de São Judas Tadeu.....	111
Fotografia 9 - Políbio Alves com parte de seu acervo.....	112
Fotografia 10 - Alguns Manuscritos de Políbio Alves.....	113
Fotografia 11 - Sala da residência de Políbio Alves.....	114
Fotografia 12 - Vista da varanda do apartamento de Políbio Alves.....	114
Fotografia 13 - Margens do Rio Sanhauá.....	130
Fotografia 14 - Luzia Alves dos Santos, mãe de Políbio Alves.....	132
Fotografia15 - Placa da Rua na qual Políbio Alves residiu, por um período de sua infância.....	135
Fotografia 16 - Fachada do Paraíba Palace Hotel.....	137
Fotografia 17 - Políbio Alves, aos 14 anos.....	139
Fotografia 18 - Lyceu Paraibano.....	142
Fotografia 19 - Políbio Alves em sua colação de grau do curso de graduação em Administração.....	145
Fotografia 20 - Políbio Alves nos anos 80.....	146
Fotografia 21 - Hotel Globo.....	160
Fotografia 22 - Banner exposto na abertura do Ano Cultural Políbio Alves.....	167
Fotografia 23 - Livros <i>Varadouro</i> , edição 2011, lançado e entregue aos professores na abertura do ano Cultural.....	168
Fotografia 24 - Entrega dos livros aos professores.....	168

Fotografia 25 - Autografando a obra <i>Varadouro</i> , na abertura do Ano Cultural.....	168
Fotografia 26 - Escola Paulo Freire e o Poeta do Varadouro.....	170
Fotografia 27 - Atividades realizadas na Escola Municipal Durmeval Trigueiro Mendes, no ano cultural Políbio Alves.....	170
Fotografia 28 - Trabalhos realizados por alunos da escola Municipal Dumerval Trigueiro Mendes durante o ano Cultura 2011.....	171
Fotografia 29 - Encerramento do Ano Cultural (2011), Políbio Alves recebendo homenagem da Secretária de Educação do Município de João Pessoa, Ariane Sá.....	174
Fotografia 30 - Fachada da Escola Estadual Antônio Pessoa (Varadouro, João Pessoa -PB).....	175
Fotografia 31 - Projeto tecendo Palavras e cidadania.....	176
Fotografia 32 - Biblioteca poeta Políbio Alves.....	178
Fotografia 33 - Placa da turma poeta Políbio Alves (2013).....	178
Fotografia 34 - Homenagem ao escritor Políbio Alvas, na Semana Cultural da Escola Estadual Olivina Olívia.....	179
Fotografia 35 - Políbio Alves, na Semana Cultural da Escola Estadual Olivina Olívia, dialogando com um dos alunos.....	179
Fotografia 36 - Políbio Alves, em lançamento da obra, <i>Os Objetos Indomáveis</i> , na Academia Paraibana de Letras.....	183
Fotografia 37 - Políbio autografando seu livro <i>Os objetos Indomáveis</i> , para a professora Irani Souza.....	183
Fotografia 38 - Políbio Alves sendo prestigiado pelo escritor paraibano Bruno Gaudêncio, na terra da Borborema (Campina Grande-PB).....	186
Fotografia 39 - Museu Assis Chateaubriand, Campina Grande (PB).....	186
Fotografia 40 - Políbio Alves, prestigiado pelas amigas: Elizabeth Marinheiro e Molina Ribeiro (Campina Grande-PB).....	187
Fotografia 41 - O presidente da FUNESC, Lau Siqueira, realizando discurso de abertura da solenidade, sentados à mesa os escritores premiados.....	188
Fotografia 42 - Políbio Alves, em lançamento do livro de conto <i>Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer</i> , vencedor do prêmio Augusto dos Anjos (2013).....	189
Fotografia 43 - Políbio Alves, autografando, no lançamento do livro, <i>Os Ratos Amestrados fazem acrobacia ao amanhecer</i> , FUNESC- PB.....	189

Fotografia 44 - Políbio Alves, acompanhando o trabalho dos restauradores, Piedade Farias e Diego Freitas.....	197
Fotografia 45 - A vereadora cabedelense, Graça Rezende, entregando o diploma de cidadão cabedelense à Políbio Alves.....	203
Fotografia 46 - Políbio recebendo homenagem dos colegas auditores fiscais do trabalho.....	204
Fotografia 47 - Políbio Alves ao lado do colega de trabalho José Cleyber.....	204
Fotografia 48 - Políbio Alves ao lado da amiga e crítica literária, Professora Elizabeth Marinheiro.....	209
Fotografia 49 - Carlos Azevedo e Políbio Alves, no I Encontro de escritores Paraibanos, na livraria do Luiz (2013).....	214
Fotografia 50 - Políbio Alves com Roselis Batista Ralle, em novembro de 2014 (João Pessoa-PB).....	217
Fotografia 51 - Políbio Alves em 1996, na Casa das Américas, Cuba.....	219
Fotografia 52 - Parede de uma das salas da residência de Políbio Alves.....	227

LISTA DE SIGLAS

GECIMP	Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio
CI	Ciência da Informação
PPGCI	Pós-graduação em Ciência da Informação
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
GT	Grupo Temático
SESC	Serviço Social do Comércio
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivo
SINAR	Sistema Nacional de Arquivos
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
MAC	Museu Assis Chateaubriand
IPHAEP	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba
FUNESC	Fundação Espaço Cultural da Paraíba

SUMÁRIO

1 PROSAS INICIAIS.....	22
1.1 OBJETIVOS.....	33
1.1.1 Objetivo Geral.....	33
1.1.2 Objetivos Específicos.....	33
1.2 TRAMA METODOLÓGICA.....	34
1.3 ARCABOUÇO ESTRUTURAL DO TRABALHO.....	38
2 NARRATIVAS TEÓRICAS: na trama da informação e da memória.....	44
2.1 ARQUIVO PESSOAL: lugar de informação e memória.....	57
3 A PRESENTIFICAÇÃO DA ESCRITA DE SI: o arquivo pessoal de Políbio Alves.....	75
3.1 REMEXENDO OS DOCUMENTOS: acessando informações	82
4 DESVENDANDO O TRAÇADO AUTOBIOGRÁFICO: vestígios da memória polibiana.....	103
4.1 ARQUEOLOGIA POLIBIANA: ouvindo os ruídos dos objetos.....	104
4.2 NARRATIVA ORAL: documentando memórias.....	115
5 VERSOS DE UMA TRAJETÓRIA: Políbio Alves, um homem entre papéis.....	127
5.1 TRAVESSIA DA VIDA: navegando entre rios.....	129
5.2 APÓS 50 ANOS: o silêncio se rompe.....	148
5.3 A IDIOSSINCRASIA DO ESCRITOR POLÍBIO: suas obras, seu legado.....	156
5.4 ATRAVESSANDO FRONTEIRAS NAS BAGAGENS DE INTELECTUAIS.....	208
5.5 O FASCÍNIO PELA ARTE.....	222
6 COLOCANDO UM PONTO NAS NARRATIVAS.....	240
REFERÊNCIAS.....	245
APÊNDICES.....	257
ANEXOS.....	260



Fotografia: Marcus Antonius



1 PROSAS INICIAIS

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, [um arquivo], um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.
(CALVINO, 1990, p.138)

A epígrafe deste capítulo traz a reflexão de Calvino (1990), associando-a a uma reordenação. Tudo pode ser remexido e, ao remexer, devemos reorganizar. Dessa forma, a arquivologia chega à minha vida como uma reorganização profissional, possibilitando acrescentar novos objetos, novos conhecimentos e novos desafios ao meu inventário.

Ao ingressar na Universidade Federal da Paraíba, no curso de Arquivologia, tive o primeiro contato com os acervos pessoais logo no primeiro período do referido curso, no ano de 2010, através da professora mestra Geysa Flávia Câmara, em uma visita ao Arquivo Privado Pessoal Afonso Pereira¹. Foi amor ao primeiro contato. Perceber a magia da memória como uma aliada dos arquivos foi um dos pontos cruciais dessa relação que perdura até os dias atuais. Os arquivos pessoais são, para mim, uma porta mágica que enuncia não apenas as informações da vida de seu titular, mas, sobretudo, de um contexto, de um cenário, de uma história e, portanto, de várias vidas.

O envolvimento com a área de arquivo pessoal e memória foi gradativamente se intensificando, tornando-se fruto da minha atividade discente como acadêmica do

¹ O Arquivo Privado Afonso Pereira foi criado em 1998, por uma iniciativa da Sr.^a Clemilde Torres Pereira que, desejosa de fazer uma homenagem à passagem dos 80 anos do patrono e esposo, criou o arquivo do Professor Afonso Pereira da Silva para ser aberto ao público. Educador paraibano, Afonso Pereira sempre se devotou e buscou a concretização do ideal de que é preciso educar para libertar. Este arquivo possui um acervo que revela, além da trajetória de vida de seu produtor, aspectos sobre a história da Educação e Cultura da Paraíba, bem como o nascimento de várias instituições de Arte e Ciências no referido Estado.

curso de graduação em Arquivologia, ainda no ano de 2010. Nesse período, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), despertando para a necessidade de fortalecimento dos estudos na área da memória, contextualizando-a com a Ciência da Informação (CI), cujo objetivo era aprimorar o meu conhecimento, além de ampliar a produção científica no âmbito da informação e da memória, aspecto que vem sendo tratado pelo Grupo Temático de Informação e Memória (GT 10) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), desde sua criação no ano de 2010.

O foco norteador deste estudo pauta-se na contribuição científica ancorada na tríade: ciência da informação, memória e arquivo pessoal. Nesse escopo, destacamos as contribuições que vêm sendo dadas à referida área pelas professoras e pesquisadoras, Dra. Zeny Duarte², professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, bem como a professora Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira³, professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Ambas abordam, em seus estudos, acervos pessoais trazendo a informação como “alimento” para memória e, paralelamente, como uma ação dual, a memória agindo como facilitadora no processo de recuperação e disseminação das informações que permeiam os acervos pessoais. Monteiro, Carelli e Pickler (2006) destacam a concepção dos museus, bibliotecas e arquivos, considerando-os lugares de memória⁴ da humanidade, através dos quais a perspectiva da memória é vista como preservação. À medida que se discutem os arquivos pessoais, discutem-se

² No cenário da produção científica, destacamos o trabalho realizado pela professora pós-doutora Zeny Duarte de Miranda M. Santos, em seu trabalho de conclusão do doutorado que, embora seja na área de letras, traz um arcabouço teórico que contribui para o cenário científico da CI. Essa afirmação se justifica em razão do entrelaçamento com a memória, considerando uma pesquisa que trata de um arquivo pessoal. Sua tese intitulada: *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho: estudo arquivístico e catálogo informatizado*, foi defendida no ano de 2009 e publicada, em livro intitulado *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*, no ano de 2005.

³ Outro trabalho que merece destaque é a tese de doutorado da professora Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, intitulada: *José Simeão: escritos de uma trajetória*, que embora também seja na área de letras, traz contribuições para o cenário científico da CI, na linha da memória, trazendo como norte a escrita de si como artefato memorialístico.

⁴ Termo adotado na perspectiva de Pierre Nora (1998).

possibilidades de tratamento e de preservação, bem como a disseminação da informação, sendo esta a perspectiva em que nos ancoramos.

Ao conhecer o escritor paraibano Políbio Alves, brotou em mim um desejo de trazer à tona para a sociedade, especialmente à paraibana, a contribuição literária, o legado, o percurso transcorrido pelo escritor ao longo dos seus setenta e dois anos de vida. Desnudar a sua trajetória literocultural e social tornara-se um desafio para mim. Tinha muito a desvelar sobre o poeta singular, que fez do rio Sanhauá⁵ o herói mítico na obra *Varadouro*⁶, a mais estudada no âmbito internacional.

Nesse contexto, a construção deste trabalho está ancorada, sobretudo, em dois pilares: a paixão pelos arquivos pessoais, atrelada ao desafio de trazer à tona o legado ainda inexplorado do poeta paraibano Políbio Alves, refletindo sua trajetória literocultural e social na perspectiva do seu arquivo pessoal como escrita de si.

No escopo da escrita de si, Foucault (1992) a percebe como a construção de si, com base na ideia da relação social do eu consigo mesmo e com o outro. O autor preconiza que a prática da escrita de si está relacionada ao fato de o sujeito escrever para si e para outrem, revelando-se como um exercício pessoal. Nesse sentido, faremos uma analogia com a documentação que compõe o acervo pessoal, percebendo-a como “escrita de uma trajetória”. Dessa forma, a escrita é percebida como um rastro do movimento social construído com base em uma experiência vivida, materializada pela documentação, bem como através da dimensão inconsciente do próprio sujeito.

O *corpus* da pesquisa é o acervo documental do arquivo pessoal do escritor Políbio Alves, que nos possibilitou acesso às narrativas de sua trajetória e de seu legado, intermediadas pela própria confissão do escritor, e de pessoas de seu convívio. O acesso ao arquivo pessoal permite-nos perceber as informações que permeiam sua trama memorialística, desvendada pelo próprio produtor, na medida

⁵ O rio Sanhauá é um dos principais afluentes do rio Paraíba. Foi em suas margens, contornadas por várias igrejas e pelo casario histórico, que a capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, fundou-se no século XVI.

⁶ O livro *Varadouro* faz um paralelo entre a vida do poeta e o lugar onde viveu durante anos de sua vida, o bairro do Varadouro. A obra traz em suas nuances, aspectos históricos, geográficos e literários. A poesia revela, em seus meandros, a magia da cidade antiga de João Pessoa. O livro é percebido pela crítica literária, como um poema épico, no qual se invoca um elemento da natureza, o rio Sanhauá, como um herói mítico. Foi publicado pela primeira vez em 1989, estando atualmente em sua quarta edição datada do ano de 2011.

em que se decompõe o acervo para, posteriormente, recompô-lo. Nessa perspectiva, recordemos Derridá (2001, p.118):

A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com um mal de arquivo (mal d'archive). Escutando o idioma francês e nele, o atributo de "en mal de", estar com mal de arquivo, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome 'mal' poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiza. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto.

Retomar as palavras de Jacques Derridá (2001), acerca do que poderíamos chamar de um "mal de arquivo", torna-se significativo no âmbito deste trabalho, pois, é através dos não ditos que buscamos, entre outras coisas, ancorar-nos pelo desejo do próprio produtor de retornar ao começo, à medida que necessitamos de sua narrativa para, a partir da desconstrução, reconstruirmos o seu acervo à luz da escrita de si, possibilitando, assim, a constituição de um discurso autobiográfico, em uma linha tênue com a memória. Afirmar isso significa dizer que os arquivos compreendem espaços que remetem às memórias individuais e coletivas, de modo que percorremos os labirintos das memórias de seu titular.

Além de trazermos à discussão o cenário teórico da memória e sua relação com a informação, transitamos sobre a percepção de Políbio Alves e suas relações consigo mesmo, com o outro e com seus objetos (acervo), percebendo-o como um sujeito que assume, ao longo da vida, identidades variadas, remontadas à medida que adentramos no seu acervo pessoal.

Para Le Goff (2003, p.469), "[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidades, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades contemporâneas [...]". Nesta perspectiva, sabendo-se que os arquivos pessoais constituem-se em territórios de narrativas memorialísticas, capazes de expressar a trajetória de vida de um indivíduo ou de uma organização, pretende-se disponibilizar para conhecimento da sociedade a trajetória do escritor paraibano Políbio Alves. As memórias foram trazidas à tona

através dos documentos constituintes de seu arquivo pessoal, documentos esses disponibilizados pelo próprio produtor. Também foram considerados relevantes os depoimentos de pessoas vinculadas, ora ao seu convívio pessoal, ora à sua produção literária pelo viés da crítica.

O potencial informacional de um arquivo pessoal é variável, dependendo diretamente do universo documental, do contexto de suas ocorrências e dos usos e sentidos que podem surgir a partir do acesso ao conteúdo informacional que permeia o documento, podendo, ainda, perpassar um campo bem mais vasto que a vida e a obra do produtor, sobretudo, quando se aborda a participação e produção de outros atores na formação do arquivo. Nesse sentido, transitamos no decorrer deste estudo sobre a memória “viva” do escritor Políbio Alves, no intuito de disseminá-la, percebendo-se não apenas o que é produzido por Políbio, mas também o que é produzido sobre ele, e sua produção literária, vislumbrando-se alcançar, sobretudo, os atores que agem sobre ele e por eles são afetados no decorrer da sua vida. Diante dessa conjuntura, percebemos que a formação do arquivo pessoal do escritor pauta-se em diferentes contextos, momentos e fatos, que entrelaçam sua história de vida ao cenário social e cultural, possibilitando-se, assim, pousarmos paralelamente em outros atores inseridos nesse mesmo contexto.

Nesse sentido, recordemos Azevedo Netto (2008, p.12), relatando que a memória é entendida como “[...] aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto”. Para o autor, nesse contexto, há mediação da própria experiência e, neste caso, estamos considerando a experiência do produtor do acervo, que está imersa em um contexto memorialístico de Políbio Alves e de outros atores que, de alguma forma e em algum momento, fizeram/fazem parte da sua vida. Logo, ter acesso ao arquivo pessoal do escritor, às suas memórias, é ter acesso a “[...] uma representação produzida através da experiência.” (DIEHL, 2002, p.116). Dessa forma, podemos pensar no arquivo pessoal como um canal de informações, entre dimensões temporais capazes de serem ressignificadas.

Bellotto (1998) nos chama atenção ao relatar que, na contemporaneidade, os arquivos pessoais vêm inspirando e documentando trabalhos acadêmicos e de ficção (literatura e cinema), dando origem a exposições e motivando a publicação de instrumentos de pesquisa, assim como a realização de seminários, inclusive em âmbito internacional, demonstrando a dinamização e o crescimento dos recolhimentos, da organização e da disponibilização dos documentos de origem privada em entidades especializadas, públicas ou particulares.

Neste sentido, o arquivo pessoal do escritor constitui uma memória a ser decifrada e que pode, à medida que for explorada e analisada, informar sobre aspectos até então ignorados sobre ele e suas relações sociais. Adentrar seu labirinto – seu arquivo pessoal – é uma tentativa de (re)constituir a tessitura, mais ou menos visível, de sua atividade como leitor, escritor, funcionário público, poeta, cronista, leitor ávido da realidade social, constituindo-se, pois, no maior desafio desta investigação.

Das primeiras investigações, encontramos Políbio Alves dos Santos, nascido no bairro de Cruz das Armas, na cidade de João Pessoa-PB, em 8 de janeiro de 1941. Desde criança se identificou com as “letras”, adorava ler, e já escrevia suas poesias, anonimamente, deixando-as para as pessoas lerem sem que elas soubessem sua autoria, segundo depoimento do próprio poeta.

Ler se tornou um prazer. Estudava em casa através das aulas que sua mãe ministrava quando chegava do trabalho. Dotado de um contagiante gosto pela leitura, Políbio Alves passa a frequentar a Biblioteca do Serviço Social do Comércio (SESC), ainda que, de maneira clandestina, já que não era permitida a entrada de crianças sem os responsáveis. Dessa feita, não tendo como tomar os livros por empréstimo, sempre encontrava uma forma de driblar a bibliotecária e entre livros e estantes sentava-se em um cantinho para deleitar-se com as leituras.

Na juventude, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desbravou no mundo do saber como “educador” em meio à ditadura militar, contribuindo, através da criação do supletivo, para a formação de muitas pessoas. Formou-se em Administração, mas nunca deixou de lado o seu fascínio pela escrita.

A obra de Políbio Alves atravessou as fronteiras do Brasil, nas bagagens de intelectuais, entre eles, a professora Dra. Roselis Batista Ralle⁷, que dissemina a obra do poeta, ultrapassando as barreiras continentais. Ainda nesse âmbito, apresenta-se o escritor Carlos Alberto de Azevedo⁸, que levou a obra *Varadouro* para a Alemanha, passando a compor o acervo literário da biblioteca da Universidade Livre de Berlim. Não podemos deixar de citar uma das pessoas que acreditaram no potencial do escritor, tornando-se uma das molas propulsoras na divulgação da obra desse escritor no Brasil e no exterior. Trata-se da professora da Universidade Federal da Paraíba, Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro⁹, mais conhecida como Elizabeth Marinheiro, que conheceu o escritor na década de 70. Nesse período, Políbio Alves, ofereceu-lhe os originais de *Varadouro*.

Encantada com a forma e o conteúdo da obra, Elizabeth Marinheiro, ao publicar o livro *Leituras: antes e agora*, obra que se debruça sobre autores paraibanos, traz o ensaio: *Políbio Alves – Porto e Ponte*.

Varadouro, uma de suas obras de maior repercussão é um livro-poema publicado em 1989. Faz sucesso e repercute, até os dias atuais, pela sua forma singular de escrever. Em seus meandros, o poeta registra a alma do bairro Varadouro, onde passou parte de sua infância e sentiu desabrochar sua veia poética. As poesias retratam o universo físico do cenário entrelaçado à sua própria história de vida.

Em Cuba, seu livro *Varadouro* integra o acervo da Casa das Américas desde 1990. Na década de 90, a obra de Políbio entrou para o acervo da Casa do Brasil, em Madri, Espanha. Em 2000, o poeta ganhou destaque em uma coletânea publicada em Trento, na Itália, onde se reuniu mais de 400 autores de diversas nacionalidades. Em 2002, o poeta se destaca na Argentina, sendo um dos 120 finalistas do prêmio *Nuevos*

⁷ Santista, filha de paraibanos, a professora, Dra. Roselis Batista Ralle é estudiosa da obra de Políbio. Pesquisadora linguista e professora de Literatura latino-americana, Ralle trabalha com as obras de Políbio Alves na sala de aula, com alunos de várias nacionalidades na Universidade de Reims Champagne-Ardenne (França), desde 2006.

⁸ Carlos Alberto Azevedo nasceu em João Pessoa (PB), com formação em sociologia e política pela Universidade Federal de Pernambuco, é especialista em antropologia cultural e pesquisa social.

⁹ Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro é filha de Campina Grande (PB), foi professora titular da disciplina Teoria Literária, escritora e crítica literária, sendo a primeira mulher a ocupar uma cadeira, a de número 20, na Academia Paraibana de Letras, na década de 1980. É doutora em letras, e pós-doutora em Literaturas e Línguas do Centro Ibero-Americano de Cooperación, de Madri.

Escritores Latino-americanos, da Editorial *Nuevo Sur*, que integraram uma coletânea editada em Buenos Aires.

Na perspectiva de desnudar a sua trajetória e o seu legado, seguimos desvendando as informações que permeiam o seu acervo. Descobrimos, desde o primeiro contato, a identidade que Políbio Alves assume, como arquivista de ofício, sua vontade de guardar não é suficiente para provar essa forte veia arquivística que o escritor tem. O arquivo pessoal extremamente organizado, de acordo com as tipologias e cronologia, revela sua identidade arquivística. Nesse sentido, sabendo-se que, ao longo da vida, as pessoas guardam documentos que testemunham momentos importantes, trazendo à tona suas relações pessoais, familiares e profissionais, seus gostos, interesses, hábitos, percebemos que a visão de Políbio Alves vai além desses muros. Ele carrega consigo a necessidade de guardar, à sua maneira e organização, sua própria memória registrada em recortes de jornais, fotografias, comendas, honrarias, gravações de vídeo, entre outros. Políbio segue arquivando a própria vida. Conforme Philippe Artières (1998, p.11) afirma: “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social, a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

Nesse contexto, os documentos produzidos e reunidos por Políbio Alves, ao longo da vida, tornam-se pontes que ligam os vários cenários da sua trajetória, possibilitando um contato com a representação de seu desempenho e função social, sua vida no âmbito familiar, profissional, afetos, desafetos, amores, amigos, enfim, com a representação do seu cotidiano em períodos diferentes de sua vida.

Mantendo-se essa perspectiva, percebemos que as relações sociais de Políbio Alves com a família, no campo literário, com as suas poesias, suas obras, seu legado, podem ser descritas como redes que entrelaçam sujeitos e objetos, percebidos nas entrelinhas de seu acervo. Na conjuntura como arquivista, identificamos as ações particulares do produtor do acervo, observando principalmente a temporalidade e o motivo (momento) da produção dos documentos, sendo crucial o auxílio do produtor que, neste caso, está vivo, presente e solícito, para revelar essa trama que

permeia o seu arquivo, compondo um fundo documental aberto¹⁰. É interessante destacarmos que muitos trabalhos são realizados com acervos pessoais após a morte do produtor, e nesses casos, os pesquisadores tomam como base o próprio documento, que terá a incumbência de “falar”, pelo titular.

Trabalhar com essa documentação pessoal é possibilitar compreender os arquivos pessoais como espaços de memória, de silêncios e esquecimento, perspectiva já apontada por Bourdieu (1996) referenciado por Oliveira (2009).

[...] é preciso compreender criticamente o “estatuto social de cada documento”, interrogando cada um deles sempre, para que e para quem foi feito e porque foi arquivado, ou seja, atentar para as suas mediações e práticas, seus usos e destinos, pois a maneira como se acumulam, organizam-se e se armazenam os documentos nos arquivos parece querer defrontar o pesquisador com um itinerário próprio, uma espécie de texto já codificado, com vistas a orientar sua própria leitura e interpretação. (OLIVEIRA, 2009, p. 36).

Essa possibilidade será permitida no viés narrativo da escrita autobiográfica ou também denominada escrita de si. A escrita de si tem como virtude a capacidade de compreensão das diferentes formas do discurso a respeito do “eu”, trazendo nesse contexto, a sua função *etopoiética*¹¹.

Nesse sentido, faremos uma analogia do arquivo pessoal de Políbio Alves, enquanto um sítio arqueológico do sujeito, considerando a variedade tipológica dos documentos, bem como as informações que os permeiam. Dessa forma, para trabalharmos nesse universo, podemos considerá-lo como processo arqueológico¹², buscando trabalhar com os documentos pessoais do escritor, que carregam uma gama de informações intrínsecas ao tempo, à sua produção, aquisição, função, bem como ao contexto social no qual foi inserido. Esse contexto, quando retomado, pode

¹⁰ O acervo do escritor Políbio Alves é um Fundo Aberto, ao qual podem ser acrescentados novos documentos. Isto porque o produtor continua em atividade e, portanto, produzindo e/ou recebendo documentações.

¹¹ De acordo com Foucault (1994, p.77), “*Ethopoiein* significa ação e efeito do *ethos*, a maneira de ser, ou modo de existência de um indivíduo”.

¹² Para Thiry-Cherques (2010, p. 224), “O processo arqueológico consiste basicamente em uma análise documental que tem como propósito individualizar formações discursivas, isolar pertinências, descrever relações definir conjuntos e as séries de enunciados que formam o discurso. Os documentos são entendidos não como textos a serem interpretados, mas como monumentos a serem analisados”.

agregar informações importantes, sendo justamente nessa forma de buscar, de depurar, de relacionar as informações que atuamos enquanto contexto arqueológico. Logo, Ewald (2004, p. 31) afirma: “Uma arqueologia é um estudo das condições filosóficas, técnicas, institucionais, sociais, econômicas, políticas etc.”

Destarte, buscamos perceber as condições do arquivo pessoal de Políbio Alves, desde a formação, seleção, distribuição espacial, sem ficarmos atentos apenas ao seu contexto material e nem o privilegiando de forma isolada, mas, sobretudo, percebendo as suas relações, a saber, relações dos documentos entre si, com o produtor, bem como a ação de outros atores, no contexto de sua produção/aquisição.

Tomando o arquivo como conjunto de acontecimentos, recordemos Foucault (2010), que o considera não apenas sob o aspecto do acontecimento, mas como algo que continua a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando sempre o surgimento de outros discursos. Logo, como processo arqueológico, tomamos por análise os documentos de Políbio Alves para, através desta ação, recuperarmos a face imaterial desses documentos, que são capazes de trazerem suas relações, além dos enunciados imersos nesse contexto. Percebemos os documentos principalmente como uma escrita de si, com ênfase na ressignificação das memórias atreladas aos documentos, enquanto produção de si e para si.

Nesse sentido, Gomes (2004) afirma que a produção de si reflete-se em um conjunto formado pela escrita de si e a memória de si, mesmo que essa seja constituída por um conjunto de objetos materiais. Assim, a autora destaca:

[...] como é o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc. em um “teatro da memória”. Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertence. (GOMES, 2004, p.11).

Nesse contexto, a escrita de si é trazida pela autora como um conjunto de modalidades denominado no mundo moderno como produção de si. Essa visão possibilita uma melhor compreensão a partir da percepção das relações estabelecidas entre os indivíduos modernos e seus documentos (acervo), bem como de suas

relações pessoais e sociais. Ao remontarmos à trajetória de Políbio Alves, baseando-se em documentos e em relatos, estamos na trama de uma escrita de si, o que nos permite atribuir-lhe um valor autobiográfico e, nesse caso específico, é através da permissividade e da narrativa de si, seja pelo delineio de suas relações com os objetos, ou mesmo pela própria narrativa do produtor, que percebemos essa prática de escrita. Prática essa que não é recente, “os hypomnemata” e “as correspondências” são trazidos como formas de escrita de si entre os séculos I e II, citadas por Foucault (1992, p. 134), destacando-se também, as Confissões de Santo Agostinho no século IV, e as Confissões de Rousseau publicadas no século XVIII. (FINDÊNCIO, 2011). Logo, Klinger (2012, p.19) afirma que,

No entanto, é preciso levar em conta que se a escrita de si aparece como um sintoma do final do século, não por isso significa que ela seja uma novidade [...]. De fato, uma olhada retrospectiva revela o contrário, pois a escrita de si tem uma presença forte na nossa história.

Desde as Confissões de Santo Agostinho, passando pelas Confissões de Rousseau, a narrativa do eu possibilita investigar, por meio da introspecção e da narração da própria vida, características de uma trajetória¹³. Nesse sentido, percebemos que, na contemporaneidade, a escrita de si pode ser refletida em um caminho percorrido pelo sujeito na tentativa de organizar a sua própria subjetividade. Nessa perspectiva, a escrita de si ou autobiografia se caracteriza como uma tentativa, por parte do sujeito, de objetivar o seu “eu”, que fala.

Logo, os objetos que compõem o acervo de Políbio Alves fazem parte de uma forma de escrita pessoal, podendo servir de matéria-prima para compreendermos o contexto da trajetória de vida do escritor, ou uma arqueologia polibiana. Nesse sentido, ao selecionar o documento para compor o seu acervo, o sujeito estará realizando um exercício pessoal. Essa prática da escrita de si, como observa Foucault (1992), está no fato de permitir uma escrita de si para si e para outrem. A escrita

¹³ Bourdieu propõe o conceito de trajetória, abarcando a possibilidade para o estudo da trajetória de vida de um indivíduo, sendo essa trajetória definida pelo autor “como a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo indivíduo ou por um mesmo grupo em espaços sucessivos”. (BOURDIEU, 1996, p.292). Nesse contexto, para a compreensão da trajetória de vida de um sujeito, é necessário estudarmos não apenas o sujeito, como também suas relações com outros sujeitos e com o próprio meio.

aparece associada ao exercício da reflexão do próprio produtor, o pensar sobre si mesmo, neste caso, à luz de seus objetos pessoais.

Assim, a escrita de si revela-se como um exercício pessoal. Nesse aspecto, ela pressupõe que existe um sujeito cujas experiências, desejos, sonhos, vivências, enfim, cuja vida seja narrada através da construção do seu próprio 'eu', que "ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde tecem as tramas" (FOUCAULT, 1992, p. 131).

Nesse sentido, através de uma combinação entre o prazer e o desafio, nasceu a temática desta pesquisa, emergindo como questionamento principal: *Como podemos compreender a trajetória literocultural e social do escritor paraibano Políbio Alves e suas relações com as pessoas e com os objetos por meio de seu acervo pessoal?*

Partindo da compreensão do acervo pessoal em seu contexto arqueológico, bem como do produtor e suas relações como representação de lugares de narrativas de memória ancoradas na escrita de si, vislumbramos a possibilidade de delinearmos esta trajetória. Para responder ao questionamento norteador da presente pesquisa, traçamos algumas estratégias, elencadas nos nossos objetivos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

- Construir a trajetória literocultural e social do escritor paraibano Políbio Alves, com base no seu arquivo pessoal, sob a perspectiva da escrita de si.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Refletir a trajetória literocultural e social de Políbio Alves, na perspectiva do seu arquivo privado pessoal.
- Caracterizar a documentação do Fundo Documental Políbio Alves, compreendendo-o como fonte de informação e memória.
- Mapear o seu legado literário, observando as suas obras e os prêmios conquistados.

- Compreender as relações do poeta Políbio Alves consigo mesmo, com os objetos e com as pessoas na composição de sua trajetória de vida.

Nesse contexto, para a realização da pesquisa, adotar-se-á como pressuposto metodológico a pesquisa qualitativa do tipo documental, associada à história oral de vida como método. Dessa forma, visando atingirmos os nossos objetivos, traçamos nossa trama metodológica, conforme segue.

1.2 TRAMA METODOLÓGICA

O ato de pesquisar pode ser visto como um processo artesanal, somando-se os esforços intelectuais que ora contrapõem-se, ora complementam-se. Considerando-se a pesquisa como um processo dinâmico, podemos compará-la à montagem de uma colcha de retalhos, pois, nesse caso, os retalhos são encaixados gradativamente até se chegar ao produto final, que é a colcha formulada com o toque do seu produtor. Assim é a pesquisa, formulada por pequenas parcelas de contribuições baseadas nas variadas produções acerca da temática, além do material coletado e analisado, no decorrer da pesquisa, que é agregado através do toque do próprio pesquisador, formulando-se uma nova produção científica.

A presente pesquisa de caráter exploratória e descritiva teve início com o levantamento bibliográfico, pautado na busca de aportes teóricos, visando uma melhor compreensão sobre memória, informação, arquivos pessoais e escrita de si. Nesse sentido, Gil (2002, p.48) afirma que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

As leituras dos materiais bibliográficos, durante as fases da pesquisa, permitem um melhor direcionamento para o objeto estudado. Laville e Dionne (1999) afirmam que o pesquisador deve estar atento para não perder de vista, em sua revisão da literatura, a questão a ser investigada.

Para além da pesquisa bibliográfica, adotamos a pesquisa documental associada à história oral de vida como método. Nesse sentido, a pesquisa documental nos permitiu o contato com a documentação produzida e/ou recebida pelo escritor

Políbio Alves, bem como o acesso às informações contidas nesses documentos, possibilitando, nesse entrelaçar, a construção de sua trajetória. Para tanto, contamos com a autorização prévia do mesmo, que assinou o Termo de Autorização (APÊNDICE A) para a realização da pesquisa, bem como para a sua publicação.

Por outro lado, vale ressaltar que trabalhar com o arquivo pessoal possibilita a valorização de aspectos descritivos, além de permitir trazer à tona aspectos pessoais, conduzindo-nos a perceber Políbio Alves em suas relações com o arquivo e com o 'outro', através da análise dos contextos em que ele vive, de seus valores, atitudes, crenças, opiniões, representações, significados, reflexos de sua vida cotidiana. Neste caso, consideramos recorrer à pesquisa documental, procedimento relevante para reunir os conhecimentos produzidos anteriormente e que servem para identificar as fontes primárias como base para a busca de informações sobre o objeto que será estudado que, dessa feita, teremos como fonte documental o próprio acervo a ser explorado.

Para Marconi e Lakatos (2008), a pesquisa documental tem como característica principal o fato de a fonte de coleta de dados poder ser adquirida em documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Assim, as fontes primárias podem ser consideradas como peças fundamentais, para a construção da nossa pesquisa. Conforme afirmam Zilberman *et al* (2004, p.15):

A pesquisa documental utiliza-se através das fontes primárias que é [...] a narrativa construída a partir dos documentos que certificam o passado [...] são concretos, materiais, palpáveis. Indicam os contextos de criação, produção material e leitura, ausentes no objeto obra, nas determinantes de seu estatuto. E suscitam uma reflexão que necessariamente incorpora campos diferentes do conhecimento uma vez que algumas reflexões não se explicam por critérios de especificidade e valor.

A presente pesquisa é qualitativa. No escopo dessa abordagem, Denzin e Lincoln (2006) afirmam que estão relacionadas ao uso e à coleta de vários materiais empíricos, entre eles destacam-se a experiência pessoal, história de vida por meio de entrevistas, artefatos, introspecção, textos e produções culturais, entre outros, possibilitando, assim, a descrição de momentos e significados na vida dos indivíduos. Os autores relatam que, para a investigação sobre fenômenos humanos,

essa abordagem apresenta-se apropriada, objetivando facilitar o conhecimento sobre as motivações, representações, valores etc. Assim, é facultado à possibilidade de que o real seja falado e, ao seu modo, seja escutado. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 43).

No campo da análise, fizemos uso da análise documental, por ter um cunho histórico, facilitando o estudo ontológico com base no ser e sua existência. “A análise documental poderia ser definida como o conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado tipo histórico”. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 508). O autor afirma que, na aplicação do procedimento de análise documental, temos duas características para que uma fonte seja entendida: a fiabilidade e a adequação. No primeiro momento, atemo-nos ao processo da análise da fiabilidade das fontes, baseando-nos em instrumentos mais ou menos simples e diretos que incluem a autenticidade, a depuração da informação e a contextualização e, posteriormente, ao processo da análise da adequação. (AROSTEGUI, 2006).

Nesse contexto, o contato com a documentação do acervo, bem como o processo de análise nos possibilitaram o acesso às informações, permitindo a ampliação do objeto em estudo, cuja compreensão necessitou de contextualização histórica e sociocultural, agregando a percepção quanto à temporalidade no contexto social em que está inserida.

Reiteramos a necessidade, portanto, de associar a História Oral, na modalidade história oral de vida, à pesquisa documental. Esta necessidade foi percebida à medida que fomos mantendo contato direto com a documentação e surgindo alguns questionamentos significativos para a construção da trajetória literocultural e social de Políbio Alves. A junção das duas possibilidades metodológicas favorece revelar aspectos até então silenciados no decorrer de sua vida, e que a própria documentação quando manuseada nos convida a complementar, especialmente quando se trabalha com um fundo arquivístico aberto com a autorização direta do titular.

Em consonância com esse aspecto, a história oral, para Alberti (2013, p.9), “[...] tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a

realidade quanto qualquer outro fato." Percebemos, então, que a história oral possibilita documentar as ações de constituição da memória. Sendo o ato de confissão uma forma de escrita de si contemporânea, partindo de um cuidado de si, o sujeito permite-se narrar. Corroborando, Matos e Senna (2011) afirmam que a História Oral está centrada na memória humana, trazendo consigo a capacidade de rememorar o passado como testemunho de vida. Nesses meandros, a história oral proporcionou a 'construção' de uma ponte entre o contexto individual e o coletivo, permitindo-nos compreender a trajetória de vida de Políbio Alves, em meio à coletividade.

Ao estudarmos a trajetória, o melhor caminho para se compreender a experiência de vida do sujeito, bem como as suas ideologias e atitudes, é por meio da história de vida, o que possibilita a compreensão dos significados atrelados à suas ações. (CAMARGO, 1984).

É importante destacarmos que não estamos vinculados a uma linearidade, pois a história oral de vida leva em consideração as discontinuidades; o sujeito seleciona momentos que, para ele, são importantes. Ele não relata os acontecimentos necessariamente, de maneira cronológica, mas de acordo com o grau de importância que esses fatos têm em sua vida. (MARRE, 1991).

Tendo em vista esse panorama, a história oral assume um papel de valorização das memórias, recuperando-se a tradição oral e trazendo à tona as experiências vividas pelo sujeito, tornando-as fontes vivas de informação. Neste caso, os relatos de Políbio Alves e de pessoas que convivem com ele configuram-se como elementos imprescindíveis para a composição desta pesquisa, assumindo, a partir desta abordagem, um papel de fonte de informação. Para a coleta dos dados no viés da história oral, realizamos entrevistas livres, com bases nas necessidades informacionais que surgiam à medida que a documentação estava sendo manuseada.

As entrevistas foram realizadas com o próprio Políbio Alves, bem como com mais dez pessoas que convivem com o escritor no viés social, cultural e literário, e também em seu contexto pessoal. As entrevistas com o escritor foram realizadas em quatro encontros, com duração média de 50 minutos cada entrevista. Já com os

outros entrevistados, a duração média foi de 20 minutos. Como instrumento de coleta, utilizamos um gravador de voz digital portátil da marca Sony, modelo Px440.

Após as gravações, as entrevistas foram transcritas *ipsis litteris*, possibilitando-se, assim, documentar o que foi oralizado. As mesmas foram dispostas de maneira fragmentada no decorrer da construção dos resultados da pesquisa, compondo as entrelinhas do quinto capítulo deste trabalho. Após serem transcritas, foram encaminhadas aos entrevistados, para que eles pudessem fazer alterações que fossem convenientes e, assim, autorizar a sua publicação, no todo ou em parte, conforme Termo de Autorização (APÊNDICE B).

A pesquisa foi construída em seis capítulos, cuja estrutura será descrita a seguir.

1.3 ARCABOUÇO ESTRUTURAL DO TRABALHO

Quanto aos enfoques contemplados neste estudo, a construção deste trabalho está arquitetada em seis capítulos, sendo o primeiro deles o capítulo introdutório, intitulado **PROSAS INICIAIS**, trazendo um panorama do trabalho, bem como os objetivos e metodologia adotada.

O segundo capítulo, **NARRATIVAS TEÓRICAS: na trama da informação e da memória**, aborda os aportes teóricos em torno da informação e da memória, objetivando subsidiar a trama conceitual que alicerça inicialmente o trabalho. Nesse sentido, abordar-se-ão alguns conceitos que permeiam a informação nos contornos da CI, destacando-se como subsídios teóricos as contribuições de Azevedo Netto (2002; 2007; 2008), Pacheco (1995), Silva *et al* (2002), Araújo (2011a), entre outros autores. Posteriormente, explanaremos a relação entre a informação e o documento, destacando, principalmente, os documentos arquivísticos, bem como sua íntima relação com a memória. No escopo da memória, avultamos as contribuições teóricas de Halbwachs (2006), Bosi (1994), Candau (2012), Silva e Oliveira (2014), Nora (1993), entre outros, percebendo, nesse contexto, que os arquivos são lugares permeados de informações, pois, à medida que são “remexidos”, possibilitam a significação através da memória. Este capítulo tem como subcapítulo *ARQUIVO PESSOAL: lugar de*

informação e memória e retrata o arquivo pessoal em seu escopo conceitual, remontando sua íntima relação com a informação e a memória. Destacamos alguns autores: Nora (1993), Jardim (1998), Venâncio (2003), Duarte e Farias (2005), Camargo e Goulart (2007), Barros e Neves (2009), Oliveira (2009), Baumann (2011), Bellotto (2012), entre outros.

O terceiro capítulo, **A PRESENTIFICAÇÃO DA ESCRITA DE SI: o arquivo pessoal de Políbio Alves** traz, em suas nuances, a percepção dos arquivos pessoais como uma escrita de si. Corroborando esse entendimento, observamos o acervo de Políbio Alves no viés dos registros e das lembranças de sua vida íntima, profissional, pública, familiar, percebendo uma trama de convivências. Assim, esse capítulo nos permite uma visão macro do acervo pessoal do escritor que transita no viés da escrita autobiográfica. Visualizamos-lo enquanto testemunhos que se transformaram em documentos e, ao mesmo tempo, documentos que passam a ser vistos enquanto testemunhos de sua memória, na perspectiva autobiográfica. Ainda neste capítulo, buscamos a compreensão teórica da escrita de si, articulando a construção da memória e a constituição do arquivo como uma escrita autobiográfica que nos permite visualizar a imagem de si, para si e para o outro. Dessa forma, discutiremos os conceitos que permeiam a escrita de si tomada como autobiografia, adotando como principais referências: Foucault (1992), Gomes (2004), Bourdieu (2006), Lejeune (2008), entre outros autores.

Este capítulo é subdividido em um único subcapítulo intitulado: *REMEXENDO OS DOCUMENTOS: acessando informações*; o qual traz um panorama sobre o acervo de Políbio Alves, quanto aos gêneros, espécies e tipo documental. A realidade do acervo foi refletida nos primeiros contatos que tivemos com a documentação, que posteriormente foi quantificada e analisada.

O quarto capítulo tem como título: **DESVENDANDO O TRAÇADO AUTOBIOGRÁFICO: vestígios da memória polibiana**. Neste, percebemos a autobiografia como um revelar interpretativo do narrador que, na busca do vivido, situa-se no tempo e no espaço, dando importância e dimensão para as informações que provêm de diferenciadas fontes. Destaca-se a importância tanto do viés material, que se faz presente na composição de seu acervo, quanto dos discursos orais,

presentes nas entrevistas realizadas no transcorrer da pesquisa. No entanto, para melhor compreendermos essas duas faces da moeda, ambas importantes para o desenvolvimento da pesquisa, subdividimos este capítulo em dois subcapítulos.

O primeiro deles intitula-se: *ARQUEOLOGIA POLIBIANA: ouvindo os ruídos dos objetos*. Nesta parte, adentraremos em seu arquivo, realizando uma espécie de arqueologia, com vistas a desnudar rastros, restos e vestígios, que, analisados, foram capazes de construir a escrita de si polibiana, o que nos possibilitou “remontar”, a relação dos ambientes, bem como a disposição e organização dos objetos de Políbio Alves neste cenário. Ao passo que os objetos (documentos) representam o seu titular, neste capítulo, buscamos entender essa relação entre o titular do acervo e seus documentos, vislumbrando compreender seus gostos, hábitos, história de vida, através desses objetos.

Em *NARRATIVA ORAL: documentando memórias*, traremos um panorama sobre as pessoas entrevistadas, explanando sua identificação, bem como a relação que têm com o escritor Políbio Alves, destacando a importância do discurso oral, que, quando associado ao cenário material do acervo, agrega vivacidade às informações.

O quinto capítulo, intitulado **VERSOS DE UMA TRAJETÓRIA: Políbio Alves um homem entre papéis**, refere-se à trajetória propriamente dita construída com base nas informações coletadas por meio da documentação que compõe o acervo do escritor, além das informações trazidas à tona pelo viés da memória através das entrevistas com Políbio Alves e com pessoas vinculadas ao seu convívio. Nesse sentido, buscamos compreender a composição do arquivo enquanto necessidade de preservação e confissão do seu eu, que ocorre de maneira voluntária, embora carregada de intencionalidade. Buscamos também a compreensão da escrita de si, pelo produtor, lembrando que essa escrita autobiográfica permite não apenas a lembrança de si, mas também a lembrança do outro, com o outro e sobre o outro.

Para melhor compreendermos essa trama de informações, bem como o trajeto percorrido pelo escritor, subdividimos este capítulo em cinco subcapítulos, entre eles: *TRAVESSIA DA VIDA: navegando entre rios*, este subcapítulo traz à tona a história de vida do escritor, remetendo-nos a uma analogia entre o Rio Sanhauá, onde nasceu a cidade de João Pessoa, um lugar “mágico” narrado por Políbio Alves em sua obra

Varadouro, lugar este que Políbio passou boa parte de sua infância, e o Rio de Janeiro, cidade onde o mesmo viveu entre as décadas de 60 e 70, indo à busca de ampliar o seu conhecimento. Lá, ele desbravou como educador, enfrentou desafios e venceu. No final dos anos 70, Políbio retorna à cidade natal para assumir um concurso público, regressando ao seio do Sanhauá.

O próximo subcapítulo é intitulado *APÓS 50 ANOS: o silêncio se rompe*. Neste, a narrativa percorre um período delicado, um tanto difícil para Políbio Alves. Foi no Rio de Janeiro que o nobre escritor passou pelo horror da ditadura militar. Perseguido, foi preso, torturado, chegando a ficar sem andar, em razão de sequela das torturas que sofrera. Por um longo tempo, preferiu silenciar, não queria conversar sobre este período tão áspero de sua vida. Mas, após cinquenta anos da ditadura, este silêncio é rompido, trazendo à tona histórias de sofrimentos, mas, sobretudo, de vitória, por ter sobrevivido a este massacre.

O terceiro subcapítulo relaciona-se às obras escritas por Políbio Alves, remontando a relação entre a obra e o criador, bem como trazendo a tessitura entre a sua produção, os prêmios e homenagens conquistadas ao longo de sua trajetória. Este subcapítulo terá como título *A IDIOSSINCRASIA DO ESCRITOR POLÍBIO: suas obras, seu legado*.

ATRAVESSANDO FRONTEIRAS NAS BAGAGENS DE INTELECTUAIS é o subcapítulo que aborda a relação de Políbio Alves e suas obras, com alguns estudiosos no exterior. Entre estes, destacamos o professor Carlos Alberto Azevedo e a professora Doutora Roselis Batista Ralle, que como já referido, estuda as obras de Políbio Alves, em sala de aula, na Universidade de Reims Champagne-Ardene, França. Além desses, reiteramos o incentivo e apoio da professora Elizabeth Marinheiro, na disseminação da obra do autor, em diversos países, inclusive em Cuba.

O último subtópico deste capítulo intitula-se: *O FASCÍNIO PELA ARTE*. Neste, percebemos que Políbio Alves acurou ainda mais o seu deslumbramento pela arte, especialmente nos anos vividos no Rio de Janeiro. Na ocasião, fez do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro um refúgio, onde repousava e admirava a arte que até então eclodia como vulcão entre as décadas de 60/70. Esse subcapítulo traz, em sua

narrativa, a relação que se tornou um elo forte na vida do escritor, principalmente na valorização dos artistas da terra, as artes plásticas são percebidas como elemento importante no cenário de seu refúgio. Em sua residência, o escritor demonstra o bom gosto, em especial pela arte religiosa, além de amante da literatura, o carpinteiro da palavra é também admirador das artes não verbais.

O sexto e último capítulo, intitulado **COLOCANDO UM PONTO NAS NARRATIVAS**, refere-se às considerações finais, conjecturando as reflexões, aprendizados e, sobretudo, pontuando aspectos da trajetória literocultural e social do escritor por meio da escrita de si como campo de memórias que se cruzam em seu arquivo pessoal, nos limites dos ditos e não ditos, bem como pela história oral que garante a vivacidade colorindo as informações.



Fotografia: Cecília Lima



2 NARRATIVAS TEÓRICAS: na trama da informação e da memória

“Assim como Teseu, na passagem da informação para o conhecimento, devemos percorrer infindáveis labirintos de informação estocada, labirintos físicos, labirintos digitais, labirintos da nossa memória.”
(BARRETO, 2000, p.10)

Ao trabalharmos com um acervo pessoal, concordamos com Barreto (2000), ao afirmar que esta ação se configura como imersão em uma espécie labiríntica de informação que está atrelada aos documentos enquanto suporte de memória. Nesse sentido, explanamos o escopo conceitual da informação inserida nesse contexto. Tendo em vista a multiplicidade conceitual que a informação assume, objetivamos entender essa pluralidade, direcionando os seus principais conceitos em torno do nosso objeto.

Deleuze e Guattari (1992) retratam a importância do conceito, percebendo-o como um ato de criação. Para eles, não existe conceito simples, pois entrelaçado a ele, existem componentes que, ao se somarem, o definem, sendo todos compostos por multiplicidades. Outro ponto relevante que os autores trazem é o fato de não existir conceito “único”, mas duplo, triplo, múltiplo, criado e disseminado pelos sujeitos. Diante do exposto, percebemos que não existe soberania no universo conceitual e, assim, um não exclui o outro. Mas é importante percebermos a singularidade que cada um carrega em si, tendo em vista que um conceito jamais é o mesmo: é sempre uma agregação que acaba por conservar componentes vindos de outros. O que se faz é recortar, delimitando um novo problema, de tal maneira que o conceito assume cores, tonalidades diferentes e um novo contorno. Nessa direção, percebemo-lo como

um devir constante, isto é, “algo” que está em permanente mudança. (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Em virtude da extensa trama conceitual que abriga a informação, percebe-se que esses conceitos são variáveis e não se anulam; sua direção vai ao encontro do universo no qual a informação contextualiza-se. Assim, podemos considerá-la como um termo polissêmico, conforme afirmação de Araújo:

Informação é um termo altamente polissêmico. Essa polissemia adveio, em grande parte, da apropriação desse termo pela sociedade pós-industrial, pós-moderna que, ao adotar a informação, e o conhecimento como marcos delimitadores, perpassando todos os extratos da sociedade e área do conhecimento, ampliou as ambiguidades que o termo já carregava em função das diferentes visões e conceituações que passavam a conotá-lo. (ARAÚJO, 1995, p.58).

A informação é um termo utilizado indistintamente em diferentes áreas do conhecimento. Sendo importante ressaltarmos que esse caráter plural da informação está diretamente ligado a uma característica marcante, que é o seu caráter interdisciplinar, pois caminha por campos variados do saber. Assim, buscar um único conceito para a informação poderia dar margem para que se pensasse em um conceito como verdadeiro e único, o que seria contraditório quando trabalhamos no viés de uma ciência em construção a exemplo da Ciência da Informação.

Na literatura consultada sobre o termo *informação*, foram encontrados conceitos com enfoques variados e, para este estudo, a definição deste termo se fez necessária para um melhor direcionamento e compreensão do fenômeno no escopo da Ciência da Informação, ao passo que transitaremos mais especificamente em torno das informações arquivísticas de cunho biográfico.

Etimologicamente, informar deriva do verbo latim “*formatio*”, que significa dar forma a alguma coisa, modelar, formar algo. (SIQUEIRA, 1999; LOUREIRO, PINHEIRO, 1995). Já Capurro (2008) resgata a origem do termo informação, relatando os conceitos gregos de “*eidōs*” (ideia) e “*morphē*” (forma), significando “ideia de dar forma a algo”.

Capurro (2003) distingue três vertentes que abarcam a informação. Destarte, a informação é elencada primeiramente como objeto, algo palpável, vinculado ao

físico. Percebemos, assim, a íntima relação com a Teoria da Informação (Shannon e Weaver), que trata a informação como algo físico e, conseqüentemente, podemos relacionar ao primeiro paradigma estudado por Capurro (2003): o paradigma físico, que privilegia a ideia de informação como “coisa” a ser transferida de um ponto a outro. Nesse aspecto, não há a percepção sobre o sujeito e o seu papel ativo no processo informacional. A informação é percebida como algo que é transmitida através de um emissor a um receptor, utilizando-se algum canal para transmiti-la.

Na segunda vertente, podemos analisar a informação sob um ponto de vista cognitivo. Nesse viés, podemos relacionar a Teoria Sociocognitiva (Brooks e Belkin), que entende a informação como tudo aquilo que transforma a estrutura mental do indivíduo. E para que ocorra a alteração, tem que haver a apreensão do conteúdo informacional pelo sujeito. Com base em tal entendimento, resgatamos o segundo paradigma de Capurro (2003): o cognitivo, que trata os processos informativos como ações capazes de alterar as estruturas cognitivas, enfatizando a informação como elemento alterador dos modelos mentais.

Uma terceira vertente percebe a informação sob o ponto de vista da busca e do uso da informação, centrando-se na visão do sujeito. O foco, nesse sentido, é entender o que é informação do ponto de vista daqueles que necessitam dela e que a buscam. Dessa forma, surgem vários estudos como: o estudo do usuário da informação, da necessidade informacional, entre outros. Nesse contexto, podemos fazer uma analogia com o último paradigma de Capurro (2003), o paradigma social, vinculando os condicionamentos sociais e materiais dos processos informacionais aos quais se agregam valores relacionados ao sujeito sob o ponto de vista do acesso e uso da informação.

Ao entrarmos no universo informacional que permeia o acervo documental de Políbio Alves, tomamos, como foco norteador, a informação sob o ponto de vista do sujeito. A escrita de si se faz presente nas informações que permeiam este acervo como artefato de memória. E, à medida que essas informações forem tratadas e disseminadas, estaremos transitando sob os paradigmas cognitivos e sociais, que perpassam a informação no cenário do sujeito, tanto no viés individual quanto no coletivo.

O conceito de informação no escopo da CI vem, ao longo do tempo, despertando uma série de discussões a respeito da sua delimitação, bem como das suas formas de uso, tanto no nível social, cotidiano, quanto nos níveis mais específicos. Assim, destacamos o conceito formulado por Azevedo Netto (2002, p.10), no qual a informação é vista como: “[...] um fenômeno explicitamente humano, ligado a uma estruturação sociocultural, socialmente disseminado a partir daquilo que é interpretado e constituído no indivíduo”.

Buscamos descortinar as informações que permeiam a vida do escritor, fomentando a sua disseminação agregada à interpretação dada, à medida que o seu acervo for “remexido”. Assim, como exemplo, ao manusearmos o acervo fotográfico, temos a possibilidade de remontar as informações que permeiam as imagens. Essas informações estão atreladas à vida de seu produtor, sendo a memória um agente potencializador capaz de recuperar as informações mais facilmente, à medida que o próprio produtor narra os significados imersos nas fotografias.

Silva et al (2002) trazem um olhar para a informação (humana e social) como conjunto estruturado de representações (símbolos, significantes) socialmente contextualizadas e possíveis de serem registradas em qualquer suporte material (papel, filme, disco magnético, óptico etc.) e/ou comunicadas em tempos e espaços diferentes. Eles se referem à representação como uma ponte entre o sujeito e o conteúdo informacional, possibilitando a sua significação.

Nesse sentido, trabalhamos com as informações que permeiam o acervo documental do escritor Políbio Alves, margeadas pelos discursos do próprio produtor e de pessoas de seu convívio, a fim de trazermos à tona informações capazes de revelar caminhos percorridos por ele, seus rastros e vestígios.

Retomemos a visão de Carlos Araújo (2011), ao afirmar que a informação:

[...] se inscreve no âmbito da ação humana sobre o mundo (“informar”), apreendendo-o por meio do simbólico, nomeando e classificando os objetos que conhece (objetos da natureza), criando objetos que passa a utilizar (instrumentos com as mais diversas finalidades), produzindo registros que constituem novos objetos (textos impressos, visuais, sonoros) e criando ainda registros destes registros (catálogos, índices, inventários etc.) (ARAÚJO, C., 2011, p.38).

Já para Azevedo Netto (2007), a Informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação. Em consonância com essa aceção, o autor considera informação aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos, destacando-a como fenômeno em que há não só a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação, implicando a sua própria reprodução. Sendo justamente nesta perspectiva que trabalhamos, com o foco em *dar um significado* às informações coletadas a partir do acervo, do legado de Políbio Alves, através do tratamento e disseminação dessas informações, poderemos dar “voz” ao anonimato.

Nosso olhar direciona-se para a informação no viés da ressignificação, isto é, a informação é vista como artefato¹⁴, capaz de promover novas interpretações de acordo com os contextos que são configuradas. Assim, essa relação é efetivada na medida em que:

Se a informação é um artefato, ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto de sua geração. Sendo artefato, ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto passível de recontextualização. (PACHECO, 1995, p. 21).

As informações consideradas neste trabalho são aquelas que dizem respeito a uma produção de significados socialmente construídos e aceitos e, nesse sentido, destacamos a informação autobiográfica, desvelando uma escrita de si percorrida por Políbio Alves, que traz, em seu acervo, informações capazes de remontar, através da memória, o seu traçado autobiográfico. Desse modo, trabalhamos nesses ‘escritos’, imersos na documentação, a ideia do acervo enquanto artefato de informação e memória, capaz de trazer à tona os seus significados a partir de um silêncio rompido, à medida que o acervo foi sendo analisado.

¹⁴ Ao considerarmos a informação como artefato, estamos levando em consideração o contexto do artefato no escopo da Arqueologia, considerando-o como algo feito ou transformado pelo homem, que fornece indicações sobre a época a que pertenceu, refletindo-se como marcas, sinais, vestígios. Para Chiarotti (2005, p.305), o artefato “é um instrumento criado pelo homem que só terá sentido se o mesmo for usado em alguma atividade. É definido por uma ação, ou uso, que lhe é destinado.”

A presente pesquisa traz uma relação com a temporalidade, a historicidade e a singularidade do objeto de estudo, informação e memória, constituindo as fontes de uma história extraída de um conjunto de documentos pessoais, pertencentes ao acervo do escritor Políbio Alves. Tal investigação é capaz de fazer emergir a memória do produtor, bem como suas relações sociais, revelando, assim, aspectos do pensamento e das representações. (BOURDIEU, 2006).

A necessidade de registrarmos informações provenientes das ações humanas demanda, ao longo da história da humanidade, uma multiplicidade de registros que nos servem de prova e testemunham as nossas ações. Assim, temos como produto dessas ações, os documentos. O documento constituído pelo suporte material detém a informação. Ele é o registro concreto que serve de prova para fatos, modos de vida, crenças, e ações dos homens em um determinado tempo e lugar.

Diante desse contexto, é importante enfatizarmos que nem todo objeto pode ser considerado um documento, mas pode tornar-se documento. E o que faz o objeto tornar-se documento? O elemento essencial que faz essa ponte na transformação do objeto em documento está pautado no desejo de obter informação, mesmo que o objeto não tenha sido criado com essa intenção. (ORTEGA; LARA, 2010).

Dessa forma, nem todo objeto tem por função, originalmente, ser suporte de informação, mas acaba assumindo essa função de acordo com a situação e uso. No caso do arquivo pessoal, por constituírem um acervo, são compreendidos como documentos dotados de informações, capazes de remontar um contexto, uma história. Assim, os objetos que compõem o acervo do escritor Políbio Alves assumem um caráter documental, à medida que sua acumulação, organização e disponibilização demonstram a intenção de guardar do produtor, revestindo-se de um caráter informacional.

Do ponto de vista etimológico, documento vem do latim, *docere*, que quer dizer ensinar, e de *documentum*, o que ensina. Le Goff (2003, p.536) relata que, no século XVII, o significado da palavra ensinar evoluiu para o significado de prova e é amplamente usado no vocabulário legislativo, conferindo ao documento, o valor probatório. Em um sentido mais amplo, Bellotto (2006) relata que, de acordo com a classificação clássica e genérica,

O documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos. Torna-se evidente, assim, a enorme abrangência do que seja um documento. (BELLOTTO, 2006, p.35).

Rondinelli (2011) corrobora, percebendo que o cenário documental vai além dos documentos textuais e em suporte de papel, sendo considerados documentos também as imagens e os sons, podendo apresentar-se de modo convencional e/ou até mesmo no meio eletrônico, além de objetos como peças museológicas, arquitetônicas, entre outros.

Nesse sentido, podemos afirmar que o documento é o elemento através do qual o homem se expressa, objetivando registrar a informação vinculada à importância do conteúdo no tempo e no espaço. Esses registros podem ser feitos através da escrita, da gravação de áudio, da filmagem, fotografia, enfim, podem ser registrados nos mais diversos suportes, tendo como foco principal o registro da informação. Nesse contexto, os registros que compõem o acervo pessoal podem ser caracterizados como uma escrita de memória de si, percebida a partir das informações e contextos que esses documentos carregam, entrelaçados à vida de seu produtor.

O documento sempre foi considerado como instrumento de base de registro das ações administrativas, ao longo de sua produção e utilização, pelas mais diversas sociedades, civilizações, épocas e regimes, sendo importante compreender que eles apresentam três características fundamentais: serve para a comprovação dos direitos, para o exercício do poder, e percorrendo o nosso foco norteador, para o registro da memória.

Diante da sua relação com a memória, é pertinente adentrarmos no fulcro dos documentos arquivísticos. Esses têm peculiaridades por serem únicos, autênticos, íntegros e interdependentes e coadunam de uma acumulação natural no decurso de atividades administrativas ou no decorrer da vida cotidiana, como é o caso do nosso trabalho que trata de um acervo pessoal, apresentando uma relação orgânica¹⁵ entre si.

¹⁵ Essa relação orgânica vem do princípio arquivístico da organicidade, que é a relação natural entre documentos de um arquivo em decorrência das atividades da entidade acumuladora, seja ela pessoa física ou não.

Dessa forma, os documentos arquivísticos são aqueles produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física ou jurídica, no exercício de suas atividades profissionais ou no decorrer da sua trajetória de vida, sendo organizados e acumulados com objetivo de prova ou de informação. (CAMARGO; BELLOTTO, 1996).

Um ponto importante para destacarmos é que o documento que aqui estamos abordando não se trata apenas de documentos registrados no suporte de papel, mas sim a todo e qualquer objeto que carrega em si a relação com o seu produtor, levando em consideração o contexto histórico-social. Entre os documentos que compõem o acervo do escritor, estão: livros, cadernos de anotações, objetos variados, fotografias, recortes de jornais, obras de arte, documentos pessoais, entre outros.

Delmas (2010, p.56) relata que: “O documento de arquivo é o instrumento de uma ação e, como tal, possui três qualidades: ele é necessário, pessoal e preservado”. Nesse ponto, percebemos a íntima relação que o documento arquivístico carrega atrelado ao seu produtor, um indivíduo ou uma organização, atribuindo-se a essa relação o seu **caráter orgânico**. Essa organicidade é a qualidade segundo a qual os arquivos espelham a estrutura, as funções e as atividades do seu produtor em suas relações internas e externas. (BELLOTTO, 2006, p.36). Mas, embora essa relação reflita a trajetória do seu produtor, não podemos deixar à margem que essas informações estão inseridas em um contexto temporal e espacial, e que a elas estão agregadas informações que vão além da vida do produtor, percebendo-se uma narrativa imersa no contexto social no qual ela está inserida.

Rousseau e Couture (1998) explicam a diferença do valor de informação e de prova de um documento de arquivo, lembrando que, no arquivo, cada documento que o compõe comprova uma ou mais informações a ele agregadas. Acrescentam, ainda que, ao ter-se contato com essa documentação, é possibilitado a nós adquirirmos informação através da associação desse meio com o arcabouço individual no escopo da significação.

Cada documento [...] comprova uma ou mais informações nele encerradas e que, obviamente, nos dá a conhecer. É o valor de informação do documento. Além disso, o agrupamento de todos os documentos de uma pessoa física ou moral num conjunto permite, sob certas condições, recriar o contexto de realização de um acontecimento, o que rodeia a vida de uma personagem ou de um

organismo. Em suma, este conjunto volta a situar esse contexto ou esse meio circundante no tempo e no espaço, destacando-os através de uma perspectiva ação. É este o valor de prova que faz dos arquivos testemunhos privilegiados e objetivos dos componentes da vida de uma pessoa física e moral que os constituiu. (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 90).

Nos meandros da informação arquivística, Ribeiro (2011) afirma que sua valorização é marcada pela transição, da fase custodial para a pós-custodial. A fase custodial caracterizou-se pelo seu forte contexto, tecnicista, historicista e custodial. Nesse sentido, destacamos a valorização do documento como elemento principal. Um dos fatores primordiais que contribuíram para essa mudança paradigmática foi a revolução tecnológica. Dessa forma, podemos afirmar que, com o passar dos anos, surgem diversas reflexões vinculadas principalmente à evolução tecnológica, trazendo um cenário de mudanças no contexto do arquivo. Assim, a informação remonta-se como o principal componente do arquivo, e o documento modifica o seu papel, passando de protagonista para coadjuvante, tornando-se um meio facilitador na disseminação da informação que o permeia.

Em meados da década de 80, o avanço tecnológico, agregado à revolução digital, alavanca e fortalece o surgimento de um novo paradigma informacional, científico e pós-custodial. Essa mudança traz consigo a valorização da informação como fenômeno humano e social, sendo a materialidade em qualquer suporte, inclusive sob a forma da percepção dos sentidos, um epifenômeno. (RIBEIRO, 2011, p. 64).

Dessa forma, percebemos que o arquivo passa a apresentar uma abordagem informacional, reconhecendo a informação como um subsídio tão importante quanto os recursos materiais e humanos, redefinindo o seu corpo conceitual e seus objetivos enquanto prática. Diante da relação dos documentos de arquivo e da informação arquivística com o próprio arquivo, é pertinente destacarmos, de acordo com Silva (2008), dois aspectos compartilhados por ambos. O primeiro deles, mais uma vez evidenciamos, é a natureza orgânica que ambos carregam em si, que está relacionada diretamente ao seu produtor. E o segundo é o caráter funcional que se relaciona à amplitude das funções e usos que perpassam as informações produzidas.

A informação arquivística, através de seus aspectos orgânico-funcionais, fornece subsídios para a compreensão contextualizada da informação

independentemente de seu suporte. É importante lembrarmos que a ideia de documento como estrutura, conteúdo e contexto, que permeia os arquivos, é rompida, “quebrando” a visão da informação como algo fixo, preso em um único meio. Assim, a informação arquivística ganha dimensão, tornando-se um componente capaz de ser ressignificado pelo sujeito, atrelando-se a um contexto, a uma temporalidade, a um lugar. Essa relação é possível através da memória, que se torna uma “ponte” entre o indivíduo e os contextos vinculando à informação.

Nesse sentido, como estamos trabalhando com um acervo pessoal, podemos considerar que essas informações são arquivísticas e biográficas, pois possibilitam narrar a história de vida de seu produtor.

Retomando a relação informação, arquivo e memória, percebemos que, embora existam imbricações anteriores em termos de temporalidade, é através desse contexto memorialístico que o arquivo se torna um fio condutor da informação. No caso dos arquivos pessoais, a memória, enquanto evocadora do passado, traz, para além das informações e das experiências de um fato vivido, os referentes do passado para a construção de uma memória no/do presente, configurando um cenário individual emergindo no coletivo.

Jardim (1995) relata que se tem recorrido, com bastante frequência, à temática memória. Tal temática é abarcada por um sistema multidisciplinar, fruto da investigação de diversas áreas do estudo e, nesse cenário, a memória, que permeia a informação atrelada ao campo da ciência da informação, vem ganhando espaço, avançando como objeto de estudo. Diante desse contexto, Silva e Oliveira (2014) relatam que:

A memória na Ciência da Informação traz em sua entrelinha “*os traços informacionais*” através da organização da matéria no processo de representação da informação, possibilitando uma eficácia no processo de recuperação da informação, ou seja, um limiar *infor-comunicativo* que permite a evocação de uma “informação revitalizada” na medida em que atende a sua principal função que é a de recuperar para informar. (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p.136).

Os autores seguem afirmando que o conceito de memória está interligado à sociedade, tanto no viés de forma individual quanto no coletivo, “[...] conjugando e nutrindo uma relação existencial sobre si, sobre outro e sobre nós, em uma realidade

de alteridade e significado que se estrutura em nossos *habitus*¹⁶, configurados no cotidiano”. (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p.136).

O conceito elencado por Silva e Oliveira (2014) vincula-se diretamente à presente pesquisa, pois, através da organização de informações, acessadas tanto pela documentação do acervo como pelos discursos orais, possibilitou-nos trazer à tona a sua representação, viabilizando o processo de recuperação, disseminação e, conseqüentemente, facilitando o acesso e uso das informações que permeiam a trajetória do escritor.

No entanto, Le Goff (2003) afirma que a memória é a capacidade que o homem tem em reter os fatos e as experiências vividas no passado e, dessa forma, transmiti-los para as novas gerações, podendo, assim, fazê-lo através dos mais variados suportes, tais como a voz, o livro, a música, um objeto pessoal, entre outros. “A memória, portanto, representa a conservação de informações individuais ou coletivas de determinados fatos, acontecimentos, situações, reelaborados constantemente.” (LE GOFF, 2003, p. 423). Diehl (2002) também percebe a memória como uma representação das experiências vividas pelos homens, enfatizando, nesse contexto, a sua dimensão social.

Diante desses conceitos, podemos perceber que a memória, mesmo estando atrelada ao sujeito, sempre estará conectada a um contexto social no tempo e espaço. Por isso, não estamos preocupados em percebê-la como função mnemônica isolada do meio, mas sim, trazendo essa associação constante entre os meios e modos criados coletivamente. A memória apresenta-se em permanente mudança como processo dinâmico, realizando uma “ponte” entre o sujeito histórico e um grupo social. Dessa forma, percebe-se que a memória pode ser vista como um fenômeno simultaneamente individual e coletivo.

Candau (2012) faz uma analogia da memória com um museu de acontecimentos que são singulares e representam marcos de uma trajetória individual. Podemos considerar também a memória coletiva, já que esse emaranhado

¹⁶ Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as *experiências passadas*, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU, 1983, p. 65).

social não pode ser percebido de forma isolada, e a memória individual estará sempre vinculada à coletividade. Nesse sentido, a memória, quando evocada, apresenta-se como uma representação de marcos de uma trajetória. Ela não conduz à reconstrução do passado. De acordo com Gondar (2005), a evocação da memória possibilita uma reconstrução dela própria, uma forma de representar o que foi feito, vivido, e essa representação traz consigo a perspectiva do presente.

Não voltamos no tempo para reviver, mas refletimos sobre o vivido, agregando a experiência do presente ao frescor dos acontecimentos passados. Assim, ao lembrarmos, estamos repensando, representando “com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. (BOSI, 1994, p. 55).

Halbwachs (2006) compreende a memória como quadros sociais. Ele acredita que a memória individual existe, mas não se delimita fora da trama social que o homem vive e atua, tendo sempre uma conexão com a memória coletiva. O autor afirma que a memória não está ancorada na história aprendida, mas na história vivida. Nessa linha de pensamento, a ressignificação da história de vida de Políbio Alves, através da reconstrução da sua trajetória, traz a possibilidade de narração de suas memórias. Sendo assim, a história vivida, narrada no fio da memória, constitui-se um espetáculo vivo e natural capaz de reencontrar a imagem de um passado (HALBWACHS, 2006). Porém, a esse passado agrega-se a experiência do presente, conforme menciona Bosi (1994).

Diante desse contexto, pensando a memória vinculada à instituição *Arquivo e à informação*, destacamos que ela se encontra atrelada a um contexto social, cultural e temporal, vislumbrando o seu potencial como fenômeno social. Assim, podemos percebê-la como conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, detêm experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade com esse passado imediato ou remoto. (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007, p.32).

Essa relação pode ser percebida com uma força maior de expressão, principalmente no cenário que permeia o Arquivo, a Biblioteca e o Museu, como sistemas de informação, contextualizando o passado e agregando-se ao presente. Acerca dessa relação (informação/memória), percebemos que nem toda informação é

memória, mas toda memória é permeada de informação, pois não podemos ressignificar a memória sem atribuir-lhe um sentido, um significado, um referente como a informação que a permeia. Nesse sentido, podemos considerar tanto a informação quanto a memória como partes imateriais do arquivo. Essa afirmativa se deve ao fato de que, apesar de ambas poderem se constituir através da materialização do acervo pelo documento, elas não são palpáveis, estando atreladas diretamente ao sujeito, como ser social. Além disso, tanto a informação como a memória são passíveis de ressignificações.

Nora (1993) trata a memória como um processo de reconstrução permanente. Sendo algo “vivo”, ele afirma que os determinados “lugares de memória” não se limitam apenas à materialização, mas aos significados, proporcionando a busca e o encontro de vestígios capazes de promover transformações sociais. (BARROS; NEVES, 2009). Para Nora (1993), os lugares de memória abrangem três dimensões: enquanto matéria, lugar no qual a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; como lugares funcionais, tendo como função ancorar as memórias coletivas; e como lugares simbólicos, onde a memória coletiva se revela.

No caso deste trabalho, a memória, enquanto lugar estará alicerçado nas três concepções apresentadas anteriormente. Isto é, como matéria, através da materialidade do próprio acervo que compõe o arquivo; como lugar funcional, despertando-se o potencial das memórias individual e coletiva enraizadas no conjunto documental; e como lugares simbólicos, onde a memória coletiva se revela à medida que o acervo for sendo explorado e contextualizado pela própria narrativa de seu produtor.

Barros (2009) demonstra a consolidação e a quebra de um paradigma quando afirma que:

A memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um “espaço inerte”, no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante. (BARROS; 2009, p.37).

Como cristalização do passado, os lugares de memória podem ser objetos, instrumentos ou instituições, não dependendo a sua definição da natureza concreta, mas da realidade que os habita, retratada por serem depositários de conteúdos informacionais.

Assim, é nesse viés que percebemos os arquivos, como um lugar recheado de informações, que possibilitam a significação através da memória. Nesse sentido, a tríade: informação, arquivo e memória, se somam imersos em um contexto, que faz emergir a escrita de si, refletindo a trajetória do produtor/acumulador. Logo, o acervo pessoal que compõe o arquivo, imerso em um contexto informacional, faz da memória uma mola propulsora capaz de remontar a escrita autobiográfica de Políbio Alves, trazendo à tona a sua trajetória.

Ancorados na reflexão de Silva e Oliveira (2014, p.135) que afirmam que “[...] a memória é enraizada a uma retórica de profundo questionamento acerca daquilo que podemos revitalizar ou rememorar”, tomamos as memórias do escritor Políbio Alves, configurando-as em uma retrospectiva aproximativa entre o horizonte das representações relativas aos contornos da memória e do meio social, sendo o mediador dessa retrospectiva o seu próprio arquivo pessoal. Propicia-se, então, uma dinâmica entre informação, memória e sociedade, sendo importante manter um diálogo constante com o meio social, através dos sujeitos. Cabe considerar que, assim, ocorre uma dinamicidade centrada na representação da memória, tornando-se fonte de informação, trazendo especialmente o seu caráter cultural e educacional, principalmente no contexto dos arquivos pessoais. Para uma melhor compreensão, do contexto arquivístico, serão tratadas, no capítulo seguinte, questões teóricas em torno dos arquivos pessoais.

2.1 ARQUIVO PESSOAL: lugar de informação e memória

No cerne histórico, Cortês (1996) afirma que, no Brasil, a valorização do arquivo ocorreu em momentos distintos na constituição brasileira. Primeiro com a criação do Arquivo Imperial em 1824, passando pela restrição do período ditatorial, pela evolução técnico-metodológica da década de 70, até chegar à nova Constituição

Federal (1988), incitando discussões sobre o acesso a documentos produzidos e acumulados pela administração pública. Essa realidade traz consigo a necessidade de criação de uma política que fomente a viabilidade do direito do cidadão de acesso às informações públicas, resultando na criação da Lei n. 8.159 de 08 de janeiro de 1991, estabelecendo a Política Nacional de Arquivos. (BRASIL, 1991).

Entretanto, Teles (2006) nos alerta para uma reflexão em relação à maneira encontrada no Brasil para lidar com o passado recente sem enfrentá-lo. Esse processo foi marcado, por muito tempo, pelo símbolo da anistia como esquecimento. E esse “silêncio” como imposição relaciona-se muito fortemente com as heranças da ditadura.

Nesse contexto, a autora assevera que a manutenção do sigilo no cenário da repressão política foi prática dos governos civis desde o fim do regime civil e militar iniciado em 1964, muito embora, em 1988 tenha emergido a Constituição Brasileira, estabelecendo um discurso voltado para garantir os direitos individuais, que resguardam o direito de acesso às informações contidas nos órgãos públicos, e os de proteção dos direitos fundamentais, dentre eles, o direito de acesso à justiça. Assim, Teles (2006) afirma:

Esta foi a primeira e única Constituição a estabelecer parâmetros gerais de uma política nacional de gestão de documentos da administração pública, visando franquear sua consulta e permitindo a subordinação dessa política, no âmbito civil ou militar, às disposições da Lei n.8.159/91, a Lei de Arquivos. A Lei de Arquivos, entretanto, provocou reações legislativas e administrativas (leis e decretos) restringindo seu alcance e propósitos, especialmente no que se refere ao acesso a documentos, prazos de sigilo, emissão de certidões e rito processual. (TELES, 2006, p.2).

Diante desse cenário, eis que emerge um dos avanços capazes de minimizar a obscuridade de um capítulo da história recente do Brasil, a Lei nº 12.527 de 18 de novembro de 2011, que dispõe sobre o acesso à informação. Essa lei trouxe luz para os arquivos públicos brasileiros, tornando-se um instrumento legal, “beneficiando diretamente a população”¹⁷, bem como fazendo valer o seu real direito. Entrou em vigor através do decreto nº 7.724 de 16 de maio de 2012, abrindo as portas para

¹⁷ Esse benefício se dá de maneira indireta, pois a falta de conhecimento da população acerca dessa política de informação traz como reflexo a ausência da busca do que consiste seu direito.

qualquer pessoa possa conferir informações de interesse público, que estejam armazenadas em instituições federais, estaduais e municipais.

A lei de acesso à informação vem descortinar os movimentos dos documentos públicos movidos na gestão diária, refletindo um processo de transparência, regulando também o acesso a documentos de arquivos produzidos na época da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Araújo e Tanus (2013) destacam que:

Acredita-se que essa lei de acesso à informação abre caminhos para um maior controle social da informação pelos diversos setores da sociedade, dando-lhe um caráter mais transparente e ativo no conceito de acesso à informação, reforçando, portanto, as atividades de gestão documental previstas na lei (Lei nº 8.159¹⁸, de 8 de janeiro de 1991), bem como fortalece o papel dos arquivos como mecanismos democratizantes e portadores de informação histórico-cultural. (ARAÚJO; TANUS, 2013, p.84).

Podemos perceber o olhar dos autores voltado para os arquivos que trazem imbricações históricas e culturais, incluindo-se, nessa conjuntura, não apenas os arquivos de caráter público, como também os de origem privada e pessoal.

Nesse contexto, o arquivo torna-se um fio condutor no cenário informacional. Conforme Barros e Neves (2009) afirmam, no que tange ao acesso à informação acerca da função do arquivo, que é relevante tornar públicas e disponíveis as informações que se encontram em seus conjuntos documentais, percebendo-as como produtor de conhecimento, não esquecendo o seu viés no lugar de pesquisa. Dessa forma, recapitulemos as palavras de Cook (1998):

[...] quando a sociedade passou do registro oral para o escrito, o enfoque dos arquivistas também mudou, da lembrança da ação para o cuidado dos artefatos escritos que davam testemunho da ação. Agora, à medida que a sociedade passa, junto com um novo milênio, dos documentos escritos fixos para documentos eletrônicos virtuais, e de organizações estáveis para outras, transitórias, os arquivistas também precisam mudar o foco primordial de sua atenção [...] (COOK, 1998, p.143).

Faz-se necessário acompanharmos o tempo a fim de aprimorarmos as técnicas e serviços em prol da própria informação, mas não podemos deixar para trás todo

¹⁸ Lei que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências.

aprendizado. É certo que esses vão se moldando e aperfeiçoando-se em sintonia com a nova realidade, convergindo com a tecnologia a fim de garantir um serviço de qualidade e com maior segurança.

Bellotto (1996, p.8) relata que o arquivo deve ser um espaço de garantias de integração do indivíduo com seu passado e seu presente, dimensão em que se pode compreender o princípio democrático do exercício da cidadania. E, nesse sentido, a inserção do arquivo na contemporaneidade apresenta-se em três aspectos importantes: o histórico, o jurídico e o administrativo. Aspectos estes relacionados diretamente com a documentação do acervo, bem como com sua produção, acesso, uso e necessidade informacional do indivíduo.

Com vistas a compreendermos o universo dos arquivos, torna-se crucial delimitarmos o seu escopo conceitual. Diante desse panorama, optamos pelo direcionamento do arquivo como instituição informacional, privilegiando o aspecto físico, material, técnico e, principalmente, a sua dimensão informacional atrelada ao conjunto de documentos que compõe o acervo do escritor Políbio Alves.

A linha de preocupação em torno do arquivo segue por muito tempo atrelado ao documento, que é um artefato importante e fundamental. Mas, esse *corpus* agrega-se a outros fatores que são tão cruciais quanto o próprio documento para compreendermos a sua função. Assim, atrelando-se a ele estão as questões técnicas, memorialísticas e, sobretudo, as informacionais que se vinculam ao cenário arquivístico como unidade de informação.

A Associação dos Arquivistas Holandeses, através do Primeiro Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos de 1898, entende o arquivo como:

Um conjunto de documentos escritos, desenhos, e material impresso recebido ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou por um de seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinam a permanecer na custódia desse órgão ou funcionário. (MULLER *apud* SCHELLENBERG, 2006, p. 36).

Percebemos uma preocupação mais centrada no documento, não evidenciando o contexto que permeia o arquivo como instituição atrelada à informação e à memória. No decorrer dos anos, o conceito de arquivo vem sendo submetido a alterações semânticas, diferenciando-se de um viés passivo percebido

apenas como um lugar de guarda de documentos, assumindo, gradativamente, uma postura mais ativa quanto à sua função social.

A Lei nº 8.159/91, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências, reporta-se ao conceito do arquivo em seu artigo 2º:

Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos. (BRASIL, 1991).

Apesar de esse conceito trazer a informação, atrelando-a ao suporte documental, ele não evidencia a sua potencialidade, como uma das finalidades do arquivo. Nesse contexto, a informação parece coadjuvante. Todavia, destacamos o conceito de arquivo, trazido pelo Dicionário de Terminologia Arquivística, afirmando que o arquivo é:

Conjunto orgânico de documentos, independente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou coletiva, ou por um organismo público ou privado, no exercício da sua atividade e conservados a título de prova ou informação. (DICIONÁRIO, 1996, p. 7).

Dessa forma, percebemos que o Dicionário de Terminologia Arquivística (1996) agrega uma visão mais ampla no cerne do conceito de arquivo, trazendo uma libertação do seu conceito como local unicamente de guarda de documentos, independentemente do suporte. A definição apresenta um avanço ao abarcar outras tipologias documentais que se apresentam em suportes diversificados. Além disso, o dicionário preconiza que esses documentos passem a ser guardados para fins de prova ou informação, percebendo-se uma visibilidade acerca do contexto informacional que o permeia.

Os arquivos são partes integrantes da sociedade da informação, por serem detentores de vastos conteúdos informacionais, fomentando uma sincronia entre as tendências científicas e tecnológicas da sociedade da informação. (BARROS; NEVES, 2009). É justamente nessa perspectiva de atualização e acompanhamento do ritmo acelerado das tecnologias da informação que o arquivo assume um papel mais

consolidador na coleta, salvaguarda, preservação, armazenamento e, sobretudo, na disseminação da informação, objetivando o encontro da sociedade com a informação.

Assim, os arquivos, enquanto lugares de informação e memória, às vezes até em espaços virtuais, caracterizam-se pelo fluxo informacional, no qual o foco não é apenas o documento e a sua organização, mas também o conteúdo informacional e sua disponibilização para a sociedade (JARDIM, 1998). A ideia é que não se perceba o arquivo como um lugar apenas de guardar e preservar a memória, mas um lugar onde a informação passa a ser componente fundamental na produção do conhecimento. “O arquivo precisa ser compreendido em uma dimensão mais ampla, não apenas como local topográfico onde se guarda e preserva documentos, sobretudo como um espaço capaz de produzir sentidos.” (MORIGI; VEIGA, 2007, p. 38).

Cook (1998) complementa o conceito de arquivo, designando-o como templo de memória:

Os arquivos são templos modernos - templos de memória. Como instituições, tanto como coleções merecedoras de serem lembradas. Igualmente, as que são rejeitadas por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos da memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e de nossa consciência social. (COOK, 1998, p. 143).

Revisitando o termo memória em sua forte relação com o arquivo, trazemos a visão de Nora (1993, p.15) enfatizando que a memória verdadeira, transformada por sua passagem, dá lugar a uma memória arquivística, ou seja, “à constituição grandiosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar”. Nesse sentido, podemos perceber que o arquivo como um dispositivo capaz de armazenar informações, permeadas pela memória intrínseca em seu acervo documental, torna possível a escrita autobiográfica de seu produtor.

Essa relação nos traz a possibilidade do acesso a informações, assim, o arquivo está frequentemente ligado às questões de preservação da memória, na medida em que funciona como um arcabouço documental, que carrega, através dessa memória, a sua essência informacional que é (re)interpretada ou ressignificada, à medida que o indivíduo busca e usa a informação. Nesse viés, o autor supracitado, pensa o arquivo como “lugar de memória”, e esses lugares de memória são representados desde os

objetos materiais e concretos, até os mais abstratos, simbólicos e funcionais. (NORA, 1993).

Prosseguindo nessa discussão, podemos considerar que o arquivo é produto de uma linguagem própria, que emana de uma pessoa ou de um coletivo e que depende sempre da necessidade de um indivíduo ou grupo social, para que o mesmo seja constituído e passe a externar as transformações em um paralelo passado e presente.

Quanto à visibilidade e ao tratamento que é dado ao arquivo no olhar da sociedade em geral, Longhi (2003) afirma que, há muito tempo, os arquivos são considerados apenas “depósito” de papel, tratado de forma amadora, e sua importância só é evidenciada quando se necessita de alguma informação e, muitas vezes, em detrimento de um acidente ou por perda do acervo, essa informação não consegue ser acessada. Considerar a importância dos arquivos na sociedade, seja no âmbito administrativo ou no viés cultural, passa necessariamente pela reflexão e compreensão do que os arquivos significam.

No contexto da classificação dos arquivos, Paes (2006) insere os arquivos em quatro categorias, a saber: quanto às entidades mantenedoras; quanto à extensão de sua atuação; quanto à natureza dos documentos; e quanto aos estágios de sua evolução (**correntes, intermediários e permanentes**).

Para Bellotto (2002), a classificação é mais restrita, classificando-o em apenas uma categorização, correspondendo à classificação de Paes (2006), quanto às entidades mantenedoras. Dessa forma, a autora defende que os arquivos classificam-se apenas como arquivos públicos e arquivos privados. Nesse sentido, ela afirma: “Fundamentalmente não há mais do que duas categorias de arquivos: os públicos e os privados. Os demais são idades (arquivo corrente, arquivo intermediário e arquivo permanente) ou são modalidades, dentro daquelas duas categorias.” (BELLOTTO, 2002, p. 27).

Comungamos com a visão de Bellotto acreditando que, em se tratando de classificação dos arquivos, esses se dividem em públicos e privados, sendo as demais denominações, características ou fases pelas quais os documentos podem passar em meio à gestão documental. Duarte e Farias (2005, p.33) concordam com Bellotto

(2002) quando afirmam que os arquivos podem se dividir em duas classes fundamentais: públicos e privados. Os primeiros são judiciais, estaduais, municipais. Os segundos, de empresas, pessoais, eclesiásticos, de sindicatos, entre outros.

Os arquivos públicos equivalem aos que recebem e/ou produzem documentos de natureza pública, assim os fundos documentais são formados e estruturados com documentos provenientes de instituições públicas, sejam elas órgãos federais, estaduais ou municipais. (PAES, 2006).

Os arquivos privados, no entanto, podem ser caracterizados como organismos que têm como objetivo central salvaguardar documentos relacionados à pessoa física ou instituição privada, com a finalidade de disponibilizar os documentos, com vistas ao seu caráter probatório ou à sua demanda informacional, implícita na documentação que compõe o acervo. (BERNARDES, 1998).

Os arquivos privados apresentam características próprias, sendo necessária uma terminologia para diferenciá-los. Primeiramente, dividem-se em: de pessoa jurídica ou de pessoa física. De acordo com Silva (2011), os arquivos privados de pessoa jurídica englobam as instituições privadas com ou sem fins lucrativos, enquanto os de pessoa física dizem respeito a uma única pessoa. Outra classificação relacionada aos arquivos privados remonta três tipos de arquivos privados: os pessoais, os familiares e os institucionais.

Quanto à relação entre o “público” e o “privado”, Duarte e Farias (2005, p.34), afirmam:

A franquia de um arquivo privado ao público por qualquer meio e, especialmente, sua inclusão no acervo de uma instituição de preservação da memória conduzem à sua “publicização” e, conseqüentemente, à sua caracterização efetiva enquanto arquivo privado público.

Nesse sentido, os autores identificam um conflito frequente no que respeita ao “público” e ao “privado”. No escopo do arquivo privado, assim eles esclarecem: “A publicização do privado possui interferência tanto de ordem privada quanto pública. Há ambiguidades na definição de abertura pública de acervos de origem do privado. (DUARTE; FARIAS, 2005, p. 34).

No entanto, quando os arquivos privados são tomados como de interesse público e social, ficam depositados e são preservados em instituições públicas, sendo mantidos inclusive por recursos públicos. Nos casos dos arquivos pessoais de origem privada, quando não reconhecidos frente à legislação como de interesse público, embora muitas vezes tragam informações importantes para a história social, sofrem à margem sem meios financeiros para manterem-se, ficando sujeitos ao anonimato.

Um exemplo muito próximo dessa questão é o Arquivo Afonso Pereira; arquivo privado pessoal, aberto ao público, mantido por verba privada. Esse arquivo mantém uma relação íntima com histórias da educação da Paraíba, da música e da arte, permitindo narrar muito mais do que a vida de seu titular. Mesmo submerso de informações de cunho histórico, principalmente com relação à história cultural e educacional paraibana, só consegue manter essas memórias “vivas” em detrimento da atenção pessoal que a esposa do falecido Afonso Pereira, Dona Clemilde Torres, tem direcionado ao arquivo, tanto no viés financeiro quanto na preocupação em disseminar as informações imbricadas nessas memórias.

No contexto dos arquivos privados, Camargo e Goulart (2007, p.41) afirmam que, ao contrário dos arquivos institucionais, que são permeados de documentos cujas fórmulas e estruturas têm efeito de reduzir a um grau mínimo o caráter polissêmico dos textos escritos, os arquivos pessoais são prolíferos em documentos desprovidos de metadados, entre eles: fotografias sem legendas, anotações de todo tipo em inusitados suportes, objetos desvinculados dos conjuntos que lhes dariam sentido, enfim, remontam uma realidade documental, que requer muita cautela e aprofundamento para que possa ser organizada, partindo do pressuposto de que é de fundamental importância, antes de qualquer tentativa de organização, o conhecimento da vida de seu titular. Nesse sentido, para tratar os documentos pessoais de um acervo como “Arquivos”, é preciso vê-los, antes de tudo, como **“conjuntos solidários e orgânicos”**.

Nos arquivos pessoais, o nome do titular cria uma identidade fundamental do acervo constituído, sendo a partir dele que se organiza a série documental. No caso do acervo de Políbio Alves, a organização realizada pelo produtor foi respeitada.

Venâncio (2003) afirma que a formação do acervo pessoal denuncia uma “vontade de guardar”. Assim, a autora relata que os arquivos pessoais se aproximam das coleções.

Ao contrário de simples resíduos, traços brutos de existências humanas, o ato de formar arquivos privados pessoais é muito semelhante ao ato de colecionar. Colecionam-se representações de si ou do outro, escritas cristalizadas em documentos que exibem uma intenção de deixar o seu registro sobre o titular do arquivo. (VENÂNCIO, 2003, p.6).

Ao longo da vida, as pessoas guardam documentos que testemunham momentos importantes, trazendo à tona suas relações pessoais, familiares e profissionais, seus gostos, interesses e hábitos. São fotografias, diplomas, documentos de trabalho, diários de registros, cartas, recibos, enfim, "papéis antigos". Os documentos produzidos e reunidos por indivíduos tornam-se pontes que se ligam ao cenário de sua trajetória da vida, possibilitando um contato com a representação de seu desempenho e função social, sua vida no âmbito familiar, profissional, afetos, desafetos, amores, amigos, enfim, a representação do seu cotidiano em períodos diferentes.

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (1996), os arquivos pessoais são definidos como arquivo de pessoa física. Porém, essa definição parece restringir-se, pois, em se tratando de arquivos de família, e levando-se em consideração o princípio da proveniência, além da natureza do arquivo, o arquivo de família pode ser considerado como arquivo pessoal. Sobre essa questão, Baumann (2011, p.24) afirma: “o arquivo de família é de interesse acumulativo de diferentes indivíduos, com expectativas e histórias de vidas particulares, sua unificação é vinculada pelos aspectos hereditários, laços afetivos e de propriedade”. Outro ponto relevante levantado pela autora refere-se ao fato de o alargamento do conceito de arquivo de família, relacionado pela sua organicidade às variadas gerações que o compõem, possibilitar releituras do processo evolutivo da instituição familiar.

Nesse contexto, Silva (2011) afirma:

Um arquivo de família é um arquivo de pessoa física, ele não foi produzido por uma única pessoa, mas por vários membros. Diante

disso, entendemos o termo arquivos pessoais como: o conjunto dos documentos pertencentes a uma única pessoa independentemente de sua formação ou posição social e política, como por exemplo, um poeta, um artista, um professor etc. (SILVA, 2011, p.23).

Para Baumann (2011, p.24), “os arquivos pessoais e de família representam uma fonte de pesquisa única capaz de interagir com estruturas comunicacionais de um indivíduo e sua relação com o mundo.” Nesse sentido, os avanços da arquivologia no cenário dos arquivos pessoais contemplaram a transformação desses conjuntos documentais em preciosos repositórios informacionais e de memória. No caso em pauta, o arquivo pessoal de Políbio Alves contempla apenas documentos que tratam de si mesmo não fazendo, pois, referência a documentos que remetam à família Alves.

A Lei nº 8.159/91 denomina que os documentos de arquivos pessoais são aqueles produzidos e recebidos por pessoa física em decorrência do exercício de atividades específicas, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos. Em outras palavras, aquilo que a pessoa recebe e/ou produz quando exerce seus direitos e cumpre com suas obrigações.

O Decreto nº 2.942, de 1999, diz, no “Art. 5º, que os arquivos privados de pessoas físicas ou jurídicas são aqueles que contenham documentos relevantes para a história, a cultura e o desenvolvimento nacional, podendo ser declarados de interesse público e social”. Bellotto (2006, p. 265) afirma que os arquivos pessoais são constituídos por documentos produzidos e/ou recebidos por pessoa física (cidadão, profissional, membro de família ou elemento integrante de uma sociedade), e preservados a fim de constituírem-se, por seu testemunho, um conjunto orgânico, possibilitando a abertura à pesquisa pública.

Ainda, com relação ao arquivo pessoal, a autora acrescenta: “Pode-se definir arquivo pessoal como o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias, profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc.” (BELLOTTO, 2006, p.266). Neste conceito, a autora explicita alguns documentos que podem integrar um arquivo privado pessoal, fazendo valer a menção de que foram produzidos em razões distintas que, atingindo certo grau de relevância social e já as

tendo cumprido ou mesmo estando em andamento, despertam interesse para a posteridade.

Venâncio (2003) relata que ao trabalhar-se com arquivos pessoais, acredita-se encontrar um acesso seguro aos registros da atuação, pensamento e preferências do produtor do acervo. Para a autora, o arquivo parece conter aquilo que, de fato, aconteceu.

Levando-se em consideração o pensamento de Venâncio (2003), não podemos deixar de refletir acerca da intencionalidade que a documentação do arquivo pessoal carrega e que, no escopo dessa intencionalidade, existem também “os não ditos” e as omissões que, muitas vezes, carregam um recorte dos fatos vividos, deixando-se cair no esquecimento fatos que, embora verídicos, foram intencionalmente omitidos.

Assim, nos contornos do arquivo pessoal, carregados de intenções, compreendemos a noção que os identifica como uma manifestação concreta das memórias individual e coletiva de seu titular.

Oliveira (2009) afirma que o processo de produção dos arquivos pessoais não é inserido em um contexto de normas ou padrões. Entretanto, os documentos traduzem códigos ou referências do momento histórico em que foram inseridos. Esses códigos ou sinais são relevantes para a compreensão do arquivo e dos personagens que redigem, recebem ou são mencionados nos documentos. Esses “códigos sociais” são seguidos, principalmente, por essa camada que tem seus arquivos recolhidos às instituições arquivísticas, a exemplo dos intelectuais, políticos, artistas etc. Essa realidade deve-se ao fato de que, tradicionalmente, o ingresso dos arquivos pessoais em instituições arquivísticas e de memória acontece após o reconhecimento da importância de seu titular para a sociedade ou para um de seus segmentos.

Assim, Camargo e Goulart (2007) acrescentam:

No âmbito dos Arquivos Pessoais, no entanto, as fronteiras que demarcam as diferentes áreas de ação de um mesmo indivíduo são tênues e imprecisas. O uso do método funcional, além de imperativo, demanda a identificação das atividades imediatamente responsáveis pelos documentos, patamar em que, à semelhança do que ocorre na abordagem dos documentos de instituições, é possível evitar a

instabilidade e a polissemia das grandes categorias classificatórias. (CAMARGO; GOULART, 2007, p.23).

Nesse contexto, cabe a nós arquivistas identificarmos as ações particulares do produtor do acervo, observando principalmente a temporalidade e o motivo (momento) da produção dos documentos. Fato esse, em que é crucial o auxílio do produtor, e que quando o mesmo não está vivo, tal tarefa cabe aos familiares ou pessoas próximas ao seu convívio. Caso contrário, todo o traçado basear-se-á no próprio documento, que terá a incumbência de “falar” pelo produtor.

No universo documental dos arquivos pessoais, Camargo e Goulart (2007, p. 45) afirmam que o caminho do arquivista é bastante sinuoso, na medida em que se busca uma lógica organizacional sempre adequadamente traduzida na nomenclatura das partes que integram sua estrutura, privilegiando o método funcional, ajustando seus termos ao contexto de acumulação dos diferentes documentos.

Os documentos, quando tomados em conjunto, podem revelar não apenas a trajetória de vida, mas também gostos, hábitos e valores do indivíduo, constituindo o seu acervo pessoal. No entanto, devemos ficar atentos para não desvinculá-lo de seu contexto social. Portanto, podemos considerar que os arquivos pessoais são constituídos por conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas ao longo de suas vidas. Dessa forma, Souza e Oliveira (2005, p.13) relatam que os arquivos pessoais, ao contrário do que se imaginam, não revelam apenas um indivíduo, mas tudo que está à sua volta e faz parte, direta ou indiretamente, de sua vida.

A acumulação resulta da seleção dos documentos a serem guardados, entre todos os papéis manuseados cotidianamente, e vai sendo feita ao longo do tempo. Muitas vezes, principalmente no caso de arquivos de pessoas públicas, essa seleção também é feita por auxiliares e, após a morte do titular do arquivo, por familiares e amigos.

Partindo-se da visão de que a sua formação é pautada em uma seleção, recordemos Ribeiro (1998, p.35): “O que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, será esse anseio de ser, a

posteriori, reconhecido por uma identidade digna de nota.” O autor atesta a intencionalidade agregada à seleção documental do acervo e, conseqüentemente, informa como o produtor deseja ser lembrado.

De acordo com Santos (2008), a forma física e de registro das informações pessoais é bastante diversa. Entre elas, destacam-se alguns gêneros, tais como: textual (correspondências, relatórios, certificados, livros, cartões), cartográfico (mapas), iconográfico (fotografias, cartazes, quadros), filmográfico, sonoro e o gênero digital, em todas as suas possibilidades, incluindo *e-mails*, *downloads*, extratos bancários, bases de dados, entre outros.

Nos arquivos pessoais, é comum encontrarmos registros que representam o nascimento, as bodas, as grandes viagens, eventos marcantes na existência de um indivíduo. Ao adentrar-se nesse universo, na maioria das vezes, procuramos descobrir quais são ou foram as realizações profissionais e pessoais, e o que elas representam em termos de relevância social. Isso se torna possível quando se conhece mais detalhadamente a documentação que, de alguma maneira, revela o indivíduo que está sendo representado por tais documentos. Diante desse contexto, Heymann (2005) afirma:

A documentação reflete, assim, múltiplas interferências, confirmando a tese de que o arquivo pessoal é, muitas vezes, um projeto coletivo, no qual se sobrepõem várias subjetividades, afastando-se da sedutora imagem de expressão fiel e autêntica da subjetividade de seu titular. Além disso, os próprios critérios pessoais variam ao longo do tempo, o que remete a temporalidades distintas que presidem ao processo de acumulação de documentos, tanto do ponto de vista do titular, quanto de seus colaboradores. (HEYMANN, 2005, p.48).

A informação contida nos Centros de Memória vai além das registradas apenas como documentos. Para Bellotto (2006):

Se considerarmos com maior abrangência, analisando-a como transmissão cultural, lançada para o futuro através de diferentes documentos grafados em diferentes suportes, ela pode significar muito mais, quando aliada a outros dados/informações oriundos de campos não arquivísticos. (BELLOTTO, 2006, p. 183).

Os arquivos pessoais podem, como quaisquer outros, ser considerados evidências das transações da vida humana, porém é importante destacar que cada

arquivo possui características específicas, tornando-se singular como fonte para estudos históricos, sendo, conseqüentemente, fonte de informação e conhecimento. Dessa forma, Ducrot (1998) afirma que os arquivos pessoais constituem valiosas fontes de pesquisa, seja pela especificidade dos tipos documentais que os caracterizam, seja pela possibilidade de oferecer informações.

O arquivo pessoal é sempre organizado para enunciar e criar um pensamento, uma reflexão, uma história. (VENÂNCIO, 2003). Assim, permite vislumbrar uma “vontade de guardar” e de tornar público o que é privado. Nesse sentido, a autora relata que a organização de um arquivo pessoal evidencia a individualidade do titular, redimensionando o seu lugar na pluralidade dos acontecimentos históricos. Percebe-se, então, que os arquivos pessoais refletem-se em lócus privilegiado de análise histórica, pois registram uma forma de acumulação privada que possui como marca específica o nome próprio do titular, permitindo, com isso, um contato próximo com a trajetória de seu produtor, com suas relações sociais e os fatos vividos, externados através da sua materialização expressa pela documentação do acervo. (VENÂNCIO, 2003).

Podemos, então, perceber o arquivo pessoal como resultado de uma atividade inerente ao homem que acumula, ao longo da vida, documentos e objetos que representam fatos vividos relacionados às suas escolhas, pensamentos, crenças, atividades, contextos sociais, representando, desse modo, um cenário que se vincula intrinsecamente às percepções do indivíduo acerca de sua realidade.

Nesse sentido, os arquivos pessoais diferenciam-se dos arquivos institucionais, em termos estruturais e organizacionais, tendo em vista o caráter orgânico único do acervo documental que o compõe e a vinculação comum da seleção, antes mesmo de ser considerado um arquivo pessoal. Podemos analisar, então, que essa diferença está relacionada também ao fato de os arquivos pessoais não se constituírem como produtos espontâneos, pois são marcados pela intencionalidade de um indivíduo que decide o que vai guardar de acordo com o seu universo de significação, percebendo esses arquivos pessoais como conjunto documental carregado de intencionalidade, que agrega uma gama extensa de informações que permeiam o seu universo.

Os arquivos pessoais apresentam-se, em destaque, refletidos como fonte primária, tanto no âmbito brasileiro quanto no exterior. A realidade vivenciada, no Brasil, corresponde a um crescimento na conscientização de segmentos representativos da sociedade, refletindo uma mudança de comportamento voltada não apenas à guarda e à preservação, como também para a utilização da preciosidade revelada nos documentos presentes, nos fundos de arquivos pessoais.

O reconhecimento da importância dos arquivos pessoais no Brasil iniciou-se entre 1960 e 1970, com a criação de várias instituições, governamentais ou privadas, dotadas de interesse em reunir arquivos privados. Nesse período, a maior parte dessas instituições concentrava-se nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Essa configuração sofreu, na última década, uma ampliação, envolvendo outros estados brasileiros, incluindo-se a região Nordeste, onde ainda se percebe certa lentidão na valorização desses acervos, revelando um cenário contraditório quando comparado à realidade brasileira. No caso da Paraíba, há certa tendência à valorização dos arquivos privados pessoais de homens que, de alguma maneira, ocuparam funções públicas como os arquivos dos governadores, sob a custódia da Fundação Casa de José Américo. Entretanto, outras relíquias documentais ficam à margem, a exemplo dos acervos José Simeão Leal¹⁹, Machado Bitencourt²⁰, Humberto Nóbrega²¹, entre tantos outros que sofrem a ausência de uma política pública voltada ao tratamento e à preservação desses acervos como espaços de informação e memória. Ao serem deixados à margem, a sociedade sofre com o silenciamento que o Estado impõe como forma de esquecimento impositivo da memória dos paraibanos.

¹⁹ O Arquivo de José Simeão Leal foi doado, em cartório, ao Estado da Paraíba, em 1996, tornando-se, portanto, um arquivo pessoal de caráter público. Foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Apesar de sua já comprovada importância para a história literária brasileira, o acervo não recebeu o tratamento devido por parte do Estado. Atualmente, encontra-se sob a custódia do NDIHR e sob a tutoria, por Decreto de Governo, da Prof.^a Bernardina Freire.

²⁰ O Acervo Machado Bitencourt, pertence à Sr^a Célia Bitencourt, viúva do produtor. A Sr^a Célia Bitencourt já fez várias tentativas de venda deste acervo ao Estado da Paraíba e, apesar das infrutíferas tentativas, encontra-se armazenado nas dependências da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rêgo, porém, sem estar organizado, de tal forma, que é silenciado para a população.

²¹ A família inicialmente doou o Acervo de Humberto Nóbrega para a UFPB por tratar-se de um ex-reitor. Por questões não divulgadas, a família retirou o acervo da UFPB e o entregou oficialmente ao Centro Universitário de João Pessoa UNIPÊ que construiu um espaço exclusivo para abrigá-lo.

Todavia, na década de 90, emergiu no Brasil, uma lei que trata dos arquivos privados presidenciais. A lei nº 8.394, de 30 de dezembro de 1991, dispõe sobre a preservação, organização e proteção dos acervos documentais privados dos presidentes da República e dá outras providências. Foi na gestão do então presidente da República, Fernando Collor de Melo, que essa lei surgiu, remontando um cenário de valorização da pessoa pública, isto é, de pessoas que exerceram cargos políticos, mas, ao mesmo tempo, trazendo a possibilidade de valorização desse acervo que permite narrar a trajetória dos Presidentes da República, associando às suas contribuições, relações sociais e políticas, cenários vividos em seus mais variados contextos sociais.

Para Duarte e Farias (2005, p.33), nos arquivos privados pessoais, é comum encontrarmos documentos que enaltecem a imagem do titular e de seus pares, permanecendo camuflada a avaliação de seus deslizes, falhas, receios, erros e defeitos. Sobre esse aspecto, reiteramos a ideia de que um acervo privado pessoal pode ser carregado de intencionalidades, principalmente quando vinculados às figuras públicas. Essa ideia converge com o pensamento de Bourdieu (1996).

Nesta perspectiva, os arquivos pessoais constituem-se em territórios de narrativas memorialísticas, capazes de expressar a trajetória de vida de um indivíduo, ou seja, uma escrita de si, possibilitando certo ato confessional, direcionando o caminho pelo qual deseja ser (re)conhecido, ou melhor, representado, como pode-se verificar no capítulo seguinte.



3 A PRESENTIFICAÇÃO DA ESCRITA DE SI: o arquivo pessoal de Políbio Alves

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
(Cícero Antônio, 1996, p.11)*

Iniciamos esse capítulo refletindo sobre a memória que permeia os acervos pessoais. Nesse sentido, pensar em memória não é apenas vinculá-la ao sujeito, mas, sobretudo, aos seus objetos (documentos) preservados para este fim. Assim sendo, remetemo-nos novamente a Pierre Nora, percebendo o arquivo pessoal como lugar que contribui para o estreitamento dos laços entre história, memória e experiência, o que permite a articulação entre passado, presente e futuro. (NORA, 1993).

O Arquivo Privado Pessoal de Políbio Alves é o seu mundo, silenciado e permitido das coisas que ele mesmo confiou à sua própria memória, onde ele deixa seus riscos e rabiscos, rasuras e proposituras, um legado que permite desvelar fatos marcantes de sua história de vida. Assim como afirma D'Araujo (1996, p.189), “A guarda do papel²² escrito é a guarda da vida contida no papel [...] guardam-se [...] o que contém a vida.”

Trabalhar com os arquivos pessoais reflete a capacidade de enunciação de um pensamento, reflexão de uma história de vida, lastros de uma trajetória. Logo, ao analisarmos a documentação que o compõe, deparamo-nos com fontes que permitem compreender as relações estabelecidas entre as representações subjetivas do titular do acervo, além da memória que se estabelece sobre a documentação através do

²² O ‘papel’ a que nos referimos, relaciona-se ao acervo, não implicando apenas nos documentos de papel, mas a qualquer tipologia documental que o compõe. E que nos permite igualmente narrar os seus ‘escritos’, possibilitando acesso às memórias do escritor.

titular. Nesse sentido, trabalhar com o acervo pessoal do escritor Políbio Alves possibilita-nos descortinar dimensões do “vivido” camufladas nas entrelinhas das memórias. Conforme afirma Artiéres (1998, p.31),

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

Políbio Alves reúne, em seu baú de memórias, vestígios de um tempo vivido, e esse tempo é um tecido invisível onde se podem bordar os acontecimentos. Nessa concepção, o tecido do tempo vivido pelo escritor permite-nos ter acesso a um novo tecido, através dos nossos escritos, admitido pelos ditos e não ditos, nas entrelinhas de seu acervo pessoal, refletindo a sua trajetória, pelo viés autobiográfico.

Pensar a autobiografia sob a perspectiva memorialística nos remete à definição: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade”. (LEJEUNE, 2008, p. 14). Assim, tomando por análise as categorias: como retrospectiva, pessoa real, história de vida e personalidade; podemos cotejar princípios norteadores da nossa pesquisa.

Em consonância com Lejeune (2008), os estudiosos Costa e Silva (2011, p.238) relatam: “[...] uma autobiografia não é uma vida. Uma autobiografia é uma reinvenção do vivido.” Dessa feita, a formação do próprio acervo tomado por uma seleção do produtor já representa um pressuposto da construção da escrita autobiográfica. Assim, os documentos acumulados foram selecionados como registro intencional do almejar ‘ser conhecido’, do caminho que deverá ser revelado, mesmo quando se leva em consideração o “estatuto social” (BOURDIEU, 1996) desse mesmo documento.

Para Artiéres (1998), ao selecionarmos a documentação que compõe o acervo pessoal de maneira intencional, estamos realizando uma

Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira

de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte. (ARTIÉRES, 1998, p.32).

Assis (2009) afirma que a intencionalidade é uma das características marcantes na composição do arquivo pessoal. Tal intencionalidade comunga também do caráter íntimo com o seu produtor, revelando-se através da documentação não apenas as funções no contexto público, bem como a sua visão de mundo, o mundo em que ele vive, como ele vive, seus hábitos, sentimentos, preconceitos, opiniões, revelando-se também aspectos da sua personalidade. Assim sendo, os arquivos pessoais se revestem sempre de uma dimensão de pessoalidade, capaz de definir o caráter seletivo e autorreferente de seleção, composição, organização e guarda do acervo. Nesse sentido, ter acesso ao arquivo pessoal é também ter acesso à vida íntima.

Logo, percebemos que, apesar de o acervo pessoal ser dotado, muitas vezes, de um silêncio, à medida que ele é aberto ao público, rompe-se esse silêncio, permitindo a percepção de seu titular como organizador de sua própria história.

A partir da possibilidade de interpretação que nos é dada pelo acesso a essa memória histórica intrínseca nos documentos, construímos um diálogo entre o narrador (pesquisador) e o próprio titular do arquivo. Destarte, romperemos com a lógica de que a autobiografia é um texto produzido exclusivamente pelo próprio autor.

A autobiografia pode revelar-se como a interpretação do narrador na busca do vivido de outrem, uma forma de entrar intimamente na vida do outro, situando-a no tempo e no espaço, dando-lhe seu lugar na história. Desse modo, “a evocação do vivido produz um efeito de emoção e de presença que enriquece nossa experiência imaginária, mas não forçosamente nossa compreensão real do mundo, do outro e de nós mesmos”. (LEJEUNE 2008, p. 184).

Corroborando essa perspectiva, Joviano (2008) discorre sobre a autobiografia, comparando-a com um autorretrato, refletindo-se em imagens capazes de traduzir as identidades que Políbio Alves, neste caso, assume na trajetória de sua vida. Seguindo nesse olhar, remetemo-nos a Bourdieu (2006), destacando que não podemos compreender uma trajetória, sem que tenhamos previamente estabelecidos os estados sucessivos do campo no qual ela se desenvolveu. Nesse sentido, o autor destaca:

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um sujeito cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. (BOURDIER, 2006, p.81).

Nessa conjuntura, as práticas de escrita de si podem revelar os movimentos da vida de um indivíduo e as alterações que ocorrem no tempo e no espaço. Assim, podemos dizer que o indivíduo assume identidades variadas ao longo da vida, possibilitando-nos a fragmentação para uma melhor compreensão de sua trajetória. Podemos, assim, percebê-lo no viés pessoal, profissional, social, cultural, público, entre outros.

Diante desse contexto, devemos ficar atentos para a ilusão de uma linearidade, pois as identidades que o sujeito assume não ocorrem de uma maneira linear nem necessariamente em períodos distintos; ele pode assumir, ao mesmo tempo, as identidades enquanto escritor, filho, irmão, poeta, funcionário público etc. Dessa forma, percebe-se que a figura de Políbio Alves, assim como a de qualquer outro sujeito, está revestida de um aspecto fractal, possibilitando agir identitariamente de maneira múltipla, no sentido de que, como fractal, Políbio “nunca é uma unidade em relação a um agregado, ou um agregado em relação a uma unidade, mas sempre uma entidade cujas relações estão integralmente implicadas”. (WAGNER, 1991, p, 163, tradução nossa)²³.

No decorrer do trabalho, destacaremos algumas das múltiplas identidades assumidas ao longo da trajetória de vida por Políbio Alves, conforme observamos no **Esquema 1**. Diante desse contexto, avultamos o seu papel como amigo, irmão e filho, revelando-o no âmbito **familiar**; escritor, desnudando o seu viés como homem **público**; educador e funcionário público, remontando-o ao contexto **profissional**; sua identidade como **cidadão**, além de destacarmos a sua **relação com a arte**, revelando seus gostos e hábitos.

²³ “Never a unit standing in relation to an aggregate, or an aggregate standing in relation to a unit, but always an entity with relationship integrally implied”. (WAGNER, 1991, p, 163).

Esquema 1 - Múltiplas identidades assumidas por Políbio Alves



Fonte: Elaborado pela autora (2014).

Nesse sentido, o indivíduo moderno se apresenta em múltiplas identidades, e os documentos produzidos ao longo da vida representam os vestígios dessa pluralidade. Refletir a trajetória de vida possibilita experimentarmos “temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico”. (GOMES, 2004, p. 13). Assim, essa multiplicidade que o sujeito assume não ocorre necessariamente em períodos distintos da vida; ela passa a dialogar cotidianamente no transcorrer dessa trajetória.

A escrita de si pode ser percebida como um rastro do movimento social. Ela pode ser construída a partir de experiências vividas que são evocadas, à medida que recuperamos as informações contidas no anonimato dos documentos. Consideramos, então, a funcionalidade desses documentos como fontes confessionais, assinadas e autorizadas por seu produtor, ao permitir sua consulta e interpretação.

“A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é [...] uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso”. (FOUCAULT, 1992, p.133). Nesse sentido, ao analisarmos o arquivo pessoal como escritos de uma trajetória capaz de ser remontada pela escrita de si de seu

produtor, percebemos que os arquivos pessoais não guardam apenas documentos pessoais em seu sentido restrito, mas *lato*. Eles carregam consigo as histórias, as lembranças capazes de serem rememoradas e narradas, pelas diferentes formas de registros de si.

Klinger (2012, p.10) referencia Marconi (2005), relatando sobre a crença de que o traço marcante na ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor, de maneira que se trata de discursos situados entre o real e o ficcional.

De modo que transitaremos nas entrelinhas do real, tomando como norte os acontecimentos vividos, apresentados e representados pelos seus vestígios em forma de documentos, reapresentados como discursos, à medida que o produtor contextualiza a sua relação com a própria seleção dos documentos/objetos que compõem o seu acervo. Assim, ao tomarmos o direcionamento apresentado por Lejeune (1996), estamos assumindo o caráter autobiográfico da pesquisa, pois o autor afirma que o que diferencia a ficção da autobiografia é a relação que existe entre o acontecimento de vida e a sua transcrição no texto. Diante dessa reflexão, o espaço autobiográfico compreende o conjunto de informações que circulam ao redor do produtor, em forma de dados.

Venâncio (2003, p.12) considera os arquivos pessoais, como manifestação possível da memória de seus titulares, trazendo a possibilidade de conhecermos, através deles, o que realmente aconteceu. A autora afirma que, nos arquivos pessoais, os titulares são tomados, simultaneamente, como sujeitos de uma escrita de si, convergindo-se em autores de um registro sobre sua própria história. Políbio Alves, como escritor, escreve, paralelamente, a sua obra literária e a sua trajetória. Assim, a partir da seleção feita pelo produtor, ele assume uma posição seletiva na qual a escolha e a classificação dos acontecimentos irão determinar o sentido que deseja dar à própria vida. (ARTIÈRES, 1998).

Pautando-se nessa seleção feita pelo próprio Políbio Alves, à medida que constrói seu acervo documental pessoal, objetivamos (re)montar o cenário percorrido pelo poeta entre as idas e vindas da vida. Embora esse seja marcado pelas duas faces imateriais de seu eu, a dualidade lembrança e o esquecimento, tomaremos como elo maior o viés da lembrança, que faz guardar e faz lembrar os acontecimentos capazes

de remontar o cenário literocultural e social através de seu acervo pessoal, conforme Lahire (2004) aponta:

[...] de alguma maneira, cada indivíduo é o 'depositário' de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais. (LAHIRE, 2004, p. 10-11).

Reafirmando a nossa percepção quanto à vivacidade do arquivo, recapitulemos Foucault (2008) que observa o arquivo evidenciando-o como um "lugar" distante de ser considerado um depósito sem forma e sem vida. Para ele, o arquivo não é algo fechado, restrito. É um sistema de enunciados, conforme afirma o autor: "São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo." (FOUCAULT, 2008, p.146).

Realizando um paralelo entre a visão do autor com relação ao arquivo e à nossa proposta de pesquisa, percebemos uma aproximação, já que estamos tomando os documentos como unidades confessionais em seus potenciais enunciativos. Logo, como o arquivo é aquilo que pode ser enunciado, que pode ser dito, na visão de Foucault (2005), esses enunciados podem se configurar como acontecimentos e o documento do acervo é um mediador do processo de enunciação.

Nesse contexto:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. (FOUCAULT, 2005, p. 31).

Tomaremos, assim, o acervo pessoal do escritor como forma de enunciar a sua própria vida. Conforme Marques (2012) relata, a formação de um acervo pessoal denuncia tanto um gesto seletivo e classificatório, como a intencionalidade de fazê-lo. Nessa visão, o arquivamento revela-se um movimento duplo, pelo qual são arquivados, paralelamente, os arquivos documentais, como forma de constituir o arquivo pessoal, além de possibilitar o arquivamento de si próprio.

Ou seja, ele monta a imagem de si, preservando a memória de sua formação intelectual, de relações afetivas e profissionais. Estamos assim diante de práticas de arquivamento do eu que trazem uma intenção autobiográfica, um movimento de subjetivação. (MARQUES, 2012, p.73).

Diante disso, Oliveira (2009, p.44-45) analisa “o acumulador de seus papéis, uma espécie de autor de si mesmo, pois ao acumular documentos, também elimina outros, deixando um itinerário pelo qual gostaria de ser reconhecido ou visto.” Nesse sentido, a autora afirma:

[...] reconstituir uma autobiografia, em um arquivo privado pessoal, é, muitas vezes, tornar visível o invisível, constituir como objeto de conhecimento uma espécie do outro absoluto, um trabalho cujo mérito consiste em neutralizar a própria intervenção dos lapsos temporais, observando as pretensões dos ditos construindo a escrita de si, inicialmente através de um olhar etnológico, aqui entendido como um olhar que busca reconstruir as memórias daquilo que ainda não foi expresso pela escrita, mas que jaz materializado em seus mais variados suportes, nostalgicamente à espera do interpretante. (OLIVEIRA, 2009, p.45).

Diante desse contexto, como interpretante do arquivo pessoal do escritor Políbio Alves, partiremos para o próximo capítulo objetivando trazê-lo em uma visão macro para posteriormente, trabalharmos em seus acúmenes. Assim, iniciaremos abrindo as portas de seus armários e remexendo as suas gavetas na intenção de descobrir esse tesouro capaz de enunciar os rastros e vestígios do escritor.

3.1 REMEXENDO OS DOCUMENTOS: acessando informações

Ao pensar o arquivo pessoal como fonte autobiográfica, Oliveira (2009) relata que a própria acumulação e seleção documental, para compor o arquivo, trazem uma carga de intencionalidade capaz de tornar “imortal” a história de vida do sujeito. Além disso, a documentação funciona como fonte confessional de seu titular, ao permitir a sua consulta e interpretação, através da assinatura e/ou autorização deste.

Nesse sentido, seguimos no intuito de descortinar os labirintos do acervo pessoal de Políbio Alves. Fomos, a convite do escritor, conhecer seu significativo acervo, tendo em vista que os documentos que o compõem refletem os vestígios da

sua vida, resquícios de fatos vividos, habitando até então em um refúgio de intimidades, presentes no anonimato, ao considerarmos o ineditismo deste acervo ao público. Ao debruçar-se sobre seus meandros, na tentativa de construir a trajetória de vida do escritor, seu arquivo pessoal deixará de ser um lugar secreto, passando a assumir um caráter público, uma vez que está sendo tomado no viés autobiográfico, possibilitando-se remontar ao público, emoções, fatos vividos, amores, dores, sabores e dissabores, enfim, a singularidade de sua trajetória.

O acervo pessoal do escritor encontra-se no seu cotidiano, situando-se na própria residência de Políbio, localizado no município de Cabedelo (PB), a 18 km da capital paraibana. Fomos muito bem recebidos em seu domicílio, que posso descrever como um lugar mágico, recheado de objetos pessoais, coleções religiosas, diversas telas, esculturas, fotografias, enfim, um acervo documental, dotado de cor, forma, cheiro e textura. Podemos dizer, então, que deparamo-nos com um turbilhão de fontes de informação que carregam consigo o contexto memorial, vinculado através do próprio titular.

Passemos a percebê-lo como espaço confessional, ativo, vivo, capaz de desvelar informações que remontam ao traçado autobiográfico do escritor. Pois, construir a trajetória de vida de Políbio Alves através desse acervo é, antes de tudo, uma forma de enunciar a sua vida, o seu legado para a cultura paraibana no viés literário; é permitir sua representação, seu reconhecimento, testemunho vivo de sua atuação literária, social e cultural, não apenas na Paraíba, mas no Brasil, como também no exterior.

Dessa forma, recordemos a diplomática revisitada pela arquivística, que Rodrigues (2008, p.12) relata encontrar na identificação arquivística um novo espaço para o debate científico em torno do documento de arquivo.

Porém Baumann (2011) afirma que ainda há uma resistência dos próprios profissionais arquivistas em reconhecer a diplomática em sua relação com a arquivística, permanecendo, muitas vezes, uma visão retrógrada de que a diplomática restringe-se apenas à autenticidade. No entanto, a tipologia documental estreitou o seu vínculo com a diplomática, no escopo da arquivística.

Sobre esse aspecto, Rodrigues (2008) acrescenta:

A diplomática contribui ao estudo de conjuntos documentais em sua totalidade e sua aplicação revela os elementos que caracterizam os documentos, registrando essas informações em instrumentos específicos, como condição e fundamento para o desenvolvimento das funções arquivísticas, tais como: o planejamento da produção, avaliação, classificação e descrição. (RODRIGUES, 2008, p.32).

No presente estudo, não nos atemos a questões em torno da organização do acervo, buscamos compreender as informações que permeiam os documentos, na sua relação com o produtor e com o meio. Nessa perspectiva, recordemos Bellotto (2014), quando acredita que, na moderna arquivística, o verdadeiro sentido de abordagem técnica dos documentos deve ser o de compreender o conjunto genético do acervo documental, nos variados fluxos.

Nesse contexto, a diplomática e análise documental são métodos investigativos. Ambos propõem-se ao estudo de sua totalidade de gênese, tipo, autor e contexto de criação. Dessa forma, para compreendermos a relação dos documentos com o produtor, é importante também compreendermos as tipologias documentais e, nesse caso, a primeira compreensão se deu sob o ponto de vista da diplomática, o que, de certa maneira, viabilizou a nossa concepção sobre as informações imersas nessa documentação.

No primeiro momento, procuramos compreender a lógica do acervo composto basicamente por cinco gêneros documentais²⁴: textual, bibliográfico, iconográfico, filmográfico e objetos tridimensionais. Observemos, no **Quadro 1**, o panorama do espólio²⁵ de Políbio Alves, quanto ao gênero e à espécie que o compõe:

Quadro 1 - Panorama dos Gêneros e Espécies Documentais do Arquivo pessoal de Políbio Alves

GÊNERO	ESPÉCIE
Textual	Certificado
	Diploma
	Manuscritos
	Ementas
	Título
	Recortes de jornais

²⁴ Para classificação da documentação, consideramos como indicativo teórico a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), que considera como gêneros documentais aqueles que se identificam como: bibliográfico; cartográfico; eletrônico; filmográfico; iconográfico; microográfico; sonoro e tridimensional.

²⁵ Termo adotado por Duarte e Farias (2005), com relação ao acervo documental que compõe o arquivo.

Bibliográfico	Folhetos
	Livros
	Revistas
Filmográfico	Filmes VHS
	Filmes DVDs
Iconográfico	Desenho
	Cartaz
	Caricatura
	Fotografia
Tridimensional	Troféus
	Esculturas
	Objetos pessoais
	Quadros
	Medalhas

Fonte: Dados da pesquisa.

Para melhor analisar o **Quadro 1**, consideramos pertinente rever alguns conceitos que permeiam os documentos arquivísticos, assim, revisitamos primeiramente conceitos que são importantes para essa compreensão.

Com relação ao **Gênero**, tomamos como escopo teórico o conceito trazido pelo dicionário de terminologia arquivística. Nessa visão, gênero documental é:

Reunião de espécies documentais que se assemelham por seus caracteres essenciais, particularmente o suporte e o formato, e que exigem processamento técnico específico e, por vezes, mediação técnica para acesso, como documentos audiovisuais, documentos bibliográficos, documentos cartográficos, documentos eletrônicos, documentos filmográficos, documentos iconográficos, documentos microográficos, documentos textuais. (DICIONÁRIO, 1996).

É interessante atentarmos para o fato de que uma dada informação pode apresentar-se, simultaneamente, em dois ou mais suportes, comportando dois ou mais gêneros documentais. Assim, por exemplo, uma fotografia pode apresentar-se como gênero iconográfico e também eletrônico.

Com relação à **Espécie documental**, esta corresponde à configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas. O **Formato**, por sua vez, relaciona-se à configuração física de um suporte de acordo com a sua natureza e o modo como foi gerado. Enquanto o **Tipo documental** é a configuração que assume uma espécie documental de acordo com a

atividade que a gerou. (DICIONÁRIO, 2006). Bellotto (2006) acrescenta, ao considerar que o tipo documental é a espécie não mais como 'fórmula' e, sim, atrelada à atividade que o gerou.

Para melhor visualizarmos, apresentaremos um panorama inicial do acervo de Políbio Alves, de acordo com os gêneros documentais que o compõem, relacionando-os às respectivas espécies e tipos documentais.

- Gênero Textual:

Considerando o acervo de Políbio Alves com relação ao **gênero textual**, observamos, entre a documentação, certificados, diplomas, manuscritos que estão relacionados à sua escrita, ementas de cursos, recortes de jornais e títulos, conforme observamos no **Quadro 1**.

Com relação às espécies do gênero textual, encontramos no acervo de Políbio Alves, aproximadamente²⁶ cerca de quarenta **certificados**, trinta e cinco **diplomas**, sete cadernos com **manuscritos** de suas obras, dois metros lineares de documentos manuscritos com conteúdos variados, porém, relacionados à sua produção literária; dez **ementas** de cursos ministrados no Brasil e no exterior sobre suas obras, dez **títulos** que trazem o reconhecimento de seus trabalhos, bem como títulos referentes ao reconhecimento de Políbio Alves como cidadão de Guanabara, Cidadão Cabedelense, entre outros; além de 500 **recortes de jornais**. Tais recortes são acumulados desde o ano de 1999; até então, o poeta relata que não tinha despertado para as preciosidades memorialísticas que os jornais traziam sobre sua vida, seu legado. Assim, “enquanto retalhos da memória”, os recortes de jornais possibilitam escrever uma narrativa, ainda que não linear, se tratando de “um processo de seleção do que lembrar para compor o mosaico de si”. (ASSIS; 2009, p. 131). O referido autor refere-se a esse processo como um dizer de si, tendo raízes autobiográficas.

Quanto aos tipos documentais, entre os certificados, destacamos certificado de conclusão de curso, certificados de destaque e certificados de reconhecimento de Políbio Alves como escritor. Entre os certificados de reconhecimento de Políbio Alves

²⁶ Por tratar-se de um fundo aberto, não consideramos pertinente trazer um número exato, tendo em vista que a acumulação por parte do produtor ainda está ativa, podendo-se acrescentar ou eliminar-se, a qualquer momento, documentos em seu acervo.

como escritor, observamos, na **Figura 1**, o certificado de escritor apaixonado, que Políbio Alves recebeu como homenagem à sua contribuição literária, no dia 30 de abril de 2014 na Escola Senhor do Bonfim, localizada na cidade de Bayeux (PB). Na oportunidade o escritor recebeu o certificado da turma do 6º ano do Ensino Fundamental e conversou sobre a sua obra *Varadouro* com os alunos em sala de aula.

Figura 1 - Certificado de escritor apaixonado.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves.

Com relação aos diplomas, encontramos, em seu acervo, diplomas de posses relacionados ao seu desempenho também como funcionário público federal, diploma de curso, além de diplomas de menção honrosa e de reconhecimento pela contribuição para cultura e literatura na Paraíba, como é o caso do diploma recebido pelo escritor Políbio Alves, no dia 27 de maio de 2008, da Câmara Municipal de João Pessoa, outorgando-lhe a comenda cultural Ariano Suassuna, pela sua contribuição na área de literatura (**Figura 2**).

Quanto às ementas que compõem o acervo, observamos que, em sua maioria, são de cursos e/ou disciplinas ministrados pela professora Doutora Roselis Batista Ralle, na Universidade de Reims Champagne-Ardenne, na França. A professora ministra uma disciplina na qual estuda as obras de Políbio Alves, no curso de Letras Neolatinas da referida Universidade. Observemos, na **Figura 4**, a ementa de um dos cursos ministrados pela professora Roselis Batista, no ano de 2010, que traz em sua bibliografia, autores brasileiros como Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Políbio Alves e Irene Dias Cavalcanti.

Figura 4 - Ementa do curso de letras latino americana.

ELES 282 Formation des langues du monde hispanique B			
- Amérique Latine	CM	2h	M. DAVO
- Langue médiévale	CM	2h	Mme DUMORA
OU			
- Amérique Latine	CM	2h	M. DAVO
- Langue Catalane	CM	1h	M. TRENC
- Langue Catalane	TD	1h	Mme CHATY
OU			
- Amérique Latine	CM	2h	M. DAVO
- Langue portugaise	TD	2h	Mme BATISTA

PROGRAMME langue portugaise :
Introduction à la littérature contemporaine (XXe siècle) portugaise et brésilienne. Mme Roselis BATISTA.

Objectif du cours :

1. Présenter un bref panorama de la littérature portugaise (3 auteurs, fragments) et de la littérature brésilienne (4 auteurs).
2. Renforcer les acquis grammaticaux des étudiants à partir de la révision morphologique et syntaxique de la langue à partir des extraits des écrivains et poètes portugais et brésiliens.
3. Étude du nouveau vocabulaire des textes : entraînement à la formation des petits champs lexicaux (par exemple : vermelho, rubro, coral, chama, sangue etc...)

Observations : il y aura des cours appuyés par des documentaires.

Bibliographie :
José SARAMAGO
Alfonsina Bessa LUIS
Antonio LOBO ANTUNES

Brasil (extraits de) : Manuel BANDEIRA
Carlos DRUMMOND DE ANDRADE
Políbio ALVES*
Irene DIAS CAVALCANTI

**Le poète Políbio ALVES a été traduit à l'espagnol à Cuba. Le texte étudié sera présenté en espagnol et en portugais car on utilisera les connaissances de l'espagnol des étudiants dans un travail d'analyse comparée du point de vue linguistique.*

Fonte: Arquivo pessoal de Políbio Alves.

Com relação aos títulos recebidos pelo escritor ao longo de sua trajetória, percebemos que alguns deles trazem a titulação de cidadão da cidade ou do estado. Entre os que compõem o acervo pessoal de Políbio, observamos em uma moldura de vidro na parede de seu escritório, o Título de Cidadão do estado da Guanabara²⁷ conferido à Políbio, pela Assembleia Legislativa do Estado de Guanabara, em 23 de Outubro de 1974 (**Figura 5**).

²⁷A Guanabara foi um Estado do Brasil de 1960 a 1975, atual Rio de Janeiro. Em sua área, esteve localizado o antigo Distrito Federal do país (1891-1960).

Figura 5 - Título de cidadão da Guanabara.



Fonte: Arquivo pessoal de Políbio Alves

Os recortes de jornais que compõem o acervo encontram-se organizados, por ordem cronológica, separados de acordo com os anos de sua publicação. Neles, as informações retratam mais fortemente o cenário literário de Políbio Alves. Na composição desse acervo, observamos matérias publicadas em jornais do estado da Paraíba, entre eles: *Jornal Correio*, *Jornal da Paraíba*, *Jornal O Norte* e *Jornal da União*. A **Figura 6** traz um dos recortes de jornais, que compõem o arquivo do escritor, este, foi publicado no *Jornal da Paraíba* em 26 de Junho de 2014, caderno 2, *Vida e arte*, tendo como título: *Sarau celebra Políbio Alves em Campina Grande*. Esta matéria anuncia o lançamento do livro de Políbio Alves, *Objetos Indomáveis*, bem como a realização de um recital lítero-musical, no Museu Assis Chateaubriand (MAC), na cidade de Campina Grande no Estado da Paraíba.

Figura 6 - Matéria publicada no Jornal da Paraíba.



Fonte: Arquivo pessoal de Políbio Alves

- Gênero Bibliográfico:

Quanto ao gênero bibliográfico, observamos com relação às espécies contidas no acervo do escritor Políbio Alves: **livros, folhetos e revistas**. As revistas, em sua maioria, contêm reportagens sobre a vida e obra do escritor.

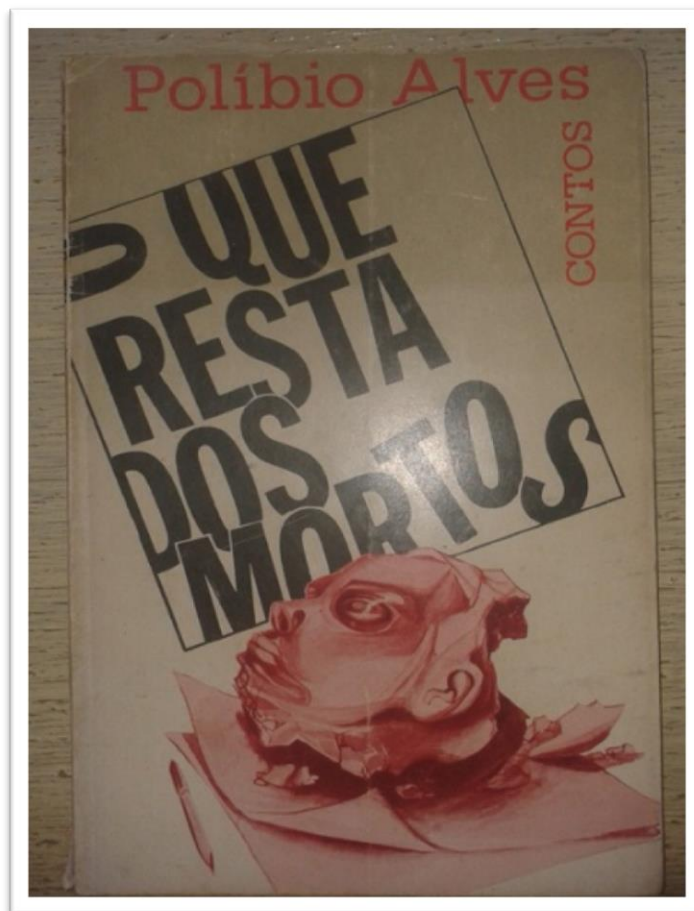
Quando os arquivos são de propriedade dos chamados “homens de letras”, ou como o próprio Políbio Alves é intitulado, um “operário da palavra”, muitas vezes guardam, também, uma coleção de livros, uma biblioteca privada que, assim como

outros documentos, podem indicar aspectos importantes da formação e atuação profissional, além de seus gostos e hábitos.

Com relação à espécie documental, livros, podemos percebê-los em dois tipos: livros de sua autoria e livros de sua biblioteca pessoal. Quanto à biblioteca pessoal, esta consta de aproximadamente 1500 livros. Os livros referentes à sua produção literária totalizam 50 unidades, percebendo-se em seu acervo, múltiplos exemplares. Nesse sentido, destacamos a produção literária do referido escritor que, ao longo de sua carreira, publicou seis obras. São elas:

- *O que resta dos mortos* - livro de contos publicado em sua primeira edição, pela editora A União, no ano de 1983, João Pessoa, Paraíba (**Figura 7**). E em sua segunda edição intitulada: *Lo que queda de los muertos*, pela editora Arte y Literatura, no ano de 1998, La Havana-Cuba.
- *Varadouro* - livro de poesia, publicado em 1989, pela Almeida Gráfica, João Pessoa-PB. Em sua segunda edição, esse livro foi lançado em Cuba intitulado: *Varadouro - nacimiento de una ciudad*, pela editora Arte y Literatura, no ano de 1998. A sua terceira edição foi em 2003, pela Editora Universitária/UFPB. E a quarta edição em 2011, também pela Editora Universitária/UFPB.
- *Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha* - livro de poesia, lançado pela editora Ideia, João Pessoa-PB, no ano de 1991. Sua segunda edição foi em uma versão na língua inglesa intitulado: *Emotional Training- creations & traps*, lançado no ano de 2003, pela editora A União, João Pessoa-PB.
- *Passagem Branca*- livro de poesia, lançado em 2005, pela editora Dinâmica, João Pessoa -PB.
- *Os Objetos Indomáveis* - livro de poesia, lançado em 2013, pela editora Mídia Gráfica, João Pessoa-PB.
- *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer*- livro de contos, lançado em 2014, pela FUNESC, João Pessoa-PB.

Figura 7 - Primeiro livro publicado pelo escritor Políbio Alves.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves.

Além dessas obras, Políbio Alves publicou poemas e contos no *Correio das Artes* e no Jornal “A União”, João Pessoa-PB. Foi também editor de textos da revista *Presença Literária*, de 1983 a 1985.

Quanto à espécie documental, folhetos que compõem o arquivo pessoal de Políbio Alves, percebemos dois tipos: folhetos sobre suas publicações e folhetos de cursos ministrados sobre suas obras. Nesse sentido, na **Figura 8**, observamos um folheto referente ao curso de extensão, intitulado: *Tendências e dilemas atuais da política, da cultura e dos estudos de linguagem*, ministrado pela professora Doutora em letras Roselis Batista Ralle, em junho de 2013, no centro de pós-graduação e extensão da faculdade de Direito da Alta Paulista, na cidade de Tupã (SP). Tendo entre outras temáticas, o estudo da literatura em tempos pragmáticos e a força da literatura dos “menos favorecidos”, destacando autores como: Mia Couto, Luís Cardoso e Políbio Alves.

- Gênero Filmográfico:

O referido escritor, atento ao registro da memória, sempre se preocupou em registrar, através da filmagem os lançamentos de seus livros, as participações em eventos, homenagens, entre outros. Diante desse panorama, deparamo-nos com cerca de 150 vídeos em VHS e 297 vídeos em DVDs. Chamou-nos atenção para a quantidade de DVDs com registros do Ano Cultural²⁸, em 2011, no qual o poeta foi homenageado. Cerca de 100 unidades de DVDs estavam relacionadas ao registro das homenagens que ocorreram ao longo do ano de 2011.

Nesse sentido, ilustramos nas **Figuras 10 e 11**, exemplos dos registros documentais fílmicos que compõem o acervo do escritor.

Figura10 -Fitas VHS



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 11 - DVD's.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

²⁸ O projeto Ano Cultural foi um projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), por meio da Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC), nas escolas da rede municipal. O projeto teve início em 2007 homenageando personalidades paraibanas que se destacam no cenário cultural brasileiro, o primeiro instituído foi o Ano Cultural Ariano Suassuna, em 2007; em 2008, o Ano Cultural José Lins do Rego; em 2009, o Ano Cultural Sérgio de Castro Pinto; em 2010 o Ano Cultural Zé Ramalho, em 2011 o Ano Cultural **Políbio Alves** e Zezita Mattos, uma homenagem ao poeta e contista paraibano, e à atriz paraibana. Em 2012, foi homenageado o paraibano Herbert Vianna. Em 2013, em dose dupla, o projeto homenageou as artistas, Cátia de França e Elba Ramalho. Porém, em 2014, o projeto Ano Cultural, foi extinto a nível municipal, e a proposta pedagógica, deste projeto foi retomada, pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, homenageando em 2014, nas Escolas Estaduais da Paraíba, o poeta Augusto dos Anjos.

- Gênero Iconográfico:

Partindo para o gênero iconográfico, deparamo-nos com os documentos compostos por imagens. Na composição de um acervo pessoal, as imagens vão, conseqüentemente, ganhando dimensões, alcançando mais que as palavras, refletindo-se em sentimentos, identificações, aguçando a imaginação e evocando memórias.

Como afirma Aumont (2004), a imagem permite captar o tempo para restituí-lo ao espectador. Esse, por sua vez, carregado de sentimentos a descortina, agregando à imagem os seus significados. Nesse contexto, Bassalo e Weller (2011) destacam que existem diferentes formas de utilizá-la, podendo a imagem ser usada como documento da concepção de mundo do produtor, como técnica de documentação de uma sociedade e como meio de informar uma concepção de mundo. Assim, as imagens que compõem o acervo do escritor Políbio Alves serão utilizadas em nossa pesquisa nas três concepções.

No acervo do escritor, deparamo-nos com desenhos feitos por artistas que o presentearam. Assim, observemos, na **Figura 12**, um desenho feito pelo artista paraibano David, no ano de 1997. Destacamos também, em seu acervo, os desenhos, feitos por crianças que participaram com Políbio Alves do Ano Cultural, em 2011, como forma de homenageá-lo.

Em relação aos cartazes, estes trazem, em sua maioria, informações sobre eventos relacionados à literatura, conforme observamos na **Figura 13**, cartaz que divulga o Sarau: Celebra Políbio Alves em Campina Grande, divulgando o lançamento do livro *Objetos Indomáveis*, bem como um recital de Poesia no Museu Assis Chateaubriand (MAC), na cidade de Campina Grande (PB).

Figura 12 - Políbio Alves desenhado, pelas mãos do artista David.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves.

Figura 13 - Cartaz de divulgação de lançamento do livro *Os Objetos Indomáveis*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves.

Destacamos também em seu acervo, algumas caricaturas feitas em homenagem ao escritor. Com respeito, Políbio Alves as guarda, e narra a história de cada uma delas. Como testemunho desse sentimento de valor ao outro, a **Figura 14** retrata uma caricatura de Políbio Alves, feita por uma criança de 12 anos em Cuba. O escritor relata que estava em uma praça na cidade de Havana no ano de 2002, quando a criança se aproximou e pediu-lhe para desenhá-lo. Ao concluir a caricatura, o garoto entregou-a para Políbio, que a guarda como uma das lembranças daquela passagem em Cuba.

Figura 14 - Caricatura de Políbio Alves.



Fonte: Arquivo pessoal de Políbio Alves.

Já as fotografias, essas podem ser consideradas como um recorte do real, percebido no fluxo do tempo, no congelamento de um instante através de uma imagem, o que permite a separação da sucessão dos acontecimentos. Deve-se, também, considerar o fato de a fotografia ser um fragmento escolhido para ser registrado, através da seleção de um tema, dos sujeitos, dos objetos, do enquadramento, do sentido, do foco, da luminosidade, do formato e do equipamento (MANINE, 2002). E essa seleção possibilita a rememoração permitida pela expressão de seu contexto, através de uma linguagem não verbal. Bassalo e Weller (2011) referenciam Kendall (1984), relatando que, diferente da pintura, a fotografia é sempre uma imagem de algo que está posto na realidade, ou seja, ela existe. Assim, a fotografia proporciona a visão de um detalhe ou detalhes de algo, possibilitando acessar visualmente o passado.

Nessa perspectiva, tomemos a **Fotografia 1** do acervo de Políbio Alves, onde esta registra a abertura do ano cultural de 2011, que ocorreu na Estação Ciência na Cidade de João Pessoa-PB. Nela, Políbio encontra-se ladeado pela então secretária de educação da cidade de João Pessoa, Ariane Norma de Menezes Sá e pelo poeta Lau Siqueira, na ocasião, presidente da Fundação Espaço Cultural, da cidade de João Pessoa (PB), atualmente Secretário de Cultura do Estado da Paraíba.

Fotografia 1 - Registro da Abertura do ano cultural em 2011



Fonte: Arquivo pessoal de Políbio Alves.

- Gênero Tridimensional

Com relação aos documentos tridimensionais, é necessário atentarmos para a sua natureza simbólica, haja vista que este gênero documental nem sempre apresenta metadados, passando a ser considerado mais o valor do testemunho.

Para Camargo e Goulart (2007), o documento tridimensional, em sua relação com o arquivo, pode ser compreendido no contexto funcional. Assim, elas afirmam:

Entende-se por documentação tridimensional aquela formada por objetos ou artefatos cuja funcionalidade de origem é, na sua maioria, alheia ao caráter probatório e referencial que assumem *a posteriori*, sobretudo, por sua natureza simbólica, em relação aos demais componentes de arquivo. A manutenção do estatuto documental dos objetos depende, por isso mesmo, do contexto em que foram produzidos ou acumulados. (CAMARGO; GOULAR, 2007, p.106).

O objeto acumulado, desse modo, pode ser ressignificado, a partir das memórias a ele agregadas, pois, por estarem impregnados de memória, eles falam de lugares, de pessoas e da experiência vivida, enfim, tornam-se documentos. (ASSIS, 2009, p.135).

Nesse sentido, os objetos tridimensionais podem ser compreendidos, como documentos arquivísticos desde que tenham sido produzidos no decorrer de alguma função inerente à vida do titular e tenham sido preservados como prova de tal atividade. (LOPEZ, 2003).

Percebemos, então, na composição do acervo tridimensional do escritor Políbio Alves, muitos prêmios simbolizados por esculturas, troféus, comendas, medalhas, honrarias, imagens religiosas, revelando o gosto pela arte e pela religiosidade, quadros, esculturas de artistas, algumas feitas em sua homenagem. Enfim, um universo documental, capaz de fazer emergir informações sobre sua vida, seus gostos e hábitos, confluindo para o reflexo de sua trajetória. No acervo de Políbio Alves, há a presença de um objeto marcado pela memória e pelo sentimento do escritor, a máquina de escrever (**Figura 15**), na qual ele viu nascerem os seus primeiros poemas publicados, os primeiros livros, seus primeiros passos na literatura.

Figura 15 - Primeira máquina de escrever de Políbio Alves.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves.

Compreendemos o acervo pessoal de Políbio Alves como “coleção de si”, conforme a visão de Ribeiro (1998), que afirma ser um “meio mais direto de preservar-se”. Isso se deve ao desejo de eternizar-se, possibilitando a construção e perpetuação de suas várias identidades. Assim, o acervo do escritor guarda, além da documentação pessoal, as histórias nele incutidas, documentos produzidos e/ou recebidos com a marca de seu produtor, permitindo-os, de acordo com afirmação de Gomes (1998):

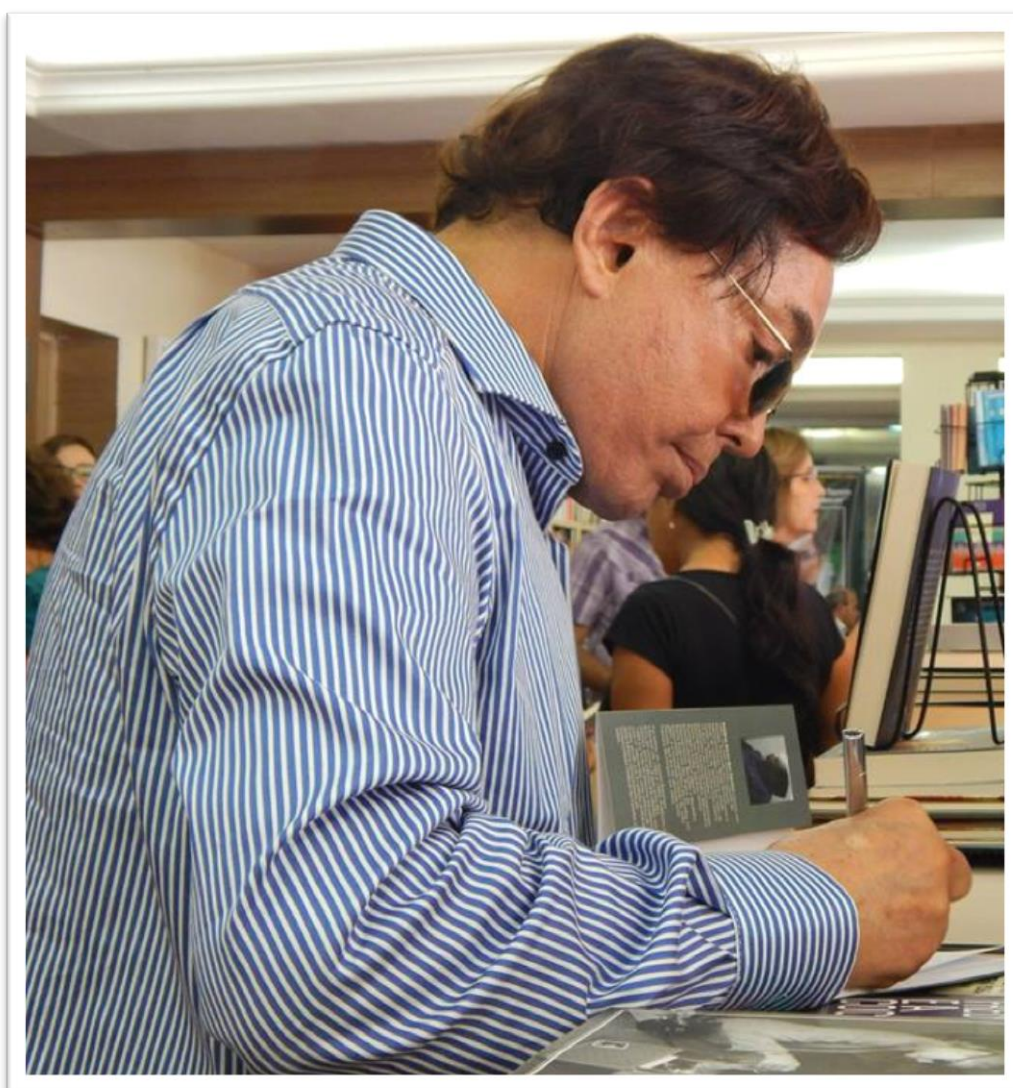
[...] uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles "nossos" atores aparecem de forma fantásticamente "real" e "sem disfarces". [...] podemos passar a conhecê-los na "intimidade" de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos. (GOMES, 1998. p. 126).

Nesse sentido, o próximo capítulo foi organizado com vistas a trazer à tona a trajetória do escritor, por meio de seu acervo e através de depoimentos orais. Isso possibilita uma aproximação com os modos de construção de si nos papéis assumidos pelo escritor, ao longo da vida, percebendo a imagem que ele constrói dele mesmo. Sobre essa ideia, Pollak (1992), afirma:

[...] a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também

para ser percebida como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.204).

Seguiremos desnudando as informações que permeiam o arquivo pessoal de Políbio Alves, descortinando o escritor e seu mundo.



Fotografia: Pedro Júnior

**DESVENDANDO O TRAÇADO AUTOBIOGRÁFICO:
vestígios da memória polibiana**



4 DESVENDANDO O TRAÇADO AUTOBIOGRÁFICO: vestígios da memória polibiana

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constitui, um 'corpo'. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim- segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada - como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua, a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em força de sangue. (FOUCAULT, 2004, p.152).

Foi a partir dessa força de sangue que as narrativas deste capítulo foram construídas, alicerçadas sobre dois pilares: as informações que permeiam os documentos do acervo pessoal do escritor, bem como o estofado da história oral como método. Percebem-se, através das narrativas do próprio escritor, como também de pessoas de seu convívio, relatos de acontecimentos, conjunturas, modos de viver, enfim, discursos que nos permitem compreender o que se passou, trazendo uma vivacidade agregada aos documentos pessoais pertencentes ao referido acervo.

Diante do exposto, a autobiografia pode se revelar como a interpretação do narrador na busca do vivido de outrem, uma forma de entrar intimamente na vida do outro, situando-a no tempo e no espaço, dando-lhe seu lugar na história, informação que provém de diferenciadas fontes. Lejeune (2008, p. 184) afirma que: “a evocação do vivido produz um efeito de emoção e de presença que enriquece nossa experiência imaginária, mas não forçosamente nossa compreensão real do mundo, do outro e de nós mesmos”.

Nessa perspectiva, objetivando uma aproximação entre as memórias materializadas nos documentos (objetos) e as histórias contadas no fio da relação de Políbio Alves com o seu próprio acervo, bem como através dos relatos orais de pessoas do seu convívio, achamos pertinente, antes de realizarmos a interseção

dessas duas linhas tênues, relatarmos de maneira dissociadas esses dois grandes suportes memorialísticos, fundamentais para a construção de seu traçado biográfico. Assim, a seguir, explanaremos sobre o arcabouço material, mas não silencioso, que compõem o acervo do arquivo pessoal de Políbio Alves. E posteriormente, entraremos, na compreensão das narrativas orais, que se fundem ao meio material, possibilitando a construção autobiográfica do escritor.

4.1 ARQUEOLOGIA POLIBIANA: ouvindo os ruídos dos objetos²⁹

Azevedo Netto (2005) afirma que objetos estabelecem relações estreitas com os fenômenos memoriais e indenitários. Nesse sentido, os documentos que fazem parte do arquivo pessoal de Políbio Alves podem ser percebidos como ponte entre o produtor/titular e suas próprias memórias, bem como trazem a capacidade de subsidiar também a percepção das múltiplas identidades que o escritor assume ao longo da vida.

Azevedo Netto, José Mauro Loureiro, Maria Lúcia Loureiro (2013) referenciam Radley (1990), destacando o interesse do referido autor pelo papel do mundo material nos estudos sobre memória, quando ressalta o caráter duradouro e constante dos objetos, enfatizando a possibilidade de evocação dos contextos nos quais estavam/estão inseridos, possibilitando, assim, a rememoração do próprio sujeito e consequente ressignificação dessas memórias através do objeto.

Nesse sentido, mantendo o nosso olhar sobre os objetos como materiais de memória, buscamos perceber a importância deles, através de seu potencial simbólico, percebendo-os como algo “vivo”, ativo, capaz de trazer à tona os ruídos que possibilitam a narrativa de sua relação com o produtor e que enfatizando sua importância como registros operacionais de significados simbólicos, e não como universos inertes e destituídos de vida, bem como a relação dos próprios objetos entre si.

²⁹ O termo objeto está relacionado aos documentos que compõem o acervo do escritor, incluindo, todo contexto de sua residência, local este, no qual à sua maneira, o escritor organiza as suas memórias, materializadas por seu acervo pessoal.

Os homens imprimem suas marcas nos objetos que são vestígios da ação humana, sendo capazes de aportar memórias que permeiam informações através de mensagens neles incutidas. Tais mensagens podem ser permanentes ou transitórias, intencionais ou involuntárias. (AZEVEDO NETTO; LOUREIRO, J.; LOUREIRO, M., 2013).

Considerando o caráter intencional e a dimensão de pessoalidade, na seleção e formação de um arquivo pessoal, ponderamos que, na maioria das vezes, os documentos aqui tomados enquanto artefatos (objetos) vinculam a intenção de guarda entrelaçada à memória de seu produtor, bem como de outros atores envolvidos na relação de sua existência.

Ao considerarmos os objetos do acervo de Políbio e os possíveis ruídos produzidos por eles, que se relacionam a histórias neles incutidas, buscamos revelar fatos e traços da história de vida do produtor. Assim, optamos por considerar o olhar arqueológico, analisando primeiramente como se dá a organização desses objetos na distribuição dos cômodos e quais os traços que eles são capazes de revelar.

Visitamos pela primeira vez o acervo pessoal de Políbio Alves, localizado em seu domicílio, na cidade de Cabelo (PB), em uma tarde ensolarada de dezembro de 2012. Retomando o cenário de seu acervo pessoal, percebemos, no primeiro momento, o gosto pela arte, pela decoração rústica, por objetos religiosos. Nas paredes do rol, já se vê uma ligação do poeta-escritor com as cores, com as imagens, com o imaginário, envolvendo a interioridade e a contemplação, desencadeando a atribuição de significados que carregam consigo as potencialidades cognitivas.

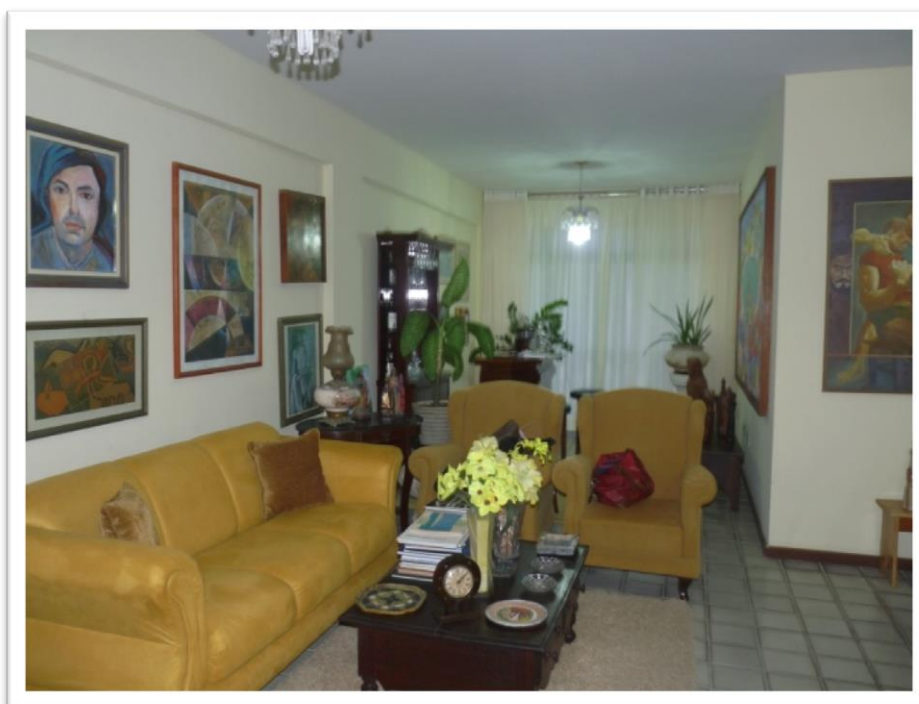
Cada imagem presente em sua sala de estar carrega consigo ideias, pensamentos, visões, informações, memórias e significados, mantêm uma relação com Políbio, trazendo narrativas de como chegou ali, por que estão ali. São contextos que permitem narrar também a história de seu titular.

Conforme Puccetti (2005) relata, as obras de arte podem ser vistas como uma representação simbólica do mundo interior e exterior. Sob esse olhar, a arte se constitui num sistema de representações que envolvem processos psicológicos e intelectuais, propiciando o desvelar da cultura e o acesso a ela, um modo de saber e de construir conhecimento. Nesse sentido, a autora afirma que a arte transita entre o

racional e o sensível e, desse modo, propicia o desenvolvimento da percepção favorecendo o relacionamento com outras áreas do saber. Dessa forma, podemos perceber a arte como uma das molas propulsoras do desempenho brilhante e único das histórias e poesias criadas pelo poeta Políbio Alves. Isto porque o fazer artístico implica numa série ordenada de processos mentais, que ligam a criatividade e o conhecimento como processos indissociáveis. (PUC CETI, 2005). As **fotografias 2 e 3** revelam um pouco desse universo mágico, desses objetos convidativos à imaginação e à memória, pois carregam consigo a própria história de Políbio Alves.

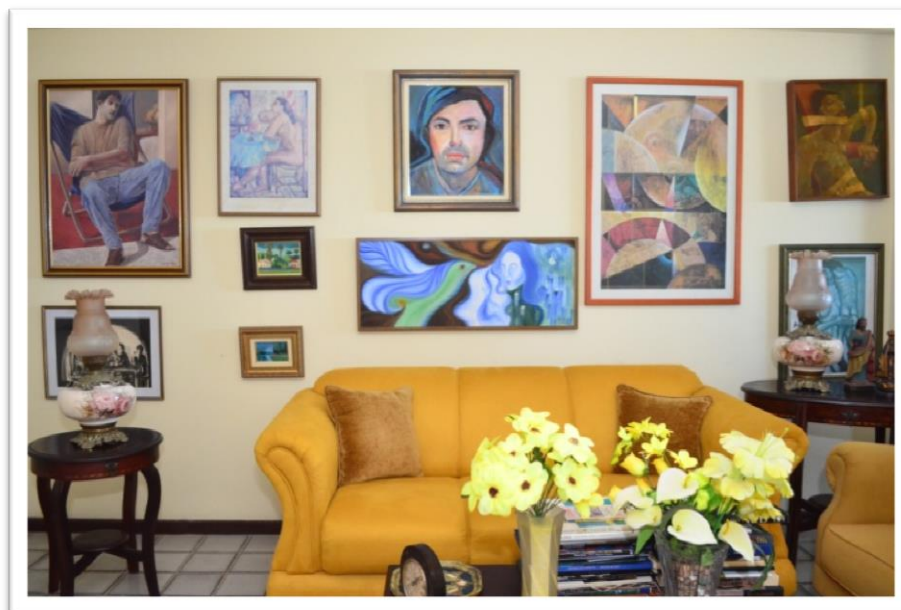
O colorido de sua residência dá uma conotação de alegria, o que vem a ser confirmado por relatos de seu amigo de trabalho, José Cleyber, que afirma: *“Políbio é uma pessoa cheia de virtudes, sempre muito alegre, nunca em todo o tempo em que trabalhamos, nunca vi Políbio triste, ele exala alegria.”*

Fotografia 2 - Imagem da sala de estar da residência de Políbio Alves



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Fotografia 3 - Imagem da frente da sala de estar da residência de Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Ao adentrarmos em outros cômodos da residência do escritor, deparamo-nos com um corredor (**Fotografia 4**) que, além de trazer à tona seu gosto pela arte, revela faces de seu lado pessoal, de sua história de vida. Ali, encontramos fotografias de Políbio Alves, bem como alguns trabalhos feitos pelos alunos de escolas municipais que participaram do Ano Cultural Políbio Alves, em 2011. Nesse sentido, percebemos o carinho e o apresso do poeta por estas lembranças, ao relatar sobre a satisfação de receber essas homenagens dos alunos, e o fato de elas estarem dispostas na parede de sua residência reflete essa satisfação.

Outra imagem que chama a atenção é um quadro do brasão de sua família, remontando o seu viés familiar, exibido também através de fotografias de seus familiares, entre as quais, sua mãe, irmãos e sobrinhos. Um forte indício de um momento importante, porém, doloroso na vida do escritor-poeta, foi a presença de um quadro que traz a imagem de Políbio Alves na década de 60, em pleno período da ditadura militar, realizando uma passeata em repúdio da morte de Edson Luís³⁰,

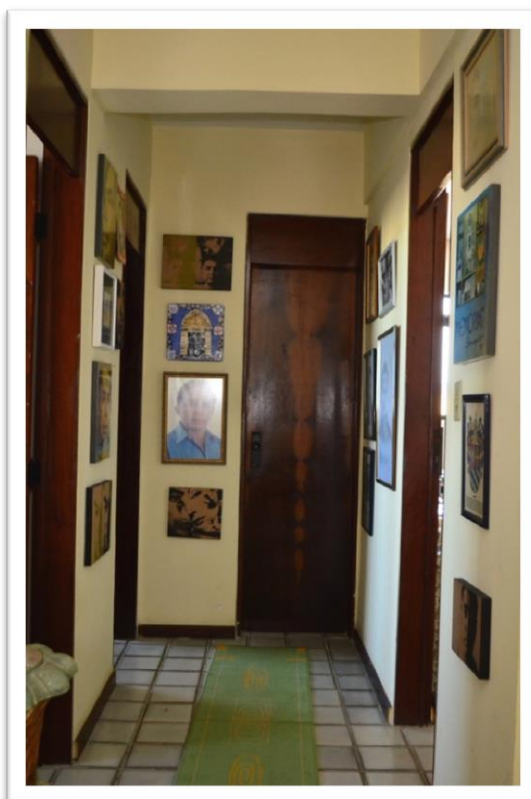
³⁰ Edson Luís foi um estudante do Pará. Políbio o conheceu no Rio de Janeiro e levou-o para estudar o supletivo. O estudante foi morto covardemente pelos militares nas dependências do calabouço.

estudante secundarista que foi assassinado dentro do Calabouço³¹, em 1968, no Rio de Janeiro. Foi essa imagem publicada em um jornal da época, que possibilitou a sua prisão no tão sofrido período de repressão.

O que chama a atenção é o fato de Políbio Alves não omitir essa imagem que traz lembranças de um período difícil de sua trajetória de vida. O próprio escritor relata: *“Antigamente não conseguia falar sobre as coisas que passei quando fui um preso político, mas hoje consigo relatar minha dor e o meu sofrimento”*.

Essa imagem fica exposta na frente do quarto de Políbio Alves, sendo possivelmente uma forma de enfrentamento. Durante muitos anos, ele silenciou a sua dor, mas atualmente relata, mesmo que, de maneira dolorosa, as dificuldades e torturas às que fora submetido. Posteriormente, entraremos mais profundamente nesta seara.

Fotografia 4 - Corredor da residência de Políbio Alves



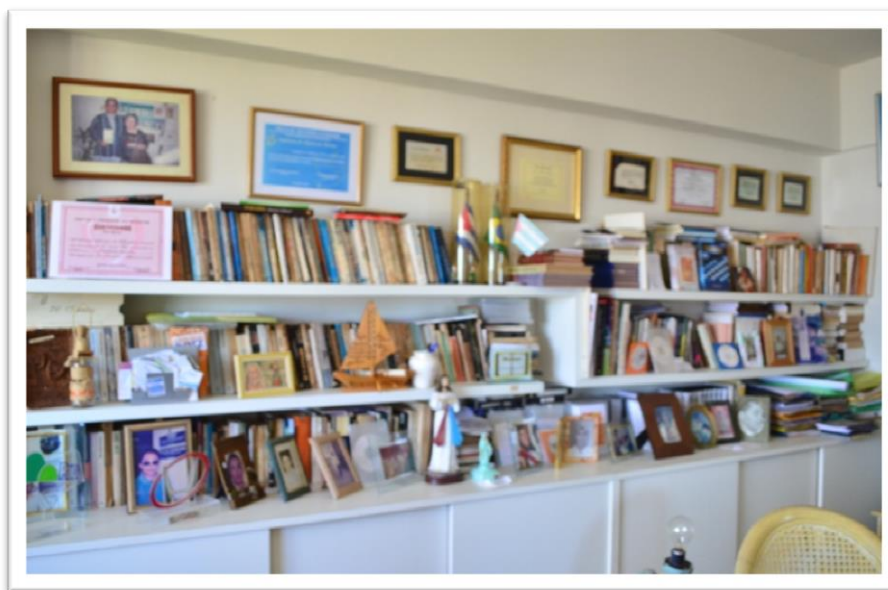
Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

³¹ Calabouço era o restaurante universitário, onde os estudantes se reuniam para organizar manifestações contra a ditadura, relata Políbio Alves em uma de nossas entrevistas.

À direita do corredor, seu escritório, uma espécie de arquivo pessoal (**Fotografia 5**) contendo, de maneira mais latente, as mais diversas provas materializadas pelos objetos dispostos nas paredes, prateleiras e armários, refletindo a trajetória percorrida pelo operário da palavra, Políbio Alves, ao longo de sua vida.

Nas paredes, as honrarias, diplomas, certificados de reconhecimento de sua contribuição literária, prêmios, comendas, fotografias de sua amada mãe, bem como fotografias dele próprio, de sua formatura em Administração de Empresa, com seu editor em Cuba Henrique Cirulles³², entre outras (**Fotografia 6**). Também expostos em prateleiras estão seus livros, sua biblioteca pessoal, além de alguns exemplares de sua produção literária e da produção sobre ele, como é o caso dos livros escritos pelas jornalistas Molina Ribeiro³³ e Cecília Maria Lima Leite³⁴, intitulados, respectivamente: *O ofício de escrever e outras vertentes* e *Turva Água, turva mágoa*.

Fotografia 5 - Acervo documental de Políbio Alves.



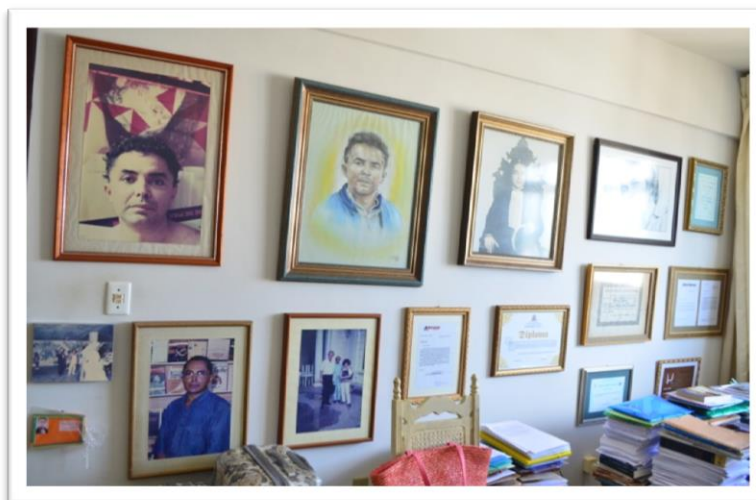
Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

³² Narrador e ensaísta, autor de vários livros de contos, ensaios e romances. Durante vários anos, ele atuou como professor de História e Espanhol na Faculdade Trabalhadores Jesús Menéndez de Nuevitas, ligado à Universidade Central de Las Villas. Ele também tem uma vasta experiência como consultor em oficinas de escrita; e é um estudioso da cultura cubana do século XIX e XX (PORTAL DE LITERATURA CUBANA, 2015).

³³ Jornalista e escritora paraibana conheceu Políbio na década de 80, através de um contexto profissional, surgindo uma amizade, que perdura ao tempo.

³⁴ Jornalista paraibana conheceu Políbio Alves em 2011, fruto de uma de suas reportagens para o jornal O Norte, um jornal impresso que circulava na cidade de João Pessoa, atualmente desativado.

Fotografia 6- Parede do escritório de Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Nas prateleiras, algumas imagens sacras, fortalecendo a ligação religiosa do escritor, bem como a presença também da arte religiosa. Entre elas, imagens de Jesus misericordioso, de Nossa Senhora da Penha, santa de sua devoção (**Fotografia 7**) e de São Judas Tadeu (**Fotografia 8**), que, de acordo com Políbio Alves, foi uma imagem deixada para ele por sua mãe. Ele a guarda como uma relíquia que se reveste de contornos religiosos, mas, sobretudo, afetivos, pelo vínculo com a mãe, representada na imagem do santo de devoção dela.

Fotografia 7- Imagem de Nossa Senhora da Penha.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Fotografia 8 - Imagem de São Judas Tadeu.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Em um registro de nossa visita (**Fotografia 9**), fotografamos Políbio Alves neste cenário, repleto de objetos que por si falam sobre ele. A Bíblia Sagrada também compõe este lugar, ancorada em uma estante ao lado da porta de entrada. Na mesma prateleira, fotografias de sua mãe, Dona Luzia Alves, refletindo a devoção e o amor que o poeta tem pela mãe já falecida. Conforme relatou em uma de nossas entrevistas: *“Minha mãe, embora não esteja atualmente nesse plano, é um exemplo contínuo de dignidade, ela exerceu com exímia postura o seu exercício de cidadania. Ela foi e continua sendo meio esteio, um exemplo de ética, incentivo importante na minha formação humanista e cultural, esse fora o legado que ela me deixou.”*

Nessa mesma estante, estão dispostas fitas cassetes com registros fílmicos de sua trajetória literária, uma fotografia de sua juventude, fotografias de família, livros, bem como a sua primeira máquina de escrever, uma Olivetti Lettera, adquirida por ele quando ainda morava no Rio de Janeiro, aproximadamente em 1969, conforme relatou o escritor.

Fotografia 9 - Políbio Alves com parte de seu acervo.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Na fotografia, Políbio Alves encontra-se no cenário de seu acervo, móveis rústicos, de cores claras, trazendo leveza ao ambiente, que o representa. Duas cadeiras, uma mesa pequena com flores, troféus, homenagens de escolas municipais concedidas a ele, como reconhecimento de sua contribuição à cultura paraibana (**Figuras 16**). A organização e disposição mostram objetos, símbolos do reconhecimento de seu trabalho literário, que estão dispostos na mesa em frente à porta de entrada do seu arquivo, demonstrando o prazer e o respeito do escritor, além de seu compromisso com aqueles que acreditam e admiram o seu trabalho.

Figura 16: Homenagem da Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos ao escritor Políbio Alves.

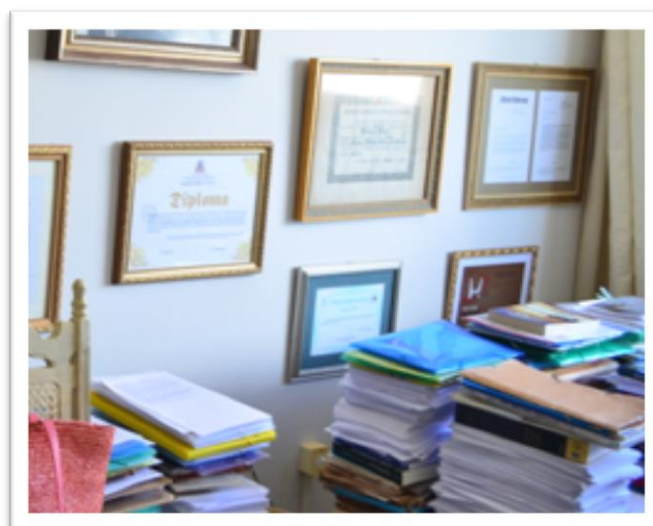


Fonte: Dados da Pesquisa

Ao lado da porta de entrada, um centro no recanto ancora seus manuscritos, refletindo um pouco da exigência que o escritor tem sobre si, conforme ele próprio afirma. Antes de escrever um livro, Políbio Alves, seleciona vocabulários, escreve de maneira criteriosa, sempre pensando no deleite de seu leitor. Pela sua própria exigência, o escritor debruça-se na construção de sua obra que não é feita em curto espaço de tempo, mas, sim, em tempo médio de sete anos, pois a obra é lida e relida, ajustada e reajustada passando sempre pelo seu próprio crivo, com o objetivo de proporcionar o melhor para o seu leitor (**Fotografia 10**).

Políbio Alves entrega-se ao ofício de escrever, mergulhando de corpo e alma na imaginação, nas informações que permeiam a sua história, o seu pensamento, e escreve as mais belas poesias, contos, romances, ficções, à sua maneira singular, deixando-se levar pelas palavras que vão colorindo o papel. Ao longo de sua vida, nunca deixara de ler, o convívio cotidiano com a literatura é, para ele, “um exercício prazeroso e necessário”.

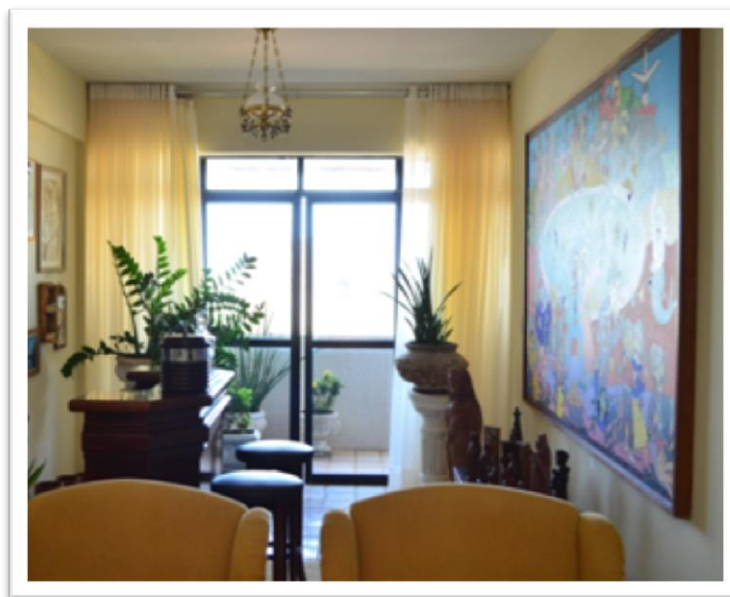
Fotografia 10 - Alguns manuscritos de Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Em outro cômodo, contemplamos a presença de plantas, associada ao bom gosto da arte sacra rústica. As plantas dão uma conotação de ambiente tranquilo, calmo, e demonstra o vínculo de Políbio com a natureza (**Fotografia 11**), além de trazer uma tonalidade decorativa em seu recôndito, em seu lar.

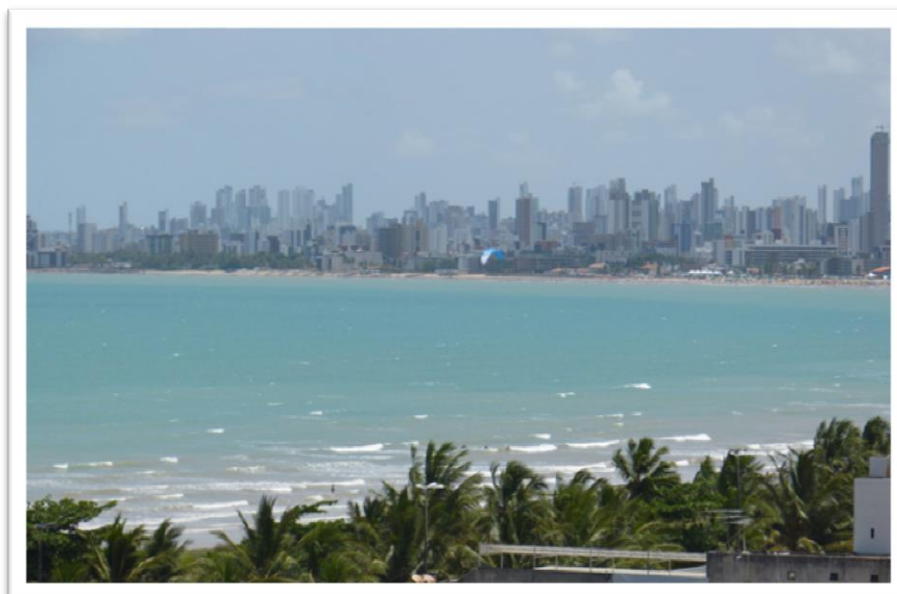
Fotografia 11 - Sala da residência de Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Da varanda de sua residência, contemplamos o mar (**Fotografia 12**), certamente um cenário um tanto inspirador para este profissional da palavra. A palavra é para Políbio Alves, como um tijolo para o mestre de obra. E, assim, através deste dom, ele faz dela o seu maior e melhor instrumento de trabalho e de prazer.

Fotografia 12 - Vista da varanda do apartamento de Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Em um mundo material, no viés documental, deparamo-nos com um lugar capaz de narrar histórias de luta, sofrimento, mas, sobretudo, de vitórias. Seu acervo é a imagem da cultura, da beleza, da arte, da própria literatura.

No intuito de agregar ainda mais vida aos documentos, abordaremos no capítulo seguinte, a importância do discurso oral, isto é, das histórias que se atrelam ao acervo documental através das memórias.

4.2 NARRATIVA ORAL: documentando memórias

Conforme Alberti (2013, p. 14), relata sobre a história oral: “É da experiência do sujeito que se trata, sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu [...]”.

Dessa forma, as histórias que permeiam o cenário material do acervo, bem como as narrativas trazidas pelas entrevistas fundir-se-ão em um *continuum*. Histórias imersas em descontinuidades parecem ser contínuas, embora não o sejam, remontam, pois, um cenário permeado de emoções, reações, relatos pitorescos, trazendo à tona o próprio Políbio Alves como *locus* dessa vivência.

Realizamos algumas entrevistas orais com o próprio escritor e com pessoas de seu convívio, tanto do campo pessoal, quanto no profissional. As entrevistas realizadas com Políbio Alves tiveram como cenário a sua residência. Foram três visitas regadas de muitas informações e boas risadas.

Com um tom de diálogo, o escritor relatou sobre sua infância, seu dom, suas obras, seu legado, sua paixão por Cuba, a tortura sofrida no período da ditadura, as marcas, a recuperação, e a mudança. Alegre, divertido, um homem com experiências ímpares, que tinha um destino traçado por uma vida na pobreza, mas sua vontade de vencer, de mudar de vida, impulsionado pelas palavras de incentivo de sua mãe e por uma personalidade marcante, de ser determinado naquilo que deseja, o fez alcançar conquistas.

Nossas conversas trouxeram informações para além do cotidiano do escritor, possibilitando, sobretudo, aprendizados e ensinamentos de vida, demonstrando o que o poeta-escritor relata: *“Você quer, você pode, você consegue.”*

E através dessa determinação, Políbio Alves dos Santos de menino pobre passa a ser educador, auditor fiscal do trabalho, um grande escritor, um grande homem, um grande poeta que, na travessia da vida, destinou-se a buscar conhecimento e, sedento, não se acomodou, através de sua dinamicidade e determinação, mudou sua história de vida.

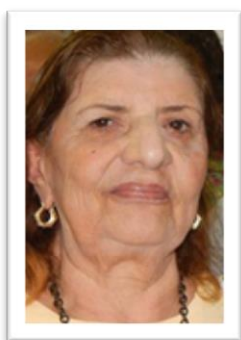
Visando subsidiar as informações sobre a trajetória literocultural e social de Políbio Alves, bem como acrescentar detalhes, colorindo os ditos e não ditos pelos seus documentos de arquivo, buscamos entrevistar algumas pessoas que tiveram e têm papel ativo na longa jornada da vida do escritor. Seguindo este viés, Alberti (1990, p.4) relata que a história oral pode ser realizada, em pesquisas ocorridas num passado não muito remoto, quando a memória evocada esteja ao alcance dos entrevistados, sendo ele ator ativo ou testemunha do fato vivido. Diante desse fato, optamos por utilizarmos a entrevista oral. Entre os entrevistados, além do próprio escritor, estão:



Carlos Alberto Farias Azevedo, amigo de infância de Políbio Alves. Professor, nascido em primeiro de janeiro de 1941, é também capricorniano como Políbio Alves, que nasceu sete dias após o seu nascimento. Assim, ambos pertencem cronologicamente à mesma geração, unidos através do destino pelo gosto pela literatura e pelo dom de serem escritores.

Estudaram juntos na escola Lins de Vasconcelos, firmando uma amizade desde a mocidade e que perdura até hoje. Nem a distância foi impedimento, para a consolidação desta amizade, pois o professor morou na Alemanha, ao passo que Políbio Alves passou um tempo de sua vida morando no Rio de Janeiro, mas nunca perderam o contato. Atualmente morando na mesma cidade continuam cultivando essa amizade, que engloba tanto a vida cotidiana quanto o seu contexto profissional, o viés literário.

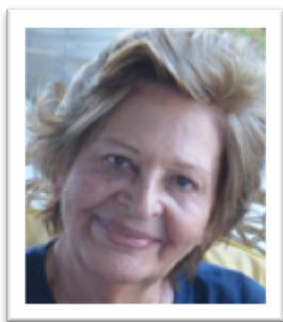
A entrevista com professor Carlos Azevedo foi realizada no dia 16 de dezembro de 2013. O cenário foi o seu local de trabalho, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. Muito solícito, o professor Carlos, em um tom prazeroso de diálogo, relatou sobre sua relação com o escritor-poeta, bem como trouxe à tona histórias engraçadas, demonstrando a proximidade que ambos têm. Falou também sobre o carinho e a admiração que ele tem por Políbio Alves. Em contrapartida, em nossas conversas, o escritor Políbio sempre fez questão de deixar claro o apreço e a admiração que tem pelo amigo Carlos Azevedo. As narrativas dessa entrevista serão trazidas no capítulo seguinte, intermediada pelos vários discursos de todos os entrevistados, bem como pelas histórias incutidas nos objetos que compõem o acervo do escritor.



Maria de Molina Ribeiro, amiga do escritor, tem sua contribuição e participação também no contexto literário. Filha de Hortênsio Ribeiro e Maria Lourdes Moura Ribeiro, Molina Ribeiro, como é conhecida no contexto social, cultural e profissional, estudou no colégio Alfredo Dantas em Campina Grande (PB), onde morou a maior parte de sua vida, e onde reside. Formou-se em comunicação social na cidade de Brasília (DF), pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (AEUDF), especializando-se em jornalismo. Graduada também em letras, com especialização em história do Nordeste, a jornalista-historiadora relata que o amor pela comunicação foi mais forte, exercendo sua profissão com exímia dedicação até os dias atuais, sendo inclusive homenageada, em 2014, com o troféu Heitor Falcão na categoria jornalismo, ocasião que estava ladeada pelo amigo Políbio Alves.

Fui à Campina Grande (PB), no dia 26 de junho de 2014, para o Lançamento do Livro de Políbio Alves, *Os Objetos Indomáveis*, no Sarau do Museu Assis Chateaubriand (MAC). Lá tive o prazer de conhecer Molina Ribeiro, fazendo o primeiro contato para nossa entrevista. No dia 5 de agosto, estive na residência de Políbio Alves e de lá confirmamos, ao telefone, a entrevista com a jornalista, para o dia seguinte. Realizamos a entrevista em seu domicílio na Rainha da Borborema

(Campina Grande), no dia 6 de Agosto de 2014. Foi um momento aprazível, Molina Ribeiro nos relatou como conheceu o escritor, falou-nos sobre o livro que escrevera sobre Políbio intitulado *O Ofício de Escrever e Outras Vertentes*, sobre sua amizade, sua admiração e a relação que mantém com Políbio Alves, de um início profissional que fluiu para uma amizade cotidiana, um companheirismo, uma cumplicidade.



Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro, professora da Universidade Estadual da Paraíba e da Universidade Federal da Paraíba. Uma vez que se aposentou em regime precoce, passou a dedicar-se única e exclusivamente à literatura, sendo escritora e jornalista, pois mantém uma crônica dominical no Jornal da Paraíba da Rede Paraíba de Comunicação, intitulada *Tessituras*. Elizabeth Marinheiro foi a primeira mulher a tornar-se “imortal”, ocupando, desde 2 de maio de 1980, a cadeira de número 20 da Academia Paraibana de Letras (APL).

Autora de vários trabalhos sobre literatura e teoria literária, dos quais, dois deles foram premiados pela Academia Brasileira de Letras. Recebeu, em 1979, o Prêmio José Veríssimo e, em 1983, o Prêmio Sílvio Romero. Foi professora titular de Teoria Literária da Universidade Federal da Paraíba, sendo bacharel em letras neolatinas pela Faculdade de Filosofia de Recife, com licenciatura em letras neolatinas pela Faculdade de Campina Grande. É pós-graduada em literatura, linguística e letras, com doutorado em letras, e pós-doutorado em Literaturas e Línguas pelo Centro Ibero-Americano de Cooperación, de Madri. Foi também professora convidada do London Institute of Education, no qual ministrou seminário sobre cultura contemporânea no Nordeste, além de ser também professora associada da Universidade de Rennes II Alta Bretanha, *Département de Portugais*. Elizabeth Marinheiro relata que conheceu Políbio Alves nos anos setenta.

A professora, crítica em literatura, dotada de uma rica bagagem de conhecimento e experiência profissional, logo se encanta com a forma e o conteúdo da obra polibiana, publicando o livro intitulado: *Leituras: antes e agora*, que foi dedicado aos autores e às autoras da Paraíba. Neste livro, a professora traz um ensaio intitulado:

Políbio Alves – Porto e Ponte. A professora afirma, em relação ao ensaio, “Tentamos desentrançar as tranças, bem elaboradas, de *Varadouro*”. (MARINHEIRO, 2015).

Foi através do trabalho de divulgação e de valorização dos poetas da terra que Elizabeth Marinheiro desnudou, entre outras obras de outros autores, a obra de Políbio Alves, revelando-a para além das fronteiras brasileiras. O próprio escritor-poeta relata: “*Minha obra chegou a Cuba, pelas mãos da pesquisadora e crítica literária paraibana Elizabeth Marinheiro.*”

Nesse sentido, consideramos importante entrevistá-la, para sabermos um pouco mais dessa relação que remonta Políbio Alves no cenário literário nacional e internacional. Assim, fizemos um breve contato com a professora Elizabeth Marinheiro, por telefone, que reside em Campina Grande (PB), e marcamos a entrevista que foi realizada em sua residência no dia 6 de Agosto de 2014. Muito solícita, recebeu-nos respondendo a todos os questionamentos. Foi uma tarde prazerosa com reflexo de muitas informações.



Roselis Batista Ralle é professora da Universidade de Reims Champagne-Ardenne (França) e estuda a obra de Políbio Alves no curso de Letras Neolatinas. A Doutora Roselis Batista Ralle nasceu em Santos e é filha de paraibanos. No dia 18 de novembro de 2014, recebo a ligação de Políbio Alves, informando que Roselis Batista Ralle chegaria ao Brasil no referido dia, estando em solo paraibano no dia posterior. Políbio Alves ficou de me retornar para combinarmos nossa entrevista. No dia seguinte, às 9h:30min da manhã, combinamos um almoço no Restaurante Olho de Lula, à beira mar da praia do Cabo Branco (João Pessoa-PB). Lá tive o prazer de conhecer e entrevistar a professora Roselis Batista Ralle. Linguista e professora de Literatura Latino-americana, ela trabalha com obras de autores brasileiros em sua disciplina, entre eles, o escritor Políbio Alves. Este trabalho é realizado com os alunos de várias nacionalidades desde 2006.

Com relação ao escritor Políbio Alves, Rosellis defende a tese de que ele compõe a nova geração de escritores épicos. Em nossa entrevista, relatou como

conheceu Políbio Alves, que já era amigo do seu pai, o jornalista paraibano Odualdo Batista, bem como de sua admiração pela forma singular e irreverente que Políbio escreve. Para a professora, *"O paraibano ocupa um lugar único no gênero épico da literatura, "Varadouro" é um épico que invoca o Rio Sanhauá como herói de sua lira."* Atualmente, a professora Roselis Batista Ralle está traduzindo para o francês o primeiro livro de Políbio, *O Que Resta dos Mortos*, livro de contos.



Willian Costa é jornalista de formação, trabalha no Jornal *A União* (PB). Admirador do escritor, o jornalista, está sempre presente nos lançamentos, saraus e premiações. A entrevista realizada com ele foi durante o primeiro encontro literário de autores paraibanos, realizado na livraria do Luiz³⁵, no dia sete de dezembro de 2013 (**Figura 17**). Neste encontro, realizado em

uma manhã de sábado, regado por um bate papo com os autores, onde estiveram presentes, além do escritor Políbio Alves, outros escritores paraibanos, entre eles, Astier Basílio, Bruno Gaudêncio, Carlos Alberto de Azevedo, Chico Pereira, Damião Ramos Cavalcanti, Flávio Sátiro Fernandes, Helder Moura, Itapuã Botto Targino, Juca Pontes, Lau Siqueira, Luiz Nunes, Fidélia Cassandra, Molina Ribeiro, Neide Medeiros, Zezé Teixeira, Socorro Aragão, Marinalva Freire, entre outros. Foi uma manhã de muitos diálogos e trocas de experiências, a descontração tomou conta do cenário que exalava literatura, o cheiro da cultura paraibana.

³⁵ Uma tradicional livraria, localizada na Praça 1817, nº 88, Galeria Augusto dos Anjos – Centro de João Pessoa (PB).

Figura 17 - Encarte de divulgação do Primeiro encontro Literário de Autores Paraibanos.



Fonte: Acervo Pessoal de Políbio Alves



José Cleyber de Andrade Menezes remonta um pouco do viés profissional de Políbio Alves, no que tange a sua profissão de Auditor Fiscal do Trabalho. José Cleyber, assim como Políbio Alves, está hoje aposentado, mas recorda muito facilmente o convívio aprazível e honroso no cotidiano do trabalho com o Políbio Alves. Com a pesquisa já na fase final, tive o prazer de conhecer mais de perto o contexto profissional do escritor com relação ao Ministério do Trabalho. No dia dezenove de dezembro de 2014, fui convidada pelo próprio Políbio Alves para um evento do Ministério do Trabalho. O evento ocorreria na Marriage Recepções, localizada no Bairro dos Estados, João Pessoa (PB). Na ocasião, sem saber que seria homenageado, Políbio Alves se emocionou, pois nunca tinha recebido uma homenagem dos colegas de trabalho, reconhecendo à sua contribuição para a literatura paraibana, reconhecendo-o como grande escritor. Neste evento, conheci José Cleyber, com quem combinei uma entrevista para o dia 23 de dezembro de 2014, em um café de um *shopping* da cidade de João Pessoa (PB). Na entrevista, ele relatou sobre o cotidiano de Políbio Alves como profissional auditor, destacando sempre as boas relações de Políbio no ambiente de trabalho, bem como o bom humor e, sobretudo, a competência e responsabilidade de Políbio Alves no cenário profissional.



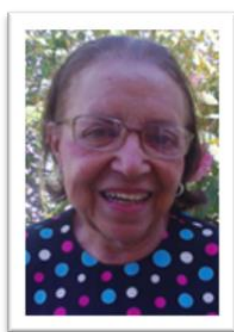
Maria da Paz Bezerra do Nascimento, advogada, auditora fiscal do trabalho, também aposentada, trabalhou com Políbio Alves, compartilhando o cotidiano do trabalho fiscal. Ela foi uma das organizadoras da homenagem que o Ministério do Trabalho prestou ao escritor-poeta. Assim, aproveitando a ocasião, combinei uma entrevista com ela, para o dia 22 de dezembro, em seu escritório. E conforme combinado, encontramos-nos e realizei a entrevista, regada de admiração e novamente uma confirmação da dedicação de Políbio Alves ao trabalho, exímio profissional, ela destaca também a sua competência e a fácil convivência com o poeta que não parou a vida para escrever suas obras, seu legado. Eis que a respondente revela que sempre teve a curiosidade de saber como Políbio conseguia conciliar o trabalho que não era fácil com o dom de escrever. Durante a conversa, ela questionava-se: *“Em que tempo e lugar Políbio Alves para e debruça-se na sua arte de escrever? Dizem que os grandes poetas necessitam afastar-se para através do silêncio escrever suas obras.”* Mas Políbio Alves, à sua maneira, dotado de muita organização e disciplina, dedicava-se ao trabalho enquanto auditor, e ao seu modo escrevia suas obras e desbravava pelo mundo.



Irani de Sousa Mendonça é professora e atua como coordenadora pedagógica na Escola Estadual Antônio Pessoa (João Pessoa-PB), sendo responsável pelo Programa Mais Educação na referida escola. Segundo relato da professora, sua admiração pelo poeta já é de longas datas, porém, sua aproximação com ele se deu no ano 2010, quando fora trabalhar nesta escola. Seus pensamentos e vontades convergiam com os pensamentos de Políbio Alves, que já era considerado patrono vivo desta escola. Políbio se doava à melhoria da educação, não apenas em nível de ensino, mas, sobretudo, nas condições de ensino. Assim, com base nos mesmos ideais, Políbio e Irani, juntos, fazem a diferença, fazem de fato a educação acontecer na escola estadual Antônio Pessoa, que se localiza no bairro do Varadouro. Irani relata que Políbio Alves já era muito atuante e presente na escola, quando ela passou a compor

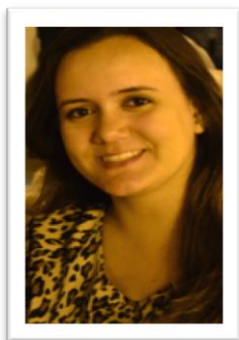
a equipe de docentes. Assim, em 2011, formalizam, junto à direção da escola, um projeto intitulado: *Tecendo Palavras e cidadania*, com o intuito de melhorar o ensino-aprendizagem, sendo também uma maneira de incentivar os alunos a escrever e a ler. A presença de Políbio Alves no cotidiano da escola, associada à sua vivacidade, contagia os alunos, que sempre o recebem repletos de dúvidas e de curiosidades. A professora relata que, neste projeto, carinhosamente é implantada uma metodologia guiada pela experiência e pelo dom do escritor, dessa forma, ela a denomina de metodologia polibiana.

Por este viés, a entrevista com a professora se deu no interior da escola. Lá, tive contato com alguns trabalhos realizados pelos alunos em homenagem ao escritor. Pudemos dialogar sobre o ano cultural e sobre a importância da participação ativa de Políbio Alves nos projetos literários da escola, uma forma de incentivar a poesia, a cultura, possibilitando o diálogo entre criador, obra, e leitor, essa tríade que permite o ensino de maneira real, um verdadeiro estímulo à leitura e ao surgimento de novos poetas.



Ivone Célia de Souza, técnica administrativa aposentada do Ministério da Saúde, morou próximo a Políbio Alves em Cruz das Armas no período de sua infância. Admiradora de sua obra, Ivone é também amiga do coração. São palavras de Ivone: “*Encontrar um amigo como Políbio é como encontrar uma agulha no palheiro.*”³⁶ Nossa entrevista foi regada de muita satisfação, realizando-se na residência da respondente, que me recebeu de maneira calorosa, relatando o seu reencontro com Políbio Alves na década de 80, bem como falou um pouco dessa amizade que perdura até os dias atuais, ainda mais fortalecida pelo tempo.

³⁶ Expressão utilizada, no Nordeste, para expressar algo muito difícil de acontecer.



Cecília Maria Lima foi a nossa última entrevistada, jornalista formada pela Universidade Federal da Paraíba, em 2011, esta jovem pessoense foi repórter cultural do jornal *O Norte* e fez o seu trabalho de conclusão do curso, um livro-reportagem, sobre Políbio Alves intitulado: *Turva Água, Turva Mágoa*. De maneira muito solícita, ela nos relatou sobre o prazer de trabalhar com Políbio e da magia das descobertas sobre sua vida. Fruto do trabalho, Cecília Lima registrou muitas fotografias de Políbio Alves, do Varadouro, das ruas por onde, em sua infância, ele andou. Na construção de seu trabalho, Cecília e Políbio tiveram contato com a maioria dos lugares abordados nas suas obras, em especial o livro *Varadouro*.

Em um de nossos encontros, o escritor relatou sobre sua admiração por Cecília Lima e, ao entrevistá-la, percebi a reciprocidade dessa admiração. A ansiedade de Cecília converge com a minha e ancora-se no fato de um escritor da estirpe de Políbio Alves ser pouco reconhecido na própria terra, embora essa percepção venha mudando gradativamente. Ainda há muito que se divulgar desse escritor-poeta tão singular que tem uma forma única, irreverente e perspicaz de narrar um pouco de si, no fio condutor de suas obras.

As entrevistas irão subsidiar o próximo capítulo que se norteará por elas e pelos documentos pessoais do escritor. Assim, a história oral utilizada como método vem subsidiar nosso contexto documental e fortalecer os discursos.

Diante deste fato, destacamos a importância desses relatos como discursos orais. Nesse sentido, Thompson (1992) afirma:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da Memória Nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p.17).

Destarte, a memória evocada, através do discurso oral, acrescenta vivacidade aos fatos, aos rumores dos objetos pertencentes ao acervo, centrando-se na memória

humana, bem como na sua capacidade de rememorar o passado como testemunho vivo daquilo que foi vivido.

Diante dessa perspectiva, Mattos e Senna (2011, p.96) relatam que a memória pode ser entendida como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.



Fotografia: Acervo Pessoal de Políbio Alves

**VERSOS DE UMA TRAJETÓRIA: Políbio Alves, um homem
entre papéis**



5 VERSOS DE UMA TRAJETÓRIA: Políbio Alves, um homem entre papéis

*Navego na memória
Sem margens,
Alguém conta minha história
(CECÍLIA MEIRELLES).*

Navegamos neste capítulo sobre um rio de informações, trazendo à tona a história de vida do poeta-escritor, no viés de seu legado, remontando a sua trajetória literocultural e social.

Assumimos, pois, o compromisso de desvendar e revelar um homem entre papéis. Em uma tripla analogia, traremos à tona os papéis assumidos por Políbio Alves no contexto das múltiplas identidades, bem como, sua relação com os papéis interpretados como sinônimo de documentos, refletindo-se na sua relação com seu arquivo pessoal. Além da relação com sua produção literária, remetendo-nos a um homem entre papéis de sua escrita como escritor e poeta ávido.

A memória é condutora dessa travessia, tomada como:

[...] conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto. Essa relação está sempre mediada pela experiência [...] (AZEVEDO NETTO, 2005, p.12).

Seu acervo pessoal é compreendido como fonte confessional, possibilitando-nos tornar imortal sua história, sendo esta uma fonte confessional do próprio escritor.

Nesse aspecto, recordemos Oliveira (2009, p. 44-45): “O acumulador de seus papéis é uma espécie de autor de si mesmo, pois, ao acumular seus documentos,

elimina outros, deixando um itinerário pelo qual gostaria de ser reconhecido ou visto.”

Neste caso, ressignificando a sua trajetória, percebemos este itinerário percorrido ao longo de seus 74 anos de vida. Pretendemos, pois, tornar visível o que estava invisível, observando as pretensões dos ditos construídos no viés da escrita autobiográfica. Neste aspecto, transitamos sobre o acervo, buscando reconstruir as memórias que ainda não foram expressas pela escrita, embora “estejam materializadas em outros suportes, à espera de um interpretante”. (OLIVEIRA, 2009, p.45).

Tomando-o como “objeto” de nossa interpretação, e como reflexo do seu próprio nome, ou talvez o seu nome próprio, refletimos: Poli (Vários), Bio (Vida). Nesse caso, não um homem com várias vidas, mas um homem que enfrentou várias situações na vida e que, em meio a turbulências, nunca desistiu de si próprio. Autêntico, singular não só na forma de escrever, mas também na forma de encarar a vida. Nestes próximos capítulos, entre os documentos e discursos orais, conheceremos o trajeto percorrido por Políbio Alves e a dimensão de suas obras, seu legado. Ao longo da vida, Políbio assume diversos papéis, identidades variadas, em lugares e momentos diferentes. E, nesse âmbito, convergimos com Oliveira (2010), quando indica que um homem pode ocupar vários espaços e atividades, através dos percursos marcados por seus deslocamentos, o que possibilita a construção de sua trajetória.



5.1 TRAVESSIA DA VIDA: navegando entre rios

*"Sanhauá transladou,
primeiro,
tiro certo,
despolpa,
argila,
s'estreia:
músculo viageiro
tecido anil,
água têxtil do rio."
(Políbio Alves, 2011, p.12)*

Neste capítulo, navegamos no nosso imaginário, percorrendo as águas turvas do Rio Sanhauá, rumo ao Rio de Janeiro, e de lá retornaremos às margens do Sanhauá (**Fotografia 13**), pelo regresso do escritor à cidade natal, passando a viver uma nova história, que se veste de vitórias e de novo tempo. Através do conhecimento e buscando viver o presente, Políbio Alves alçou voos e alcançou o que buscava.

Fotografia 13 - Margens do Rio Sanhauá.



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

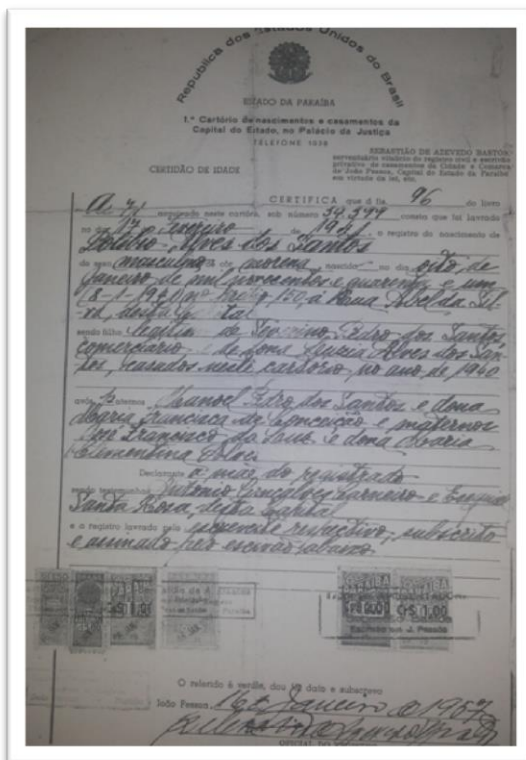
Como disse Carlos Drummond de Andrade, em seu poema *Mãos Dadas*: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.” Assim pensa e age Políbio Alves, desde sua mais rígida infância. Ele acredita que o tempo presente é o momento certo para viver, para agir, para correr atrás daquilo que se deseja. Para ele, o que importa é o hoje, o agora. Nesse sentido, em uma de nossas entrevistas, relatou: *“É aquela história, tem pessoa que vive do passado, para elas tudo é o passado, pois eu vivo do presente, tudo em mim é presente! Eu não tenho preocupação com o futuro, não vou ficar sofrendo pelo passado, tudo é agora, tudo é agora! Mas isso não é de hoje não, quando eu era criança, eu já era assim.”*

Sua determinação e força de vontade foram molas propulsoras para mudar o rumo de sua trajetória: de uma vida na pobreza, o poeta buscou um meio para mudar sua história. E se não fosse a sua determinação, talvez tivesse desistido antes de alcançar o seu propósito. Ele afirma: *“Sim, eu tenho determinação! E a minha é inquebrável! É infinita, quando eu quero, eu faço assim, eu estou prejudicando alguém? Não! Aí, sai de perto que o negócio é feio, vou até alcançar o meu objetivo.”*

O escritor paraibano, que faz da palavra seu instrumento de trabalho, nasceu em 8 de janeiro de 1941 na cidade de João Pessoa (PB) (**Figura 18**). Logo ao nascer foi

morar no bairro de Cruz das Armas, precisamente na Rua São Luís. O pai caixeiro viajante, trabalhava pelas cidades e levava a família, porém, o mesmo foi vítima de uma enfermidade, falecendo precocemente aos 28 anos.

Figura 18 - Fotocópia da certidão do nascimento de Políbio Alves.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Com a morte precoce do pai, Severino Pedro dos Santos, Políbio relata: *“Eu era o filho mais velho, e minha mãe teve que retornar ao seio familiar, e com o auxílio de minhas tias recomençar a vida, trabalhando duro para nos sustentar.”* Políbio Alves, a mãe e os irmãos foram morar com seu avô, e quando a mãe saía para trabalhar, ele e os irmãos, Olívio, Francisco, Núbia, José Vamberto e Líria ficavam aos cuidados das tias.

A mãe, Luzia Alves dos Santos (**Fotografia 14**), era, de acordo com Políbio Alves: *“Uma mulher batalhadora, que saía logo cedo para trabalhar, passando o dia inteiro fora, e quando retornava, mesmo cansada, ainda tinha disposição para me alfabetizar.”* Foi através dos ensinamentos da mãe, que não tinha formação superior, mas que o próprio poeta relata, *“... ela tinha pós-doutorado em tudo na vida.”*, que Políbio Alves aprendeu a ler e a escrever. Mesmo sem ter os estudos completos, mas munida pela curiosidade e pelo desejo de conhecimento, a mãe buscava incessantemente

aprender. Nesse sentido podemos perceber que tanto a determinação quanto a sede de conhecimento foram heranças que o poeta herdou de mãe. De acordo com os relatos do escritor, Dona Luzia foi professora dele para além dos livros, trouxe-lhe verdadeiros ensinamentos de vida: *“Minha mãe me fez um homem, me ensinou que não é certo julgar, que era feio ser preconceituoso e discriminar as pessoas, para ela o importante era nos preocuparmos com nossa vida, e não com a vida do outro.”* O escritor relata também que a mãe foi fundamental em tudo para ele, ensinando-o a respeitar as pessoas, de cabeça erguida, tendo, sobretudo dignidade.

Fotografia 14 - Luzia Alves dos Santos, mãe de Políbio Alves.



Fonte: Acervo Pessoal de Políbio Alves

A Ilha do Bispo³⁷ foi cenário cotidiano de Políbio que, ao deixar Cruz das Armas, foi morar lá com a mãe em uma casa pequena, sem banheiro, sem divisórias, apenas um vão único. Nesse tempo, seus cinco irmãos, por falta de condições econômicas, ficaram internos em um abrigo da cidade, mas a mãe sempre ia visitá-los. Foi diante dessa situação de pobreza, que Políbio Alves descobriu a tal beleza que transborda o Rio Sanhauá, o herói mítico explanado em uma de suas obras,

³⁷ Bairro periférico de João Pessoa (PB), localizado na divisa com a cidade de Bayeux (PB).

Varadouro, na qual ele escreve: “Sanhauá, bicho da Natureza regurgita alegrias e tristezas, coração de poeta.” (ALVES, 2011, p.45).

O bairro de João Pessoa (PB), onde mãe e filho moravam, era um verdadeiro reflexo da pobreza. Lá, passaram um período de muita fome com sua mãe, longe da família que permanecera no bairro de Cruz das Armas. Foram momentos tortuosos, difíceis até de imaginar, o poeta adentrava o rio em busca de alimento, e mesmo temendo enfrentava o medo, tudo pelo alimento. Ele relata que, no mangue, enfiava a mão na lama e chorava de dor, com os beliscões dos caranguejos, que levava para ele e a mãe comerem com um punhado de farinha para fazer um pirão. Esse era o alimento com que, às duras penas, o escritor conseguia para matar a fome.

Muitas são as histórias vividas pelos ribeirinhos³⁸ às margens do Rio Sanhauá, este mesmo rio que alimenta, age e reage, de maneira contrária e temente para aqueles que de lá tiram o sustento e fazem dele o próprio alimento. Políbio Alves nos relatou duas histórias que se passaram com ele, revelando um pouco desse lado traiçoeiro do Rio Sanhauá: *“Quando eu tinha oito anos, fui ao rio cassar caranguejo, e de repente eu afundei na areia, ficando apenas com o pescoço de fora, nesse momento fiquei me debatendo, pensei que eu ia morrer.”* Políbio Alves caiu em um sumidouro, uma espécie de pontos de areia movediça, mas foi graças à ação de alguns pescadores que ouviram o seu pedido de socorro que ele foi salvo. No dia seguinte, não abraçou o medo e voltou a enfrentar o rio para pescar.

Outro relato do escritor relaciona-se à valentia e bravura do rio que, repentinamente, invadia as casas, alagando tudo. Certa noite, Políbio dormia, quando foi surpreendido pelas águas do Sanhauá invadindo à sua casa, invadindo ele mesmo. Lembrando o fato, ele relata: *“Acordei com água do rio invadindo a casa, junto com ela vieram muitos caranguejos, que subiam pelo meu corpo, parecia mesmo um pesadelo, eu gritava por socorro de minha mãe, mas eles estavam por toda parte.”*

Porém, nada e nenhuma reação desse tão belo rio seria capaz de abalar o encantamento que o poeta tem por suas águas que, embora turvas são fecundas, espelhando o poeta na construção de sua obra.

³⁸ Os ribeirinhos são trabalhadores e trabalhadoras que residem nas proximidades dos rios, tendo como principal atividade de subsistência, a pesca. (NEVES, 2005).

Foi também na sua infância que o escritor, que já tinha aprendido a ler e a escrever com a mãe, deparou-se com uma escolinha de fundo de quintal, onde a professora Nice ensinava. Munido pela curiosidade, além de uma intensa vontade de conhecer os livros, foi que o escritor não mediu esforços para sempre conhecer.

Certo dia entrou corajosamente na escolinha, sem avisar. A professora raivosa, o repreendeu e, para acalmar os ânimos dela, Políbio logo foi afirmando: *“Eu sei ler e escrever, também sei fazer contas.”* Surpresa com o que ele falou, a referida professora resolveu aplicar-lhe um teste e, percebendo a inteligência e a evolução dele, fez o convite para que ele a auxiliasse na tarefa de alfabetização dos alunos. A partir daí, Políbio passou a ter acesso a vários livros. Ele tinha sede de conhecimento e a professora Nice tornara-se uma ponte. Certa feita, ela o convidou para conhecer sua biblioteca particular, Políbio Alves ficou deslumbrado.

Naquela ocasião, a professora pediu que ele pegasse um daqueles livros para levar para casa e deleitar-se com a leitura. Políbio pegou o livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, sem saber do que se tratava. Apenas escolheu aquele por ser o maior livro que estava próximo a ele. Ele relata que, temeroso de não ter mais oportunidade de ler outros livros, tratou de escolher o que tinha o maior número de páginas, o mais volumoso. Mas aquele fora o primeiro dos muitos livros que Dona Nice emprestara a Políbio; assim, ele começou uma jornada pelos livros, lendo sem parar. O escritor afirma: *“Não existia maior prazer do que a leitura. Os livros, estes foram os meus primeiros e únicos brinquedos.”* Quanto maior a quantidade de livros lidos, maior era a sua sede de conhecimento, de leitura, e de informação. Assim, ele relata: *“Foram os livros que me trouxeram a possibilidade de sonhar, coisa impossível perante a condição em que eu vivia, assim foi, diante deles, que me deparei com uma chance para me salvar. Eles me deram a oportunidade de acreditar que eu poderia mudar a minha realidade, a realidade da minha família.”*

Políbio afirma que se tornou forte com os livros, através de suas leituras se sentia indestrutível. Dona Luzia o incentivava. Relembrando, ele relata: *“Minha mãe dizia, lia e vá dormir, quando você quiser, basta buscar que a informação aparece.”*

O acúmulo de informações era tão grande que passou a modificar suas noites de sono e ele sentia necessidade de colocar para fora todas aquelas informações. Foi a partir daí que ele passou a escrever em todos os lugares, nas paredes, nos cadernos, até

no ar, ele escrevia as palavras que vinham em sua mente. Diante dessa necessidade, ele afirma: *“Escrever se tornou um hábito necessário para não morrer de silêncio.”*

Políbio Alves passou a escrever poemas e de forma anônima, deixava-os embaixo das carteiras dos alunos. Certo dia, Políbio estava acompanhando a aula com a professora Nice, quando ela o chamou lá na frente e disse: *“Eis aqui o poeta”*. Assim, ele relata: *“Foi nesse dia que descobri que eu sou um poeta.”* Certamente, ela o desvendou através da sua caligrafia e criatividade.

Com o tempo, a situação financeira apertou mais e dona Luzia se viu diante de um fato delicado, pois o salário era pouco para, sozinha, pagar aluguel, além de se sustentar com seu filho mais velho e ajudar os demais que estavam no abrigo. Com o aperto financeiro cada vez maior, o padre Zé Coutinho³⁹, com quem a mãe de Políbio trabalhava como enfermeira, conseguiu uma casa para ela morar com o filho, sem pagar aluguel, embora a localização não fosse das melhores, pois estava situada em uma área de boemia da cidade, próxima a alguns bordéis, no bairro do Varadouro, na Rua 5 de Agosto (**Fotografia 15**), nos fundos de um cabaré.

Fotografia 15 - Placa da Rua na qual Políbio Alves residiu, por um período de sua infância.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Mas despida de preconceitos e de qualquer discriminação, certa de que sua educação fora suficiente para seu filho respeitar o próximo e aceitar essa condição sem qualquer preconceito, ela seguiu para a nova moradia.

³⁹ Monsenhor José da Silva Coutinho foi pioneiro na promoção humana na Paraíba, conhecido como Padre Zé ou pai dos pobres, fundou o Instituto São José e Hospital Padre Zé em 1935, hospital no qual dona Luzia trabalhou com ele por um longo período, como enfermeira.

Assim, logo Políbio inicia uma jornada fascinante pelas ruas do Varadouro, aquele clima boêmio o fascinava. Aos onze anos de vida, encantado com aquela magia, fazia daquele lugar nada apropriado para sua realidade, um lugar seu.

Ele saía pelas ruas, no período da noite, não para penetrar na boêmia, mas para deleitar-se daquele cenário que ingenuamente admirava. Escutava os sons das vitrolas de ficha, pessoas a gargalhar, as luzes coloridas da entrada, tudo era motivo para sonhar. Ele associava as coisas que via às coisas que lia nos livros, e assim aquele cenário possibilitava a ramificação de sua imaginação, dando frutos que mais tarde lhes renderiam histórias remontadas em suas obras. Sobre esta realidade, ele relata: *“A Maciel Pinheiro me marcou muito, e se faz presente em minha obra de maneira direta e indiretamente, com os personagens, cortiços até mesmo os bordéis.”*

Seu contato com Varadouro só se fortalecia. Políbio desbravava suas ruas, seu mundo; o rio Sanhauá não ficava de fora dessa jornada e, assim, ele ia fortalecendo esse vínculo, conhecendo ainda mais os becos, as ladeiras, as ruas e as pessoas. O cenário do bairro era matéria prima para sua imaginação.

Foi nesse período em que Políbio conheceu uma mulher, inteligente, fina, conhecida por Berta. Ela foi *“pessoa singular em minha vida”*, relata o escritor. Apesar de ser uma profissional da sensualidade, era extremamente culta. Foi ela quem apresentou a música clássica para ele. Em uma relação mútua de confiança e pensamentos em comum, Políbio Alves, destemido, mostrou os seus primeiros textos para ela que, de maneira suave, incentivava-o a melhorar, a escrever melhor, a se superar cada vez mais. Os textos eram muito bons, mas ela ensinou a Políbio que ele sempre podia fazer melhor. Esse ensinamento, ele conduziu para a vida. Exigente, sempre que vai lançar uma nova edição de suas obras, faz suas novas intervenções com o propósito de proporcionar aos leitores um texto ainda mais elaborado.

Como a mãe, passava o dia trabalhando, foi também em Berta que Políbio encontrou apoio, uma mulher capaz de ensinar-lhe, de compreendê-lo e de fazê-lo acreditar sempre no seu potencial. Políbio a descreve como uma mulher bem vestida, cabelos bem arrumados, de bons modos e boa educação. Educação que ela fazia questão de repassar para as crianças, dando-lhes aulas durante o dia na sala de sua casa. Dessa experiência, o escritor relata: *“Certo dia, deram informações ao Juizado de*

menores que Berta estava pervertendo crianças, quando o juizado chegou lá, ela estava no quadro negro ensinando uma raiz quadrada, uma coisa assim. E aí eles disseram que ela tinha permissão para continuar, e seguir alfabetizando.” Berta alfabetizou crianças, deu-lhes vários livros. Com Políbio, ela conversava sobre literatura e muitas coisas boas fluíram dessa relação de amizade e cumplicidade.

Os diálogos com Berta foram interrompidos, em detrimento da necessidade que Políbio Alves sentiu de ajudar nas despesas da casa, tomando para si essa responsabilidade. Ele afirmou que um dia estava na casa do avô, e disse a todos: *“Vou tomar conta da minha família, vou trabalhar e ajudar a minha mãe a sustentar os meus irmãos.”* Diante dessa atitude de um menino que tinha apenas doze anos, o escritor relata: *“Todos riram de mim”*. Mas destemido e revestido de coragem, Políbio Alves, conseguiu por intermédio de uma funcionária do Serviço Social do Comércio (SESC), Célia Torres, um emprego no Paraíba Palace Hotel⁴⁰ (**Fotografia 16**).

Fotografia 16 - Fachada do Paraíba Palace Hotel.



Fonte: Arquivo do IPHAEP

⁴⁰ O Paraíba Palace, atualmente não é mais hotel, abrigando um *shopping* popular. Com 100 lojas, o Paraíba Palace Shopping, prédio que externamente manteve a originalidade arquitetônica, é considerado um ícone da arquitetura, no centro de João Pessoa (PB). Um monumento histórico, em estilo *art-nouveau*, que foi revitalizado, conservando o seu valor arquitetônico histórico, pintado num amarelo marcante. Um dos pontos mais nobres da cidade, com a fachada aristocrática, é um prédio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Estado da Paraíba (IPHAEP), sendo restaurado com base nas exigências legais pelo atual proprietário o empresário Hermano Targino. (FERREIRA, 2013).

O emprego no Paraíba Palace Hotel, um dos mais requintados e bem frequentados hotéis de João Pessoa (PB), foi uma forma que Políbio encontrou para ajudar financeiramente à mãe e ao restante da família. Nesse período, os irmãos retornaram ao convívio familiar, e a mãe, sem ter como abrigá-los no quartinho, em razão do pouco espaço, pois não a comportaria com os seis filhos, retorna ao bairro de Cruz das Armas para morar novamente com seu pai, o Zé da Luz, avô do escritor.

Ivone Cesar, uma de nossas entrevistadas, remete-nos a esse período, pois morava em um quarteirão próximo à casa do avô de Políbio. Ela afirma: *“Conheci Políbio quando era criança, em 1953/1954, em Cruz das Armas, sua fisionomia me marcou, lembro-me muito dele passando com a mãe na porta da minha casa, todos os dias. Parece que eu estou vendo a mãe dele, cabelinho pretinho comprido, ela era viúva. Ele era um moreninho bem clarinho, cabelo bem pretinho e com um olhar bem marcante. Não tínhamos aproximação, o conhecia de ficar na porta, de conversar um pouquinho na rua, ele era muito calado e, naquela época, as meninas não brincavam com os meninos e conversavam pouco, mas lembro-me muito dele. Hoje somos grandes amigos”*.

Com relação ao emprego, Políbio Alves foi contratado inicialmente para uma função burocrática, porém, quando iniciaram os primeiros dias de trabalho, o gerente já o colocou na função de carregador de malas, em trabalhos pesados. Fez de quase tudo um pouco, trabalhou na limpeza, nos serviços gerais e também como ascensorista. Ele relata que trabalhar lá era muito prazeroso, porém, sofreu muitas humilhações por parte do gerente, um português de aproximadamente 50 anos de vida, seu nome era Joaquim Maria Gomes Coimbra, mais conhecido por Seu Coimbra. O escritor relata que o gerente não gostava dele, possivelmente porque seu ingresso como funcionário do hotel não passou pela permissão dele, vindo diretamente do proprietário do hotel, que era amigo de Célia Torres. Incomodado, o gerente fez Políbio passar por muitas humilhações. Hoje Políbio Alves acredita que talvez tenha sido uma forma que o gerente encontrou de indiretamente fazer com que Políbio pedisse demissão, mas afirma: *“É, sofri muita humilhação, mas eu tinha certeza que aquela situação era passageira, mesmo assim não baixei minha cabeça e nem pedi demissão, aguentei, porque sabia que não passaria o resto da minha vida ali.”*

Para iniciar o trabalho, Políbio Alves assinou um contrato regido pelo juizado de menores onde se comprometia em trabalhar apenas em um turno, pois ele não poderia interromper os estudos. No começo, ele trabalhou apenas um turno, mas com o tempo, em razão da necessidade financeira da família, passou para dois turnos de expediente. Ele relata: *“Passei a trabalhar do meio dia às seis horas da manhã do outro dia.”* Quando passou a trabalhar os dois turnos, tinha aproximadamente 14 anos (**Fotografia 17**), abandonou por um tempo a vida estudantil, passando a maior parte do seu tempo no trabalho.

Fotografia 17 - Políbio Alves, aos 14 anos.



Fonte: Arquivo Pessoal Políbio Alves

Foram seis anos de labuta, na correria da vida entre estudos e trabalho, e quando encontrava um tempinho, o escritor corria para a Biblioteca do Serviço Social do Comércio (SESC) para deleitar-se com as leituras, pois sua sede de informações era constante. Ele relata: *“Eu tentava acompanhar os ensinamentos que estavam sendo dados na escola, embora não estivesse frequentando a sala de aula, não queria me atrasar, levava os livros para o trabalho, geografia, história, português, e quando dava corria para biblioteca do SESC.”*

Um dos episódios narrados por Políbio Alves envolve a bibliotecária do SESC, na época, Socorro Araruna. Ele relata: *“Como eu não era comerciário, não tinha*

permissão para entrar na biblioteca do SESC, eu entrava escondido. Certo dia fui pego em flagrante pela bibliotecária, e ela imediatamente questionou: 'Quem é você? O que você faz aqui?' Eu, que estava re-lendo os Sertões, deixei-o cair no chão do susto que tive. Na mesma hora ela olhou e falou: 'Ora, ora, os Sertões, você não tem idade para ler um livro tão denso.'"

Diante daquela situação, como que em forma de defesa, Políbio começou a declamar uma passagem do livro. Extasiada com a inteligência de Políbio Alves e impulsionada pelo comentário de uma senhora que também admirou sua desenvoltura, a bibliotecária logo liberou a entrada dele pela porta da frente.

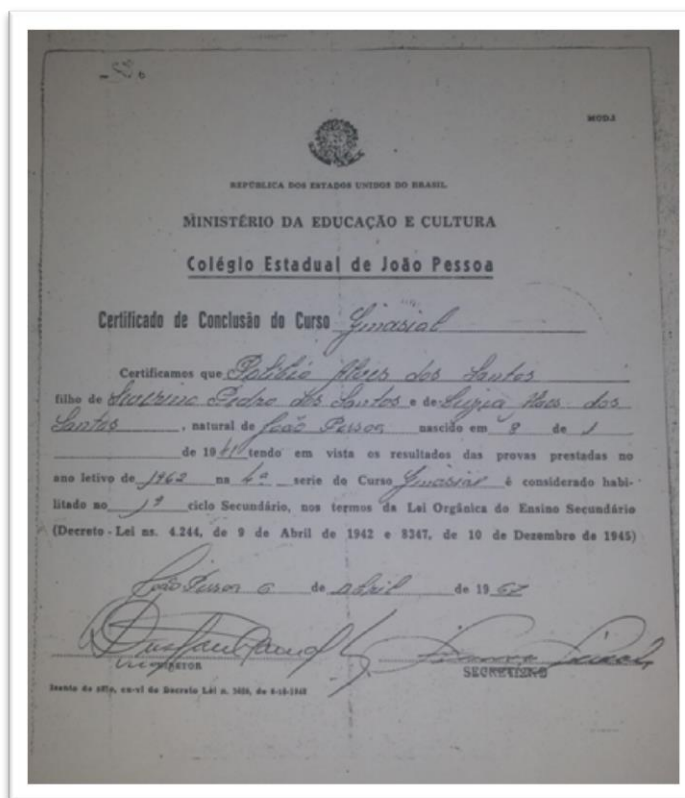
Retomando o cotidiano de Políbio Alves, na passagem pelo Paraíba Palace Hotel, o amigo Carlos Azevedo, afirma: *"Nós líamos Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, e nos encontrávamos no Paraíba Palace Hotel, lá em cima havia um bar, não sei se era tropical o nome do bar, e Políbio Alves era interessante, ele era ascensorista do hotel, nos momentos que não tinha trabalho, ele subia, ia olhar e conversar um pouco conosco, e depois descia, subia e descia, e assim até o final do expediente dele, depois ele vinha, e estávamos todos influenciados por Jean-Paul Sartre. Políbio gostava demais de Jean-Paul Sartre, Os Caminhos da Liberdade, e outros livros de Sartre, eu também lendo Simone de Beauvoir. É, nós éramos uma geração existencialista."*

A inteligência tamanha revelava uma carga de leitura um tanto inusitada, assim, o escritor seguia em busca de seus objetivos, mudar a sua realidade. Convivia, aprendia e ensinava, em uma relação mútua com outros intelectuais como ele, a exemplo de Carlos Azevedo.

Na década de 60, Políbio tenta uma vaga para estudar no ensino Clássico, atual ensino médio. Ele queria estudar no Liceu Paraibano⁴¹, mas para isso teria que ter o diploma de conclusão ginasial. Como tinha parado de frequentar a escola, teve que ser submetido a uma sabatina na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba e, nesta avaliação, foi aprovado com nota máxima, obtendo o passaporte para o tão almejado ingresso na escola mais tradicional da cidade de João Pessoa (PB). Assim, ele consegue o tão esperado diploma (**Figura 19**).

⁴¹ O Lyceu Paraibano é uma escola estadual tradicional na cidade de João Pessoa (PB), fundada em 1836. Por ela passaram grandes intelectuais, entre eles: o poeta Augusto dos Anjos, o jornalista Ascendino Leite, a cantora Elba Ramalho, o escritor Políbio Alves, entre tantos outros.

Figura 19 - Diploma de conclusão ginásial.



Fonte: Arquivo Pessoal Políbio Alves

Políbio destaca o convívio com o professor Carlos Azevedo, na década de 60, e confirma: “Nós pertencíamos à corrente filosófica desse período, que era existencialista.” Nessa perspectiva, o professor Carlos acrescentou: “Em 1959, Vanildo Brito, e outros poetas, escritores, firmaram uma geração literária chamada Geração 59. Arquedi Picado, Vanildo Brito, Raul Córdula Filho, Ronaldo Cunha Lima como poeta, todos pertenciam a essa Geração 59. Em 1960, eu sempre fui rebelde, eu achei que não tinha sentido, uma Geração 59, geração é de dez em dez anos, aí fundamos, se é que se pode fundar uma geração, a Geração 60. Essa geração de 60 era: Políbio Alves, eu, Vital Falcão que era sobrinho do poeta Américo Falcão, Adjmir Moraes e alguns outros poetas. Essa geração foi importante, de certa forma, mas o único poeta representativo dela, eu posso afirmar ainda hoje, foi Políbio Alves, uma revelação.”

Foram muitas as trocas de experiências e aprendizados com intelectuais nesse período, dessa forma, Carlos Azevedo acrescenta: “Nós escrevíamos e compartilhávamos uns com os outros, subíamos até nas cadeiras para recitarmos nossos poemas.” Entre os intelectuais, Políbio cita: “Carlos Aranha, Carlos Azevedo, Raul Córdula, Maria José Limeira, Gemy Cândido”, entre outros.

Com relação aos estudos, Políbio cursou o primeiro e o segundo ano no Lyceu Paraibano (**Fotografia 18**), porém, munido por uma vontade de fazer um concurso público federal, decide mudar-se para o Rio de Janeiro. Nessa época, o estado da Paraíba não lhe trazia nenhuma perspectiva de ascensão, tendo em vista a sua história de vida, suas raízes, a possibilidade era quase impossível. Nesse período, não existiam concursos públicos na Paraíba, tudo era alcançado por meio de uma indicação política, só quem tinha espaço eram as pessoas de família que tinha posses.

Fotografia 18 - Lyceu Paraibano.



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Diante dessa situação, sabendo que no Rio de Janeiro ocorriam concursos para cargos públicos federais e confiando que seus esforços render-lhe-iam a tão almejada vaga, partiu com o consentimento e apoio da mãe no dia 9 de Janeiro de 1963. Saindo de João Pessoa (PB), com uma mala de papelão e o equivalente a vinte reais na moeda de hoje, relata o escritor. Partiu da antiga rodoviária, situada próxima à Rua da República rumo ao Rio de Janeiro. Sem saber nada sobre onde iria ficar, Políbio carregava em sua mala um recorte de jornal dado pelo seu professor de português, Jairo Lisboa, em uma de suas aulas. Nele estava um anúncio disponibilizando quartos para rapazes solteiros alugarem na Lapa. Assim, mesmo sem saber onde e

como era a Lapa, esta era a única informação que Políbio levava com ele sobre o Rio de Janeiro.

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, partiu em busca de uma pensão na Lapa, foi andando até encontrar, dormiu lá e no outro dia foi em busca da casa do estudante.

Diante da situação ele afirma: *“Fui procurar a casa de estudante, e não tinha vaga, mas eu disse: eu fico assim mesmo. Botei a mala de papelão embaixo da escada, e fui procurar um lugar para me alimentar. Me indicaram o restaurante universitário, mas como eu podia comer lá se eu não era universitário?”*

Mesmo não sendo estudante, destemido, Políbio foi até o Calabouço, era assim que se chamava o restaurante universitário e secundarista, *“uma espécie de bandeirão”*, ele afirma. Como ele não tinha a carteira de estudante, não podia entrar logo. Uma fila era formada do lado de fora por outras pessoas que estavam na mesma situação que ele, e só comiam se sobrasse comida, a prioridade era dos estudantes. *“Muitas vezes não sobrava comida, eu comi até o resto que as pessoas deixavam nos pratos. Mas tinha vezes que eu não comia nada.”* Políbio relata que quando não se alimentava procurava beber água, e bebia a água de uma fonte localizada no parque jardim municipal. Especialmente nos finais de semana era lá que ele pousava, assim, sem dinheiro e sem comida, bebia sempre a água dessa fonte mineral, para se manter em pé.

Foi no Calabouço que Políbio Alves instalou o supletivo, juntamente com outros estudantes. Objetivando concluir o Ensino Clássico, Políbio Alves recorreu por inúmeras vezes à Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, no intuito de conseguir uma vaga em uma escola, mas a realidade era outra, não existiam vagas. O fato é que havia uma superlotação. Mas Políbio Alves necessitava concluir os seus estudos para tentar ingressar em uma faculdade, e assim como ele, outros estudantes viviam a mesma realidade. Políbio, como sempre destemido e com a certeza de seus direitos, ia todos os dias à Secretaria de Educação na esperança de encontrar alguma solução para esse problema. Ele não queria, e nem podia ficar à margem.

Diante dessa problemática, eis que surge a ideia de fundar um supletivo com outros colegas, pois ao mesmo tempo em que lecionavam determinada disciplina,

estudavam as outras. Assim, quando concluísse o ano, os estudantes do supletivo seriam submetidos a uma prova aplicada pela Secretaria de Educação, e os que atingissem a média receberiam o diploma, aplicando-se o Artigo 99⁴², que regulamenta a lei do ensino supletivo no Brasil. Mas para lecionar no supletivo, os alunos teriam que fazer uma prova do Ministério da Educação, passando na prova, eles receberiam o atestado de licenciatura plena provisório. Assim, Políbio Alves e outros estudantes construíram uma sala de aula no mesmo prédio do restaurante Calabouço. *“Foi assim que eu consegui o certificado do clássico, nós tivemos de criar um curso supletivo, onde ao mesmo tempo eu estudava e lecionava.”*

“Fui ao Rio de Janeiro para vencer e nunca para desistir”. A vida para ele não foi fácil. Entre as histórias vividas nesse período, ele relata: *“Certo dia eu estava esperando o Calabouço abrir, quando uma senhora se aproximou de mim e disse que conhecia minha família, falou que era da Paraíba e me convidou para ir à sua casa que ficava no bairro Realengo. Eu que não tinha dinheiro, disse que estava sem a carteira, ela falou que não tinha problema, eu iria com ela assim mesmo. A mesma me chamou para ir de trem para que eu conhecesse o caminho de sua residência, assim, fomos para a casa dela. Ela morava na vila militar. Aproximamo-nos, criamos um laço de amizade e eu passei frequentar a sua casa nos finais de semana, tendo onde ficar e me alimentar.”* Foi nessa casa em que Políbio escreveu os primeiros rabiscos de sua obra *Varadouro*, afirma o escritor.

Mesmo com a vida corrida, Políbio sempre se revestia de educador, pois sua vontade era de disseminar conhecimento e foi em um dos dias quando retornava de Realengo, que ele se deparou com a favela de Jacarezinho. Lembrando o que pensou naquele momento, ele fala: *“Vou parar aqui para ensinar, para alfabetizar as pessoas.”* E complementa: *“Fui até lá e quando cheguei procurei o padre, mas não tinha padre, minha mãe me ensinou que o padre é a pessoa mais importante. Como não tinha padre, perguntei se tinha pai de Santo, daí disseram tem sim, ele mora ali. E eu fui lá conversar com ele, estava vestido de forma estranha, eu nunca vi uma pessoa vestida assim, com uma roupa comprida. Eu fui logo pedindo para alfabetizar as pessoas, ele perguntou quanto eu iria cobrar, eu disse ‘nada’. Ele falou que sabia escrever, mas tinha muitas dificuldades, o ajudei e em poucos dias,*

⁴² Este artigo integra a Lei nº 4.024/ 61, compondo as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

ele estava escrevendo o seu nome. Ensinei não apenas a ler e a escrever, ensinei os direitos, compartilhei noções de cidadania, e a partir de outras dez pessoas que também se determinaram a aprenderem, tornei-os multiplicadores, repassando para a comunidade os seus aprendizados. Dessa forma, alfabetizei centenas de pessoas em Jacarezinho.”

Foi a partir desse trabalho que Políbio Alves recebeu o título de cidadão do Estado da Guanabara em 1974 (**Figura 5**), conferido pela Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, propositura do deputado federal Frederico Trotta, uma forma de reconhecimento de sua contribuição à educação no Rio de Janeiro.

Políbio Alves se formou em Administração (**Fotografia 19**) e fez concurso público em nível nacional para técnico de administração, passando em primeiro lugar para o Estado da Paraíba. Assim, ele retorna ao seio familiar na década de 80, como funcionário do Ministério do Trabalho. Depois fez outro concurso também na Paraíba, assumindo o cargo de Auditor Fiscal do Trabalho, em 1984.

Fotografia 19 - Políbio Alves em sua colação de grau do curso de graduação em Administração.



Fonte: Arquivo pessoal Políbio Alves

Sobre esse período, ele relata: *“Eu estava com os cabelos longos, com cachos, e para ir ao trabalho eu o amarrava, colocava o paletó, e só os soltava à noite quando retornava para casa.”* Políbio Alves (**Fotografia 20**), um jovem vaidoso, de beleza singular, retorna à terra natal, às margens do Sanhauá, para onde prometeu a si próprio que um dia retornaria.

Fotografia 20 - Políbio Alves nos anos 80.



Fonte: Arquivo pessoal Políbio Alves

Com características inovadoras, Políbio Alves primava pela celeridade e o bom atendimento no serviço público. Revestido de consciência e cidadania, ele sabia da importância de prestar um bom serviço à população. De acordo com seus relatos, essa sua forma de agir, às vezes, incomodava alguns colegas, mas ele seguia firme, prestando um bom serviço, procurando sempre fazer o melhor.

José Cleyber de Andrade Menezes, colega de trabalho de Políbio Alves, atualmente auditor fiscal aposentado, relata: *“Políbio é uma pessoa humana, ele possui características que realmente impressiona, é possuidor de uma simplicidade, de uma capacidade de comunicação muito grande. Os trinta e poucos anos que convivi com Políbio na Delegacia Regional do Trabalho, hoje Superintendência, nunca vi nem presenciei e nem ouvi falar que Políbio fosse uma pessoa explosiva, mesmo nos momentos que eram usados de grosseria com ele. Nunca fora capaz de sair daquele controle que ele tem, muito tranquilo um controle emocional que é exemplar e que realmente nos engrandece tê-lo como colega.”*

Sua dedicação também é referenciada pela colega de Trabalho, Maria da Paz Bezerra do Nascimento. Ela relata: *“Nós trabalhamos em dupla, na fiscalização rural, fizemos fiscalização de jornada de banco, fiscalização em todos os postos de combustíveis de*

João Pessoa, tivemos uma grande empatia, ele era a minha dupla. O que mais me impressionava em Políbio Alves, era que ele era altamente competente, responsável, muito comprometido com o trabalho, tudo que fosse determinado para ser feito ele fazia com muito amor, muita dedicação, ele era muito dedicado.”

Durante a sua dedicação à Delegacia Regional do Trabalho, Políbio não se afastou de suas publicações. Dedicava-se aos dois mundos profissionais, ambos com exímia satisfação e êxito. A colega de trabalho Maria da Paz, chamada carinhosamente por Políbio de Da Paz, revela: *“Nós conversávamos muito sobre suas obras, a fiscalização do trabalho era muito puxada, sem horário, eu ficava impressionada porque ele produzia suas obras, em plena atividade de fiscalização. Certo dia, eu questionei-o: Políbio, qual é o prazer que você sente cada vez que sua obra é publicada? Ele respondeu: orgasmo eterno. E deu aquela risada gostosa.”*

A colega de trabalho acrescenta: *“Políbio era um homem bom, ele gostava de escutar as pessoas, sempre passava para elas seus testemunhos de vida. Em nossas fiscalizações, depois do trabalho cumprido. Ele sentava-se e conversava com os empregados, ela percebia nele um ombro, desabafava até questões pessoais, ele sempre muito paciente se sentava, às vezes até no cantinho ao chão, para escutá-la. Eu tinha filhos para pegar no colégio e nem sempre podia esperar, eu ia embora e ele ficava até concluir a conversa. Ele é humano, pensa sempre no outro.”*

Revestindo-se de satisfação com o cotidiano do trabalho, o poeta, que assumiu cargo de chefia durante muitos anos, continuou a escrever suas obras e imprimindo no serviço público o seu caráter plural de fazer sempre o melhor, o que estivesse ao seu alcance. Atualmente aposentado, debruça-se inteiramente à sua produção, ao amor pela literatura. Segue ganhando prêmios, sendo estudado e lido além das fronteiras brasileiras e sempre coberto por uma simplicidade singular.

Na história de sua vida, em um capítulo à parte, o escritor sofre torturas, coisas que nem imaginava passar. Foi no Rio de Janeiro, em meio à ditadura, que ele foi preso político e torturado. No capítulo a seguir, descortinaremos alguns fatos que marcaram esse período, ressignificando a sua memória, refletindo a sua trajetória.



5.2 APÓS 50 ANOS: o silêncio se rompe

*“Ao transcender
pelo absinto,
o minotauro,
pressinto.
Não herdar
em solver
meu sangue,
ainda que,
às braçadas,
num mar
revolto
de mágoas.
(Políbio Alves, 2013)*

No final de março de 1964, civis e militares juntam as suas forças com objetivo de derrubar o então presidente da república João Goulart, aplicando-lhe um Golpe de Estado. No poder, desde 1961, Jango como era conhecido popularmente o

presidente da república, desde a sua posse, enfrentou diversas crises políticas, passando a prometer reformas sociais, econômicas e políticas com vistas a tornar um Brasil menos desigual e democrático. (NAPOLITANDO, 2014).

Napolitando (2014) afirma que Jango era visto pela direita como amigo dos comunistas, incompetente, irresponsável como homem político, um populista que prometia mais do que poderia dar à sociedade brasileira. Dessa forma, os militares justificaram o golpe, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no país.

Com o golpe, os militares passaram a conduzir o Brasil. Foi uma época marcada pela prática de vários Atos Institucionais que evidenciavam a censura, a perseguição política, a falta de democracia, a supressão de direitos constitucionais e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar, que durou mais de 20 anos (1964/1985). Nesse período, Políbio Alves morava no Rio de Janeiro e estava em pleno vigor, buscando seus ideais. Para ele, a ditadura militar deixou marcas que o tempo não consegue apagar.

Tanto no Brasil quanto em alguns países da América do Sul (Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile), a ditadura militar alavancou a chamada Operação Condor, com objetivo de perseguir, torturar e eliminar opositores. Logrando êxito, os militares receberam o suporte de especialistas militares norte-americanos que ensinaram novas técnicas de tortura para obtenção de informações.

Gaspari (2014, p.19) afirma que a tortura tornou-se matéria-prima de ensino e prática rotineira dentro da máquina militar de repressão política da ditadura. Os militares acreditavam que a segurança pública era a lei suprema. Para eles, o país estaria acima de tudo e de todos, assim, tudo era válido ser feito contra aqueles que o ameaçavam.

Muito sangue foi derramado nos vinte anos da ditadura. Nesse aspecto, José (2014) destaca o depoimento recente do coronel reformado Paulo Magalhães, um dos torturadores do Centro de Informações do Exército (CIE), que, através da Comissão Nacional da Verdade no Rio de Janeiro, retrata em seu depoimento relatos dessas torturas. Nesse sentido, suas histórias somam-se aos das vítimas que passaram por vários tipos de torturas desde o pau de arara ao choque elétrico, entre outras. A denúncia foi feita em vias de contramão, pelo próprio torturador.

Com relação às torturas, Políbio relatou: *“Ouvi relatos terríveis de torturas, para além do que sofri. Foram muitos crimes bárbaros que aconteceram, e tudo com o consentimento do governo. Penduravam pessoas, faziam rolos de jornais e colocavam no ânus delas, com as mulheres então, eles tiravam com alicates os mamilos, as unhas, meu DEUS... Era tão absurdo as torturas. Muitas pessoas foram mortas.”*

Esse foi um período muito turbulento para a população, que passou a temer aqueles que as deveriam defender. Nesse sentido, o povo brasileiro se uniu, articulando-se para agir e reagir, contra as torturas e as mortes que assolavam a população. Um dos cenários de organização de piquetes contra a ditadura era o Calabouço. Políbio Alves relata: *“Do restaurante Calabouço partiam piquetes de greve contra o regime. Eu fui preso político sem ser comunista, sem ser nada, apenas porque frequentava aquele ambiente.”* E continuou: *“Na primeira vez, os militares perguntaram porque eu estava no Calabouço, e eu respondi, porque o Copacabana Palace não me acolheu.”* Dotado de um certo tom de ironia, o escritor nada temeroso, respondeu ao questionamento. Políbio publicava na tribuna da imprensa, o único jornal contra o regime, contra o governo, assim ele afirma: *“E eu publicava lá.”*

Na realidade, ele explica que, certo dia, mandou uma carta, uma espécie de depoimento para a tribuna da imprensa, e eles publicaram, e foi a partir desse contato que o escritor começou a publicar seus textos no suplemento cultural. Ele afirma que enviava seus textos para a tribuna, sem intenção de fazer qualquer tipo de enfrentamento. Este foi o único meio que encontrou para publicar seus textos, essa foi a sua maior intenção.

Outro fato marcante foi a morte do colega Edson Luiz de Lima Souto, estudante paraense que, assim como Políbio, estava buscando no Rio de Janeiro uma oportunidade melhor através dos estudos. Foi no restaurante Calabouço, em 28 de Março de 1968, que Edson Luiz foi vítima dos militares, assassinando-o sem que ele tivesse sequer reagido. Políbio relata que foi no horário do jantar que os policiais entraram já atirando, baleando Edson Luiz com um tiro fatal no peito, atingindo também outros estudantes que ali estavam para se alimentarem. Políbio Alves foi quem levou Edson Luiz para o Calabouço. Quando o conheceu, ele estava desmaiado na rua, sobrevivendo como um mendigo, sedento e com fome. *“Um dia, eu passando*

pela Cinelândia, encontrei um jovem sujo, caído ao chão, com a boca espumando, parecia desmaiado. Percebi logo que aquilo ali era fome, então o ajudei a levantar, comprei um copo de leite em um bar e ele foi despertando.” Este jovem era Edson Luiz, recém-chegado de Belém do Pará, há mais ou menos três dias. Ao posar nos solos cariocas, logo foi assaltado, ficando sem nada, só com a roupa do corpo. Dessa forma, sem opção, ele estava dormindo na rua, relata o escritor. Indignado com a situação precária do jovem, Políbio Alves prontamente afirmou para ele que, naquele instante, o sofrimento dele ficaria para traz e o levou para morar no Calabouço. A partir daquele dia, Edson se tornou também, além de morador, estudante do supletivo e passou a auxiliar na limpeza do lugar. Ele não era comunista, nem do movimento de esquerda, ele queria apenas estudar e melhorar a sua vida, mas infelizmente foi vítima daquele ataque covarde. Políbio relata: *“Eu quase presenciei o assassinato, estava chegando no Calabouço, a mais ou menos 100 m, ainda ouvi os tiros.”* Emocionado com as lembranças, ele afirma: *“Eu nunca vou esquecer o nome do militar que atirou nele, Aloísio Raposo.”*

A morte do estudante repercutiu pelo Brasil. Passeatas foram realizadas por várias cidades, cartazes eram expostos em vários pontos, muitas manifestações e atos de protestos. Com todo esse movimento popular tomando fôlego, a polícia militar foi para ruas com objetivo de reprimir aquelas manifestações realizadas contra o governo. Passaram então a buscar, de alguma maneira, os jovens envolvidos nessas manifestações. Políbio Alves não se furtou de participar desse movimento, ele não era comunista, mas era colega daquele que teve a vida ceifada precoce e injustamente. Com uma rotina cotidiana, Políbio Alves, seria um alvo fácil para a polícia, pois se situava corriqueiramente entre a casa do estudante e o restaurante Calabouço. Através de um registro imagético (**Figura 20**) de uma das manifestações, Políbio Alves foi preso pela primeira vez. Na imagem, Políbio, participa de uma passeata expressando a sua indignação com relação à morte injusta do colega. Dessa forma, esse registro feito pelos policiais viabilizou a sua primeira prisão no dia um de Maio de 1968.

Figura 20 - Imagem de Políbio Alves em uma manifestação da Morte de Edson Luiz.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Políbio relata que, ao ser preso, foi levado para a sede do Destacamento de Operações de Informações (DOI), situada no Centro de Operações de Defesa Interna (CODI), e foi questionado a respeito de sua presença nas manifestações: *“Com a imagem na mão, perguntaram: Esse é você?”* Políbio relata: *“Eu não tinha como negar, era minha foto, eu estava lá, embora não fosse comunista, estava em um protesto contra a morte de um amigo e aluno meu.”* E continua: *“Fui agredido, chutaram-me no rosto, apanhei muito, depois me levaram para uma espécie de cela, sem um fio de luz, pois não tinha janela, nem consigo precisar ao certo, quanto tempo eu passei preso.”*

Ao ser solto, Políbio Alves, voltou à sua rotina, tinha seus objetivos para alcançar, então decidiu não buscar a clandestinidade, que era muito comum naquele período por parte daqueles que conseguiam retomar a liberdade. O escritor relata que foi preso por três vezes e, quando saía em liberdade, ia ao ministério da guerra para entregar um relatório, descrevendo tudo que se passara com ele. Incomodados com a persistência de Políbio e para impedi-lo de ir novamente, torturaram-no mais uma vez: *“Eles me pegaram e com um pano molhado, e uma barra de ferro me colocaram de cabeça para baixo, acabaram com metade do meu corpo, e eu fiquei paralisado, fiquei sem andar por um ano.”*, relata o escritor.

Durante muito tempo, Políbio não conseguia falar sobre o assunto, que era tão doloroso para ele. Porém, nos últimos três anos, ele consegue revelar as suas dores, a sua superação, o trauma sofrido covardemente, torturas, destruição de seus escritos.

Ele foi tolhido da própria liberdade, até mesmo depois de liberado de sua última prisão, rendendo-lhes mais de um ano interno sem andar em um dos hospitais do Rio de Janeiro.

Fruto de seus estudos e das suas visitas à biblioteca Nacional, bem como à sua carga de leitura, Políbio tinha escrito alguns textos de sua autoria. Porém, ele relata: *“Meus textos foram queimados pela polícia, a polícia quando foi lá destruiu tudo. Foram muitos textos nos quais eles tocaram fogo. Eles queimaram também as minhas roupas, que já eram poucas, assim, eu fiquei só com a roupa do corpo.”*

Entre as suas obras, seus textos escritos, alguns textos não foram queimados, salvando-se. Entre os que sobreviveram, estavam os primeiros versos do livro *Varadouro*, que Políbio guardou na casa onde passava os seus finais de semana. Como a casa localiza-se em uma vila militar, os militares não se preocuparam em vasculhá-la, e assim, os primeiros traços de sua obra sobreviveram à destruição, bem como alguns de seus escritos que estavam guardados na própria biblioteca Nacional, estes também foram salvos desse ato destruição.

Em uma de nossas entrevistas, o escritor, que é muito expressivo e fala bastante, para um pouco, cala-se por uns instantes, depois ele relata: *“Só quem passou por isso sabe o que é isso. Eu acredito que existe uma força superior, e por causa dela que eu estou aqui conversando com você.”*

Quanto à sua recuperação, durante o período em que esteve hospitalizado, ele relata que sua salvação veio através de uma senhora que trabalhava no hospital, *“Eu estava apodrecendo no hospital, e uma senhora zeladora de lá, uma mulher simples me salvou. Certo dia, comovida com a minha situação, ela falou que iria me levar para a sua casa e disse também que era do Candomblé”*, relata o escritor.

Esta senhora cuidou dele, incentivou-o a voltar a andar, em uma de nossas entrevistas, ele afirma: *“A coisa que foi mais difícil para mim, foi eu acreditar que eu podia andar novamente.”* Revestido por sua determinação, pelos conselhos daquela senhora e com o auxílio também dos orixás, o poeta relata: *“Aquela senhora me dizia que só tinha uma forma para que eu voltasse a andar, primeiro de tudo eu tinha que imaginar a minha infância, quando eu era criança eu não andava. Então, ela disse que era dessa forma que eles poderiam me ajudar. Aí comecei a pensar de quando eu era criança, e em uma das reuniões do*

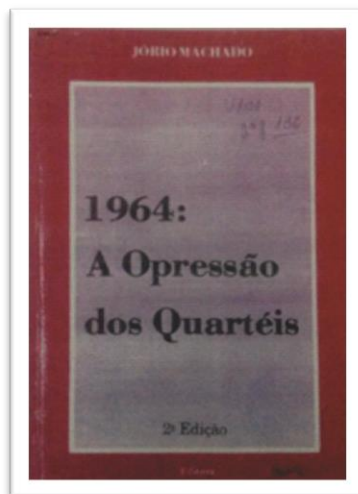
candomblé que participei, de repente, desmaiei e quando retomei os sentidos, eu já estava em pé, segurando um andador. Como uma criança, eu reaprendi a andar.”

Foram muitos os desafios enfrentados pelo escritor. Ele afirma que só o fato de sobreviver o deixa feliz, no entanto, as marcas são eternas, e as sequelas não são apenas no campo emocional. Políbio disse que ficou com problemas de circulação nos membros inferiores, necessitando de cuidados médicos, semestralmente, ainda nos dias atuais.

Destemido, ele afirma: *“Foram muitas as dificuldades enfrentadas durante minha estada no Rio de Janeiro, mas eu não sou nem santo, nem herói, sou um homem comum que se esforçou para alcançar seus objetivos. Não fico calado, eu grito, eu falo, não me conformo com injustiças. Vim para esse mundo para enfrentar, não acredito que Deus quer a minha infelicidade, mas os homens, esses eu já nem sei.”*

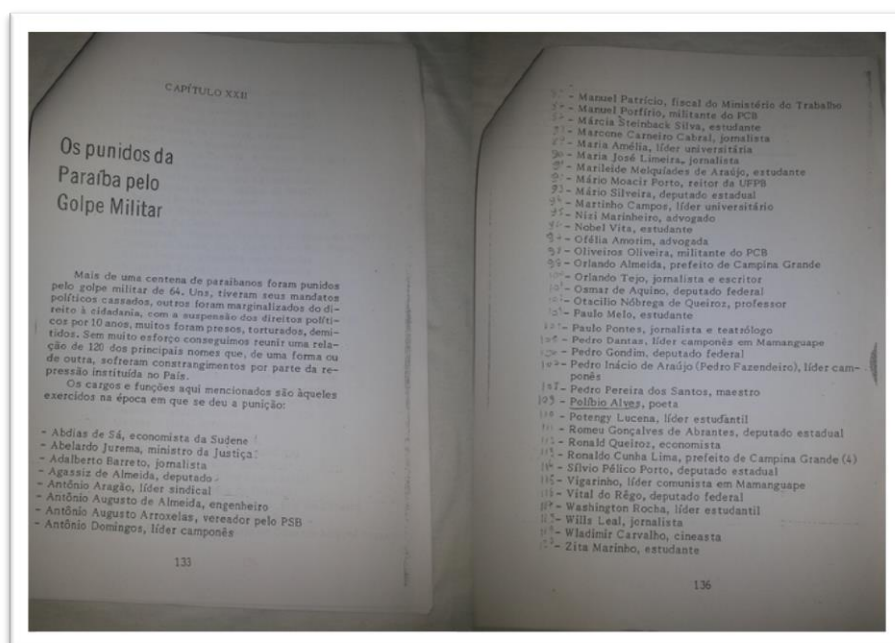
Jório Lira de Machado, jornalista paraibano, em 1991, lançou um livro intitulado: *1964: A Opressão dos Quartéis* (**Figura 21**), um verdadeiro documentário, que se incorpora à história política do Brasil e na luta pela democracia. O referido autor, assim como Políbio Alves, foi preso no período da ditadura sofrendo torturas físicas e psicológicas. Em sua obra, Jório Machado traz um relato pessoal, dedicando um de seus capítulos aos paraibanos punidos pelo golpe militar, uma lista de paraibanos é trazida por ele e nela está o nome de Políbio Alves (**Figura 22**). Na lista, há 120 nomes de paraibanos que sofreram injustamente os horrores da ditadura militar.

Figura 21 - Capa do livro *1964: A Opressão dos Quartéis*.



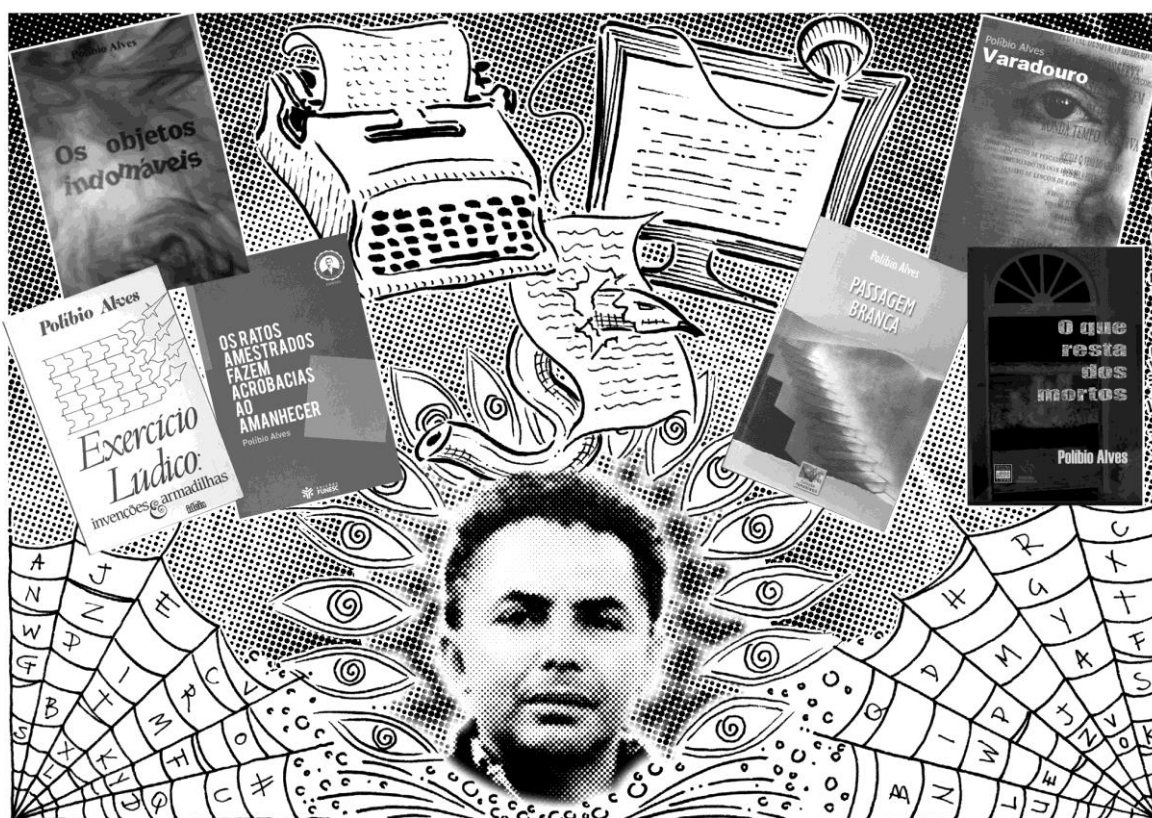
Fonte: Arquivo pessoal de Políbio Alves

Figura 22 - Fotocópia do livro 1964: *A Opressão dos Quartéis*



Fonte: Arquivo pessoal de Políbio Alves

Durante muitos anos, Políbio Alves, não conseguia falar sobre este assunto, recusando-se a receber qualquer tipo de indenização por parte do governo, sobre este aspecto, ele afirma: *“Nenhum dinheiro vai pagar o sofrimento que passei, não apagará as marcas deixadas em mim.”*



5.3 A IDIOSSINCRASIA DO ESCRITOR POLÍBIO: suas obras, seu legado

*"As palavras
são como areia
movediça
ao incrustar
a familiaridade
das coisas
e dos homens
nas reentrâncias
dos livros."
(Políbio Aves, 2013, p.120)*

Políbio Alves que conheceu o universo das letras e as palavras, antes mesmo de frequentar uma escola, fez dela sua matéria prima, e com mão de artista desenha suas obras, seu legado.

Para o escritor, caminhar pela seara da literatura não foi tão simples como pode parecer, o *glamour* de ter livros editados em Cuba foi antecedido pelo esforço pessoal, de arcar com as despesas de suas primeiras publicações.

O jornalista Willian Costa afirma em nossa entrevista: *“Um escritor como Políbio nos proporciona dois grandes presentes simultâneos, primeiro é a obra dele, é a poesia dele, a prosa dele, e segundo é o estímulo que nos dá para continuarmos sendo leitores de suas obras. Sua carpintaria poética e ficcional nos dá muito deleite como leitor, eu não sou crítico em literatura, não sou especialista em literatura, sou apenas um leitor. Então, ler Políbio nos dá um grande prazer, pelas histórias que ele cria, muitas a partir desse universo que faz parte da vida e da história dele, que representa a cidade baixa que é o Varadouro. Mas o que nos prende também é a sua linguagem, como ele lida com a palavra, sua oratória, concisão, as imagens que ele cria, então, isso traz para nós leitores, um riacho, um rio de prazeres.”*

Em seu primeiro livro publicado, já em terceira edição, Políbio Alves (2003, p.21) relata:

As coisas vividas, as experiências que transponho para o texto resultam sempre de inquietação pessoal, angústia. Escrever é sobreviver, apesar de. Embora minhas reflexões sobre o espaço de expressão sejam uma visão implícita da feitura do texto, devo acrescentar que as minhas experiências práticas com a literatura ultrapassam a paixão de minha cumplicidade estética artesanal.

Diante deste relato, passemos a compreender a sua produção no viés da escrita de si (ARAUJO, P., 2011). Políbio traz à tona questões que o inquietaram mesmo longe da terra natal. No período em que morou no Rio de Janeiro, as lembranças sempre vivas em sua mente fizeram-no reviver fatos passados através do fio da escrita, da reflexão e das inquietações.

Assim, ele afirma: *“A escrita, creio, é um exercício constante da vida. Sim, através da irredutibilidade de vivências particulares. Indizíveis. De forma peculiar.”* (ALVES, 2003, p.23).

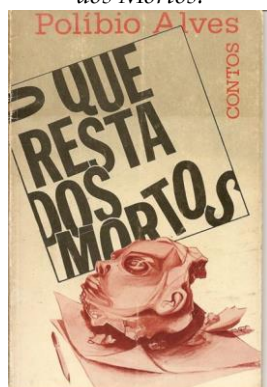
O relato de Willian Costa, leitor das obras polibianas, sempre presente nos eventos e lançamentos do poeta-escritor, estimula até aqueles que não conhecem sua literatura. Willian Costa chama a atenção para o fato de Políbio retratar, em sua obra, a sua experiência de vida, a sua história, a sua vivência, ainda que com nomes

fictícios de seus personagens, estes, na maioria deles, conviveram com o escritor, refletindo-se em uma narrativa de si. Logo, algumas de suas obras podem ser tomadas também no viés de uma escrita autobiográfica. (ARAÚJO, P., 2011).

A jornalista Cecília Maria Lima Leite descreve-o: *“Ele é autêntico. O adjetivo pode parecer um pouco banal, mas quem leu qualquer texto dele sabe que há um estilo próprio ali, que foge do óbvio. É uma leitura difícil inicialmente, justo por se diferenciar da massa. Desde as temáticas à subversão proposital das regras gramaticais. Em Políbio, conheci uma João Pessoa que não é cantada por nenhum outro poeta. Pelo menos não daquela forma visceral e crua.”* Posteriormente, ela acrescenta: *“Sua obra não fica atrás da de escritores renomados. Originalidade e profundidade foram aspectos que me atraíram. A forma com que expõe as virtudes e as mazelas humanas é uma qualidade que só quem tem o dom de contar histórias sabe usar corretamente.”*

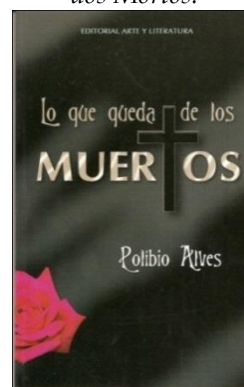
O primeiro livro publicado por Políbio Alves foi *O que resta dos mortos*. Teve sua primeira edição (**Figura 23**) lançada em 1983, pela editora União (João Pessoa, Paraíba). Em 1998, foi lançado em Cuba, intitulado *“Lo que queda de los muertos”* (**Figura 24**), pela editora Arte y Literatura, no ano de 1998 (La Havana, Cuba). Em 2003, a obra *“O que resta dos mortos”*, foi lançada em sua terceira edição (**Figura 25**), pela Editora Universitária/UFPB (João Pessoa, PB), rendendo-lhe o Troféu Correio das Artes, na categoria Melhor Livro de Ficção, em 2004. Sua quarta edição foi lançada no mesmo ano da premiação, em 2004, pela editora Universitária (UFPB), em uma versão traduzida para o espanhol, pela tradutora Aurora Fibla, intitulando-se *Lo que queda de los muertos*. (**Figura 26**).

Figura 23 - Primeira edição da obra *O que resta dos Mortos*.



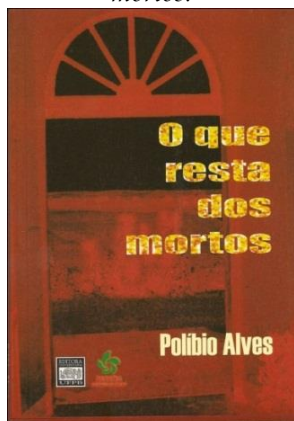
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 24 - Segunda edição da obra *O que resta dos Mortos*.



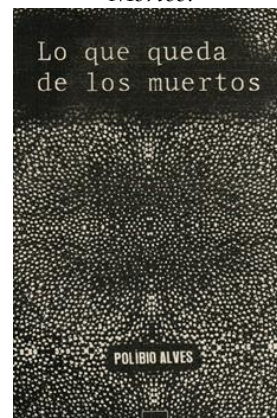
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 25 - Terceira edição da obra *O que resta dos mortos*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 26 - Quarta edição da obra: *O que resta dos Mortos*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Um livro de contos que revela um escritor moderno com uma visão voltada ao cenário histórico-social. Traz, em suas narrativas, os lugares por onde Políbio Alves andou quando criança, espaços como o Rio Sanhauá, o Mangue, a periferia de João Pessoa, sua infância. Retrata alguns personagens de seu convívio diário daquela época, a mãe, ele mesmo, as mulheres dos bordéis, entre outros. Ele explora, nesta obra, os costumes da época, em uma perspectiva dele próprio, uma espécie de escrita de si (FOUCAULT, 1992; GOMES, 2004), já que, em muitos de seus contos, o autor se faz presente, não como personagem principal, mas como narrador-observador, descrevendo tudo aquilo que está posto. Irreverente, traz em seu labor literário, “[...] aspectos típicos da modernidade, onde as fronteiras entre real e ficção se diluem, e os interstícios desses dois campos engendram um espaço de significação”. (ARAÚJO, P., 2011, p.8).

Políbio Alves descreve as profissões dos seus personagens, o lugar onde eles moravam, trazendo à tona a sua própria realidade, inclusive, as torturas físicas e psicológicas que sofrera na ditadura, os pescadores do Sanhauá, a Rua Maciel Pinheiro, a Praça Antenor Navarro, Porto do Capim, o Hotel Globo⁴³ (**Fotografia 21**),

⁴³ O Hotel Globo foi inaugurado em 1928, pelo proprietário Henrique Siqueira, um prédio localizado no Largo de São Pedro Gonçalves, no bairro do Varadouro. Construído com linhas neoclássicas, *artnouveau* e *art decor*. Foi cenário de acomodação de políticos, empresários, coronéis, chegando a acomodar inclusive a família Real. O prédio é tombado pelo IPHAEP, encontra-se interditado pela defesa civil em decorrência deslizamentos que, embora não tenha comprometido a estrutura do hotel, causaram grandes fissuras na encosta, gerando risco de mais deslizamento o que poderá

a fábrica de cimento, o Ponto de Cem Réis, o rio, entre outros lugares, todos entranhados na sua vivência, na sua infância e juventude.

Esta obra traz uma narrativa que remonta um tempo vivido, no contexto da sociedade local da época, bem como traz a sua nuance histórica, fatos que se passaram nesse período, o que justifica percebê-la como uma narrativa histórica-social.

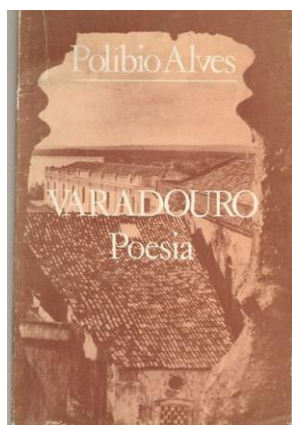
Fotografia 21 - Hotel Globo



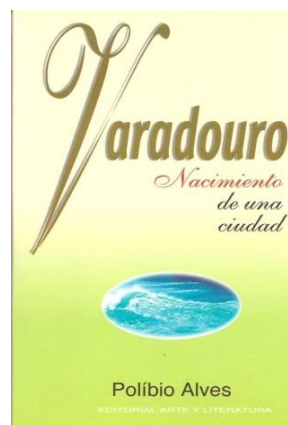
Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

A segunda obra lançada pelo escritor foi seu livro de poesia, *Varadouro*, publicado em 1989 (**Figura 27**), pela Almeida Gráfica, João Pessoa-PB. Nove anos mais tarde (1998), foi lançado em versão espanhola em terras cubanas, pela editora Arte y Literatura, em 1998 (**Figura 28**).

futuramente comprometê-la. Este é um dos pontos mais visitados no centro histórico de João Pessoa (PB). (CARNEIRO, 2013).

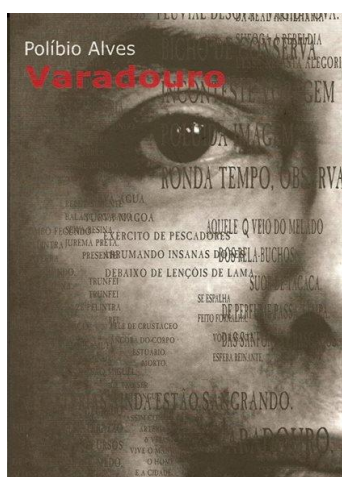
Figura 27 - Primeira edição de *Varadouro*.

Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 28 - Segunda edição de *Varadouro*.

Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Esta obra, uma das mais renomadas e estudadas pelo mundo, teve, em 2003, a sua terceira edição (**Figura 29**) lançada pela Editora Universitária/UFPB, João Pessoa-PB. Neste mesmo ano, Políbio Alves recebeu o Troféu Correio das Artes (João Pessoa-PB), na categoria de melhor escritor. Em 2011, o escritor foi homenageado pelo *Projeto Ano Cultural*, promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. Neste projeto, a obra escolhida para trabalhar nas escolas municipais de João Pessoa (PB), foi o livro-poema *Varadouro*, totalizando três reedições consecutivas da mesma obra, sendo a 4ª edição (**Figura 30**) lançada por ocasião da abertura do aludido evento pela Editora Universitária/UFPB (João Pessoa-PB).

Figura 29 - Terceira edição de *Varadouro*.

Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 30 - Quarta edição de *Varadouro*.

Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Molina Ribeiro relata: *“Eu fui apresentada a Políbio por uma jornalista, Elza Trindade. Na ocasião, ela chegou na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba com ele e me apresentou. Lembro-me ele todo de branco, pois frequentava a umbanda. Quando o conheci nem sabia que ele era escritor. Desde esse dia, ele sempre passava lá no meu trabalho, ficou me visitando de vez em quando, e aos poucos fui descobrindo quem ele era, que ele era escritor.*

Quando ele foi lançar sua obra *Varadouro*, procurou Molina Ribeiro. Ela relembra: *“Ele foi falar comigo lá na DEMEC (Delegacia Regional do Ministério da Educação). Nessa época, eu tinha sido transferida da Secretaria de Educação do Estado pra DEMEC. Passei, então, a trabalhar na coordenação de Comunicação, prestando assessoria ao professor Moacir Alves Carneiro, que era o delegado na época. Então, Políbio chegou lá, pedindo que eu batesse uma ficha catalográfica para ele, pois iria lançar sua nova obra, ‘Varadouro’. E assim, com muito boa vontade eu fiz para ele a ficha catalográfica, e ele lançou a sua obra neste mesmo ano, em 1989, livro este que remete ao épico, traz o Rio como herói de sua história.”*

O professor Carlos Azevedo também faz menção a esta obra, relatando que a levou para compor a biblioteca do Instituto Latino Americano da Universidade Livre de Berlim (Alemanha). O professor, que residiu na Alemanha por vinte e seis anos, afirma: *“Eu acho muito extraordinário, um clássico, como é que ele pode pegar um bairro e entrar nas entranhas desse bairro, dissecar... É uma aula de anatomia literária, é incrível.”* Em sua terceira edição, a segunda aqui no Brasil, o professor Carlos Azevedo fez o posfácio da obra.

A professora Dra. Roselis Batista Ralle relata que a obra *Varadouro* coloca o escritor em uma nova geração de épicos, uma vez que o escritor invoca o Rio Sanhauá como um herói mítico. *“O fato de o rio ser herói de sua lira é inédito na Literatura, o que é surpreendente por ser um elemento da natureza”.*

Xavier (2011), ainda sobre a obra *Varadouro*, afirma que a sua poética é fantástica e real, este livro é uma metamorfose, cuja narrativa ímpar, sutilmente conta estória e história desta cidade. A autora afirma que só um poeta com grande sensibilidade, poderia traçar linhas mestras: topográfica, toponímica, histórica e tão humanamente, quanto Políbio Alves o fez em *Varadouro*. É um livro real porque se

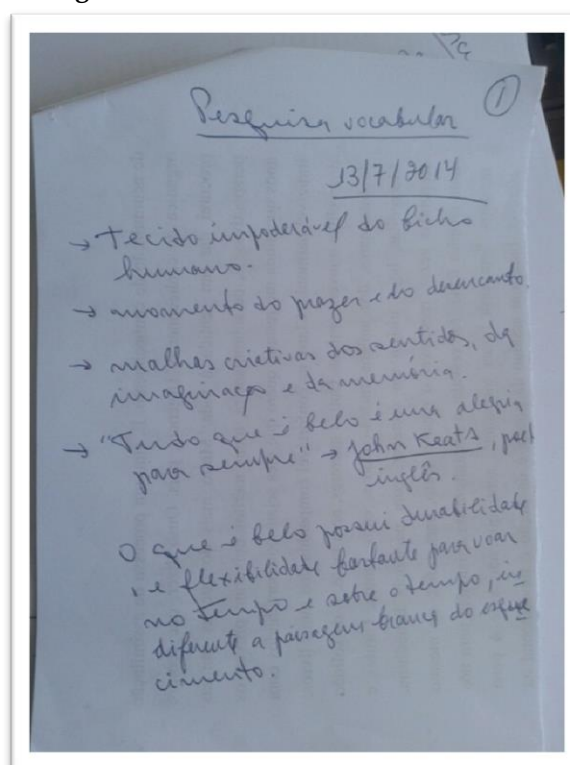
move no cotidiano físico e humano da cidade, é transcendental, ultrapassa os limites da imaginação, afirma a autora.

Sanhauá transladou,
primeiro
tiro certo,
despolpa
argila, s'estria:
músculo viajero
tecido anil,
água têxtil do rio.
(ALVES, 2011, p.12).

Nesta obra singular, de escrita rebuscada, Políbio aborda o Rio Sanhauá como o "útero" da cidade de João Pessoa, foi às suas margens que a cidade de Nossa Senhora das Neves nasceu, atual capital paraibana.

Ele descreve a alma do bairro em que viveu e vislumbrou em sua infância, o bairro do Varadouro. Sua escrita convida o leitor a participar de uma viagem lírica sobre o Rio Sanhauá, narrando não apenas os aspectos físicos, mas também históricos, épicos, entrelaçando o presente com o passado. Políbio Alves relata: "*Meu texto traduz a realidade. Sou teimoso, sem nenhuma máscara, tento trazer o real, tento mostrar isso.*"

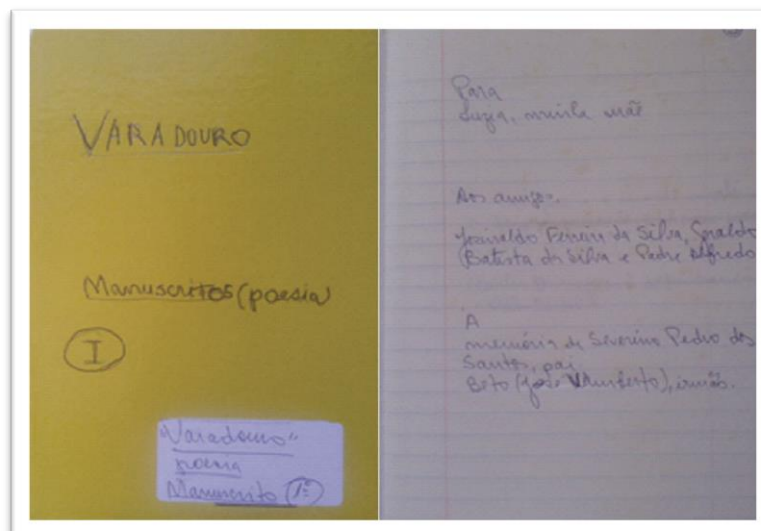
O escritor-poeta debruça-se sobre o prazer de escrever as suas obras, mas antes de iniciar os primeiros versos, Políbio Alves faz um estudo de vocabulário (**Figura 31**). Em uma de nossas visitas à residência dele, ele fala sobre o comprometimento que ele tem com o leitor. O seu objetivo é proporcionar uma boa leitura, a satisfação de seus leitores é uma das suas maiores prioridades. Por isso, ele não escreve uma obra de maneira rápida, instantânea, ele se dedica à sua escrita, cobrando dele sempre um melhor desempenho e, caso ache necessário, refaz os textos. Depois de rever por diversas vezes, quando a obra está prestes a ser publicada, o escritor afirma: "*Não releio mais, pois sempre acho que posso fazê-la melhor.*"

Figura 31 - Levantamento de vocabulário.

Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Pautando-se em uma escrita criteriosa, rebuscada, o escritor relata: “Minha maior preocupação são os meus leitores, quero proporcionar para eles o meu melhor, através de uma boa leitura, através do prazer da leitura.” Diante desse comprometimento consigo mesmo e com seus leitores, Políbio cobra de si próprio, para sempre fazer ou refazer de uma maneira melhor. Ele acredita que o ser humano pode sempre melhorar. Na sua transição entre a infância e adolescência, foram os conselhos de Berta que o marcaram, e um deles foi que ele não deveria ter pressa para produzir seus textos, que eram muito bons, mas que ele poderia fazer melhor e publicar no tempo certo. Dessa forma, ao lançar uma nova edição de suas obras, Políbio Alves debruça-se para “melhorá-las”. É essa eterna vigilância e talvez uma forma de cobrança de si próprio que percebemos os manuscritos da obra *Varadouro* (**Figura 32**), guardados em seu arquivo, enquanto primeiros originais de sua obra.

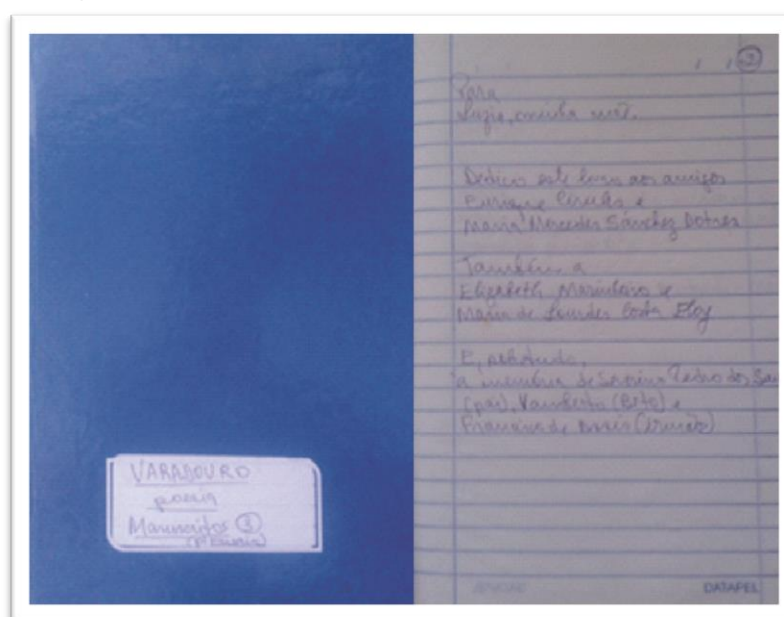
Figura 32 - Manuscrito da primeira edição da obra *Varadouro*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Políbio Alves faz questão de escrever suas obras pelo próprio punho. Mesmo atualmente, na era da tecnologia, são os cadernos de capas duras que se tornam suportes de sua arte de escrever. Os manuscritos de *Varadouro*, em sua terceira edição (**Figura 33**), a segunda no Brasil, apresentam algumas alterações que só confirmam essa busca incessante para fazer melhor, conforme sua necessidade, sua visão poética.

Figura 33 - Manuscrito da terceira edição da obra *Varadouro*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Diante do olhar de uma crítica em literatura, suas obras se destacam, pois o capricho e dedicação à escrita são recompensados. É Elizabeth Marinheiro que afirma: *“Eu vou me basear em duas obras: O que resta dos Mortos e Varadouro que, para mim, são duas obras de arte, no meu conceito de arte. Então, o que eu distingo é como ele usa a construção sintagmática, a construção ficcional ou poética, usando discursos vários, mas primando pelo discurso oral, é aí que ele se torna requintado, por que não é a oralidade comum, a oralidade mercadológica ou midiológica, não, é a oralidade como raiz, como fala oral, que complementa o discurso erudito. A harmonia que Políbio consegue entre o oral e o erudito poucos autores conseguem, então, isso me chama atenção em primeiro plano. Em segundo plano, a denúncia social, em ambos os livros ele é um autor ou um narrador que tem a escrita voltada para o homem, para o mundo, para a miséria, para a desigualdade, para os excluídos, enfim, é outro discurso, outro discurso muito importante na ficção polibiana, essa força de denúncia sem caráter panfletário.”*

Digno de reconhecimento no exterior, o poeta-escritor relata *“Quando escrevo minhas obras, sempre escrevi para pessoas que soubessem ler, nunca pensei que as crianças a compreenderiam”*. Mas foi no ano cultural, em 2011 (**Fotografia 22**), que Políbio Alves relata ter se surpreendido com as crianças narrando para ele o poema *Varadouro*. Esta obra foi trabalhada em sala de aula com crianças em uma faixa etária aproximada de 4-12 anos. Elas tiveram, através da leitura, aula de História da Paraíba, Geografia, além da própria Literatura. O trabalho teve uma ação interdisciplinar nas referidas escolas. A homenagem surpreendeu o escritor, que acolheu orgulhoso, pois sempre em nossas conversas Políbio Alves relatava: *“Se for para me reconhecer, que seja em vida, depois de morto, como irei receber as homenagens?”* Na época, em entrevista ao jornal *A União*, Políbio Alves surpreso, relatou: *“Eu não acordei ainda, estou muito feliz com essa homenagem do Ano Cultural”*. (ARAÚJO, I., 2011).

Fotografia 22 - Banner exposto na abertura do Ano Cultural Políbio Alves.



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

A abertura do ano cultural Políbio Alves foi em 6 de maio de 2011, na Estação Ciência Cabo Branco (João Pessoa-PB), onde o escritor, em seu discurso de abertura, dirigiu-se a um público, em sua maioria professores, que iria trabalhar sua obra em sala de aula. Na ocasião, as obras foram distribuídas com as escolas municipais (**Fotografia 23**), representadas por diretoras e professores (**Fotografia 24**), havendo também um momento de autógrafos (**Fotografia 25**). Nesse dia, foi decretado oficialmente o Ano Cultural Políbio Alves.

Fotografia 23 - Livros *Varadouro*, edição 2011, lançado e entregue aos professores na abertura do ano Cutural.



Fotografia: Ana Claudia Cruz Córdula
Fonte: Dados da Pesquisa

Fotografia 24 - Entrega dos livros aos professores.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Claudia Cruz Córdula

Fotografia 25 - Autografando a obra *Varadouro*, na abertura do Ano Cultural.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Claudia Cruz Córdula

Em 2011, Políbio Aves participou ativamente de todos os trabalhos, visitou todas as escolas municipais, brincou com as crianças, dialogou sobre poesia e estimulou-as a desenvolver a veia poética. Preocupou-se em passar um pouco de sua história de vida para eles, a realidade de muitos que estavam participando do projeto se assemelhava à dura infância que Políbio enfrentou e venceu. E assim como ele, muitos que estavam ali, poderiam ultrapassar as barreiras das dificuldades, e mudar a realidade em que vivia. Ele afirma: *“Quem estuda tudo pode, tudo alcança, esse é o verdadeiro futuro, estudar. O conhecimento pode mudar a vida de qualquer pessoa para melhor.”*

Os professores da rede municipal de ensino público de João Pessoa trabalharam o livro-poema *Varadouro* em sala de aula, incrementando a teoria com a prática e, paralelamente, realizaram visitas aos lugares narrados em sua obra. O centro histórico, a Praça Antenor Navarro, o Hotel Globo, o Rio Sanhauá, tudo se transformou em uma sala de aula ao ar livre. As crianças se encantavam com o cenário narrado nas entrelinhas da poesia. Políbio Alves foi um dos homenageados desse projeto que mais participou ativamente, proporcionando um estreitamento entre autor-obra-leitor.

Sua participação intensa é reflexo da dedicação em tudo que faz. No ano cultural, o poeta não poderia fazer diferente e, em via de mão dupla, dedicou-se aos estudantes, no ano em que os estudantes estavam dedicando-se a ele, à sua obra. A jornada foi regada por visitas do escritor que dialogou com os discentes e docentes, privilegiando a troca de experiência, pois Políbio Alves, com sua veia de educador, compartilhou também um pouco de sua metodologia, de sua vivência no viés educacional.

O escritor se preocupou em visitar todas as escolas municipais, comprometendo-se inclusive nos sábados, para não deixar de partilhar a sua experiência e, acima de tudo, receber e perceber a reciprocidade dos alunos.

Entre as escolas municipais, estão: a Escola Paulo Freire, que foi visitada por ele em 4 de agosto de 2011 (**Fotografia 26**), e a Escola Municipal Durmeval Trigueiro Mendes, visitada no mês de agosto de 2011 (**Fotografia 27**).

Fotografia 26 - Escola Paulo Freire e o Poeta do Varadouro.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Fotografia 27 - Atividades realizadas na Escola Municipal Durmeval Trigueiro Mendes, no ano cultural Políbio Alves



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Muitos foram os trabalhos produzidos pelos alunos com base na obra *Varadouro*, no transcorrer do ano de 2011. Trabalhos artísticos, desenhos, maquetes, remetendo-nos às ruas e aos lugares daquele bairro, ao Rio que sangra e que dá vida, ao próprio Políbio Alves, escritor que conquistou uma legião de fãs durante essa jornada. Como exemplo, a fotografia abaixo mostra um pouco dos trabalhos

realizados pelos alunos da Escola Municipal Dumerval Trigueiro Mendes (**Fotografia 28**). É importante relatar que todas as escolas participaram de maneira atuante na proposta deste ano cultural.

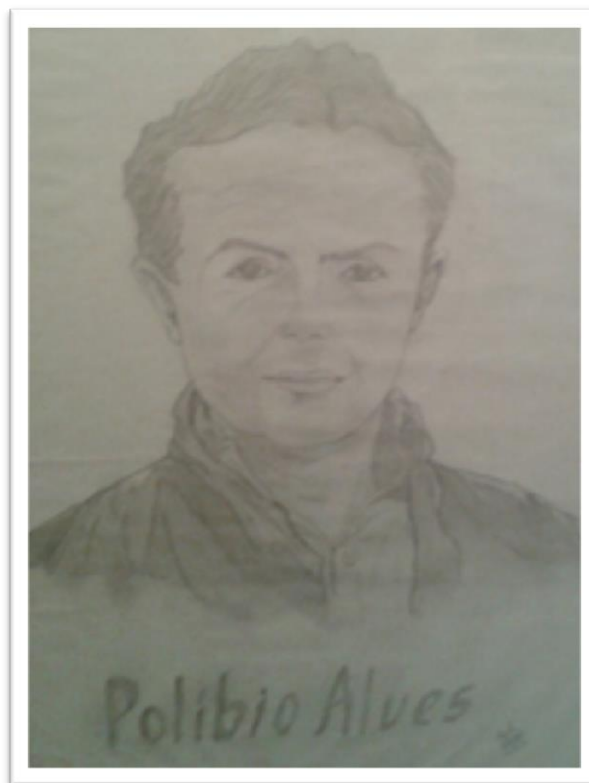
Fotografia 28 - Trabalhos realizados por alunos da Escola Municipal Dumerval Trigueiro Mendes durante o ano Cultura 2011.



Fonte: Arquivo Pessoal de Polívio Alves

Dos trabalhos produzidos pelos alunos, alguns foram dados de presente à Polívio que os expõem em sua residência como um motivo de orgulho e prazer em receber o carinho e a dedicação das crianças que se debruçaram na leitura do livro *Varadouro* para homenageá-lo. Em meio aos trabalhos expostos em sua residência, temos um desenho do busto do escritor (**Figura 34**), de autoria de Carlos Ewerton, aluno da quarta série da Escola Municipal Frei Afonso. Com data do dia 31 de maio de 2011, o desenho foi dado de presente ao escritor no dia 17 de agosto de 2011, em uma visita realizada por Polívio à referida Escola.

Figura 34 - Desenho feito pelo aluno Carlos Everton.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

O escritor recebeu homenagens de alunos, professores e, até mesmo, das próprias escolas como forma de agradecimento pelo apoio e, sobretudo, pela contribuição para aprendizado dos alunos. Essas homenagens também se fazem presentes no arquivo do escritor que as expõe, nas prateleiras, como uma maneira de agir reciprocamente.

Em matéria jornalística do Jornal impresso O Norte, publicada em 12 de junho de 2011 (**Figura 35**), a jornalista Cecília Lima (2011) revela o entusiasmo e a reverência dos alunos da rede municipal de ensino de João Pessoa, bem como remonta as memórias e dialoga sobre as inspirações do escritor. Na matéria, Políbio Alves relata: *“Aprender a ler foi uma libertação.”* Esta é justamente uma das mensagens enfatizadas pelo escritor quando em contato com os alunos. O estímulo à leitura é uma das bandeiras levantadas por Políbio Alves, pois ele é a prova viva de como a leitura é capaz de transformar o ser humano para melhor. Educar é uma arte que também corre nas veias do escritor que a realiza com prazer. Esta satisfação ocorre, não apenas com a arte de ler e escrever, mas também com a arte de viver. E o seu

testemunho de vida também fez parte das lições apresentadas por ele aos alunos da rede municipal, no ano de 2011.

Figura 35 - Matéria sobre Políbio Alves, publicada no Jornal O Norte (João Pessoa- PB).



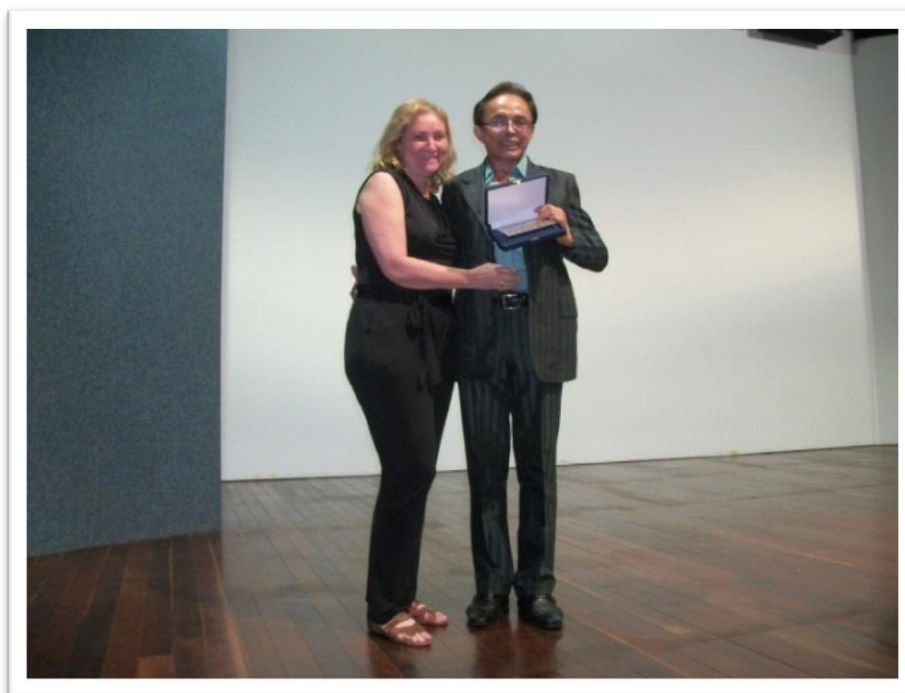
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

No Jornal Correio da Paraíba, de 23 de junho de 2011, a jornalista Molina Ribeiro retrata a fala de Políbio Alves, quando ele afirmou: *“Educar é algo mágico. Fascinante. Educar é poder transformador da realidade.”* Durante as atividades do ano cultural, o escritor se preocupou em plantar essa sementinha da importância e do poder transformador que o conhecimento traz para vida das pessoas. Isso é importante, porque através de seu relato de experiência de vida, ele estimulou aquelas crianças a buscarem também, no conhecimento, uma maneira para mudar de vida, de melhorarem as condições financeiras, mudarem as suas realidades.

Em 18 de dezembro de 2011, ocorreu o encerramento do Ano Cultural Políbio Alves, no Teatro Ednaldo do Egito (João Pessoa-PB). Foi um momento muito emocionante para o escritor que, em nossa entrevista, relatou ter sido muito bonito as crianças utilizarem as mais diversas formas artísticas para apresentarem a sua obra. Dança, teatro, pintura, desenho, até uma letra de música foi criada pelas crianças

para homenagear o escritor. Antes de encerrar, na ocasião, a secretária de educação do Município de João Pessoa (PB), Ariane Norma de Menezes Sá, entregou uma placa pelo reconhecimento da contribuição dada pelo escritor à cultura paraibana (**Fotografia 29**), e pelo seu empenho na proposta do projeto.

Fotografia 29 - Encerramento do Ano Cultural (2011), Políbio Alves recebendo homenagem da Secretária de Educação do Município de João Pessoa, Ariane Sá.



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Rosane Lacet

O Ano Cultural Políbio Alves descortina o palco da vida de um poeta que tem seu reconhecimento fora da Paraíba e também do Brasil. Entretanto, em sua terra tão declamada e declarada em suas obras, este reconhecimento acontecia lentamente. Os intelectuais o conheciam, mas a população ainda desconhecia a contribuição literária e cultural dada por ele à Paraíba. Este projeto veio como uma virada, pois o escritor passa a ter contato com aproximadamente 70.000 estudantes, entre público de crianças e jovens, passando, assim, a divulgar a sua obra, a divulgar ele mesmo. Nesse sentido, uma nova geração passou a conhecer de perto a obra e o autor, possibilitando ampliar o reconhecimento deste, em sua terra natal. Sobre esse aspecto, Políbio Alves relata: *“Para mim foi uma experiência incrível. Antes o meu trabalho não era muito reconhecido, e agora ver minha obra sendo trabalhada e*

interpretada pelas crianças e adolescentes, chega a me emocionar. Isso é uma forma de reconhecimento."

Mas essa dedicação do escritor com ensino, com a aprendizagem das crianças em escola pública, já estava presente em seu cotidiano há algum tempo. Ao entrevistarmos a professora Irani de Souza Mendonça, da Escola Estadual Antônio Pessoa, ela confirma que a preocupação com o ensino-aprendizagem que o escritor tem com relação aos alunos das redes públicas em especial já existia antes mesmo do Ano Cultural. Considerado pela Escola Estadual Antônio Pessoa (**Fotografia 30**), localizada no bairro do Varadouro, como patrono vivo, Políbio Alves se faz presente no cotidiano da referida escola desde o ano de 2005 aproximadamente. Relata a professora: *"Quando cheguei para trabalhar nesta escola no ano de 2010, me encantei com a preocupação, dedicação e até mesmo com a forma de enfrentamento que Políbio Alves tinha perante o ensino. Ele se preocupava muito com as fragilidades enfrentadas nas salas de aula. Estava sempre preocupado em melhorar a qualidade da alfabetização e, sobretudo, a qualidade do ensino na escola e o estímulo à leitura."*

Fotografia 30 - Fachada da Escola Estadual Antônio Pessoa (Varadouro, João Pessoa-PB).



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Diante da forma de pensarem em comum, Políbio Alves se uniu à professora Irani de Souza, e juntos implantam um projeto que visa minimizar as deficiências do

ensino-aprendizagem. Em 2010, amadureceram a ideia e foram colocando em prática. Em 2011, Políbio alertou: *“Nada que é de boca tem valor. Tudo deve ser registrado”*, relembra Irani. Dessa forma, em 2011, juntos criaram o projeto: *Tecendo Palavras e Cidadania* (**Fotografia 31**). Este Projeto foi apresentado à direção da escola, tornando-se parte integrante do Projeto Político Pedagógico.

Fotografia 31 - Projeto Tecendo Palavras e Cidadania.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

O objetivo do projeto é estimular não apenas os alunos, mas também todo corpo docente, a valorizar a leitura, a buscar novas metodologias de ensino, trazer para sala de aula a dinamicidade, o lúdico, direcionando-se sempre para a necessidade dos alunos.

Inicialmente, percebida certa resistência por parte da escola, Irani afirma: *“Políbio foi crucial para a implantação deste projeto, ele dizia, tenha coragem, enfrente, se a escola não quer, faça só.”* Realmente, Irani estava só diante do corpo docente, mas tinha total apoio do escritor, que participou ativamente da implantação do projeto, e que até hoje se faz presente no cotidiano da escola, com um pouco menos de frequência tendo em vista que a realidade hoje já é outra. *“O projeto não apenas aconteceu em 2011, mas ele está vivo no nosso cotidiano acadêmico, estamos a todo vapor, com apoio e consentimento de todos os professores como também da atual diretora: Marilúcia dos Santos Oliveira.”*

A professora relata que a preocupação do escritor é tamanha, ele se doa através da sua presença semanalmente, do seu saber, inclusive com recursos financeiros. Contribui através do testemunho de sua história de vida, uma vez que muitos alunos têm uma história de vida difícil. E o estímulo à aprendizagem pode mudar até mesmo a concepção de vida deles, a forma que essas crianças têm de ver e enfrentar a vida. Outro ponto interessante relatado por Irani foi que sempre em todas as atividades realizadas com as crianças na escola, o escritor se preocupa em alimentá-las antes. Irani afirma que Políbio Alves diz: *“Eu nunca vi ninguém aprender com fome.”*

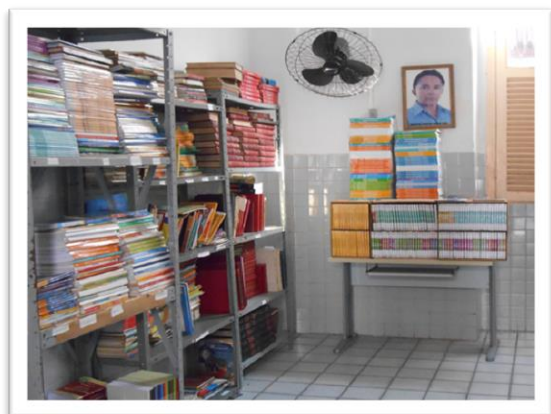
Essa forma de pensar faz parte da metodologia polibiana, denominada por Irani. A professora relata: *“Políbio Alves trouxe ao projeto uma vivacidade, através de suas experiências, trouxe o despertar da importância da leitura, bem como o despertar para escrita, e essa metodologia dele é que faz toda a diferença.”* A professora descreve que os métodos polibianos se pautam na prática de uma criança aprender e passar para outra, tendo como base o incentivo, a criação de um título de reconhecimento, uma espécie de recompensa dada ao aluno pelo seu desempenho escolar. Assim, os alunos mais avançados no aprendizado passam a dar suporte aos que têm dificuldade em aprender e, no final do ano letivo, os alunos mais avançados na aprendizagem ganham uma espécie de Diploma de melhor aluno, e os que melhoraram o seu desempenho, também ganham um certificado de reconhecimento de sua dedicação, isso os estimulam para buscar cada vez mais progredirem. Essa é a metodologia polibiana, através da qual, os alunos passaram a querer sempre melhorar seu desempenho escolar, relata Irani que expressa: *“mudando a realidade de nossa escola”*.

A professora que atualmente é coordenadora pedagógica e responsável pelo Programa Mais Educação da Escola Estadual Antônio Pessoa informa que, em 2013, a escola recebeu o *Prêmio Escola de Valor*, oferecido pelo governo do Estado da Paraíba. Com essa contemplação, todos os funcionários receberam o 14º salário. Foi uma forma de reconhecimento do governo acerca do projeto desenvolvido, que foi um dos principais motivos desse prêmio. Assim, ela desabafa: *“Foi uma maneira de mostrar que o enfrentamento, a coragem que aprendi com Políbio Alves, valeu à pena.”*

Embora não estivessem participando oficialmente do Ano Cultural, a escola se revestiu de subsídios para trabalhar também a obra *Varadouro* em sala de aula, mesmo com o encerramento do projeto na esfera municipal, continuaram trabalhando a obra com os seus alunos. Os professores explicam, com uma linguagem simples, as entrelinhas da poesia, e fazem visitas guiadas pelo bairro do Varadouro, no decorrer do ano letivo. As visitas são realizadas com todas as turmas da escola, contemplando, assim, todos os alunos.

Esta mesma escola, em 2007, homenageou o escritor, inaugurando a biblioteca Políbio Alves (**Fotografia 32**). A biblioteca continua ativa, recebendo inclusive doação de muitos livros por parte do escritor. Recentemente, em 2013, uma turma que concluiu o 5º ano do Ensino Fundamental homenageou o escritor colocando o nome dele na turma (**Fotografia 33**).

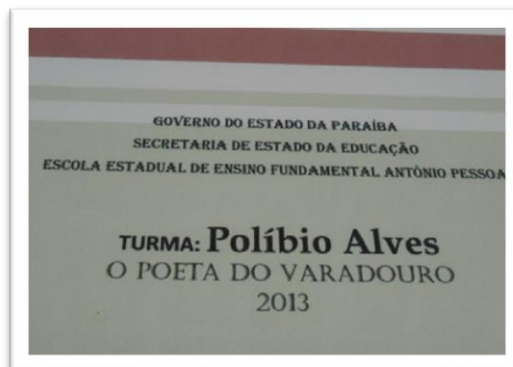
Fotografia 32 - Biblioteca poeta Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa

Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Fotografia 33 - Placa da turma poeta Políbio Alves (2013).



Fonte: Dados da Pesquisa

Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

A trajetória do escritor em meio à vida escolar e ao incentivo à leitura, só engrenou ainda mais após o Ano Cultural de 2011. Atualmente, Políbio Alves é convidado com frequência a participar de eventos literários dentro das escolas, especialmente das escolas públicas, e faz questão de participar. Em 2014, no dia 26 de setembro, Políbio Alves visitou a Escola Estadual Olivina Olívia (João Pessoa- PB), onde fez parte da Semana Cultural (**Fotografias 34 e 35**). Na ocasião, o escritor, que foi um dos homenageados, assistiu à apresentação dos trabalhos desenvolvidos sobre os escritores paraibanos, entre eles estavam: Augusto dos Anjos, Ariano Suassuna e o próprio Políbio Alves. Além de assistir às apresentações, o escritor conversou um pouco sobre suas obras com os alunos, trazendo à tona a sua experiência de vida.

Fotografia 34 - Homenagem ao escritor Políbio Alves, na Semana Cultural da Escola Estadual Olivina Olívia.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Fotografia 35 - Políbio Alves, na Semana Cultural da Escola Estadual Olivina Olívia, dialogando com um dos alunos.

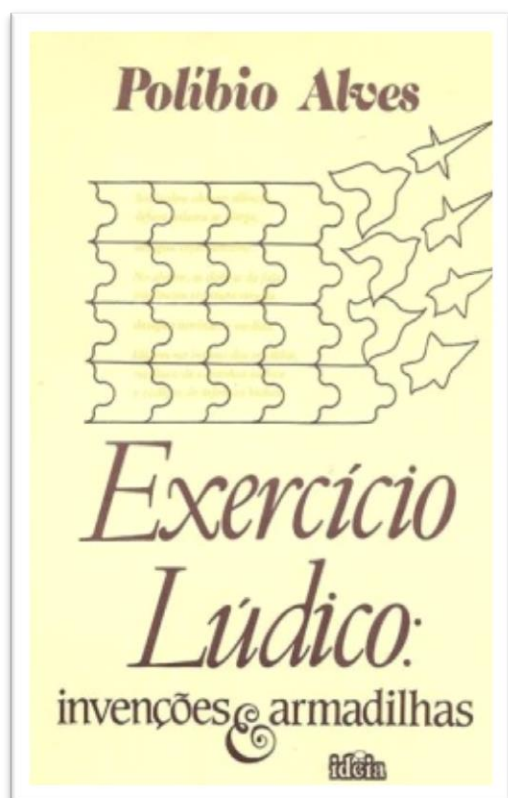


Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Sem hesitar, Políbio Alves, sempre que possível, faz-se presente nas escolas, independente de serem de redes públicas ou privadas. E com sua ida, ele deixa uma mensagem privilegiando a educação, a informação, como bem maior, recompensa da vida. *“Através do conhecimento você vai muito mais além do que você imagina”*.

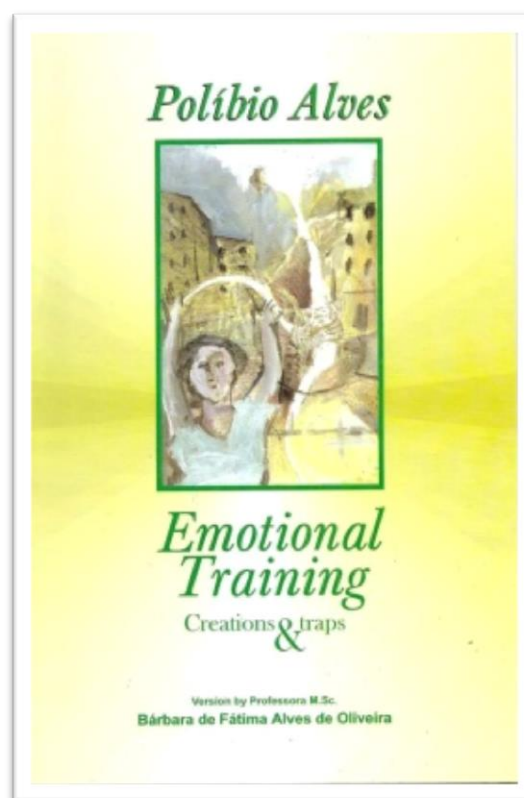
Retomando à sua produção literária, Políbio Alves tem a sua terceira obra publicada, intitulada *“Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha”* (**Figura 36**), livro de poesia lançado pela editora Ideia, João Pessoa-PB, no ano de 1991. Este livro foi traduzido para a língua inglesa pela Profa. Bárbara de Fátima Alves de Oliveira, da Universidade Federal do Tocantins, como parte de um projeto de divulgação da Literatura Brasileira, no ano de 2003. O título da obra em língua inglesa é *Emotional Training- creations & traps* (**Figura 37**).

Figura 36 - Primeira edição do livro *Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 37 - Versão do livro *Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha* traduzida para a língua inglesa.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Van Dijck (2004) afirma que esta obra polibiana mergulha o leitor num expressivo jogo de velar e revelar, de confirmação e negação, de aceitação e recusa,

sabendo que a única saída é o poema. A autora relata que, nesta obra, o discurso lírico de Políbio Alves se volta para a humanidade que, como família, tem traços de identidade com a solidão, a perda, o desejo, o encontro, o gozo, a busca.

E, assim, ela afirma:

Discutindo seu próprio lirismo em momentos de metalinguagem exemplar, o poeta privilegia o banal e lhe atribui estatuto poético, e, assim, a escova de dentes, os cadarços, a bermuda desbotada ou a roupa lavada transmutam-se em matéria de pura poesia. Graças a esse expediente, Políbio pinta uma natureza-morta em “Perspectivas”, cuja mesa remete à cama, tanto quanto a devoração da salada é marcadamente erótica, em via-sacra de domingos/e aguerridos feriados. (VAN DIJCK, 2004, p.8).

Políbio Alves traz delicadeza na sua forma de escrever e, mesmo relacionando o erotismo, ele se reveste de metáforas que trazem uma conotação de leveza, enquanto relaciona o prazer carnal.

Na contracapa deste livro, Alves (1991, p. 10), relata:

Escrevi este livro para melhor nomear o fazer poético. Mas onde se abisma a poesia e onde começa a realidade? Diante deste texto que me assombra, nunca se sabe aonde os meandros das emoções querem nos levar. Pois é. Ninguém se engane. Não inventei nada. Apenas reestruturei o real que se debate para além/aquém. Do desespero, do apego à dignidade, da crueza, do possível despojamento que se enuncia no espaço febril da paixão.

Seguindo com sua produção, o escritor publica a sua quarta obra em 2005, o livro de poesia *Passagem Branca* (**Figura 38**), lançado pela editora Dinâmica (João Pessoa-PB). Apesar de ter sido publicada apenas em 2005, esta obra já tinha sido escrita desde o período que morou no Rio de Janeiro. Em 1977, na referida cidade, o escritor Políbio Alves disputou o conceituado prêmio literário Augusto Motta, competindo com 10.177 obras inscritas, sendo ele o vencedor com esta obra, que só foi publicada apenas 28 anos após a premiação recebida.

Figura 38 - Obra, lançada em 2005, *Passagem Branca*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

No período em que morou no Rio de Janeiro, Políbio Alves teve oportunidade de publicar as suas obras, pois trabalhou como revisor de textos em editoras de prestígio, entre elas, a Francisco Alves e a Rocco. (LIMA, 2011). Embora tivesse acesso pelo viés do trabalho, Políbio Alves nunca apresentou seus originais nessas editoras, pois acreditava que deveria publicar suas obras em sua terra natal, principalmente por ser a própria terra, a essência de sua escrita. E assim o fez.

Em 2013, o escritor lança mais uma obra, o livro de poesia "*Os objetos indomáveis*" (**Figura 39**), pela Mídia gráfica e editora (João Pessoa-PB). O lançamento ocorreu em 6 de novembro de 2013 (**Fotografias 36 e 37**), através da Fundação Casa de José Américo de Almeida e Academia Paraibana de Letras, na sede da Academia. Esta obra poética se divide em dois capítulos, "Mosaico" e "Quartzo".

Brasigóis Felício, crítico literário, escreveu uma contribuição crítica sobre a obra, em suas páginas finais. Segundo o autor, nesta obra o poeta navega em um mar encapelado de conflitos, sendo o verbo de fogo, a invenção poética, a bússola que

guia em sua navegação de visagens. Não a poesia da palavra fácil e vazia, mas a palavra porosa, a que reinventa a si mesma. (ALVES, 2013).

Figura 39 – Livro *Os Objetos Indomáveis*.



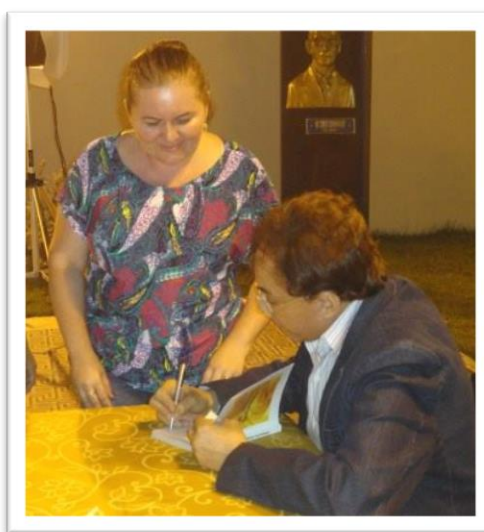
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Fotografia 36 - Políbio Alves, em lançamento da obra, *Os Objetos Indomáveis*, na Academia Paraibana de Letras.



Fonte:Dados da pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Fotografia 37 - Políbio autografando seu livro *Os objetos Indomáveis*, para a professora Irani Souza.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Victor Hugo Xavier

Esta obra fez parte da programação da 28ª edição da Feira Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra, que aconteceu entre os dias 30 de abril e 4 de maio de 2014, na Suíça, conforme matéria anunciada por Audaci Júnior, no Jornal da Paraíba, em 12 de março de 2014 (**Figura 40**).

Figura 40 - Recorte de Jornal, com matéria sobre livro *Os Objetos Indomáveis*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Os Objetos Indomáveis foram lançados também no Sarau do Museu Assis Chateaubriand (MAC) em Campina Grande-PB (**Figura 41**). O evento ainda contou com a música e a poesia do cantor e compositor Rangel Júnior. Estiveram presentes: a crítica literária Elizabeth Marinheiro, a jornalista campinense Molina Ribeiro, o escritor Bruno Gaudêncio, a organizadora e também escritora Fidélia Cassandra, entre outras pessoas.

Figura 41 - Recorte de Jornal, com matéria sobre sarau de poesia no Museu Assis Chateaubriand (MAC), em Campina Grande (PB), e lançamento do livro: *Os Objetos Indomáveis*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

No sarau (**Fotografias 38, 39 e 40**), a plateia interagiu, recitando alguns poemas de Políbio Alves, a professora Elizabeth Marinheiro, além de recitar falou um pouco sobre essa forma singular e inteligente de Políbio Alves em seu labor literário. Em sua coluna *Tessituras do Jornal Correio*, Elizabeth relata sobre a noite do dia 26 de junho, assim, ela descreve:

Políbio Alves. Homenageado pelos recitais organizados pela bela Fidélia Cassandra, o Escritor Políbio Alves foi muito aplaudido por

público qualitativo. Vários dos seus textos foram apresentados por Bruno Gaudêncio, Molina Ribeiro, Ivan Alencar, Conceição Araújo e por esta redatora. Após as significativas palavras de Políbio, seguiu-se um ótimo show do Reitor/Poeta/Intérprete, Rangel Júnior (UEPB), despertando a admiração coletiva.

Fotografia 38 - Políbio Alves sendo prestigiado pelo escritor paraibano Bruno Gaudêncio, na terra da Borborema (Campina Grande-PB).



Fonte: Dados da Pesquisa

Fotografia: Pedro Júnior

Fotografia 39 - Museu Assis Chateaubriand, Campina Grande-PB.



Fonte: Dados da Pesquisa

Fotografia: Pedro Junior

Fotografia 40 - Políbio Alves, prestigiado pelas amigas: Elizabeth Marinheiro e Molina Ribeiro (Campina Grande-PB).



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Pedro Júnior

Antes de publicar *Os Objetos Indomáveis*, Políbio Alves passou oito anos sem publicar novas obras, apenas trazendo novas edições de livros já publicados. Sobre esse fato, ele afirma: *“Eu passei sete anos escrevendo Os Objetos Indomáveis, e para escrevê-lo, fiz muitas leituras, e cada vez que eu lia, eu percebia que poderia melhorá-lo, então eu reescrevia. Quando fazia isso não era por buscar a perfeição, mas por reconhecer que não estava bom. Só parei quando senti que alcancei o que buscava escrever”*.

Em 2013, Políbio Alves vence o concurso Augusto dos Anjos (**Figura 42**), na categoria contos, com uma nova obra intitulada: *Os ratos Amestrados fazem acrobacias ao amanhecer*. Esta obra foi lançada no dia 7 de novembro de 2014, em solenidade na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC), órgão promotor do concurso que reuniu os vencedores das várias categorias. Na categoria conto, foram duas obras contempladas: *“Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer”*, de Políbio Alves e *“Cudegrude”*, de Ailton Ramalho. No gênero cordel, as obras contempladas foram *“A história na visão de um perverso sexual”*, de Paulo Gracino e *“Cangacionário”*, de Gil Hollanda. Já no gênero poesia, foi lançado o texto *“Mistrais”*, de Anna Apolinário. A categoria quadrinhos traz os títulos *“Cantilena”*, com texto original de Sérgio de

Castro Pinto e ilustrações de John Monteiro, além de “Árvores”, de Val Fonseca. (Fotografias 41, 42 e 43).

Figura 42 - Banner de divulgação dos ganhadores do prêmio Augusto dos Anjos, entre os vencedores, a obra de Políbio Alves, *Os Ratos Amestrados fazem acrobacia ao amanhecer*.



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia 41 - O presidente da FUNESC, Lau Siqueira, realizando discurso de abertura da solenidade, sentados à mesa estavam os escritores premiados.



Fonte: Dados da Pesquisa

Fotografia: Pedro Júnior

Fotografia 42 - Políbio Alves, em lançamento do livro de conto *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer*, vencedor do prêmio Augusto dos Anjos (2013).



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Pedro Júnior

Fotografia 43 - Políbio Alves autografando, no lançamento do livro, *Os Ratos Amestrados fazem acrobacia ao amanhecer*, FUNESC-PB.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Rosane Lacet

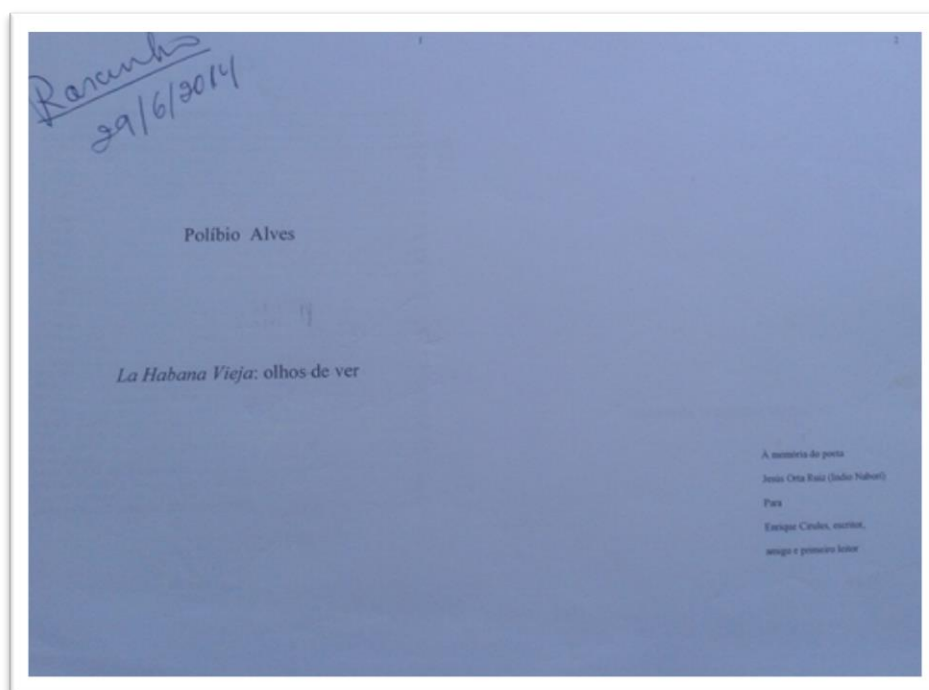
A obra *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer* apresenta sete contos. A professora e crítica literária Neide Medeiros Santos publicou, no *Jornal Contraponto*, sua opinião sobre esta nova obra de Políbio, afirmando que o livro “[...] apresenta sete contos que se caracterizam por uma linguagem entrecortada, “estilo soluçante” à moda de Samuel Rawett, isto é, um estilo marcado por pausas. Na literatura brasileira, além de Rawett, Graciliano Ramos também foi adepto desse estilo.” (SANTOS, 2015).

A autora acrescenta: “Cabe ao leitor polibiano completar o que o contista apenas sugere.” (SANTOS, 2015). Esta também é uma marca do escritor. Ele escreve envolvendo a criatividade e a criticidade do leitor, que interage com a sua escrita, trazendo a sua própria interpretação e relacionando a leitura polibiana, ao seu próprio conceito de vida, às suas convicções. Assim, a sua escrita desemboca várias arestas, nada fechado, mas um universo de palavras “abertas” às mais variadas interpretações de seus leitores. Principalmente porque ele escreve metaforicamente, trazendo em seu texto uma conotação imagética.

Esta obra foi lançada também no dia 10 de janeiro de 2015, na Livraria do Luiz. Na ocasião, amigos, familiares e leitores estiveram reunidos para prestigiá-lo, comemorando tanto a sua produção literária, quanto mais uma primavera de Políbio Alves que completou 74 anos, dois dias antes. Durante a comemoração, foi exibido através de apresentação em vídeo, depoimentos de intelectuais sobre Políbio Alves e sua trajetória literária. Entre os intelectuais, estavam: a Professora Dr.^a Roselis Batista Ralle, o professor Carlos Alberto Azevedo, o jornalista e escritor Carlos Aranha, a crítica literária Elizabeth Marinheiro e o jornalista Willian Costa.

Políbio Alves segue com sua produção e relata ter algumas obras em andamento para publicação, as quais estão passando por novas releituras, afirma o escritor. Entre as obras citadas por eles, estão: *A leste dos Homens*, *A Traição de Hemingway* e *Havana Vieja Olhos de Ver*. O último traz o cenário da Havana velha, remontado no fio de sua escrita. Em uma de nossas visitas ao seu apartamento, tive a oportunidade de registrar, em seu arquivo, a presença do rascunho de sua futura publicação *Havana Vieja Olhos de Ver* (**Figura 43**).

Figura 43 - Rascunho de obra inédita do escritor Políbio Alves.



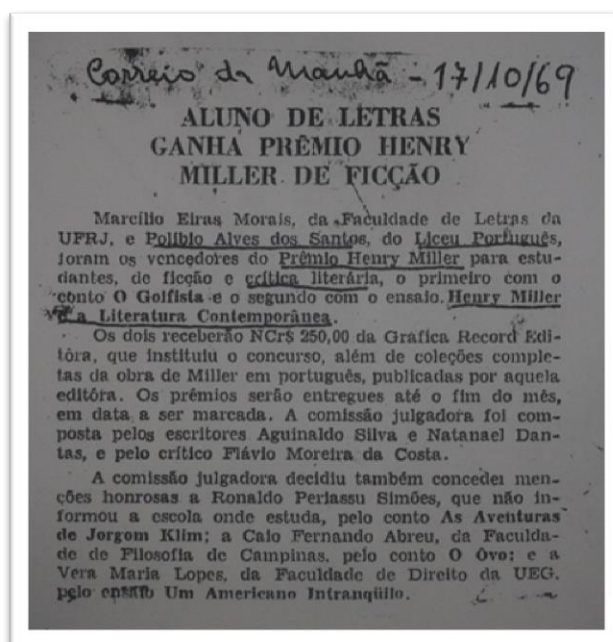
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Lima (2011) acrescenta um número maior de obras pré-concluídas do escritor, afirmando que, entre outras obras que estão engavetadas e gradativamente sendo submetidas a criteriosas releituras, além das citadas no parágrafo anterior, estão: *Aquele homem mastigava Ervas Amargas*, *Ele não é Alain Delon*, *Os cavaleiros Barrocos Guardam a Cidade* e *O Rubro das Palavras*.

Políbio Alves segue semeando a inteligência enrustada em sua obra. O despertar de sua importância na literatura vem se consolidando, gradativamente, em solos paraibanos. Várias são as homenagens que têm recebido em forma de reconhecimento pela sua contribuição à cultura paraibana. E ele vai além, emerge como destaque da cultura nacional, para o mundo.

Dessa feita, o escritor tem acumulado prêmios, desde sua estada no Rio de Janeiro, quando, em 1969, ganhou o prêmio Henry Miller (**Figura 44**), com o ensaio intitulado *Henry Miller e a literatura contemporânea*.

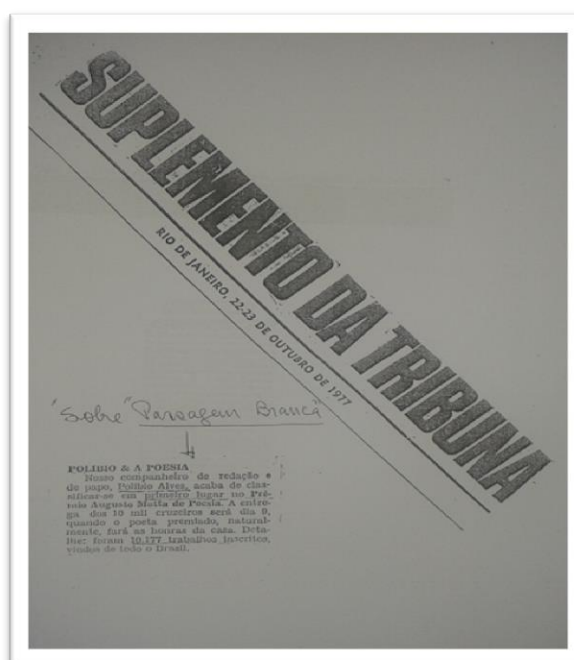
Figura 44 - Fotocópia de um recorte de Jornal, datada no ano de 1969, comprovando, o prêmio Henry Miller de ficção, recebido por Políbio Alves.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

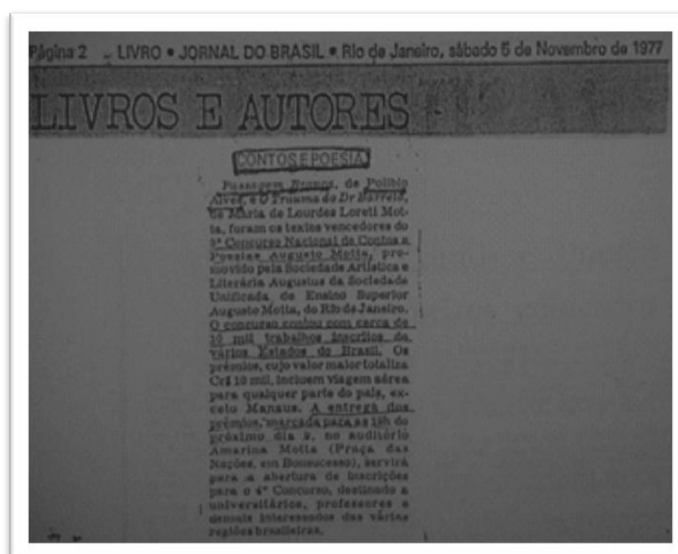
No ano de 1974, o escritor recebeu o prêmio de *Contos Diários de Notícias* (Rio de Janeiro-RJ). Ainda nesse período, em 1977, foi contemplado com o prêmio Augusto Motta (**Figura 45 e 46**).

Figura 45 - Nota publicada no Jornal Suplemento da Tribuna abordando a classificação do colega de redação, Políbio Alves, no prêmio Augusto Motta.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 46 - Nota publicada no Jornal do Brasil, anunciando a premiação de Políbio Alves, com o seu conto *Passagem Branca*, no Prêmio Augusto Mota.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Em 1981, recebeu o prêmio *Jurandy Moura de Contos* (João Pessoa-PB). No ano de 1999, regressa ao Rio de Janeiro, para receber o título de Personalidade Cultural Internacional da União Brasileira de Escritores (UBE) (**Figura 47**). Naquele mesmo ano, Políbio Alves recebe o prêmio *Autore dell'Anno*, pela International Board of Examiners (IBE) e Commissione di Lettura Internazionale, da Edizione Universum, Trento-Itália.

Figura 47 - Título de Personalidade Cultural Internacional concedido pela União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, 1999.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Em 2002, foi finalista do *Prêmio Los Nuevos Escritores Latino-americanos* do Editorial Nuevo Ser, Buenos Aires (Argentina), ficando entre os 1500 escritores e poetas selecionados, de países como: Argentina, Espanha, Uruguai, El Salvador, Chile, Brasil, Cuba, República Dominicana, México, Canadá, Colômbia, Bolívia, Costa Rica e Peru (**Figura 48**).

Figura 48 - Prêmio *Los Nuevos Escritores Latino-americanos* do Editorial Nuevo Ser.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Em 2003, recebeu o título de melhor escritor, contemplado com o Troféu Correio das Artes (João Pessoa- PB) (**Figura 49**). Em 2004, Políbio Alves tem o reconhecimento de sua segunda edição da obra *O que resta dos mortos*, sendo agraciado com o troféu Correio das Artes na categoria Melhor Livro de Ficção (**Figura 50**). Em 2013, recebe da FUNESC, o prêmio Augusto dos Anjos, na categoria contos, com sua última obra publicada.

Figura 49 - Troféu Correio das Artes na Categoria Melhor Escritor (2003).



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 50 - Troféu Correio das Artes na categoria Melhor Livro de Ficção (2004).



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

No quesito homenagens, o escritor revela que uma das primeiras homenagens concedidas a ele foi uma placa de Bronze com um dos trechos de seu poema épico *Varadouro* (**Figura 51**). A placa está disposta na Praça Antenor Navarro, cenário presente em sua narrativa poética, localizada no bairro do Varadouro. Esta homenagem foi concedida a Políbio Alves, em 1998, através de uma parceria da Prefeitura Municipal de João Pessoa com a Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOP).

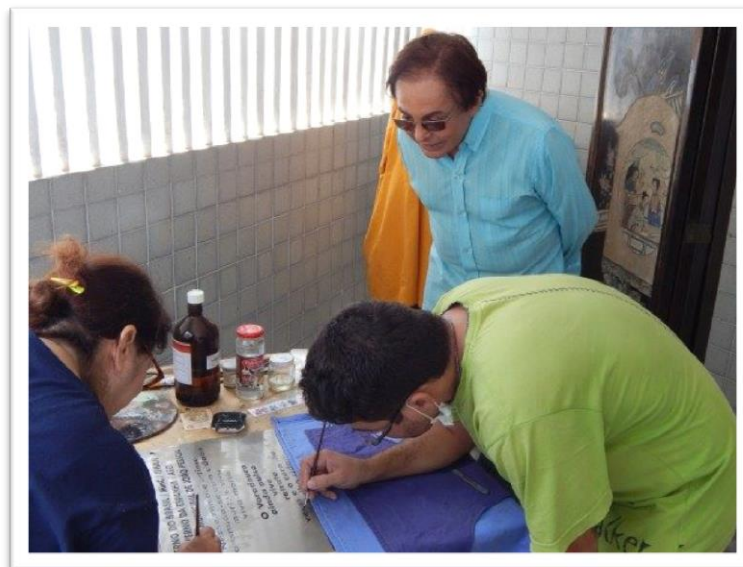
Figura 51 - Placa colocada na Praça Antenor Navarro em homenagem ao poeta Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa

No ano de 2014, a placa foi submetida a um processo de restauração, pois a ação do tempo a deteriorou. O processo de restauração ocorreu por uma ação do Superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional e Artístico da Paraíba (IPHAN), Cláudio Nogueira, e pelo trabalho dos restauradores, Piedade Farias e Diego Freitas de Oliveira. O escritor acompanhou de perto o processo de restauração da placa (**Fotografia 44**), que foi recolocada na Praça Antenor Navarro no dia 27 de março de 2014. Na ocasião, entre o público, estiveram presentes: o Secretário Educação do Município, o professor Luiz Sousa Júnior; os restauradores Piedade de Farias e Diego Freitas de Oliveira; o jornalista e escritor Helder Moura; e os amigos de Políbio Rosane Lacet e Pedro Júnior.

Fotografia 44 - Políbio Alves acompanhando o trabalho dos restauradores Piedade Farias e Diego Freitas.



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Rosane Lacet

Políbio Alves foi o primeiro paraibano a receber a *Medalha Poeta Augusto dos Anjos* (**Figura 52**), concedida pela Assembleia Legislativa da Paraíba, através da Resolução nº 672 (11/04/2001), propositura do deputado Ricardo Coutinho, sendo o escritor agraciado no dia 17 de março de 2001. Em 2002, recebeu também a *Comenda Cidade de João Pessoa* (**Figura 53**), pela Câmara Municipal de João Pessoa (PB), propositura do vereador João Gonçalves de Amorim Sobrinho, de acordo com o Decreto nº 5, de 12 de junho de 2001. A comenda foi concedida a Políbio Alves no dia 21 de maio de 2002.

Figura 52 - Medalha Poeta Augusto dos Anjos (2001).



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

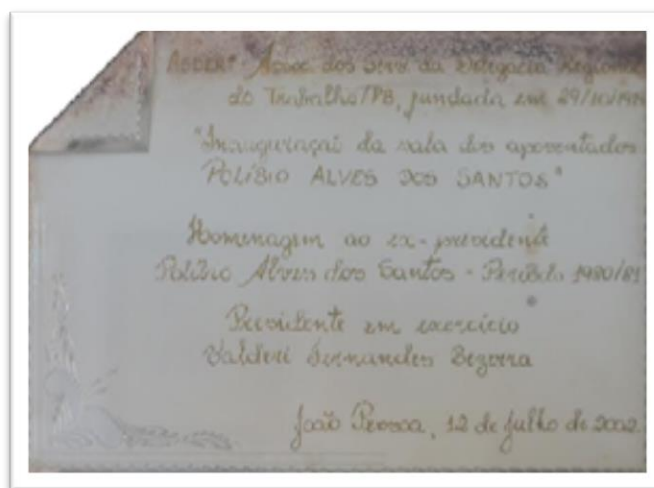
Figura 53 - Comenda Cidade de João Pessoa (2002).



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Não obstante, em 2002, o escritor foi homenageado pela Associação dos Servidores da Delegacia Regional do Trabalho e Emprego, atualmente Superintendência do Trabalho, com a inauguração da Sala Políbio Alves dos Santos (Figura 54).

Figura 54 - Placa concedida ao poeta no dia da inauguração da sala Políbio Alves dos Santos.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Em 2007, a Escola Estadual Antônio Pessoa homenageia o escritor, com a inauguração da Biblioteca Políbio Alves (Figura 32).

No ano de 2008, a Câmara Municipal de João Pessoa homenageou o poeta paraibano Políbio Alves com a outorga da *Comenda Ariano Suassuna* (Figura 55), projeto de Decreto Legislativo de propositura da vereadora Paula Frassinete.

Figura 55: - Medalha Ariano Suassuna (2008).



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

As homenagens continuam e, em 2011, Políbio Alves, como foi dito anteriormente, foi contemplado com o Projeto Ano Cultural. No mesmo ano, a Escola Municipal Frei Afonso o homenageou com a inauguração da Sala de Leitura Escritor Políbio Alves. O poeta também foi contemplado, nesse mesmo ano, com o Troféu Heitor Falcão⁴⁴ (**Figura 56**), como forma de reconhecimento pela contribuição para a literatura no Brasil e no mundo. A solenidade de entrega do troféu ocorreu em uma noite glamorosa, em uma casa de recepção da cidade de João Pessoa (PB). Estiveram presentes personalidades paraibanas que se destacaram no ano de 2011, nos variados âmbitos sociais e culturais: políticos, empresários, profissionais da imprensa, da saúde, cantores, artistas e, entre eles, o poeta Políbio Alves que, nesta noite de comemoração, foi intitulado: *o poeta do Mundo*.

Figura 56 - Diploma concedido ao escritor no Prêmio Heitor Falcão (2011).



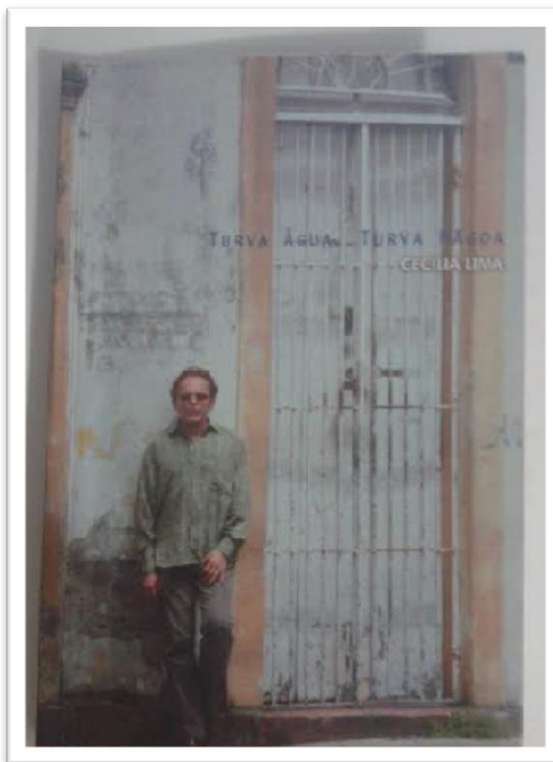
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Também em 2011, a jornalista Cecília Lima lança um livro sobre Políbio Alves, intitulado: *Turva Água, Turva Mágoa* (**Figura 57**). O livro narra um pouco da relação estreita entre a vida de Políbio Alves e sua obra *Varadouro*. Em entrevista, Cecília Lima relata: “Conheci Políbio Alves pessoalmente em maio de 2011. Na oportunidade eu era

⁴⁴O evento é promovido pelo colunista social do Jornal Correio da Paraíba, Abelardo Jurema e tem como objetivo reconhecer e estimular os valores paraibanos em todas as áreas de atuação.

repórter do caderno de Cultura do extinto jornal O Norte e o entrevistei para uma reportagem sobre o Ano Cultural, projeto da Prefeitura no qual ele foi o homenageado naquele ano. O mote da matéria era falar apenas sobre o evento, mas fiquei fascinada com sua trajetória pessoal, o texto terminou ficando grande demais e ganhou destaque em uma edição de domingo.”

Figura 57 - Livro *Turva água, turva mágoa*, autoria de Cecília Lima.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Com relação à ideia do livro, Cecília acrescenta: *“Coincidentemente, na mesma época, eu estava concluindo minha graduação em Jornalismo pela UFPB e estava em busca de um projeto para escrever um livro-reportagem. Percebi que ele era o personagem perfeito, pois tinha uma rica obra e uma história de vida fantástica. O melhor de tudo é que Políbio Alves tem uma memória privilegiada e também mantém muitos documentos importantes arquivados, e isso é um tesouro que qualquer jornalista gostaria de encontrar. Expliquei o projeto a ele, de que o livro seria um perfil sobre ele e o universo lúdico que inspirou sua obra Varadouro. Para minha imensa alegria, ele topou tudo e abriu as portas de sua casa para mim. O livro terminou sendo publicado em uma pequena tiragem em 2011”.*

Um ano antes da publicação do livro de Cecília Lima, a jornalista Molina Ribeiro escreveu um livro intitulado: *O ofício de escrever e outras Vertentes* (**Figura 58**), que reúne uma série de reportagens e crônicas, publicadas em jornais impressos da cidade de João Pessoa, sobre Políbio Alves.

Figura 58 - Livro publicado por Molina Ribeiro, em 2010:
O ofício de escrever e outras Vertentes.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Molina Ribeiro relatou: *“Há duas décadas, nós estávamos em Maragogi (AL), eu e Políbio, quando eu perguntei se ele guardava as reportagens e entrevistas sobre ele nos jornais impressos. Prontamente, ele me revelou que nunca tinha pensado em guardá-las, as lia e jogava fora. Dessa conversa, disse para ele sobre minha vontade de recolher tudo que eu pudesse sobre ele e suas obras, nas redações dos jornais e, a partir disso, fazer um livro. Ele se animou e apoiou a minha ideia.”*

Ao retornar para solos paraibanos, a jornalista iniciou suas buscas nos arquivos dos jornais, entre os quais, cita: O Norte, Correio da Paraíba e A União, realizando uma espécie de garimpo, buscando os artigos e crônicas publicados sobre Políbio.

Com relação a este episódio, no dia em que fui conhecer o seu arquivo pessoal, Políbio Alves me mostrou os recortes de jornais que guarda em seu acervo. Alguns deles inclusive estão sendo utilizados no decorrer deste trabalho. Durante a conversa, ele afirmou: *“Eu nunca guardava os jornais, foi quando Molina Ribeiro me despertou para essa preciosidade de informações sobre minha trajetória.”* A partir dali, passou a acumular organizadamente em seu acervo, todas as matérias produzidas sobre ele nos jornais impressos.

Em um ritmo de parceria, Políbio Alves conseguiu uma pessoa para digitar os artigos que, gradativamente foi sendo recuperado pela busca ativa da Jornalista Molina Ribeiro. Ela relata que não tinha recursos para editar o livro porque ficaria dispendioso tanto para ela quanto para o próprio Políbio.

Sobre este ponto, Molina relata: *“Como eu era da Secretaria de Educação, eu falei com o professor Sales Gaudêncio, que era o secretário na ocasião, e perguntei se ele podia dar uma ajuda para editar esse livro. Ele prontamente pediu para ver o miolo do livro, a boneca, como se diz, eu o entreguei, e ele disse que iria analisar e ver a possibilidades”.*

A jornalista afirma que o secretário Sales Gaudêncio gostou muito do livro e, como ele também era presidente do Conselho Estadual de Educação e Cultura, resolveu levá-lo para ser avaliado pelo referido Conselho. Uma vez aprovado, o livro foi editado e lançado pelo Conselho Estadual de Cultura em 2010.

Molina Ribeiro conclui: *“O livro foi editado com muito sacrifício, porque foi difícil dar as fugidas do serviço para ir aos jornais, procurar os artigos e as matérias pra completar o livro, o sacrifício foi grande, mas valeu muito à pena.”*

No ano de 2014, Políbio Alves recebe duas grandes homenagens. A primeira delas foi o Título de Cidadão Cabedelense, outorgado no dia 11 de dezembro, em Sessão Solene na Fortaleza de Santa Catarina, na cidade de Cabedelo (PB). Este título foi concedido ao escritor, pela Câmara Municipal de Cabedelo, tendo a propositura da Vereadora Graça Rezende, sendo aceita por unanimidade pelos membros da

câmara. Um dos objetivos deste título foi o reconhecimento da contribuição de Políbio Alves para a literatura paraibana, destacando o fato de ser um privilégio tê-lo como morador daquela cidade (**Fotografia 45**).

Fotografia 45 - A vereadora cabedelense Graça Rezende, entregando o diploma de cidadão cabedelense à Políbio Alves.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Pedro Júnior

No dia 19 de dezembro de 2014, Políbio Alves foi convidado para uma confraternização do Ministério do Trabalho. Na ocasião, foi surpreendido com uma homenagem (**Fotografia 46 e 47**) prestada pelos colegas, hoje em sua maioria aposentados. Nesse momento, houve um entrelaçamento plural entre o Políbio auditor fiscal do trabalho e o escritor. A homenagem, embora tenha sido prestada a ele, no cenário que ocupou enquanto “auditor”, esta por sua vez, se revestiu de reconhecimento pela sua contribuição no viés da literatura (**Figura 59**). Ele confessou: *“Foi muito emocionante, eu realmente não esperava. Senti a mesma sensação quando meu trabalho foi reconhecido em Cuba.”*

Fotografia 46 - Políbio recebendo homenagem dos colegas auditores fiscais do trabalho.



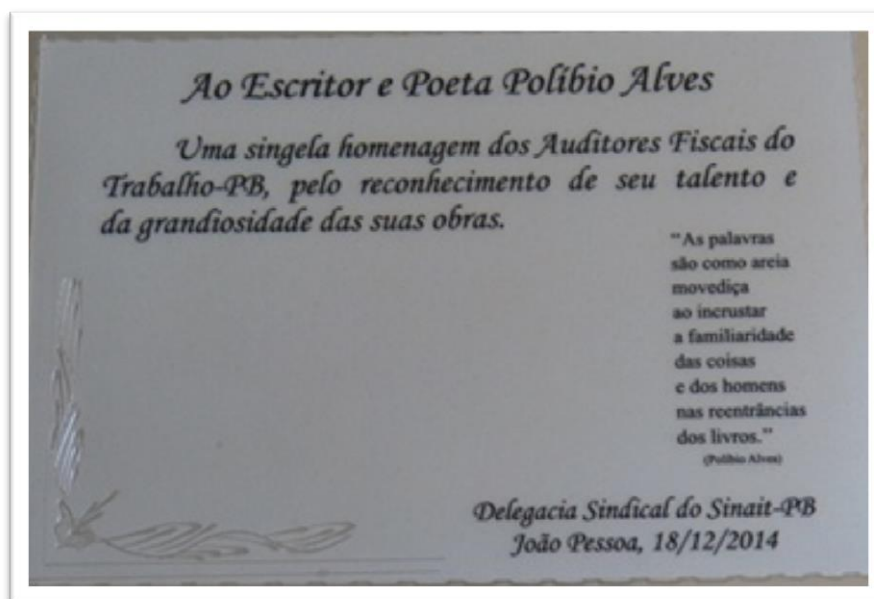
Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Rosane Lacet

Fotografia 47 - Políbio Alves ao lado do colega de trabalho José Cleyber.



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Rosane Lacet

Figura 59 - Placa entregue ao escritor Políbio Alves, na homenagem realizada pelos colegas de trabalho em nome da Delegacia Sindical do trabalho (PB) (2014).



Fonte: Arquivo Pessoal Políbio Alves

Nesta seara da literatura, de forma gradativa, Políbio vem alcançando o reconhecimento de seu legado em suas raízes, embora o reconhecimento internacional tenha avançado mais rapidamente. Suas obras atravessaram fronteiras na bagagem de intelectuais do Brasil, estudadas e lidas em países como, Alemanha, Cuba, Espanha, Itália, Estados Unidos, Argentina, Buenos Aires, entre outros.

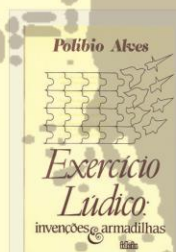
Para melhor visualizarmos a trajetória literária do escritor Políbio Alves, traçamos duas linhas do tempo. Uma com as suas obras publicadas e a outra, com as homenagens e prêmios por ele conquistados na seara da literatura.

Linha do tempo

POLÍBIO ALVES PUBLICAÇÕES



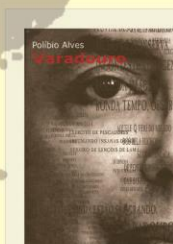
O que resta dos mortos - livro de contos publicado em sua primeira edição, pela editora A União, no ano de 1983, João Pessoa, Paraíba.



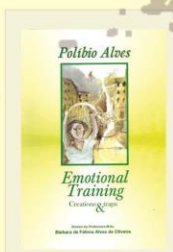
Exercício Lúdico Invenções & Armadilha - livro de poesia lançado pela editora Ideia, João Pessoa-PB, no ano de 1991.



O que resta dos mortos. Terceira edição. João Pessoa: FCJA/Editora Universitária/UF PB, 2003.



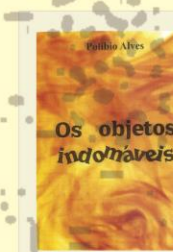
A terceira edição da obra **Varadouro** foi lançada em 2003, pela Editora Universitária/UF PB.



Sua segunda edição foi em uma versão na língua inglesa intitulada: **Emotional Training- creations & traps**, lançado no ano de 2003, pela editora A União, João Pessoa-PB.



Passagem Branca - livro de poesia lançado em 2005, pela editora Dinâmica, João Pessoa-PB.



Os Objetos Indomáveis - livro de poesia lançado em 2013, pela editora Mídia Gráfica, em João Pessoa-PB.

1983

1991

2003

2005

2013

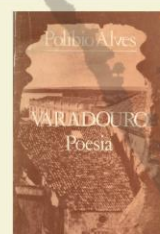
1989

1998

2004

2011

2014



Varadouro - livro de poesia publicado em 1989, pela Almeida Gráfica, João Pessoa-PB.



Lo que queda de los muertos, publicado pela editora Arte y Literatura, no ano de 1998, La Havana-Cuba. E em uma segunda edição da obra O que resta dos mortos.



Em sua segunda edição, o livro **Varadouro** foi lançado em Cuba intitulado: **Varadouro - nacimiento de una ciudad**, pela editora Arte y Literatura, no ano de 1998.



Lo que queda de los muertos 4ª edição - 2004 Editora Universitária Tradução de Aurora Fibla



E a quarta edição, de **Varadouro**, em 2011, também pela Editora Universitária - UFPB.



Os ratos amestrados fazem acrobacia ao amanhecer. 2014, pela Funesc., João Pessoa-PB.



5.4 ATRAVESSANDO FRONTEIRAS NAS BAGAGENS DE INTELECTUAIS

*"Escrevo. Só isto. Instiga-me subornar emoções.
Que se inquietam em suas
desconcertantes complexidades."
(Políbio Alves, 2014, p.21)*

Sim, é fruto dessa forma singular e instigante de escrever que a obra polibiana conquistou os leitores para além das fronteiras brasileiras. O escritor paraibano alçou voos para o além-mar. Sua estreia no âmbito internacional advém das "odisseias" da professora e crítica literária Elizabeth Marinheiro (**Fotografia 48**). Admiradora de suas obras, a professora semeia os textos de autores brasileiros, especialmente os paraibanos, que ela considera de boa qualidade, visto o seu olhar crítico sobre os meandros dos escritos. Assim, em suas viagens a trabalho para o exterior dissemina o que ela considera "obras de arte".

Políbio Alves afirma: *“Minha obra chegou à Cuba pelas mãos da pesquisadora e crítica em literatura, Elizabeth Marinheiro. No início da década de 90, recebi uma carta da casa das Américas me pedindo autorização para fazerem uma tiragem do meu livro ‘Varadouro’, para compor o acervo da casa das Américas. Eu autorizei, e eles traduziram e publicaram não apenas ‘Varadouro’, como também ‘O que resta dos Mortos’.”*

Em consonância com Políbio, Elizabeth Marinheiro relata: *“Eu conheci Políbio através da sua obra, quando eu li ‘O Que Resto dos Mortos’, que me deram de presente. Não foi nem o autor. Eu fiquei encantada, daí procurei conhecê-lo e fui muito bem recebida por ele, fiz algumas perguntas sobre a obra sem dizer que ia escrever sobre o livro, e então, em síntese, eu conheci o autor, através da obra.”* A professora Elizabeth o descreve como um homem *“cordial, inteligente, com humor fino quase irreverente.”*

Fotografia 48 - Políbio Alves ao lado da amiga e crítica literária, Professora Elizabeth Marinheiro.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

No quesito obra, ela acrescenta: *“Durante o meu período na UFPB, eu citei Políbio nas minhas aulas, e soube, e tudo a gente sabe ou com hipérboles, mentiras e eufemismos, agente sabe, não difere. Diziam que eu estava promovendo o lixo cultural dentro da universidade, e consideravam Políbio autor menor. Eu nunca aceitei essa dicotomia. Você, para chamar autor maior e autor menor, você tem que conhecer a literatura universal, para poder fazer essa dicotomia, aí de mim que conheço um terço da literatura brasileira. Então aquilo me deu uma revolta muito grande, e eu agora, eu ainda não tinha começado, a ver o*

livro com olhos críticos, eu digo pronto! Eu vou fazer um ensaio, e eu acho que é o primeiro, eu não tenho certeza, é o primeiro estudo, se bem que eu tenha como fama revelar valores, não sei se os revelei, é o primeiro estudo, sobre a obra de Políbio publicada, ele sendo estudado pela universidade."

Certamente, Elizabeth Marinheiro descortina, através do primeiro estudo polibiano, as obras do autor para mundo, quiçá para a própria Paraíba. Ela afirma: *"Passei a ler todos os livros dele, poemas, e me interessar mais a fundo pela obra dele, eu estou inclusive com o original dele, que talvez ninguém saiba, 'Alan Delon', uma obra inédita. Estou com esse livro pra estudar, mas ainda não tenho visão de conjunto, me detive então em 'O Que Resta dos Mortos', no maravilhoso que tem dentro daquele livro, e com esse ensaio e com essa minha divulgação do livro, diz Políbio que se tornou conhecido, graças a Elizabeth, graças a Deus, mas graças a Elizabeth Marinheiro. **E hoje está aí, um escritor respeitado, traduzido, elogiado, premiado e fazendo jus a tudo isso.**"* (Grifo nosso)

A professora ainda acrescenta: *"Políbio nunca deixou de ser tema das minhas crônicas que tem título fixo Tessituras⁴⁵, às vezes, até um abraço vai pra ele, uma citação, um poema, um trecho um fragmento de poema, porque a crônica não é crítica, a crônica é, eu repito, eclética, ou mestiça como o Brasil, como nós, não é? Nós somos mestiços, nós não somos alvos, nem loiros, nem brancos, nem pretos, nós somos uma mestiçagem endeusada por Darcy Ribeiro, Gilberto Freire e meu queridíssimo Ariano Suassuna."*

Em crônica escrita no Jornal da Paraíba, no dia 11 de Janeiro de 2015, Elizabeth Marinheiro escreve:

Por este prisma, concluímos que nada deteria a viagem do poeta com suas redes escalonadas ao infinito da Linguagem. Não temos a pretensão do dizer profético, mas Políbio foi crescendo literariamente, como atestam a publicação de *"O que resta dos mortos"*; *"Exercício Lúdico"*; *"Passagem Branca"*; *"Os objetos indomáveis"* e outros escritos inéditos. Justificam-se assim os Prêmios e Títulos recebidos por nosso autor paraibano, suas traduções em várias nações e o *"Ano Cultural Políbio Alves 2011"*, decretado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, período no qual mais de 70 mil professores e alunos da

⁴⁵ Tessituras é uma coluna que opina sobre os acontecimentos do meio cultural, relatando os temas com uma linha mais subjetiva e oferecendo aos leitores fragmentos de textos da nossa literatura.

rede municipal tiveram a felicidade de navegar em *Varadouro*. (MARINHEIRO, 2015).

Em nossa última entrevista, Políbio afirmou: *“Elizabeth fala daquilo que ela acredita, e foi aí que eu cheguei no mundo....”* Ele contou-nos também sobre o início do seu reconhecimento, tanto na Paraíba quanto sua primeira vez no exterior, sempre ao lado da professora Elizabeth Marinheiro.

Dessa feita, ele relatou: *“Tem um livro meu chamado ‘Exercício Lúdico, Invenções e Armadilha’ na época existia aqui na Paraíba, um órgão do governo, não sei se era federal, chamado Gabinete Paraibano de leitura, e Ricardo Bezerra era o presidente. Era assim, todos os livros de qualquer ramo, lançados na Paraíba, era mandado um questionário para os vários órgãos, que tinham que votar nos melhores. E dos cinco mais votados, por categorias, poesia, conto, história, ficção, um era selecionado por uma comissão, e revelado em uma festa que era sempre no teatro Santa Rosa. Vinha gente do Brasil todo para essa festa, parecia negócio de Hollywood. Certo dia, eu estou em casa, e Elizabeth me liga e diz assim: Políbio eu queria um favor seu, olhe é que hoje eu vou receber um prêmio de intelectual do ano e meu marido está doente, você poderia ir comigo? Eu respondi: claro, vou sim! Quando eu cheguei lá tinham faixas, com os nomes dos escritores, tinha assim: Sérgio Castro Pinto, Lúcio Lins, Edilberto Barbosa Filho... Só não tinha Políbio Alves. Dos cinco livros mais votados de cada categoria, uma comissão escolhia, o melhor entre eles, e este era revelado nesta noite glamorosa. Quando Elizabeth recebeu o prêmio eu disse, vamos embora. Ela disse, não, espere agora vão anunciar os melhores livros de poesia. Quando abriram o envelope, deu Políbio Alves. E eu podia me levantar? Eu fui receber, e disse o prêmio não é meu é de todos que fazem literatura. Assim que citaram meu nome tiraram as faixas.”*

Nessa conversa, ele revela também como foi a sua primeira viagem à Europa que novamente tem presença marcante da professora Elizabeth Marinheiro. Ele diz: *“Veja como é a vida, Elizabeth me falou, Políbio você nunca pensou em ir para Europa? E eu respondi: Sim, mas eu só vou para Europa se for como escritor convidado com tudo pago, isso é a coisa mais difícil do mundo. É como quem jogar na loteria e ganhar. Ela ficou calada, isso foi em novembro de 1993.”*

Políbio Alves acrescenta: *“Todo ano, na Europa, é escolhida a capital cultural, e em 1994, foi Lisboa. Em fevereiro de 1994, eu estou em casa e o telefone toca, naquele tempo não tinha internet, era a professora Elizabeth, ela disse: Políbio, eu estou aqui em Candeias, e*

escolhi você, sua obra, para escrever um texto. Eu vou dar um curso sobre a literatura brasileira produzida na Paraíba, então eu vou dar um curso sobre você, sobre sua obra. E quero conversar com você, vou mostrar o rascunho do que eu estou fazendo. Peguei um ônibus para Recife, chegando lá, ela me mostrou o trabalho e me disse que eu teria que ir para Europa, com tudo pago e ela iria comigo”.

Ao se despedir da professora e regressar para a Paraíba, o escritor relatou que Elizabeth pediu para ele já tirar o seu passaporte, mas Políbio Alves não providenciou.

E ele relembra: *“Quinze dias antes da viagem, ela me ligou, e disse: Políbio, chegou a tua passagem. Vá na agência tal. Eu disse, meu Jesus! E agora? Para tirar o passaporte tinha que esperar um mês, mas quando cheguei lá na polícia federal, eu escutei aquela voz: poeta! E quando olhei era um rapaz que eu, certo dia, tinha feito um favor a ele, daí ele perguntou o que estava fazendo ali, eu disse estou precisando com urgência tirar meu passaporte, e ele perguntou o que falta? Eu disse a foto, então corri fui lá em Ricardo Peixoto, um grande amigo fotógrafo, fiz a foto e em quinze minutos eu estava com o passaporte em mãos. Eu não tinha nem roupa para viajar, tive que providenciar roupa de frio, mala, fiquei parecendo um canguru, todo empacotado. Dois dias antes, Elizabeth me liga, e diz que não poderia viajar comigo, eu disse eu não vou mais. Ela disse: você vai sim.”*

Temeroso, Políbio ficou preocupado em relação à sua apresentação, mas a professora tratou de acalmá-lo, dizendo que ele ficasse bem à vontade, e falasse o que quisesse, afinal, o que estava em pauta era a sua obra *O que Resta dos Mortos*. Políbio relata que assim como um dia imaginou, estava indo à Europa através de um convite, e com todas as despesas pagas, e afirma: *“Naquela época, eu recebi uma fortuna...”*

A solenidade ocorreu na Torre Tombo (Lisboa/Portugal). Ele nunca imaginara um dia entrar ali. Mas, encarando a situação com toda a sua irreverência e bom humor, o escritor incorporou as palavras da professora e enfrentou o público, de maneira majestosa. Seu discurso, que era para ser de 20 minutos, teve duração de 40. Ele lembra que já iniciou o discurso interagindo com a plateia. *“Senhores e senhoras... foi engraçado, daí eu comecei, não sou crítico em literatura e não tenho doutorado, dizem que esse livro é meu... e a plateia caiu na risada...”*

E, dessa forma, o autor estreia no cenário internacional, sendo esse o primeiro dos vários convites que Políbio Alves recebeu para apresentar o seu trabalho literário aos leitores estrangeiros.

Diante desse contexto, remetemo-nos a outro profissional que no contexto acadêmico inseriu a obra *Varadouro* nas prateleiras da biblioteca da Universidade Livre de Berlim, o professor e também amigo de Políbio, Carlos Azevedo. Além de ter atuado enquanto professor universitário por muitos anos, Carlos Azevedo é sociólogo e antropólogo, lecionou antropologia cultural na Universidade Católica de Pernambuco (PUC/Recife). Em 1974, partiu temporariamente para além das fronteiras brasileiras, desembarcando em Berlim (Alemanha), onde estudou antropologia, sociologia, história da arte primitiva, arqueologia clássica e literaturas românicas na Technische Universität Berlin. Foi professor do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim, entre os anos de 1978 a 1999, ministrando também aulas de introdução à cultura brasileira pela Hochschule Bremen (International Studies of Global Management). Em 2000, o referido professor retorna ao solo brasileiro, fixando residência em sua terra natal, atualmente trabalha no IPHAEP, exercendo a função de antropólogo.

O professor Carlos relata: *“Olhe, é uma história interessante. Quando eu saí daqui, do Brasil para Alemanha, onde passei vinte e seis anos residindo, cheguei a ensinar no Instituto Latino Americano da Universidade Livre e um dia eu recebo os manuscritos do Varadouro para uma segunda edição. Uma edição melhor, bem acabada. Ele me pedindo um posfácio, eu fiz esse posfácio com muito carinho, e ele figura também nessa quarta edição, lançada no Ano Cultural. Eu faço uma análise do Varadouro com relação ao poeta e a cidade, como é essa ligação entre cidade alta cidade e baixa, a sensualidade daquela parte do Varadouro, secos e molhados. Então, exploro toda essa parte, semiótica do Varadouro. Dessa forma, minha primeira relação com a obra ‘Varadouro’ foi o fato de eu ter levado esse livro para a Europa, para compor o acervo das bibliotecas em Berlim, e a segunda relação é o fato de ter feito prazerosamente o posfácio desta obra em sua segunda edição.”*

Ainda com relação ao livro *Varadouro*, o professor afirma: *“Eu acho muito extraordinário, um clássico, como é que ele pode pegar um bairro e entrar nas entranhas desse bairro, para dissecar... É uma aula de anatomia literária, é incrível... O ‘Varadouro’, eu acho, é uma semi-epopéia. Você encontra todos os personagens históricos indo a uma direção, as*

lutas que aconteceram ali, porque ali foi todo o início da cidade, da Paraíba, tinham aquelas embarcações antigas, era o princípio de tudo, e Políbio conseguiu apreender isso magistralmente, é uma obra prima, eu não tenho medo de dizer, é uma obra prima, O 'Varadouro' de Políbio Alves."

A admiração do professor acerca da obra de Políbio não se restringe apenas ao acervo literário. Desse modo, relata: *"Olha, Políbio é indefinível. Políbio é tão complexo, é tão genial que a gente não pode amarrar Políbio, atrelar Políbio a palavras, a qualificativos. E além do mais, Políbio é imprevisível, quando você pensa uma coisa de Políbio, já é outra, ele tem uma dialética, uma dialética muito veloz. Eu só posso dizer que Políbio é o maior poeta do Nordeste, maior poeta vivo, isso eu posso te dizer, afirmar e assinar."* (Grifo nosso)

Os eventos literários (**Fotografia 49**) são encontros garantidos entre os amigos escritores, ou escritores amigos. Nessa jornada da vida, os reencontros sempre são felicidades, rememorando fatos que viveram na mocidade.

Fotografia 49 - Carlos Azevedo e Políbio Alves, no I Encontro de Escritores Paraibanos, na livraria do Luiz (2013).



Fonte: Dados da Pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Roselis Batista Ralle é professora da Universidade de Reims Champagne-Ardenne (França) e estuda em sala de aula com alunos de graduação e Pós-graduação em nível de mestrado, obras de autores brasileiros, dentre as quais estão

as de Políbio Alves, de Nísia Floresta, escritora potiguar, entre outros escritores brasileiros.

Roselis Batista Rale relata que a primeira vez que ouviu falar sobre a obra de Políbio foi através da professora Elizabeth Marinheiro. A professora Roselis enfatiza: *“A primeira vez na vida que ouvi falar de Políbio Alves, eu não o conhecia, não tinha a menor ideia de como ele era. Pois bem, eu fui a Campina Grande (PB) e Elizabeth Marinheiro me falou sobre ele, em um seminário, eu lembro-me bem, nós estávamos em uma sala e ela disse às pessoas presentes que Políbio Alves tinha um texto muito bom e que era preciso divulgar esse autor, que já estava sendo reconhecido, mais fora do que dentro do Brasil. Eu não me recordo em que ano foi isso.”*

Com o tempo, o destino aproximou Políbio Alves de Roselis. A professora afirma que o conheceu posteriormente por intermédio do pai, o jornalista Oduvaldo Batista, que era amigo do escritor. Assim comenta: *“Meu pai tinha uma grande admiração por Políbio, e Políbio passou a frequentar a casa dos meus pais em detrimento dessa amizade. Eu não morava em João Pessoa nessa época, mas quando eu estava lá, sempre o via. Conforme a amizade dos dois foi ficando mais próxima, eu também desfrutava da presença dele e partilhava das conversas dos dois.”*

Roselis relata que acredita que o escritor simpatizou com ela e passou a telefonar para a casa dela, firmando gradativamente uma amizade. Certo dia, o escritor ligou para Roselis e a convidou para passear. Convite aceito. Encontro prazeroso, regado pelo compartilhamento de ideias e pensamentos em comuns. Dois dias depois, ele telefonou para ela novamente. Desse episódio, ela relembra: *“Eu me lembro que eu fiquei calada no telefone, achei tão estranho, esse rapaz está me seguindo, pensei! Quando ele percebeu que eu estava um pouco perturbada com aquela situação, ele disse do outro lado da linha: Roselis, eu não estou querendo namorar com você. Apenas nós comungamos de coisas em comum, e eu gostaria que você aproveitasse também, é interessante. E eu aproveitei.”*

“Gradativamente, a nossa amizade foi se estreitando e foi muito enriquecedor”, comenta a professora, que acrescenta: *“Evidentemente, o diálogo com Políbio Alves nos engrandece, porque ele respira literatura, respira filosofia de vida, respira espiritualidade, além de ser uma pessoa muito humana, eu não posso deixar de admirar isso nele. E não seria*

diferente porque meu pai costumava ter amizade com pessoas dessa categoria, através do meu pai o conheci e isso para mim foi uma honra.”

Adentrando na seara profissional, Roselis relata que, na França, em toda faculdade e nesse caso específico na de Letras, os professores que têm o doutoramento e que passaram em um concurso, têm que fazer pesquisa, mas não tem obrigação de ter um seminário de pesquisa. Eles em geral frequentam os seminários de pesquisa, às vezes, alguns que já estão em andamento, conforme relatou a professora. Nesse sentido, ela afirma: *“Eu decidi oferecer um seminário, sem que ninguém me pagasse nada, um seminário de tradução, mas isso é uma história à parte que não tem ninguém que fez isso lá, eu sou a única. Pois então, cada doutor tem o seu seminário, ou eles se juntam dois ou três doutores e fazem o seminário, pode ser de linguística, pode ser de literatura, linguística aplicada à teoria, pode ser de civilização, que é mais comum em história.”*

E Roselis continua sua fala: *“Então, quando eu entrei em Reims, já como professora [...], fazia parte integral da equipe, concursada e tudo. Eu como sou linguista de formação, pensei que eu iria para o seminário de linguística, fui convidada pela professora do departamento para participar, mas eu vi que o nível não era o que eu esperava. Então eu saí. E além do mais, a colega de linguística do departamento não me deu nenhuma outra margem de trabalhar na área de linguística. Então eu fui para o seminário de literatura, e eu estou completamente realizada, e feliz nesse seminário. E pus para fora os meus conhecimentos em Literatura que eu tinha aprendido em Moscou, que eu nunca tinha utilizado e tenho muita coisa para aprender ainda e estou trabalhando na área de literatura. Agora no caso de Políbio, por exemplo, eu trabalho os textos dele nas aulas de português que ministro para alunos do mestrado e da graduação. Porque no departamento de línguas românicas onde eu trabalho, o pessoal vai ser professor de espanhol, mas eles têm por obrigação de escolher outra língua latina, e muita gente escolhe o português. Então, eu tenha a chance de dar os textos de Políbio Alves no mestrado. Em geral, eu dou mais poesia, porque a ficção eu utilizo no seminário de tradução.”*

Roselis comentou que ela sempre envia para Políbio Alves as provas, os exames dos alunos, falando sobre a obra dele. *“Ele tem os melhores trabalhos, o melhor trabalho que eu enviei para ele não é de uma francesa, é de uma africana, o melhor trabalho sobre a obra de Políbio foi dessa africana. Eu fiquei surpreendidíssima com a qualidade do*

trabalho, eu mesma fiquei impressionada com a recepção porque eu não acho que a obra de Políbio é fácil. Mas eu não sei o que é que ele tem, o que tem o texto dele, que prende o leitor. Porque eu acho que existe isso na obra dele, existe aquele carisma invisível."

Quanto à obra *Varadouro*, a professora Roselis Bastista Ralle afirma que Políbio tem lugar de destaque no gênero épico. Ela pontua que a sua obra traz como herói lírico o Rio Sanhauá. *"É realmente uma obra surpreendente, por ter um elemento da natureza como herói, e isto é inédito na Literatura."* Esta obra compõe o acervo das bibliotecas francesas, entre as quais a Biblioteca Nacional da França.

Atualmente, a professora está priorizando a tradução do livro de ficção de Políbio Alves *O que resta dos mortos*, que está sendo traduzido para o francês, com previsão de lançamento em 2015.

Sempre que vem ao Brasil, a professora se encontra com o escritor para conversar sobre seus projetos no cenário da literatura, sobre as aulas ministradas em Reims etc. Sua última estada em João Pessoa (PB) foi entre os dias 19 a 21 de Novembro de 2014. Na oportunidade, estiveram juntos (**Fotografia 50**), partilhando das ideias sobre literatura, em especial sobre a tradução para a língua francesa de uma de suas obras de ficção.

Fotografia50 - Políbio Alves com Roselis Batista Ralle, em novembro de 2014 (João Pessoa-PB).



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

A tradução do livro *O que resta dos mortos* foi tema abordado em uma matéria jornalística do Jornal da Paraíba (**Figura 60**), em 25 de Novembro de 2014, pelo jornalista André Cananéia, que enfatiza a expansão da obra polibiana na França.

Figura 60 - Recorte de jornal com matéria sobre tradução da obra de Políbio Alves para língua francesa.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Diante dessa perspectiva, percebemos que gradativamente as obras de Políbio Alves vão ganhando espaços nas prateleiras de bibliotecas internacionais, ganhando as prateleiras do mundo.

Um dos países que acolheu Políbio e sua obra foi Cuba. O escritor, em uma via de mão dupla, desenvolveu admiração e apresso por este país que o acolheu como escritor, reconhecendo o seu valor no cenário literário. Sobre essa realidade, Políbio Alves relata: *"Eu nunca fui tão bem respeitado na minha vida como ser humano, como escritor, como em Cuba."* Ele acrescenta, sob sua admiração por este país: *"Cuba é um país encantador, você vê o povo nas ruas comprando livros, nenhum assalto, o atendimento público à saúde com hora marcada, todos já saem dos hospitais com suas medicações. É tudo muito organizado."*

Em seus relatos, traz mais uma vez a influência da professora Elizabeth Marinheiro, acerca de seu reconhecimento no mundo: *“Minha obra chegou à Cuba pelas mãos da pesquisadora e crítica em literatura, Elizabeth Marinheiro. No início da década de 90, recebi uma carta da casa das Américas me pedindo autorização para fazerem uma tiragem do meu livro ‘Varadouro’, para compor o acervo da casa das Américas. Eu autorizei, e eles traduziram e publicaram não apenas ‘Varadouro’, como também ‘O que resta dos mortos’.* Nas andanças pelo mundo, a professora Elizabeth Marinheiro não leva nenhum autor brasileiro que esteja na mídia. Ela leva aquele autor, principalmente paraibano que nem a família conhece o texto. E foi em uma dessas viagens culturais pelo mundo, que ela levou os meus textos. A Casa das Américas é uma instituição de livros raros, não é qualquer livro que está na Casa das Américas. E foi a partir daí que o meu livro foi submetido a um crivo da entidade e passou a fazer parte do acervo. Daí, começaram as correspondências.”

Da primeira visita a Cuba (**Fotografia 51**), o poeta rememora: *“Em 1996, eu visitei a ilha de Cuba pela primeira vez, e percebi que Cuba tinha muito a ver com o que eu vivi. As pessoas me perguntavam se ‘Varadouro’ tinha alguma relação com a cidade cubana, pois tinham muitas características em comum.”* O amor pelos solos cubanos foi imediato, tanto que o escritor escreveu a trilogia: *A leste dos Homens, A traição de Hemingway e Havana Vieja: olhos de ver*, obras ainda inéditas, que remontam essa relação com Cuba, bem como o próprio cenário das paisagens cubanas.

Fotografia 51 - Políbio Alves em 1996, na Casa das Américas, Cuba.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Políbio tem Ernesto Che Guevara como ídolo. Ele afirma *“Che não morreu para os Cubanos. Ele é um mito para eles, é como se fosse um Deus. Antes de iniciar as aulas, as crianças se reúnem para reverenciarem todos os ídolos, chega a vez de Che, é uma gritaria, as crianças gritando, ele está vivo, ele está vivo.”*

O escritor relata que Che é para ele um exemplo, pois quando Fidel Castro assumiu Cuba, ele deu livre arbítrio para as pessoas ficarem ou não em seu país. Dessa forma, Políbio afirma que a maioria dos médicos foram embora, e como Che era médico e permaneceu em Cuba, ele passou a ter que cuidar da população praticamente sozinho, então ele criou métodos, através de adaptações, para prevenir doenças ou até mesmo possíveis complicações, o escritor afirma.

Ainda com relação a Che, o escritor comenta: *“Em 1996, recebi uma correspondência da Casa das Américas, me convidando para ir para Cuba para o funeral do corpo de Che, eu fui. E lá encontrei alguns paraibanos, tinham pessoas de toda parte do mundo.”*

Foi também no ano de 1996 que Políbio Alves conheceu o seu editor em Cuba, Henrique Cirulles, que o recebeu no aeroporto, em nome da Casa das Américas. Com relação ao seu editor, o escritor narra: *“Antes da revolução de 59, em Cuba, Henrique Cirulles era analfabeto, trabalhava como estivador, mas em 1996 já falava dez idiomas, faz parte dos chamados filho da Pátria.”*

Ao retornar para o Brasil, Políbio ficou de enviar para seu editor a obra *O que Resta dos Mortos*. Com relação a este fato, o escritor relata: *“Ele me pediu o livro, e o engraçado é que eu pensava que eu poderia mandar pelos correios, mas lá nada chega se não for por intermédio de alguém. Nesse período, por coincidência, estava indo uma comitiva daqui para Cuba, quem me falou foi a tia do poeta Sérgio Castro Pinto, dessa forma, eu mandei minha obra através do também escritor Severino Piragibe, que a entregou a Henrique Cirulles.”*

O escritor Políbio Alves já esteve em Cuba por dez vezes, e reafirma: *“Eu nunca fui tão respeitado em toda a minha vida como ser humano, como escritor, como eu sou em Cuba.”*

Ainda a respeito de Cuba, o poeta acrescenta: *“Quando eu fui a Cuba, sabia que a capital de Cuba era Havana, mas eu não sabia que existia Havana Velha. Lá, eu encontrei o Varadouro, só que o nosso Varadouro daqui é uma gota de água no oceano, comparado ao de*

lá. Havana Velha é quase uma cidade, um mundo. O clima, as ruas, é como se voltássemos no tempo, aos séculos XVII, XVIII, XIX. Tudo sendo restaurado autenticamente de verdade. Lá, as pessoas respiram cultura." Sua entusiástica fala parece trazer um sentimento de lembrança do que viveu positivamente naquele lugar.

Com relação às idas a Cuba, o escritor enfatiza: *"Nunca viajei tanto, nunca para passear, sempre para estudar."* Nesse sentido, em um misto de labor e de prazer, o escritor fez de Cuba a sua segunda casa, um lugar onde ele se sente à vontade para escrever e descrever essa relação recíproca entre ele e Cuba, entre Cuba e ele. Dessa forma, reiterou: *"Eu não sei explicar, essa terra mexe comigo, me faz crescer, me faz ficar diferente, achar que eu sou uma coisa a mais do que gente comum. Foi isso que me deu coragem de escrever, e eu estou escrevendo sobre essa região mágica que mexe comigo."*



5.5 O FASCÍNIO PELA ARTE

*"No vernissage,
os desenhos
se movem,
do princípio ao fim,
entre o desapego
inaugural do sol
e o aconchego
do arrebol
em naquim."
(Políbio Alves, 2013, p.146)*

Nessa sintonia, entre arte e poesia, Políbio Alves traz nas suas entrelinhas o movimento percebido nas obras de arte. Movimento este, que Tim Ingold (2012) também revela ao relatar que todos os elementos que compõem a realidade desempenham ações e reações entre si e com os indivíduos de maneira autônoma, através de um processo interativo. Nesse sentido, os objetos que compõem o acervo

de Políbio Alves, nesse caso específico, os objetos de arte, passam a ser percebidos do ponto de vista de suas relações entre si, bem como as relações com o titular do acervo, compreendendo-se, sobretudo, o que esses objetos passam a ser ao compor o seu arquivo.

Retomando o cenário da residência do escritor, percebemos a sua aproximação pela arte, com valorização especialmente aos artistas paraibanos, “filhos da terra”. As paredes parecem vitrines de artes, forradas com obras desde as mais variadas formas, figuras abstratas, paisagens, flores, mar, até mesmo o próprio retrato de Políbio Alves (**Figura 61**), pintado por Elpídio Dantas⁴⁶, um dos artistas paraibanos que o presenteou. Sobre a tela de Elpídio, Políbio afirma: *“Ele disse que era eu, e eu acreditei.”*

Figura 61 - Obra do pintor paraibano Elpídio Dantas, pintado em 1998, expressa a face do escritor Políbio Alves.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

⁴⁶ Paraibano nascido no sítio Logradouro, município de São Bento (PB), Elpídio Dantas é um expoente das artes plásticas paraibanas, expondo suas obras por todo Brasil, abarcando também destaque de sua arte no exterior.

Na residência do escritor, a arte é componente fundamental que se entrelaça ao seu cotidiano, criando uma relação da arte com o expectador. Em consonância com esta realidade, Petrus (2012, p.74) afirma: “Logo, como migrante, a obra de arte necessita de um lugar além dos que já existem. Lugares indeterminados com os quais ainda é preciso estabelecer novas relações”. No caso das obras que compõem o acervo do escritor, estas mantêm com ele uma relação não apenas física, mas, sobretudo, através do próprio imaginário. Nesse prisma:

A obra de arte, cada vez mais imaterial e efêmera, lida atualmente com deslocamentos, permutas, mobilidades. Hoje não importa em que lugar estamos, qual território ou escala, a arte nasce sempre na zona de contato em que o eu se debate/encontra com o outro, seja de forma corporal ou forma virtual. Qualquer lugar contém memórias que provocam na experiência do tempo presente a produção de outras memórias, alterando, assim, o lugar original e apontando para o futuro nascimento de outros lugares. (PETRUS, 2012, p.76-77).

Na perspectiva memorialística, não me contive em questionar qual a relação do escritor com a arte que pulsa em seu ambiente domiciliar, através de pinturas, esculturas, imagens sacras, relógios antigos, vasos, enfim, daquele lugar contemplação da arte. Políbio prontamente respondeu que gostava de admirar as mais variadas formas de arte, uma vez que a arte também é informação, uma forma de expressão. E, assim, ele acrescenta: *“Quando morei no Rio de Janeiro, nas décadas de 60 e 70, a arte estava em evidência. No Museu de Arte Moderna eu me deleitava com palestras dos grandes artistas, exposições, tudo gratuitamente. Minha vida era buscar alimentar-me de informação e, nessa busca, eu vivia entre três principais lugares, que foram meus refúgios, o Museu de Arte Moderna, a Biblioteca Treze de Maio e a Biblioteca Nacional. Durante muito tempo, publiquei no Jornal Tribuna da imprensa, e mesmo depois que comecei a trabalhar, a ganhar meu dinheiro, não deixei de frequentar o restaurante Calabouço nem de buscar informações nesses lugares.”* Depois desse relato, o escritor buscou um papel e contextualizou através de um desenho de próprio punho (**Figura 62**), dançou a letra no papel em branco o que estava relatando, extraindo de suas lembranças. (RICOEUR, 2007; CANDAU, 2012).

A autora supracitada relata que a construção de ficção poética parece um exercício interessante que poderá contribuir *na invenção* desses lugares *possíveis* para arte. Em um paralelo entre arte e a poesia, ela reflete: “Tomemos a imaginação como lugar de acontecimento da obra. Um lugar de incertezas, lugares poéticos, onde planos oníricos e imaginários se aproximam.” (PETRUS, 2012, p.83).

Embora Políbio não seja o produtor das obras artísticas que compõem o cenário de seu cotidiano, estas, como documento de seu arquivo, representam sua vivência no mundo, o expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação através de sua própria disposição. Sendo este, talvez, um ambiente que traz o imaginário como componente fundamental do fazer poético.

Do levantamento realizado, com relação às obras dispostas em seu acervo, observamos essa composição:

Quadro 2 - Panorama das Obras de Arte que compõem o Arquivo Pessoal de Políbio Alves.

Obras de Arte	Quantidade
Telas	50
Esculturas	14
Imagens religiosas	24
Relógios antigos	4
Peças decorativas	15

Fonte: Dados da Pesquisa

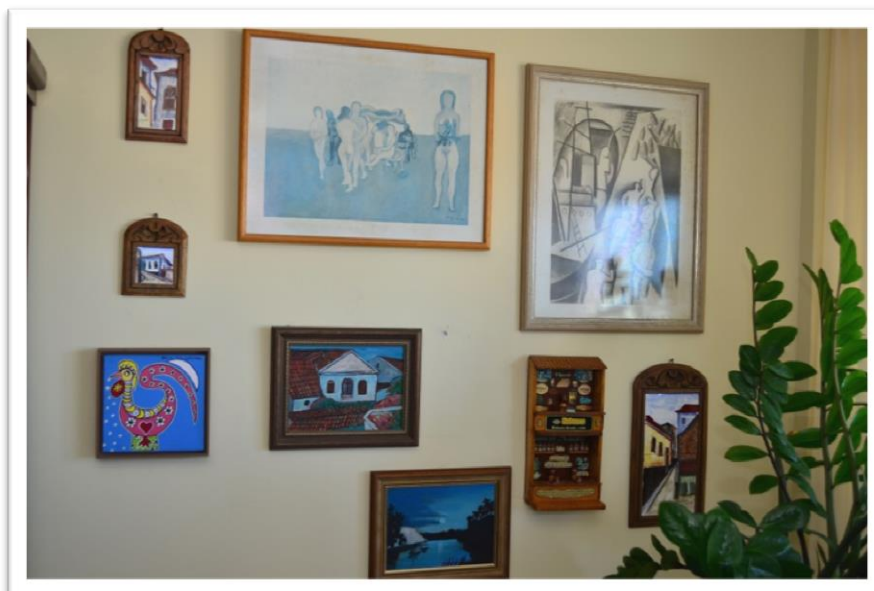
Com relação aos quadros, estes estão dispostos na entrada do rol de seu apartamento, nas paredes das duas salas e em seu escritório. Quanto à disposição das obras, Mustafa (2012, p.99) afirma:

O espaço comunicativo substitui a ‘aura’ da obra e passa a constituir o espaço dos fluxos e dos canais de transmissão de informações. A expressão passa a ser o campo do sentido que é sempre uma multiplicidade dos possíveis. Instaura-se uma estética da comunicação em que a noção de relação é mais importante do que a dos objetos expostos.

Os movimentos provocados pelas relações entre as obras de arte, com o meio e com o titular, geram fluxos de transmissão de informações, logo, as relações existentes têm a mesma importância que a própria obra. A expressão é um componente que gera significação, percebido através das cores, da organização e do

próprio ambiente como seara representativa. Em uma das salas, as obras parecem compor uma nova pintura, “montada”, pelas mãos do próprio titular do arquivo, uma forma de representá-lo (**Fotografia 52**).

Fotografia 52 - Parede de uma das salas da residência de Políbio Alves.



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Ana Cláudia Cruz Córdula

Com relação aos quadros de seu acervo, percebemos entre os pintores mais presentes em sua pinacoteca, artistas paraibanos, como: Alberto Lacet⁴⁷, Elpídio Dantas, Clóvis Júnior⁴⁸, Flávio Tavares⁴⁹, Marcos Pinto⁵⁰, Tito Lobo⁵¹, entre outros. Consideremos explicar algumas obras deste acervo.

As obras do artista Clóvis Júnior refletem um cenário de cores vibrantes, além disso, trazem, assim como as obras de Políbio Alves, uma vinculação com suas raízes, remetendo-se à sua terra, ao seu povo, ao seu Estado.

⁴⁷ Alberto Lacet, artista plástico paraibano e também escritor, nascido na cidade de Teixeira (PB).

⁴⁸ Clóvis Júnior, artista plástico paraibano, nasceu na cidade de Guarabira (PB), radicado em João Pessoa, trabalha com pinturas, esculturas e gravuras. Suas obras têm como inspiração maior a sua terra, as suas raízes.

⁴⁹ Nascido em João Pessoa (PB), Flávio Roberto Tavares de Melo, denominado no cenário artístico como Flávio Tavares, é, além de artista plástico, escritor, intelectual que expressa sua arte através da pintura e por meio de sua produção intelectual.

⁵⁰ Marcos Pinto, artista paraibano, nascido em João Pessoa (PB). Marcos Pinto tem uma vida dedicada à arte. O Artista plástico é: pintor, gravador, web-designer, performer, desenhista e escultor.

⁵¹ Tito Lobo, nascido em João Pessoa, é um artista de várias arestas: desenha, pinta, é escultor e também cenógrafo.

Entre as obras deste artista que compõem a pinacoteca de Políbio Alves, está a maior das telas de seu acervo (**Figura 63**), trazendo a conotação de valorização da terra natal, explorando nas imagens pontos turísticos de João Pessoa (PB), a lagoa, o farol, o centro histórico, a catedral, bem como a conotação do viés imaterial, através da sanfona, das bandeirinhas, expressando a festa junina, a fogueira de São João, festa que ocorre no mês de Junho, de maneira expressiva no Nordeste, em especial na cidade de Campina Grande (PB).

Figura 63 - Maior tela da pinacoteca do acervo de Políbio Alves, obra do artista Clóvis Júnior.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Nesse sentido, encontramos um ponto de intercessão entre Políbio Alves, escritor, e a obra do artista Clóvis Júnior: ambos manifestam a suas raízes, embora de formas e, possivelmente, emoções diferentes, seguem produzindo as suas artes, ancorados em seus sentimentos pela sua “pátria” (**Figura 64**).

Figura 64 - Obra do artista plástico Clóvis Júnior, datada de 1997.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

O paraibano Tito Lobo também retrata em uma de suas obras expressões vibrantes, coloridas, conotando alegria (**Figura 65**). Assim como uma das essências do escritor Políbio Alves, relatada por José Cleybe, Maria da Paz e Molina Ribeiro.

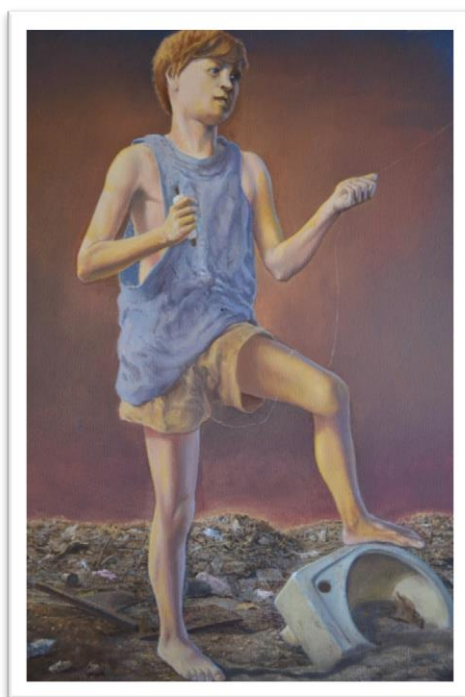
Figura 65 - Obra do artista Plástico Tito Lobo (2001).



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Já as obras do artista Alberto Lacet parecem trazer uma conotação de denúncia social (**Figuras 66**), em contraponto, traz um viés, com o olhar que Políbio Alves como escritor expressa também em suas obras, o contexto social.

Figura 66 - Obra assinada pelo artista plástico Alberto Lacet.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Entre as peças artísticas, percebemos uma forte ligação que Políbio Alves tem com esculturas religiosas, as quais estão consideradas sob o aspecto de imagens religiosas. Imagens esculpidas em madeira estão dispostas em dois “altares”: um mais requintado, com peças trazidas pelo poeta em sua estada em Portugal (**Figura 67**), este encontra-se na primeira sala da casa do escritor.

Figura 67 - Imagens religiosas trazidas de Portugal por Políbio Alves.

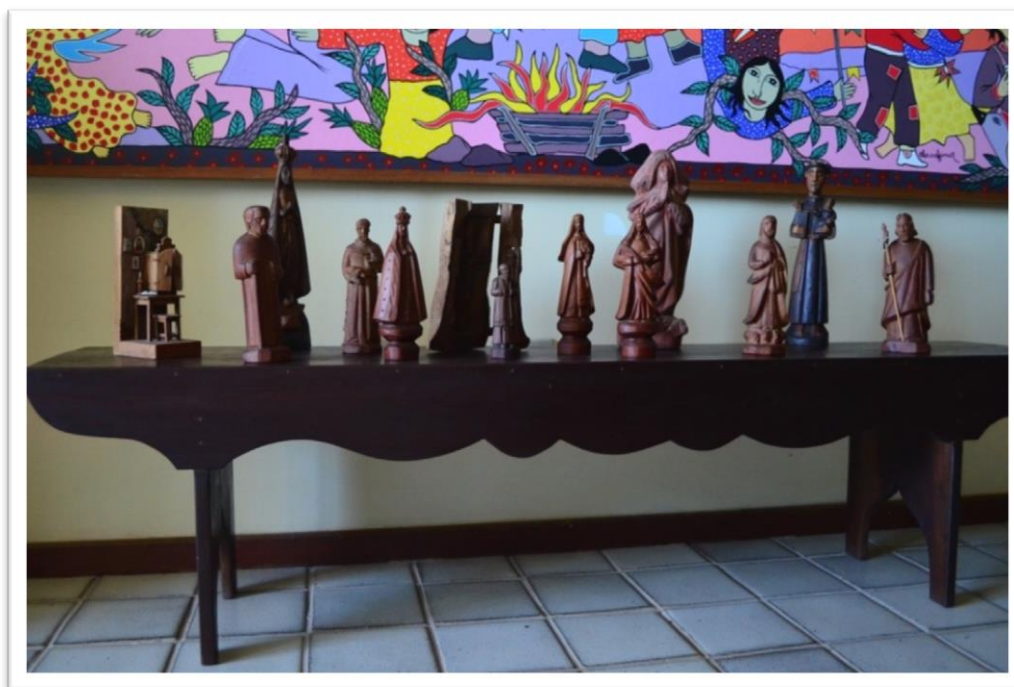


Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Nesta imagem, percebemos ao fundo uma tela pintada por uma artista goiana. Em relação à tela, Políbio relata: *“Fomos a casa de uma artista em Goiânia (GO), eu estava com um amigo que conhecia a senhora que artista plástica. Assim que chegamos em sua residência ela estava pintando e eu perguntei: O que você está pintando? Era uma Pintura abstrata, ela respondeu: Isso aqui é a ceia larga. Eu acreditei! Ela quem sabe. E ao concluir sua obra ela assinou: Brasil 96. Mas, o melhor foi quando eu cheguei lá, ela estava com um pincel na mão, de roupão, o cabelo nunca foi penteado. E continuou pintando, você ainda está aqui? Ela me perguntou. Eu respondi: queria adquirir aquela tela. Ela disse: leve essa porcaria. Isso é a ceia! A ceia larga, ela falando: a ceia larga. Depois disse-me: Venha mais aqui não, porque eu estou muito ocupada pintando, viu? Foi engraçado demais. Nunca mais eu esqueci. E precisa de tela? Tinha um bocado de tela lá vazia, sem pintura. É incrível, não é? A arte é incrível. Eles estudam, são geniais, a gente é que não é, eles acham que são, e são.”*

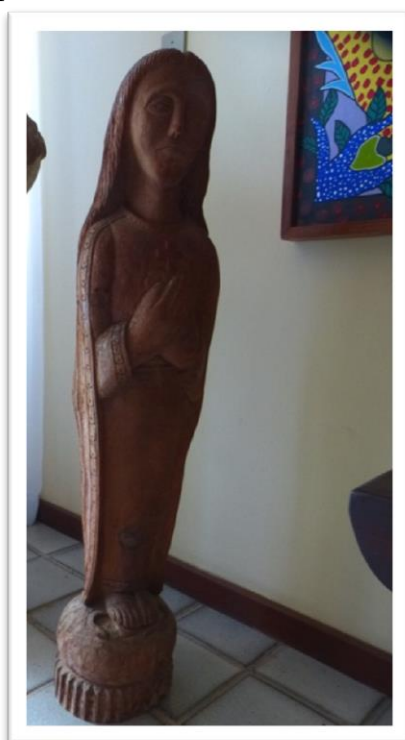
Na sala ao lado, está a outra forma de expressão da arte religiosa. Exposta em um viés mais rústico (**Figura 68**), trazido à tona, pelas mãos de artistas brasileiros como é o caso de uma das peças de, aproximadamente, 1 metro de altura (**Figura 69**), disposta ao lado da bancada que contém outras imagens religiosas, de menor porte.

Figura 68- Imagens religiosas, arte rústica. Peças em madeira esculpidas por artistas brasileiros.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 69 - Peça esculpida por um artista carioca, feita exclusivamente para Políbio Alves.



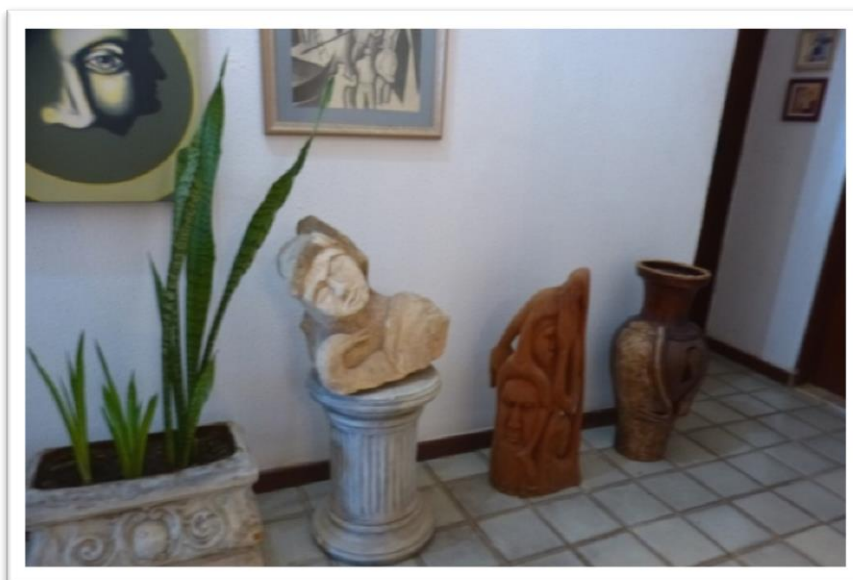
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Esta imagem religiosa (**Figura 69**) foi um presente que Políbio Alves recebeu de um portador de problemas mentais que se encontrava interno em um sanatório do Rio de Janeiro, na década de 70. O escritor relata que ia sempre visitá-lo e, gradativamente, semana após semanas, ele ia trabalhando em um tronco de madeira com uma faquinha, todavia, Políbio não recorda quanto tempo o escultor levou fazendo, concentradamente, o seu trabalho por horas a fio. Dessa feita, relatou: *“Era uma madeira redonda, roliça, que foi ficando quadrada assim, sabe? Ele não tinha ferramenta específica, fazia com uma faquinha. Ele também não tinha nenhuma imagem para se basear, era tudo da mente dele. Eu ia sempre visitá-lo, e ele gostava muito de chocolate, eu levava para ele. Lembro-me muito, quanto eu chegava com o chocolate, ele dizia: tem veneno não? Tem não, tem não? Ele me mandava comer para depois ele comer. E você veja como ele era lúcido, eu tinha que comer primeiro, para ele se certificar de que não iria morrer. Eu comia, e eu não suporto chocolate, e tinha que comer, depois ele comia. Eu gostava de conversar com ele, ele era bem bravo. E outra coisa, esta imagem é a cara dele. Parece muito com ele, que tinha feições de um peruano, uma coisa assim, mas ele era brasileiro. Então, quando ele terminou de esculpir, me deu de presente, com orgulho eu a recebi, para mim em todos os sentidos, uma verdadeira obra de arte.”* Descreveu o escritor, com um tom afetoso.

As esculturas abstratas também estão presentes no cotidiano de Políbio. Nesse sentido, a imaginação é o componente fundamental à compreensão da abstração, assim como muitas vezes em suas obras, Políbio deixa nas entrelinhas para o leitor compreender suas convicções, os ditos e não ditos. O escritor afirma: “[...] nos meus textos sempre procurei desnudar o imaginário.” (ALVES, 2003, p.29).

A arte abstrata encontra-se expressa em suas variadas esculturas (**Figuras 70**) que estão dispostas desde a entrada de seu apartamento, no *hall*, como também nas duas salas.

Figura 70 - Hall de entrada do apartamento de Políbio Alves, em sua composição, algumas das esculturas de seu acervo.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Políbio Alves relata que uma das esculturas que compõem o seu acervo, foi presente dado a ele por uma professora de uma das escolas municipais que ele visitou no período do Ano Cultural Políbio Alves (2011). A escola está localizada no bairro da Ilha do Bispo, um dos lugares marcantes na infância do escritor. Em relação a esta escultura, ele fala: *“Quando fui visitar uma escola municipal na Ilha do Bispo, eu recebi de uma professora, filha do artista Miguel dos Santos⁵², uma escultura (Figura 71) feita por ele para mim. Fiquei surpreso e agradecido.”* Esta escultura, de expressão abstrata faz parte do cenário artístico do acervo do escritor (**Figura 72**).

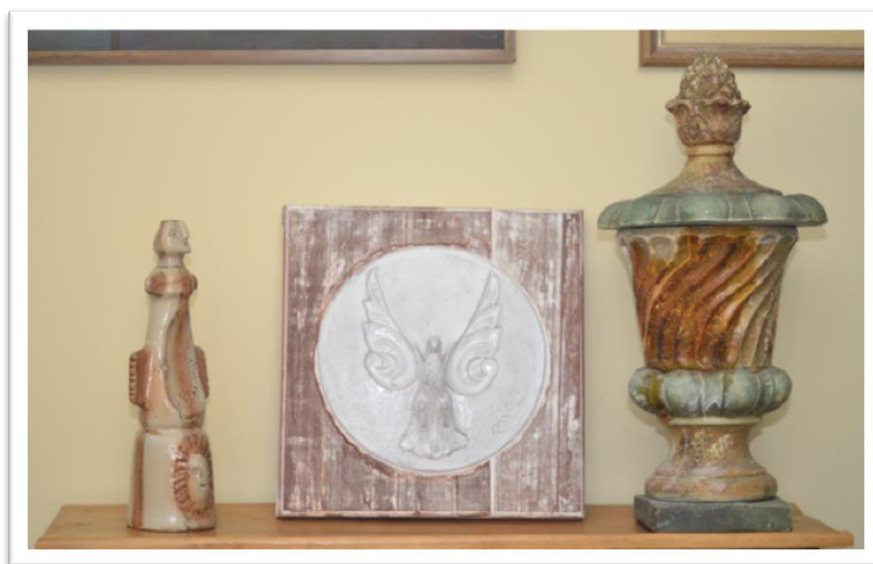
⁵² Miguel dos Santos é pernambucano, radicado na Paraíba. Um artista plástico que assume, no labor da arte, as suas vertentes: pintor, escultor e ceramista.

Figura 71 - Escultura que Políbio Alves ganhou de presente do artista plástico Miguel dos Santos.



Fonte: Arquivo Pessoal Políbio Alves

Figura 72 - Esculturas que compõem o cenário artístico da residência do escritor Políbio Alves.



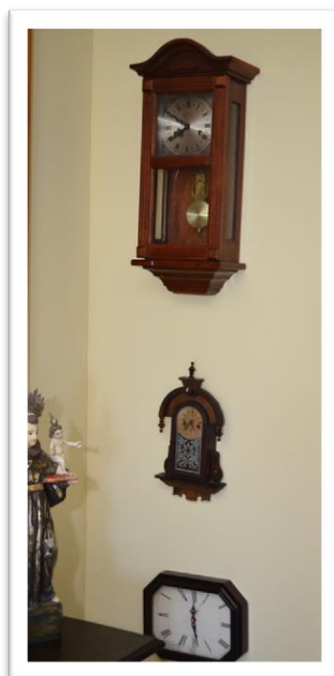
Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Relógios (**Figura 73**) tornam-se peças decorativas, compondo o contexto da residência como lugar de arte. São relógios antigos que trazem uma conotação do tempo passado com relação à sua forma física. Assim, na perspectiva da relação entre o relógio e o tempo, recordemos Candau (2013) que aborda o relógio em relação à valorização do tempo presente, o que vai ao encontro com a maneira de agir e de

pensar de Políbio Alves, que afirma e reafirma no transcorrer das entrevistas, a valorização, sobretudo, do tempo presente, do hoje, do aqui, do agora. Dessa forma, o autor afirma:

Na prática, no seu esforço memorial cotidiano, o indivíduo recebe o apoio permanente da sociedade que lhe fornece um certo número de utensílios visando facilitar-lhe a tarefa. Existe primeiro o calendário [...] ele não é apenas a memória dos dias comuns (passado ou futuro) para cada indivíduo, mas é também o depositário de uma memória partilhada [...]. Contrariamente ao **relógio que valoriza o tempo presente (a experiência cotidiana)**, o calendário valoriza o tempo passado e o tempo que há de vir. (CANDAU, 2013, p.64) (grifo nosso).

Figura 73 - Relógios antigos, decorando a sala de estar da residência de Políbio Alves.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Embora o escritor expresse a valorização do tempo presente, indiretamente, podemos perceber, através do seu próprio acervo, da forma em que está sendo acumulado e organizado, certa valorização também do tempo passado e do tempo futuro. Uma forma de deixar para a posteridade como gostaria de ser lembrado, e as memórias materializadas no acervo são rastros deixados, que carregam uma tonalidade de intencionalidade. (OLIVEIRA, 2009).

Algumas outras peças remontam o contexto artístico da residência do escritor, entre elas, pratos decorativos, objetos que remetem a Cuba, quadros com a imagem

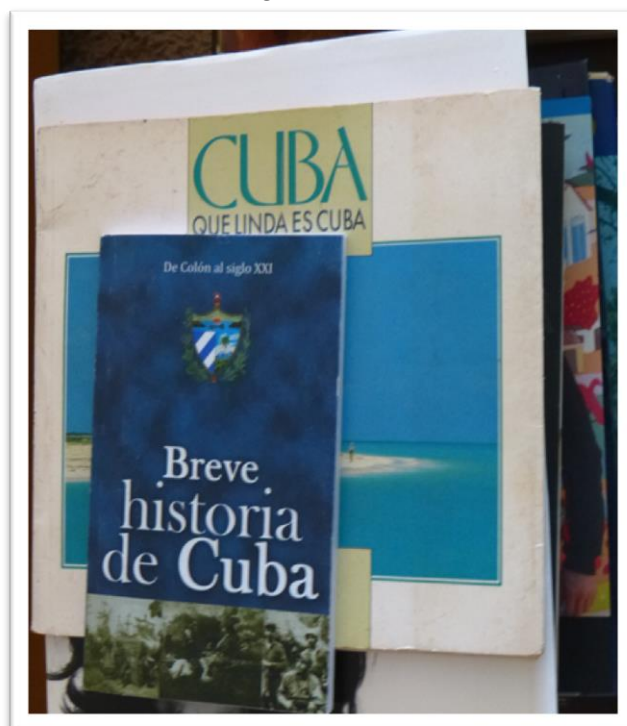
de Che Guevara (**Figura 74**). No centro da sala, revistas e livros sobre Cuba (**Figura 75**) também trazem uma conotação decorativa e sentimental, remontando a relação de admiração e carinho de Políbio Alves para com a Ilha de Cuba.

Figura 74 - Quadro de artista Cubano, com imagem de Cuba e Che Guevara.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Figura 75 - Revistas e livros sobre Cuba, organizados no centro da sala da residência do escritor.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Sua admiração por Cuba e por Che Guevara também se reflete nas entrelinhas de sua poesia, quando escreve:

Instalou-se
entre os signos
da narrativa,
a alquimia
neobarroca
de Fungados
e o Éden
das palavras
intempestivas
do Etrusco
de La Havana Vieja [...]
(ALVES, 2013, p.150)

Nessa sintonia, continua:

Nenhuma forquilha
É capaz de coagular
as vísceras da **Ilha**

Ernesto
Che Guevara
absorto,
se projeta
da camiseta
sobre
a contemporaneidade,
é um herói,
Não está morto.
(ALVES, 2013, p.151) (grifo do autor)

Podemos, pois, considerar que os objetos que compõem o acervo artístico do escritor agem para além de um adorno. Através de seu caráter documental, assumem potencial memorialístico, como “traços” materiais que preservam a memória do próprio titular, carregando paralelamente um viés imaterial, que são as informações neles incutidas. Trazendo à tona, além da relação com seus gostos, hábitos, uma de suas identidades, neste caso, enquanto admirador da arte. Sobre este aspecto, recordemos Loureiro, Azevedo Netto e Cascardo (2014), ao referenciarem Tilley

(2006, p.17), trazendo os objetos ao nosso redor como agentes ativos de identidade e não pálidos de reflexos de ideias.



Fotografia: Marcus Antonius

COLOCANDO UM PONTO NAS NARRATIVAS



6 COLOCANDO UM PONTO NAS NARRATIVAS

“Não estou brincando de poeta. Tampouco de escritor. Estou na estrada há muito tempo. O que ainda resta é a ficção, a poesia. Em suma, um prazer lúdico. E lúdico Desafiador. Um exercício contínuo. Fascinante. De amor à poesia. Da paixão pelo fazer literário.”

(Políbio Alves, 2003, p. 25)

No final dessa jornada, estamos fechando as gavetas, guardando os documentos, os recortes de jornais, as comendas, os livros, a produção literária do escritor. Retorno ao passado que ontem era nosso futuro, cotejado por uma agenda que marcava os vários momentos de convivência com o poeta. Remexo o baú de minhas memórias e transito livre por entre sua pinacoteca, seu mundo, seu acervo. Um turbilhão de falas, no emaranhado da mente, os amigos, os profissionais literatas, conceitos, visões, frases, um colorido diferente, que trouxe ao universo documental um tom mais próximo do dizível.

Por Molina Ribeiro, um Políbio: criativo, escritor premiado, um amigo; por Elizabeth Marinheiro, um homem: cordial, inteligente, com humor refinado quase irreverente; por Carlos Azevedo: um Políbio indefinível, complexo, impossível de atrelar qualificativos; por Roselis Batista: um escritor que nos engrandece, que respira filosofia de vida, pessoa humana, admirável.

O escritor, poeta, contista, ficcionista, carpinteiro da palavra, como disse Willian Costa, desenha em suas obras a realidade dele, uma mescla da denúncia social, de fatos históricos, de vida real, de ficção. Na poesia, ele traz uma magia de

um épico diferente, aquele que nenhum outro escritor antes percebeu, a natureza revestida de beleza é, ao mesmo tempo, o herói de sua lira.

Com a alma de arquivista, que o próprio produtor vincula à formação em administração, Políbio Alves acumula, em seu arquivo pessoal, uma espécie de fonte confessional. Ao considerarmos a visão de Oliveira (2009), o Políbio como acumulador de seus documentos torna-se escritor de si mesmo, possibilitando-nos acesso a seu itinerário, reflexo de como gostaria de ser (re)conhecido. Dessa forma, arquivar é conservar-se, é perceber em cada documento pessoal uma fonte de si próprio.

No desenvolver da dissertação, trouxemos o acervo como fonte confessional, aquela que foi capaz de representar o Políbio Alves em suas mais variadas identidades. Conhecemos sua trajetória que nem sempre foi de vitórias. Perspectiva percebida por meio de um apanhado arqueológico, em que buscamos rastros, vestígios. Na realidade, buscamos memórias, aquelas capazes de trazer à tona a história vivida pelo escritor, em uma linha tênue entre o lembrar e o esquecer (RICOUER, 2007). O que nos conduz a relembrar o que Bosi (1994) preconiza: o ato de lembrar não significa reviver os fatos tais como foram, implica sim, em trazer à tona uma representação desses fatos, agregando a consciência atual daqueles que o viveram.

Para tanto, contamos não apenas com o arquivo como uma escrita de si, como preconiza Foucault (1992), Gomes (1998; 2004), Klinger (2012). Embora tenham sido traço essencial no desvendar da pesquisa, as histórias narradas pelo produtor e pelos entrevistados trouxeram ainda mais vivacidade no delineio dessa trajetória.

Esta pesquisa possibilitou-nos conhecer para além do cenário literário, revelando um Políbio Alves Auditor Fiscal do Trabalho, um homem íntegro, comprometido, humano e tranquilo, como José Cleyber e Maria da Paz disseram. Os seus fractais foram sendo revelados, à medida que nos deparávamos com os vestígios ainda que entrecortados. Dessa feita, foi necessário traçarmos uma rede, um entrelaçamento do mundo material, isto é, do seu acervo propriamente dito, com o mundo imaterial das histórias incutidas nos documentos, como também aquelas narradas pelo titular, e por outros atores envolvidos em sua história de vida.

Políbio Alves, no decorrer da vida, ocupou vários espaços através de percursos marcados por deslocamentos, desde o nascimento no bairro de Cruz das Armas até a ida à Ilha do Bispo, lugar de sofrimentos e aprendizagens, mas também de encantamento, onde descobriu o Rio Sanhauá, o herói de sua poesia. O Varadouro foi sua terceira morada, onde viveu entre bordéis, bares, luzes, vitrolas, um cenário deslumbrante, testemunhado pelo autor em períodos de sua infância, nessa viagem da vida.

A palavra foi seu melhor brinquedo, e as poesias ressoavam da imaginação ao papel. Descoberto um poeta mirim, Políbio Alves, poderíamos dizer, um autodidata da poesia, da palavra e da vida. Retornando a Cruz das Armas, decide tomar conta da família e passa a trabalhar dia e noite para auxiliar dona Luzia, sua mãe, no sustento dele e dos cinco irmãos.

No universo das letras, Políbio vislumbra suas melhoras, tendo a certeza de que o conhecimento e a informação era o caminho da vitória. Sua próxima parada foi o Rio de Janeiro, onde o sonho do concurso público poderia ser alcançado. Lá enfrentou fome, sede, dormiu no chão, tudo pautado pela determinação de alçar voos e melhorar de vida, dar novo colorido à sua própria trajetória. Revestido de sua identidade como educador, Políbio Alves foi também semeador da palavra, contribuindo para mudar a realidade de uma comunidade (Jacarezinho, RJ), ministrou aula no Calabouço, onde foi aluno e professor ao mesmo tempo, concluindo através do supletivo seus estudos. Em seguida, formou-se em Administração, prosseguindo com o anseio de chegar ao objetivo de um concurso público.

A escrita é sua alma, escrever é para ele um prazer eterno. No Rio de Janeiro, publicou na Tribuna da Imprensa, ganhou prêmios literários, mas no decorrer desse trajeto foi também injustiçado, mesmo não sendo comunista, nem fazendo parte do movimento, foi preso político, sofreu as barbáries da Ditadura Militar, que lhe deixaram marcas verdadeiras cicatrizes. Nessa viagem da vida, um anjo o encontrou, uma senhora humilde que dele cuidou. Recuperado da injustiça, Políbio Alves volta à ativa em busca de seu sonho, alcançando-o.

Ao lograr êxito no concurso público, retorna a João Pessoa (PB) como uma Fênix, ressurgindo em sua terra, um homem forte, reluzente, proporcionando à família uma nova realidade. Concursado federal, pode ajudar financeiramente à família, dando à mãe uma vida mais tranquila.

No retorno à terra natal, traz à tona suas produções, lançando inicialmente o livro de ficção, de ficção à poesia, da poesia ao conto. Dessa forma, o escritor lança-se em sua jornada, passando a transitar por entre o universo literário. Uma produção que alçou voos pousou no exterior, sendo o seu primeiro desembarque em Cuba, pois foi na casa das Américas que suas obras *Varadouro* e *O que resta dos Mortos* passaram a fazer parte do acervo. Em suas visitas a Cuba, Políbio desenvolveu sentimento de gratidão pelo povo que o surpreende como autor de sua estima. E os voos continuam para a Europa: Espanha, Portugal, Alemanha, França, lugares distantes e distintos, mas significativos para o reconhecimento de sua literatura. A escrita de um paraibano que traz traços singulares, que atrai os olhares dos críticos literários, (re)conhecendo o dinamismo, a inteligência e a forma sagaz que o escritor traz nas entrelinhas de suas obras, no tear de seus escritos.

Políbio Alves, o poeta que fez do Rio Sanhauá o cartão postal de sua obra, como também de seu país e, revestido de determinação, segue publicando suas obras. Um homem culto, inteligente, com humor irreverente, revestido de vivacidade, traz em suas produções certa relação entre a realidade e a ficção, nas entrelinhas de seus escritos seja no papel, seja na linha da vida faz, questão de valorizar a sua terra, sua pátria querida.

A pesquisa desenvolvida trouxe-me não apenas ensinamentos teóricos, mas, sobretudo, ensinamentos de vida, pois Políbio Alves é um exemplo vivo de determinação, coragem e enfrentamento. Vislumbramos, pois, dar continuidade a este trabalho, percebendo a sua produção como escrita autobiográfica. Esperamos contribuir não apenas para a ciência, como também trazer à tona para a sociedade, especialmente à paraibana, o legado, a experiência, a trajetória de um homem que lutou e venceu, conquistando o seu espaço através de seus méritos, e ainda há muito a conquistar, no campo da literatura e na arte de viver, razão pela qual não podemos dar por concluído este estudo, mas torná-lo semente de outros que virão,

principalmente quando consideramos o seu acervo pessoal como escrita de si, escrita do eu, informação de si.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História Oral**. A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALBERTI, V. **Ouvir Contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALVES, P. **O que resta dos mortos**. 4ªed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- _____. **Exercício lúdico: invenções e armadilhas**. João Pessoa: Ideia, 1991.
- _____. **Varadouro**. 4ªed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2011.
- _____. **Os objetos indomáveis**. João Pessoa: Mídia Gráfica e editora, 2013.
- _____. **Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer**. João Pessoa: União, 2014.
- ARAÚJO, C. A. A. Condições teóricas para a integração epistemológica da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia na Ciência da Informação. In **CID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 19-41, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/incid/article/view/55/pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- ARAÚJO, C. A. A.; TANUS, G. F. de S. C.. O ensino da arquivologia no Brasil: fases e influências. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 37, p. 83-102, mai./ago., 2013.
- ARAÚJO, I. Eu não acordei ainda. **Jornal A União**. Caderno Palco. p.20. 18 jun. 2011.
- ARAÚJO, P.G. **O revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ARAÚJO, V. M. R. H. de. Sistemas de informação: nova abordagem teórico-conceitual. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 24, n. 1, p. 54-76, jan./abr. 1995.
- ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. São Paulo: Edusc, 2006.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion Term Arquiv.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**: Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p.9-34, 1998.

ASSIS, A. A. de. **Um lampião dentro da mala**: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei, 2009.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 12676**: Métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

AUMONT, J. **A imagem**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2004.

AZEVEDO NETTO, C. X.de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2002. Disponível em:<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/143/137>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

_____.Informações e Memória: as relações na Pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007.

_____.Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.

AZEVEDO NETTO, C. X.; LOUREIRO, M.L.N.M.; LOUREIRO, J.M.M.L. O rumor dos objetos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação,14. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013.

BARBOSA FILHO, H. Reportagem: Elizabeth Marinheiro, Premiada! **Revista Correio das Artes**. A União. Seção Convivência Crítica. João Pessoa. Out. 2013, n. 8, Ano 2014.

BARRETO, A. A. Os Agregados de informação: memória, esquecimento e estoques de informação, **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 05-11, 2000.

BARROS, J. D. História e Memória: uma relação na confluência entre Tempo e Espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009.

BARROS, D. S; NEVES, D. A. de B. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **TransInformação**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2009.

BASSALO, L. M. B.; WELLER, W. Imagem fotográfica: registros de visões de mundo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: [s.n.], 2011.

BAUMANN, E. S. **O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BELLOTTTO, H. L. A imagem do arquivista na sociedade e o ensino da Arquivologia. **Arquivo & História**: Revista do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.2, 1996.

_____. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Estudos Históricos**. ISSN 0103 - 2186. Vol. 11, n. 21, 1998, p. 201-207. Disponível em WWW: <URL: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2063/1202>> Acesso em: 12 fev. 2014.

_____. **Documento de arquivo e sociedade**. Ciências e Letras, n. 31. Porto Alegre: Faculdade Porto Alegrense de Educação, jan./jun., 2002.

_____. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. **Arquivos**: estudos e reflexões. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BERNARDES, L. P. **Como avaliar documentos de arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.1983

_____. **As regras da arte**. São Paulo. Companhia das letras, 1996.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. 8ªed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

_____. Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 183-202.

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

_____. **Decreto nº 4.073**, 3 de janeiro de 2002. Regulamenta a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4073.htm>. Acesso em: 12 jan. 2014.

_____. **Lei nº 8.159**, 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm>. Acesso em: 12 jan. 2014.

CALVINO, I. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARGO, A. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, 1984. vol. 27, n. 1, p. 5-28.

CAMARGO, A. M. de A.; BELLOTO, H. L. (Coords.). **Dicionário de Terminologia Arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros- Núcleo Regional de São Paulo, 1996.

CAMARGO, A. M. de A.; GOULART, S. **Tempo e circunstância a abordagem contextual dos Arquivos Pessoais**. Brasília: Instituição Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Antropologia da Memória**. Lisboa: A Triunfadora, 2013.

CAPURRO, R. Passado, presente y futuro de lanoción de información. In: Encuentro Internacional De Expertos Em Teorías De La Información, 1, 2009. **Anais...** Leon: Universidad de Leon, 2008.

_____. **Epistemology and Information Science**. Disponível em: <<http://www.capurro.de/trita.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

_____. **Epistemologia e ciência da informação**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5., 2003, Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.

CARNEIRO, K. Área de patrimônio histórico de João Pessoa cede por conta das chuvas. Área do mirante do Hotel Globo já estava interditada há cerca de 4 anos. Defesa Civil vai discutir providências urgentes para o local. **G1 PB**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/09/area-de-patrimonio-historico-de-joao-pessoa-cede-por-conta-das-chuvas.html>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CHIAROTTI, T. M. O patrimônio histórico edificado como um artefato arqueológico: uma fonte alternativa de informações. **Habitus**, Goiânia: jul./dez. 2005, v. 3, n. 2, p. 301-319.

COMISSÃO de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados (Brasil). **A Tortura no Brasil**: Um estudo sobre a prática da tortura por agentes públicos, a ação da Justiça, alguns casos emblemáticos acompanhados pela CDH e propostas de ações superadoras. Subsídio ao trabalho do Relator da ONU para a Tortura, Nigel Rodley, em sua missão oficial ao Brasil. Brasília – DF, agosto de 2000. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/dados/estudos/dh/br/torturabr.htm>. Acesso em: 15 jan. 2015>. Acesso em: 13 dez. 2014.

CONSELHO Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: norma brasileira de descrição arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

COOK, T. Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais para um entendimento arquivístico comum da formação de Memória em um Mundo Pós-moderno. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998.

CÔRTEZ, M. R. P. A. **Arquivo público e informação**: acesso à informação nos arquivos públicos estaduais do Brasil. Belo Horizonte, 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

COSTA E SILVA, R. da. Autobiografia, antibiografia e história. **Revista Brasileira**. Fase VII. Jan./Fev./Mar. 2011, Ano XVII, n. 66.

D'ARAÚJO, M. C. O fio da meada no dicionário de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. **Estudos Históricos**. vol.9, n. 17. 1996. p. 185-203.

DELEUZE, G. ; GUATARRI, F. **O que é um Conceito?** In: O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed.34,1992.

DELMAS, B.. **Arquivos pra quê?**: textos escolhidos. Tradução de Danielle Ardaillon. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2 ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERRIDA, J. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. São Paulo: EDUSC, 2002.

DUARTE, Z.; FARIAS, L. **O espólio incomensurável de Godofredo Filho**: resgate da memória e estudo arquivístico. Salvador: ICI, 2005.

DUCROT, Ariane. A Classificação dos Arquivos Pessoais e Familiares. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, nº 21 (Arquivos pessoais), 1998.

EWALD, F. La philosophie comme acte. **Le Magazine Littéraire**. nº 435, 2004. p. 30-32.

FINDÊNCIO, L. M. **Autobiografia ao Correr da Máquina: A Escrita de Si na Crônica de Clarice Lispector**. Uberlândia, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1936/1/AutobiografiaCorrerM%C3%A1quina.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

FONSECA, M. O. K. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Verga/Passagens, 1992, p. 129 - 160.

FOUCAULT, M. **Hermeneutica del sujeto**. Trad. Fernando Alvarez. Madrid, Ediciones de la Piqueta, 1994.

_____. **A arqueologia do saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GASPARI, E. **As ilusões armadas**. A ditadura Escancarada. 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, A. de C. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 05 jul. 2014.

_____. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: Ângela de Castro Gomes (org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 07 - 27.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DOBEDEL, Vera(Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005, p.11-26.

HALBAWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HEYMANN, L. Q. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, n. 36, julho-dezembro, p. 43-58, 2005.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais, **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JARDIM, J. M. A Invenção da Memória nos Arquivos Públicos. **Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/>>. Acesso em: 22/ fev. 2012.

_____. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 25, p.1-13, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/439>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

_____. A produção e difusão do conhecimento arquivístico no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, 1998.

JARDIM, J. M.; FONSECA, M. Estudo de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte. **Datagramazero: revista de ciência da informação**, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://dgz.org.br/out04/Art_04htm>. Acesso em: 2 out. 2013.

JOSÉ, E. A ditadura foi derrotada pelo povo. **Carta Capital**. Sociedade. Especial - 50 anos do golpe. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-ditadura-foi-derrotada-pelo-povo-1586.html>>. Publicado em: 28/mar./2014. Acesso em: 20 jan. 2015.

JOVIANO, L. H. da S. O universo da escrita de si: autobiografias, memórias, diárias. In: Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo& Flávia Florentino Varella (org.). Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. **A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas**. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2008. (ISBN: 978-85-288-0057-9). Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/lucia.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2014.

KLINGER, D. **Escritas de si, escritas do outro o retorno do autor e a virada etnográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settinieri. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GOFF, J. Documento monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª.ed. São Paulo: UNICAMP, 2003. p. 423-443.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, C. **Turva água, turva mágoa**. Olinda: Livro Rápido, 2011.

LONGHI, P. R.. A regulamentação da gestão documental na Justiça Federal de 1º e 2º graus. In: MATTAR, E. (Org.). **Acesso à informação e política de arquivos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

LOPEZ, André P. A.. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. **Gragoatá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFF)**, Niterói, n. 15, p. 69-82, 2º semestre, 2003.

LOUREIRO, J. M. M.; PINHEIRO, L. V. R. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995.

LOUREIRO, M. L. N. M. ; AZEVEDO NETTO, C.X. ; CASCARDO, A. B. S. Memória e cultura material: objetos, palavras e representações. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 15. 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt10>>. Acesso: 23 jan. 2015

MANINI, M. P. **Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários**. 231 f. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARINHEIRO, E. Tessituras. **Jornal da Paraíba**. Caderno Vida e Arte. p. 3. 6 jun. 2014.

MARQUES, R. O arquivo literário e as imagens do escritor, In: SOUZA, E. da C. T.; MARTINS, A. B. (Orgs.). **O futuro presente: arquivo, gênero e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p.59-102.

MARRE, J. L. História de Vida e Método Biográfico. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.3, nº 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História Oral como fontes: problemas e métodos**. História, Rio Grande, p. 95-108, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. . Representação da Memória no Ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006. Disponível em: <[http:// www.ibict.br/cienciadainformação](http://www.ibict.br/cienciadainformação)>. Acesso em: 23 set. 2011.

MORIGI, V. J. ; VEIGA, A. Esfera Pública Informacional: os arquivos na construção da cidadania. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.17, n.2, p.31-39, maio/ago. 2007.

MOSTAFA, S. P. Conhecimento, informação e meios de transmissão cultural **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.22, n.3, p. 95-100, set./dez. 2012.

NAPOLITANO, M. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, J. G. Ribeirinhos, desenvolvimento e a sustentabilidade possível. **Revista P@rtes**. Sócio ambiental. Disponível em: <[http:// www.partes.com.br/socioambiental/ribeirinhos.asp](http://www.partes.com.br/socioambiental/ribeirinhos.asp)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **JOSÉ SIMEÃO**: escritos de uma trajetória. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. 2v.

OLIVEIRA, M. B. F. de. Memória e arquivos literários: a escrita de si como registro intimista. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 11. 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http:// gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-10/2-uncategorised/188-gt10-anais-digitais-xi-enancib](http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-10/2-uncategorised/188-gt10-anais-digitais-xi-enancib)>. Acesso em: 27 dez. 2014.

OLIVEIRA, E. B. de; RODRIGUES, G. M. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, Mar. 2011. p. 311-328. Disponível em: <[http:// revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/416](http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/416)>. Acesso em: 11 mar. 2013.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de; AZEVEDO NETTO, C. X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (Orgs). **Cultura Popular**: nas teias da memória. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p.27-51.

ORTEGA, C. D. ; LARA, M. L. G. de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **Data grama zero**: revista de ciência da informação, v. 11, n. 2, abr. 2010. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr10/F_I_art.htm>. Acesso em: 14 fev. 2014.

PACHECO, L. S. Informação enquanto artefato. **Informare**. Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./jun., p. 20-24. 1995.

PAES, M. L. **Arquivo**: Teoria e Prática. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PETRUS, B. Transformações dos lugares de arte: a arte em algum lugar, lugar algum. **Revista Valise**. Porto Alegre, V.2, N.4, Ano 2, Dez. 2012. 73-84p.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-2016,1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

PUC CETTI, Roberta. Articulando: arte, ensino e produção para uma educação especial. **Revista Educação Especial**. n. 25, 2005, p. 1-5. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3131/313127395011.pdf>. Acesso em 25 jan. 2015.

RIBEIRO, R. J. Memórias de Si, ou... In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.35-42, 1998.

RIBEIRO, F. A Arquivística como Disciplina Aplicada no Campo da Ciência da Informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**. João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 59-73, jan./jun. 2011.

RIBEIRO, M. **O ofício de escrever e outras vertentes**. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Conselho Regional de Cultura, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, A. C. R. **Diplomática Contemporânea como fundamento metodológico da identificação de tipologia documental em arquivos**. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RONDINELLI, R. C. O conceito de documento arquivístico frente à realidade digital: uma revisão necessária. **Tese** (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ROUSSEAU, J. Y.; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SANTOS, N. M. Leitura recomendada. Crítica literária FNLIJ/PB. **Jornal Contraponto**. 30 jan. a 05 fev. 2015. Coluna “Livros & Literatura”.

SANTOS, V. B. Gestão de Arquivos Pessoais. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 62-80, jan./jul.2008. Disponível: <<http://www.arquivistica.net/ojs/viewarticle.php?id=131>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

SHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SILVA, A. M. et al. **Arquivística: Teoria e Prática de uma Ciência da Informação**. 2.ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.

SILVA, S. C. A. **A preservação da informação arquivística governamental nas políticas públicas do Brasil**. Rio de Janeiro: AAB/FAPERJ, 2008.

SILVA, W. M. da. **Arquivos de interesse público e social: a atuação do conselho nacional de arquivos**, 2011, 146 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói 2011.

SILVA, L. E. F. da; OLIVEIRA, B. J.F. de. Mnemosyneinfor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 135-143, jan./abr. 2014.

SIQUEIRA, D. da C. O. **Sociedade, Cultura e Informação**. In: A Ciência na Televisão. Mito, Ritual e Espetáculo. São Paulo: Annablume, 1999.

SOUZA, L. B. R. H. de.; OLIVEIRA, B. M. J.F.. Afonso Pereira: por entre as raízes da memória biblioteconômica paraibana. In: **Biblionline**. João Pessoa, v. 1, n. 1, 2005.

TELES, J. de A. **A abertura dos arquivos da ditadura militar e a luta dos familiares de mortos e desaparecidos políticos no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/files/a%20abertura%20dos%20arquivos%20da%20ditadura.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2014.

THIRY-CHERQUES, H. R. À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. **Lua Nova**, São Paulo, 81. p. 215-247, 2010.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAN DIJCK, S. **Leveza e angústia para falar do prazer carnal**. 2004. Disponível em: http://www.soniavandijck.com/exercicio_ludico.htm. Acesso em 15 jan. 2015.

VENÂNCIO, G. M. **Na Trama do Arquivo**: a trajetória de Oliveira Viana (1883-1951), 2003, 342 f. Tese (Doutorado em História Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

WAGNER, R. **The Fractal Person**. In: Marilyn Strathern e Maurice Godelier (org.). *Big Men and Great Men: Personifications of Power in Melanesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

XAVIER, M. do S. C. **Varadouro**: Poesia: Políbio Alves. 24 nov. 2011. Crônicas sobre: Varadouro de Políbio Alves. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=7475&cat=Cr%F4nicas&vinda=S>. Acesso em: 26 jan. 2015.

ZILBERMAN, R. *et al.* **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Universitária UFMG, 2004.

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS BIOGRÁFICOS

Autorizo a pesquisadora Ana Cláudia Cruz Córdula para utilização, divulgação e reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos pessoais por mim apresentados, para a elaboração de sua dissertação intitulada: **Políbio Alves conto e encantos: o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de Si**, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

A pesquisadora Ana Cláudia Cruz Córdula, sob a orientação da Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, poderá utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (*Internet*); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmica e científica.

Abdico de meus direitos e dos meus descendentes, subscrevo o presente que vai por mim datada e assinada.

Nome:		
Endereço:		
Cidade:	Estado:	CEP:
RG:	CPF:	
Telefone:	Celular:	
E-mail:		

João Pessoa, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do entrevistado

Testemunhas:

1. _____

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS

Autorizo a pesquisadora Ana Cláudia Cruz Córdula para utilização, divulgação e reprodução de imagens, áudio e dados pessoais por mim relatados, para a elaboração de sua dissertação intitulada: **Políbio Alves entre conto e encantos: o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de si**, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

Confesso que li a transcrição da entrevista realizada por ela, sendo a mesma revisada por mim e reenviada com este termo de autorização, estando eu ciente do uso de minhas palavras e imagens para a referida pesquisa.

A pesquisadora Ana Cláudia Cruz Córdula, sob a orientação da Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, poderá utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (*Internet*); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmica e científica.

Nome:		
Endereço:		
Cidade:	Estado:	CEP:
RG:	CPF:	
Telefone:	Celular:	
E-mail:		

João Pessoa, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do entrevistado

Testemunhas:

1. _____



